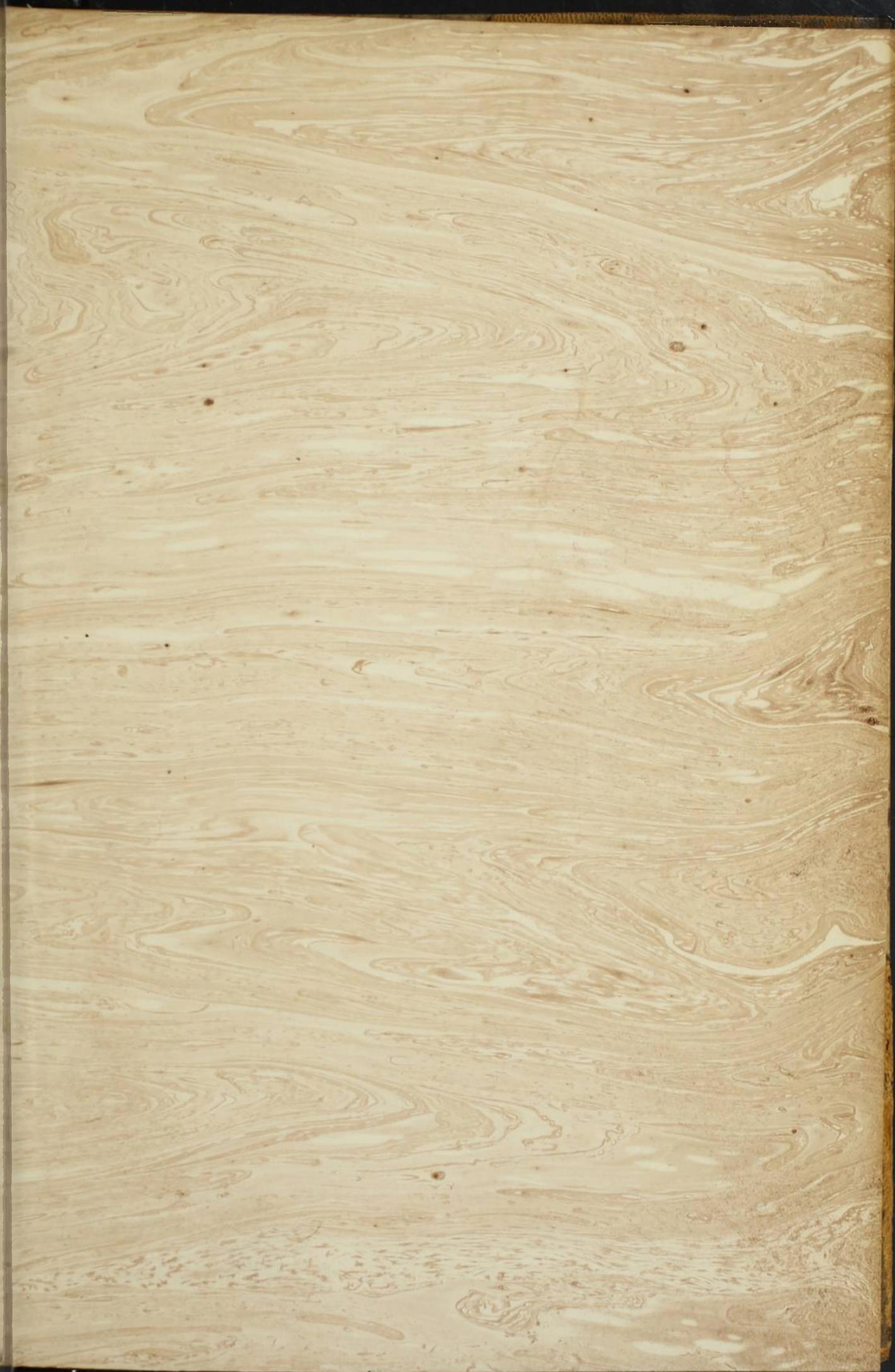
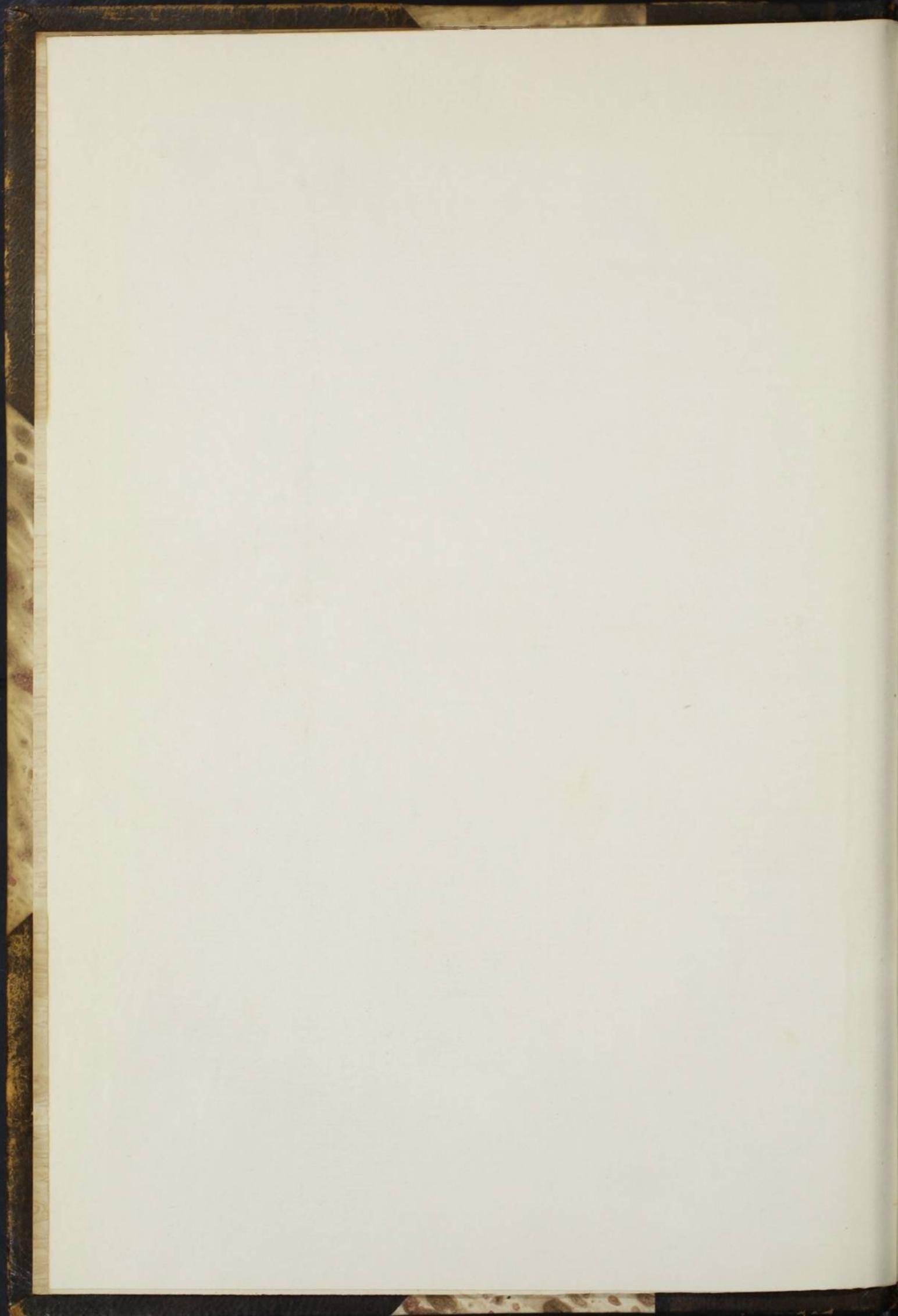


le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

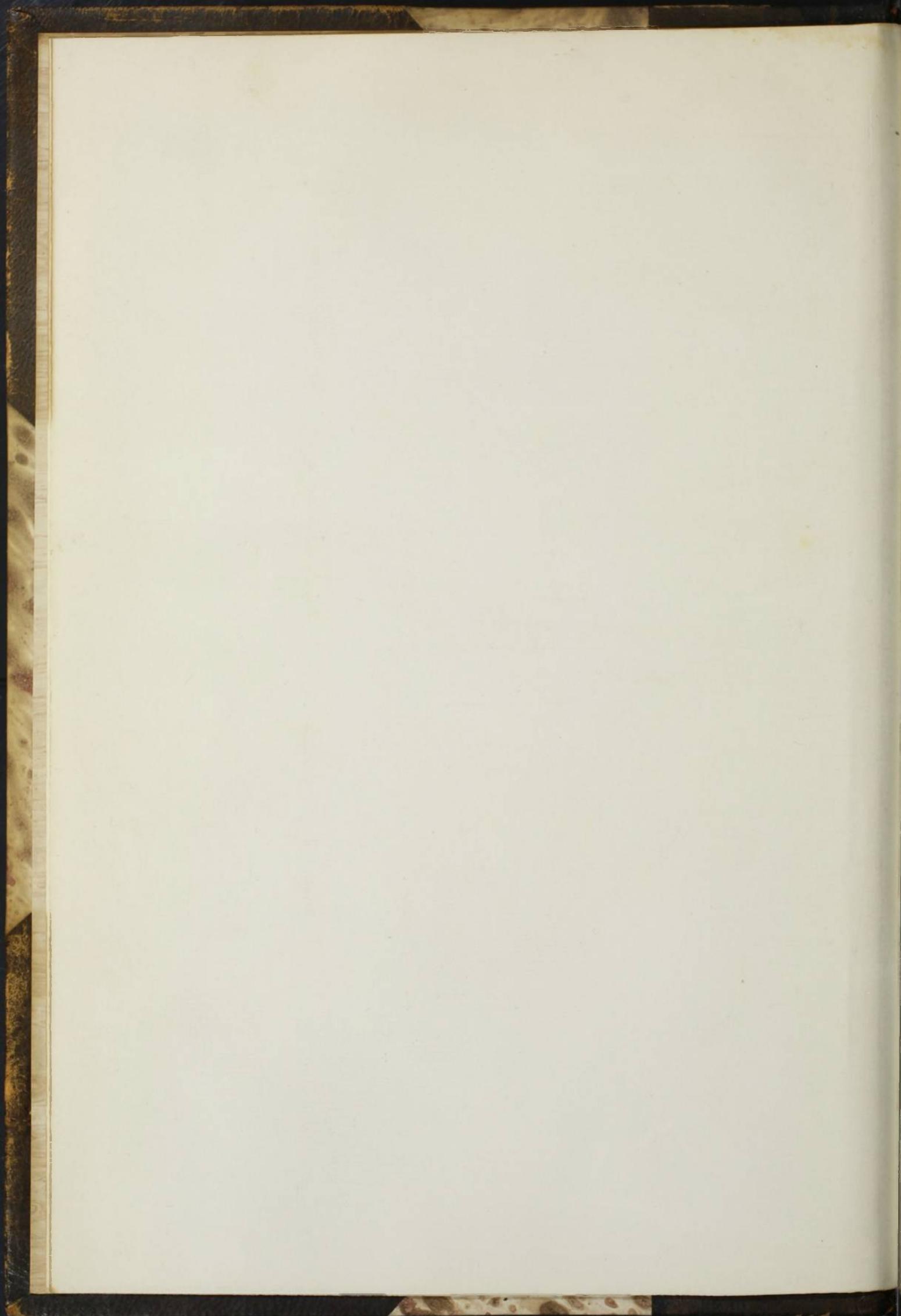
*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin









Por protesto e adoração

---

In memoriam de

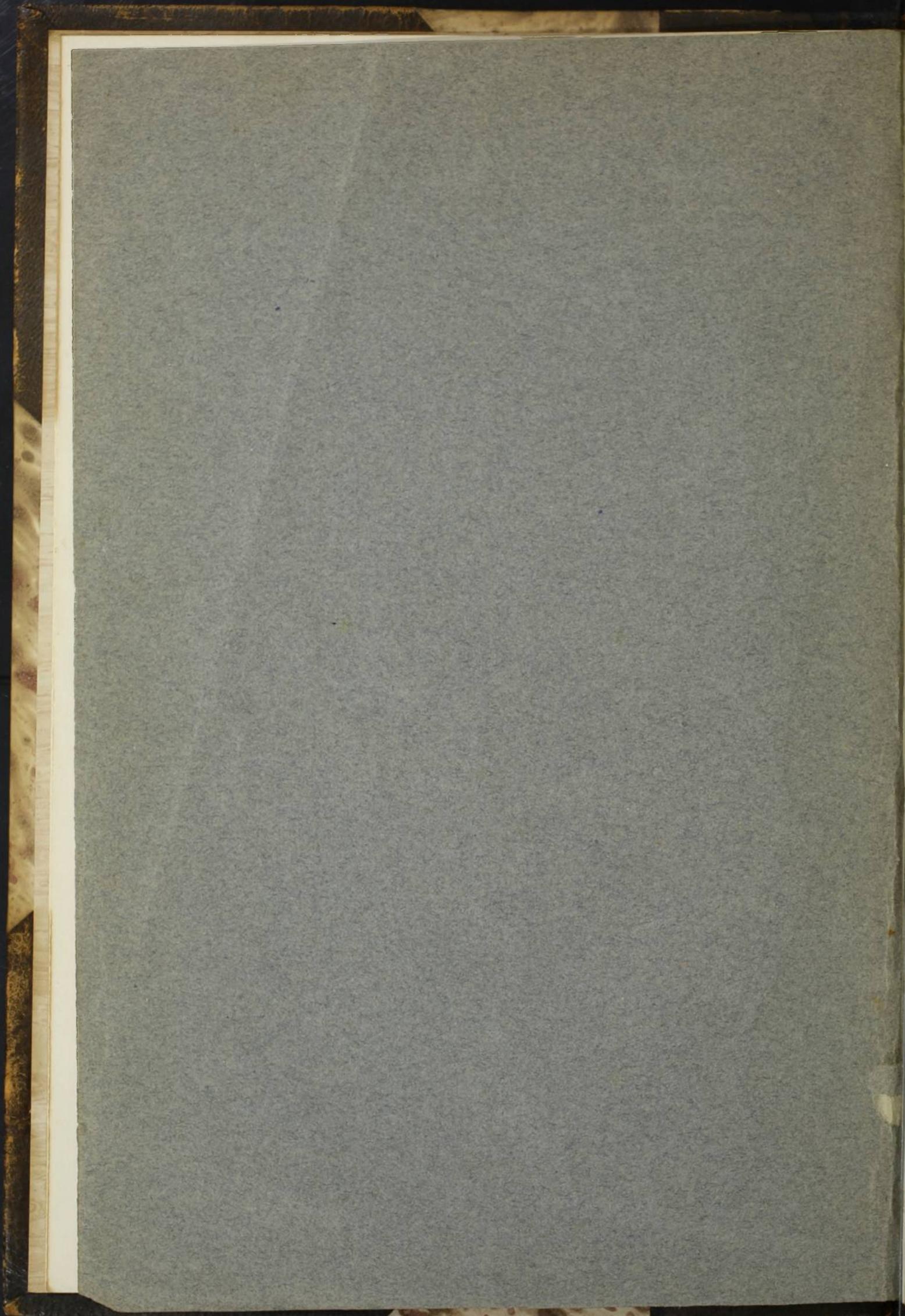
*Euclides da Cunha*

---

15 de Agosto  
1909-1919



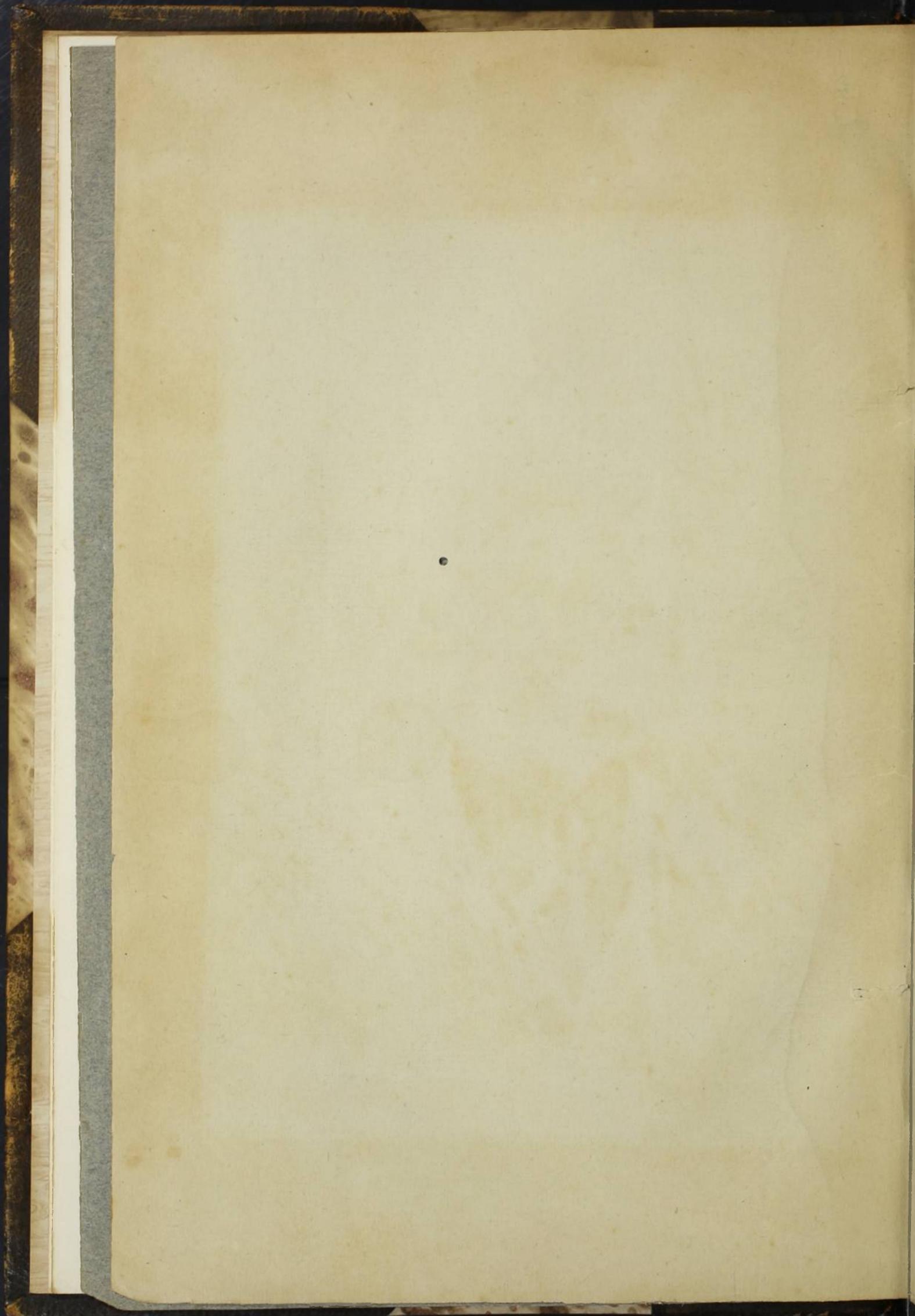
Edição do  
Gremio Euclides da Cunha



35,00

Paulo Santos

Por protesto e adoração



# Por protesto e adoração

---

In memoriam de

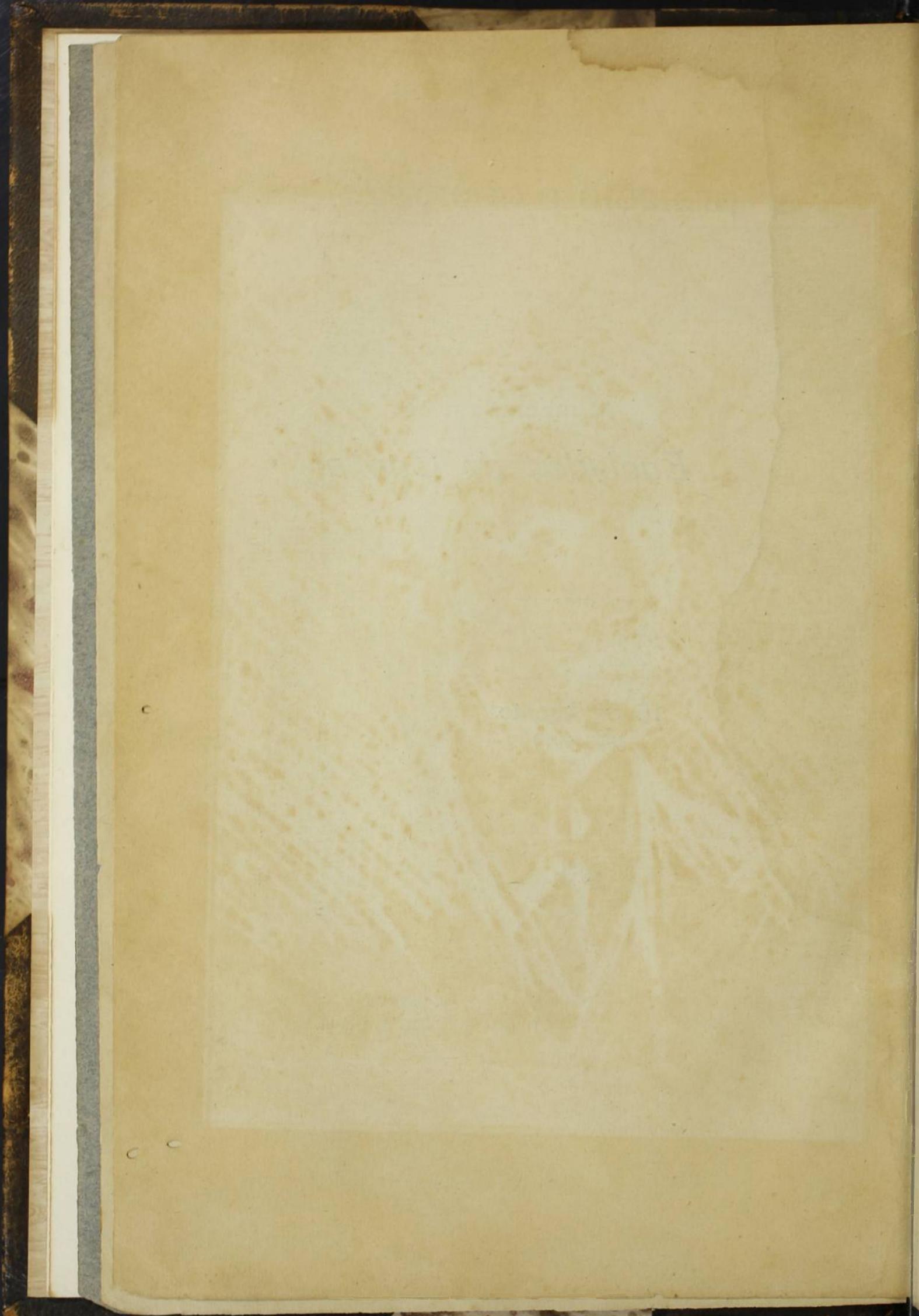
*Euclides da Cunha*

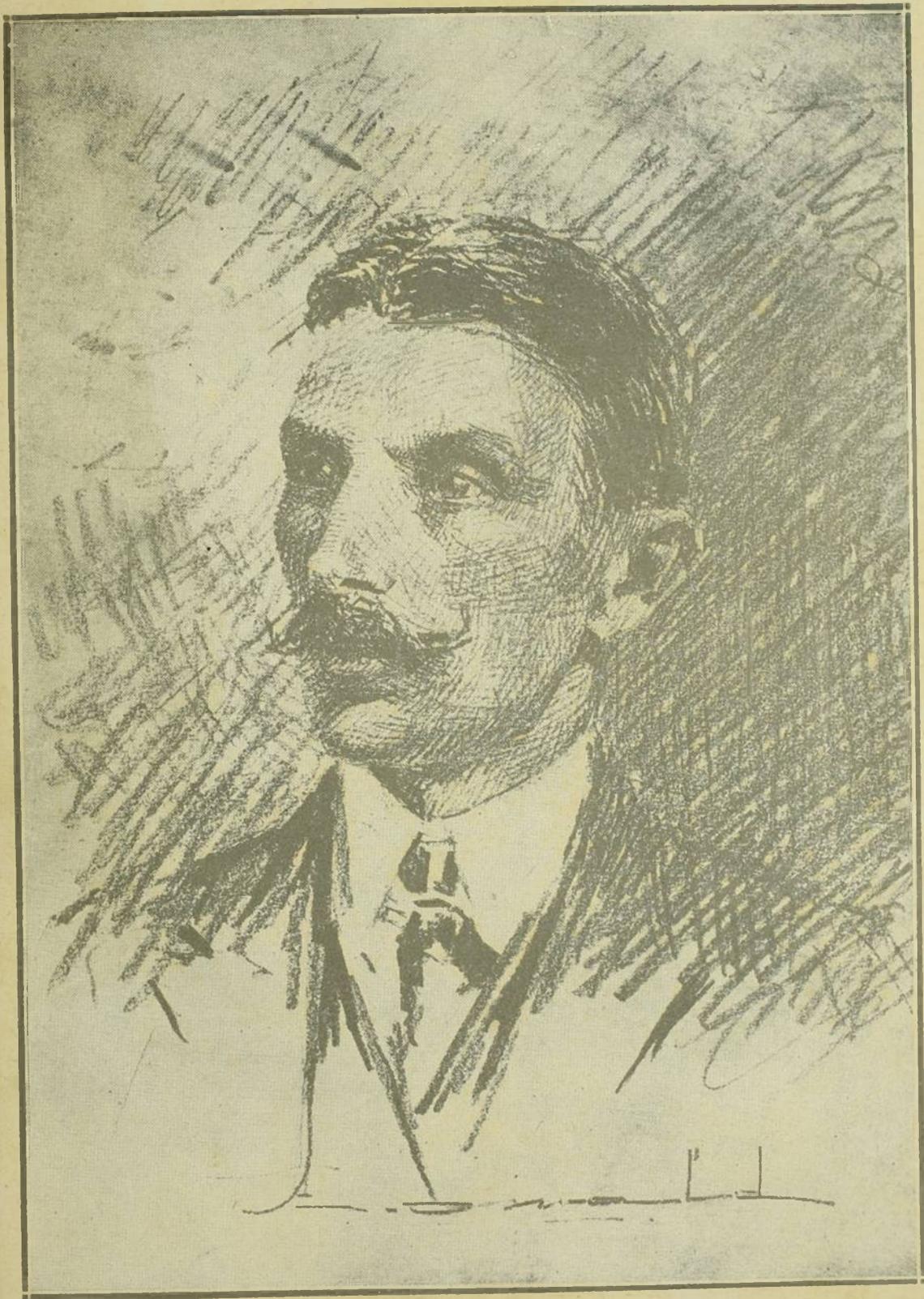
---

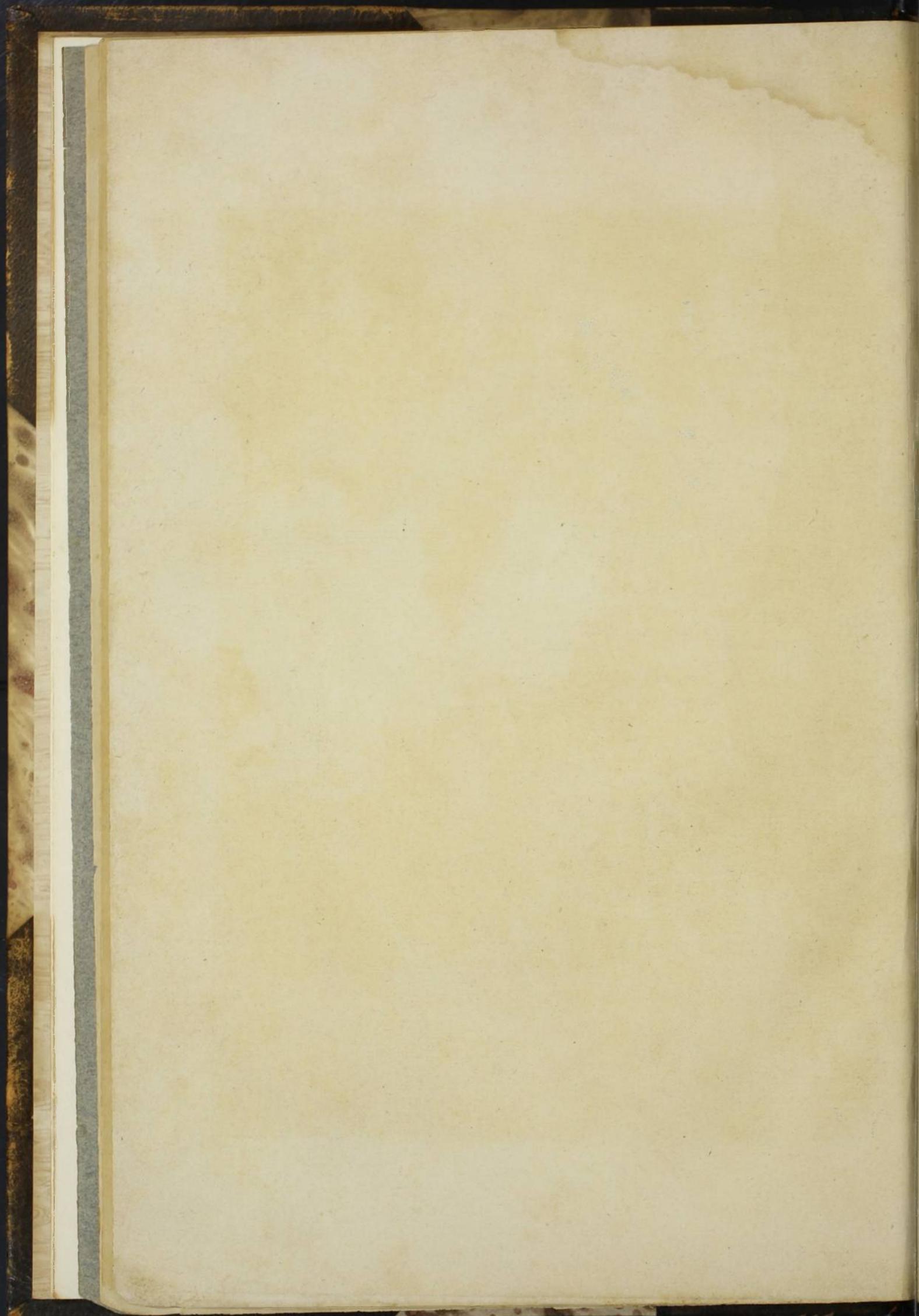
15 de Agosto  
1909-1919

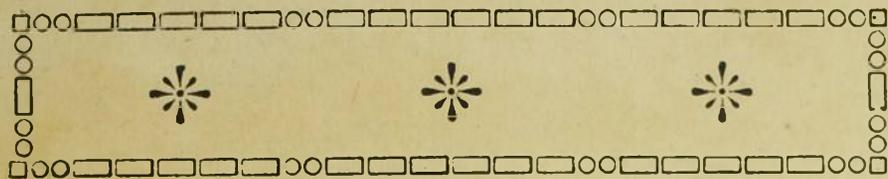


Edição de  
Grêmio Euclides da Cunha









## *No anverso*

*Este livro tem o valor da sua feção intrinseca. Sahe da corriqueirice e ephemeridade das nossas famigeradas polyanthéas. Não é dedicado a um vivo..*

*Em suas paginas faceña-se a alma do escriptor com o interesse dos lapidarios que trabalham na mesma gemma, arrebaçados pela idéa commum de a patentear no fulgor dos seus brilhos inextinctos.*

*No cuito com que o brasileiro endeosa os figurões da Mediocridade e o gigantismo de política-*

*lhões crescidos nos consentimentos de nossa admiração corrente, não ha logar para estas paginas quando celebram um simples e grande homem de letras, que foi moldado pela profundidade da sua dor e pela immensidade do seu holocausto.*

*Euclides da Cunha repassará numa evocação de livre sympathia. Assim acarinhado e radiante o seu especíro despertará os calefrios do remorso. Mas, a sua memoria por ouíro lado apparecerá consoladora e meiga, porque é a do soffredor que passou deixando na sua obra a veronica da sua propria alma.*

*A rijeza do seu character armou-a elle d'essas fibras de convicção, que deram ao Brasil os primeiros alarmas das miserias physicas e moraes de que padecemos...*

*Florestas, aguas, caatingas e montanhas, vi-  
mol-as pela primeira vez em nossa terra emmol-  
durando o homem amesquinhado e penalizante.*

*Observaram que Euclides da Cunha não sorriu  
uma vez ao menos ao correr de suas paginas fre-  
mentes.*

*Elle assomou-se da tristeza de quem se afunda  
na selva primitiva para não mais voltar.*

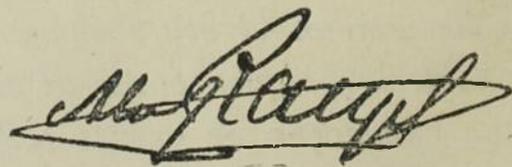
*O serião é a paragem das melancolias e o  
aboiado a alanceada expressão do seu grito d'alma.  
O deserto desata um crepe na amplidão que o re-  
colhe e define...*

*Euclides da Cunha desceu á terra das alturas  
de um sonho. O seu sentimento de desillusão e re-  
volta tem qualquer cousa de estupefactivo. Mas, foi  
essa commoção de graves reflexos que teve a força*

de ficar vibrando em todos nós, dando a estas páginas o valor que podem ter por tratarem d'elle, — o Artista cuja exaltação se explica por ter sido um caracter em acção.

Hade bem acolher este livro o Brasil que não esquece.. o ramalheite foi juntado á beira de uma cova, mais depressa aberta pelo Crime. Offeria-o na sinceridade de sua effusão o Gremio Euclyaes da Cunha aos corações dos que não perderam a memoria e nem o pudor de ser sensivel..

15 de Agosto de 1919,



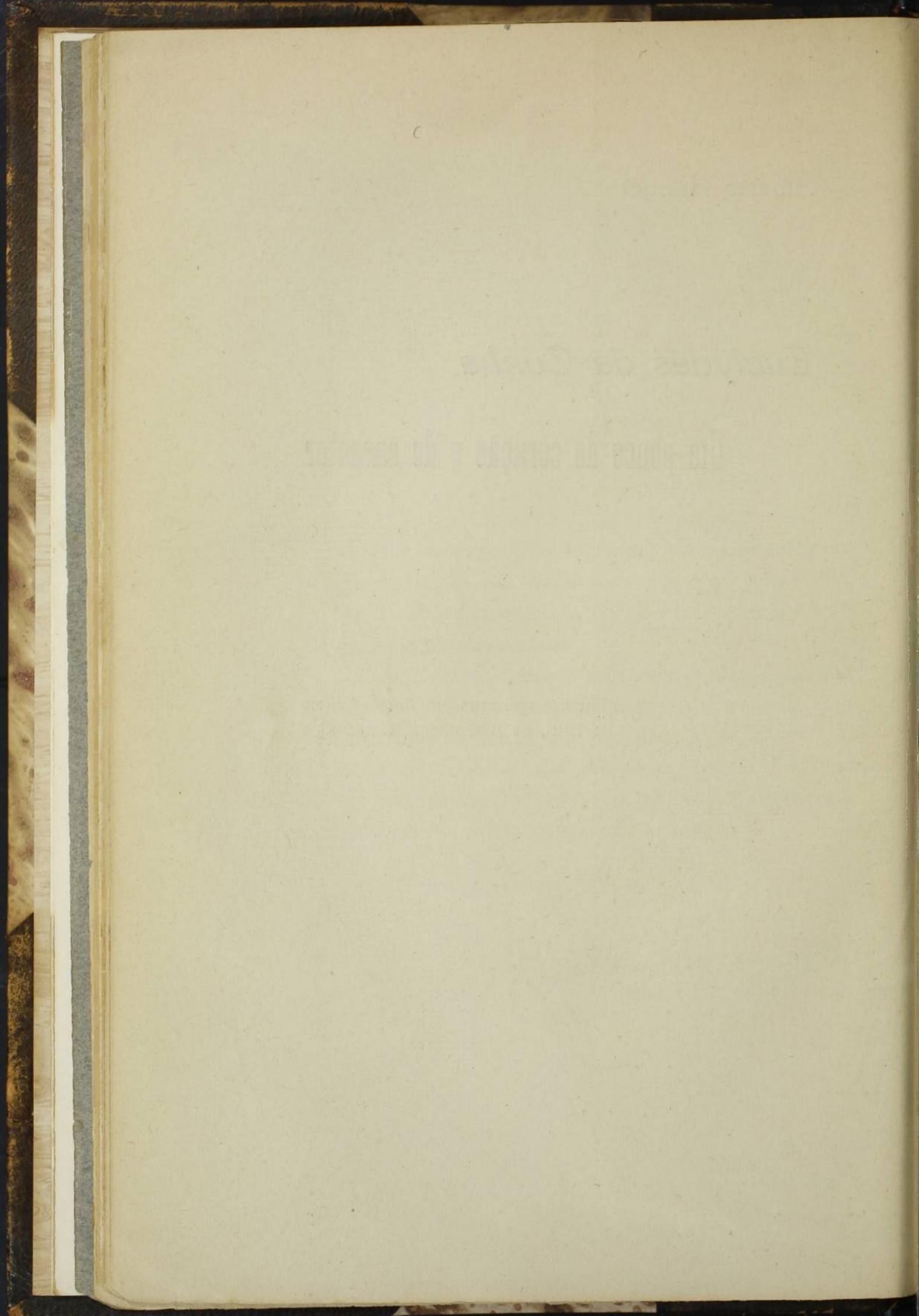
Alberto Rangel

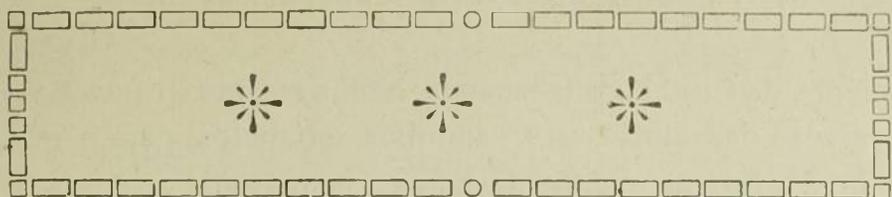
*Euclides da Cunha*

Um pouco do coração e do character

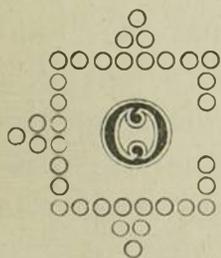
---

Conferencia realizada em 15 de Agosto  
de 1919, na Bibliotheca Nacional.





*Senhoras e Senhores :*



tropeiro ou o simples viandante matuto costuma collocar uma pequena pedra qualquer ao sopé da cruz encontrada á margem das nossas estradas ou veredas ruraes e provincianas. Os piedosos semeiam calvarios, concorrendo para a immortalidade de anonymos. E' o preito humilde do que vai passando, na intenção do monumento que se não ha de erguer...

Consagrando estes instantes á obra vindoura, com que se pretende signilicar a admiração do Brasil por Eu-

clydes da Cunha, collaboramos com a mesma ternura e veneração das almas, nos caminhos sertanejos, para o granito e o bronze que lhe devemos á memoria.

Realmente, o terrivel esquecimento nacional, que tem agruras despenhosas de ribanceira e sorvos repentinos de perau, se predispõe aos nossos olhos a engulir a lembrança do valoroso e emerito escriptor. Não vimos dar um grito n'esta tribuna, e á moda do forum antigo accender a revindicta, abraçado theatralmente á victima... Todo impregnado ainda das impressões colhidas na fortuna de excellente convivencia, o nosso intento é menos ostentativo das galas e deveres de patrono n'um pretorio, do que o de evocar o amigo, quasi que exclusivamente, nas feições do seu character raro e nos traços innegaveis da sua meiga e profunda affectividade.

Nada mais doce e consolatorio do que, na hora das demolições, das negativas e dos pouco-casos, murmurar a rapida oração e beijar umas reliquias. A voz do peregrino que chega ao paiz dos fieis do mesmo culto, é fraca para recitar a litania da Adoração e da Saudade, mas este é todo o esforço merencorio do devoto, por que não se apague a veneração pelo homem nobre e desditoso, cuja compensação de glorias mundanas e tangiveis, foi a dolorida e triste purificação do genio no horto de sua agonia, no pateo de sua flagellação e no topo do seu Golgotha.

E' o prisma do soffrimento o melhor decomponedor das almas. Torna-se o exame mais facil e mais claro ás refrações da dôr. Cabem aqui, na verdade, as allusões inexcusaveis á angustia do sacrificado, se é com effeito a homenagem ao homem moral que perpretaremos, interessados no desenho do coração crystallino, melindroso e probó

e no apontamento das linhas tenacissimas da alma do spartano.

Verificando-lhe os sentimentos, nos periodos da correspondencia privada e em lembranças reaes da sua vida activa, havemos de procurar fixar um pouco de luz nos desvãos de uma sombra injuriosa e maldicta. Preferiram-se taes reflexões e sondagens ao esforço de recordar Euclides nos aspectos da sua estupenda producção intellectual. A outros as conjugações da Critica, nos labyrinthos da esthetica litteraria, a debulharem e esgravatarem as grandezas e nonadas da arte, do pensamento e do estylo, as profanações d'aquelles para quem a originalidade é possessão diabolica e o «regionalismo» serio motivo de venção e de escarmento...

Servindo-nos de alguns documentos ineditos, colhidos na camaradagem perfeita, por sincera, longa, equilibrada e continua, a par de Euclides da Cunha, podemos architectar um novo depoimento nas preciosas notas da fraternidade, por elle concedidas ao companheiro de fileira, de escola, de juventude e de egressão.

Os admiradores da penna que traçou o «A' margem da Historia» prosternem-se ante os segredos do intimo e do puro. Foi elle mesmo que escreveu estas palavras brandas e confitentes, entremostrando na fórma impiedosa do porfiador sem recúos, o ser de nobre intelligencia e de limpida bondade que nelle se abrigava: «Minutos existem mesmo em que o abomino e chego a ter-lhe odio—esses sentimentos porém—como felizmente todos os sentimentos máos em mim (que são innumerados porém ephemeross) desaparecem facilmente». O seu talento foi muito e o co-

ração demais. Poder-lhe-íamos também applicar a formula lapidaria de outro idolatra: «Genio que era um santo».

Compulsemos piedosamente algumas de suas cartas e a exemplo de Oliveira Lima soletremos esses trechos confessorios de vida confiada e limpa. São paginas á vontade, das mais brilhantes e sinceras. Não dizem tudo, porém. Ha dôres e nauseas que elle guardará comsigo para sempre. N'ellas imprimem-se rastejos no desconforto da indiferença, debates em situação subalterna e adscripticia, anceios nas amarguras da lucta, desalentos repentinos, arrebatamentos desconnexos e confrangimentos na apparencia pueris... Pouco a pouco iremos entreabrindo as flôres desse jardim de emoções, aspirando e comprehendendo-lhes a fórma, o perfume e a côr...

A ave das alturas enlanguece no baixo. A soberba da natureza altivola e honesta de Euclýdes da Cunha arrepelava-se no terreiro dos sapo-cururús e gallinaceos de roda—a fauna domestica da inveja e da intriga, litterarias ou não. A 1 de Julho de 1903, demorando-nos em Pariz, escreve elle estas linhas de desabafo: «E' o eterno meio irrespiravel e aborrecido que conheces. Prolonga o mais que puderes a tua estadia ahi. Estás vivendo. Aqui... Mas já estou fatigado de farpear estes mestiços que me rodeiam. Anceio por outro mergulho no deserto. O deserto é para mim o Brasil, o verdadeiro Brasil ainda indemne, ainda não occupado por uma gente que não o merece. Mas não sei quando terei a ventura de ver-me outra vez na sociedade feliz dos rios, das constellações e das montanhas. Mais ditoso és tú—a hi—nesse deslumbramento, entre os fulgores da civilisação. Demora-te o mais que puderes, ahi, meu Alberto Rangel. Do seio ossudo desta ma-

drasta cynica invejo-te! E manda-me noticias tuas. Não extranhes os longos intervallos das minhas cartas. Não tenho assumpto; nada sei do que me anda á roda. Fecho obstinadamente os olhos ás cousas desta terra. Abro-as nas paginas de Renan, ou de outro grande compatriota virtual; e é a minha consolação. Adeus. Felicidades!»

Esta ultima palavra abotôa tragicamente os periodos de amargura com o lanceio de sete espadas no peito inermes de um martyr. Isola-se o substantivo n'uma interjeição de grito. «Felicidades!» Clama por ellas, evidentemente designando a miragem que elle proprio persegue. Appella para o bando, para que ao menos uma lhe caia aos pés. Não é o namorado tolo e vulgar da fortuna, seria o sedento das compensações que deveria o justo merecer na vida. Assim apparece a palavra do desejo atroz, pelo direito da consciencia pura, serenada e profunda, demandando um oasis ás jornadas de sol e de cansaço...

A 20 de Setembro de 1908, Euclides da Cunha expressa-se desta fórma: «De mim nada tenho que dizer. Ha uma pasmaceira tragica neste paiz que esperneia galvanizado na Praia Vermelha, e morre á fome nos sertões. De sorte que vivo mais ahi do que aqui—fugindo, atravez dos livros, para o seio de outras gentes».

Continúa a maré do nojo, enchendo-lhe o coração de desdens. Exila-se na leitura, rompe pelo mattagal do pensamento humano a pobre creatura, devorada por um desgosto pungente, que se mascára. Que o soffrimento secreto se abafe no percuciar das paginas sorvidas e decifradas. Adormecer-lhe-ia o mal ao emoliente das idéas espremidas pelos cerebros alheios. Por essa época deveriam

ter-lhe jorrado da penna as estrophes do «Paraiso dos mediocres»...

O pessimismo accende aspirações inilludiveis no aze-dume do incontentamento. E' aspero e desagradavel, quem o não reconhece? Contém, não obstante, nas fórmulas luciferinas da vesguice, do negativismo e da maledicencia, a ancia dos que desesperam no calamitoso e no impossivel.

O optimismo é deleitavel, empacha a alma de bem estar e de esperanças estapafurdias. O pessimismo tem o amargo dos bons aperitivos e a expressão nobre da furia dos que combatem sós. O pessimismo é a crispação dolorosa de um nervo; o optimismo a nevoa, a gordura, o sonho, a embaçadela rosea. Definem-se os processos antagonicos não sómente na direcção dos seus excessos, como nas suas verificações posteriores. O futuro é o unico juiz de suas visualidades. A fallencia do optimismo destroça a alma, mandando reconstruir o ideal com os restos de outros. O dismantelo de utopias benevolas tem levado muita gente á insania. O pessimismo desmentido é um appello a novas insatisfações. E' a expectação do mal na dura experiencia da realidade, onde bebem as philosophias praticas e desenganadas. Muitas vezes, porém, os prognosticos desanimadores se liquidam com alegrias de festa e resurreição, destruidas as premissas e supposições vaticinadas pelo augure da sombra...

Eis o que mais adiante Euclides escrevia, disfarçando nos protestos a sujeição ás mediocridades lerdas de uma secretaria, as luctas moraes que então o deviam absorver: «Continúo a desenhar mappas antigos... Até quando? A's vezes penso que foi uma fatalidade o ter cahido, como um satellite, na orbita maravilhosa de um Immortal. Sub-

metto-me. Mas ainda não sei se romperei a curva fechada dessa gravitação.» Não o satisfaz o emprego seguro do Estado. O pão quotidiano, assegurado por um grande Ministro, sabe-lhe á razão de calceta.

Communica-nos elle, de outra vez, com a maneira supplice de quem fallasse de um carcere á perpetuidade, vislumbrando pelas grades a mansão de um paraíso, circumvallada para além das nuvens: «Aqui estou a invejar-te a existencia deliciosa—tão differente da minha nesta triste agitação de servo amarrado pelas linhas geographicas á gleba dos papeis de uma secretaría. Que os deuses propicios te prolonguem os dias de felicidade...» Retorna a palavra magica á tona da phrase vibratoria...

O máo.estar de Euclides da Cunha define-se n'esses periodos amargosos de insatisfeito. A pepineira burocratica azedava-o. Dir-se-ia a ingratição, o que era a displicencia de um turvado, na sua marcha de desassombro e rectitude, tristemente corvejada na existencia de trabalho e de paz apparente.

Em Outubro, tambem de 1908, Euclides nos mandava de novo: «Toda a nossa vida é feita desse tributo ás frivolidades que a malignam. Gastam-se dias de agitação barbara e inutil, para se ter u'a meia hora de felicidade e paz, como esta». Um não-sei-que o faz dolente. O forte, o amigo das rajadas, o impressionista dantesco, o troglodyta de lampejos deliquesce nas delicadezas feminis do sentir, onde repassasse a pena occulta e intraduzivel de sua melancholia. Então o seu espirito parece comprazer-se na companhia daquelles que delle se approximam por motivos longinquos e superiores: «appareceu-me em casa um quarentão de rosto pensativo e olhos profundos. Era o

professor George Dumas. Calcula o meu espanto; e em que torturas andou o meu francez barbarisado. Passei com o grande sabio a hora mais illustre de minha vida, com a felicidade de poder marcal-a com expressivo incidente: a revisão feita pelo proprio punho delle do seu artigo sobre Joanna D'Arc».

De outra feita se lhe regozija a candura e se lhe repara a tristeza perante a esposa de outrem, santa e completa, tendo palavras de psalmo para exaltar o prodigio caseiro e matrimonial: «Quando me sobra o tempo vou ver o F... e a F... Estão sempre bons e felizes. E penso ás vezes que mais feliz é o proprio F..., cuja desdita ainda lhe serve para avaliar, como nenhum de nós póde fazer, a alma carinhosa e digna com que o destino o favoreceu. Encanta-me sempre aquelle lar de onde a infelicidade fugio espancada pela virtude». Alludia o terno Euclides ás torturas passivas da «tabis dorsalis» supportadas por uma resignação de Epitecto, quotidiana, clarividente e heroica, e como que eliminadas nos balsamos da dedicação de uma mulher e anjo tutellar. Na phrase final desse epithalamio poreja a inveja, se assim se póde dar o nome ás reclamações da parte lesada na clausula contractual, sagrada e imprescriptivel...

Euclides da Cunha, a 10 de Dezembro de 1907, observava-nos: Recebo sempre os teus cartões postaes, gentilissimos e breves, e tão sinceramente admirativos ante os encantos do velho mundo. Mas penso com tristeza, que elles te estejam apagando na alma, a lembrança da nossa rude e formosissima terra. Precisas reagir contra a feitiçaria da velha toda ataviada de primores—e que, afinal, não vale a nossa Patria, cheia de robusta e esplen-

dida virgindade». Robustecia-se nas raizes inarrancaveis do sedentario a bella planta cultivada do seu patriotismo.

Entre nós, esta virtude perde a estreiteza de egoismo nacional; porque é o sentimento localizado, dentro de uma area enorme, em sêde de realizações necessarias e communs ás conquistas do progresso universal. Nas sociedades feitas, sob a égide das leis sabias e seguras, como que nada ha a desejar. Nellas os insaciaveis tombam nos delirios do nihilismo, da anarchia, do herveismo e os patriotas no acanhamento e deflagrações do chauvinismo ou jingoismo. Onde, porém, ha tudo a fazer e organizar, povoamento, communações, trabalho, instrucção e justiça, o patriotismo fortifica-se, esclarece-se e rescende a altruismo. Por isso Euclides, nada perdendo de seu humanitarismo quasi revolucionario, timbrava nas severidades do patriota, prosternado e pregado no solo, a confiar no futuro, esperando a Civilisação e a Ordem, a Justiça e o Bem...

Mas, a 20 de Setembro do anno seguinte, elle pensa não obstante, em se expatriar. A reviravolta de um ancorado, o ostracismo de Alcibiades decretado pelo proprio grego! Foi a noticia das mais surprehendentes, sabida a funda radicação do caboclo aos humus do torrão nativo. Grave deveria ser o estado do magico estylista e proscrip-tor de si mesmo. Nas convulsões e entrechoques dos seus sentimentos, ameaçava destruirse-lhe o apego fetichista á terra. Pediria o seu mal a cura de um milhar de leguas... Assim dizia o trecho da missiva d'essa data: «Quem sabe se eu não poderia leccionar a historia sul-americana em Pariz? No momento em que a civilisação visivelmente se desloca para o novo mundo, não é, talvez, um pensamento

muito ousado este. Entrego-o á tua lucidez e melhor conhecimento das cousas ahi. Pódes talvez realizal-o». No circulo da infamia que devesse suspeitar, seria essa a tangente que o haveria de salvar do holocausto e terremoto. Mas, arrepende-se e quebradas as forças desenraizantes na retrocessão, diz-nos o atarantado quatro dias mais tarde: « Na carta anterior—assoberbado de uma onda de pessimismo, fallei-te umas cousas extranhas. Uma cadeira de historia sul-americana, em Pariz! O' romantico escandaloso e recalcitrante que eu sou! Felizmente são loucuras inofensivas e absolutamente passageiras». O destino brincava, como se vê, com a sua victima, fazendo-a sorrir, ao desgarral-a do caminho mais seguro e garantido que se lhe offerencia, creando um intervallo com o oceano e remediando um abysmo com outro...

Soffreria muito o mestre dilecto. Accusaria elle as estrellas do seu fadario e as cambaxirras do seu beiral. Não entraria a logica nos desvairamentos de acerbo, sobrando-lhe razões para que se gerassem os descompassos e absurdos... Nem sempre fôra assim, mutilado e vencido, cheio de fel e roido na febre minaz de um desgosto, que nunca ousou definir a ninguem, tomando ao pé da lettra a lição de moralistas, que impõem reserva aos grandes e verdadeiros pezares do coração humano.

Em 1905 escrevia-nos elle ás dez e meia da noite, de 20 de Março: « A nossa partida está proxima. Chegaram hontem as instrucções—e desde que se realize a reunião dos commissarios—iremos rumo feito para o desconhecido. A minha frota: duas lanchas (uma ainda problematica), um batelão e seis canôas — fluctúa triumphalmente no extremo do igarapé de São Raymundo— e teve hontem o

baptismo de uma tempestade. Nunca imaginei que este rio morto escondesse, traiçoeiramente, ondas tão desabridas. Uma rajada viva de sudoeste imprime-lhe as crispações ensofregadas de um mar—e que mar! um mar entre barrancos em que as vagas desencadeadas se desatam em corredeiras impetuosas de torrentes... Felizmente resistiram galhardamente os meus navios. E' que dentro delles está a « fortuna do Cezar ». Realmente, creio tanto no meu destino de bandeirante, que levo esta carta de prego para o desconhecido com o coração ligeiro. Tenho a crença largamente metaphysica de que a nossa vida é sempre garantida por um ideal, uma aspiração superior a realizar-se. E eu tenho tanto que escrever ainda...» São palavras ardentes, mas de outro tom, pois que embebidas de esperança, cantam victoria, fumeagm e roncam nas linhas de batalha.

Euclides da Cunha enviou-as quando se aprestava a inquirir com os delegados da Bolivia sobre a fonte do Purús e por ordem do Barão do Rio Branco ia prendel-a no ellipsoide ás coordenadas necessarias. A missão que reclamava a arte do geodesista e as resistencias de um vaqueiro nortista, exigia saber e coragem aliados á perseverança de um antigo capitão de bandeira. Nada mais proprio do alvo e mortificações com que costumava sonhar a sua alma, entrar pelo sertão a dentro e cravar os olhos no céu, medindo os ambitos escancarados do céu e do sertão.

Quasi só e esfomeado para se antecipar aos estrangeiros, que sorriam vendo o explorador mal aparelhado á marcha difficil nas visinhanças da nascente, que se tratava de descobrir, elle encharca os pés no derradeiro fio d'agua nascida. O grande rio espichava-se d'essas altu-

ras n'um ribeiro parco e triste. Negava a fluctuação ás canôas mais razas. Ia-se tornando a valla de um charco, a quelha de um vertedouro. Por elle rompe antes de todos o chefe brasileiro. Mingua o arroio cada vez mais, embainhado na matta funeraria e versuda. A curiosidade do engenheiro redobra. Dá-lhe febre e gloria de ser o primeiro civilisado na origem da grande torrente amazonense. Avança ainda mais, até que o regato se rechupa n'um tapete de folhas e raizes humidas. Nas sombras espessas attinge o Poeta e mathematico a pupilla da nympha, cujas lagrimas escassas irroram por tres vertentes.

Nesse volteio geographico vibraram todas as cordas de sua fé, para que pudesse escapar ou pulsar na do patriotismo. No banquete offerecido pelos Peruanos notava-se a ausencia do estandarte brasileiro, esquecido, provavelmente, no fornecimento de Lima á bagagem de seus representantes. Entre os ornatos da sala cruzavam-se na coloração natural e felizmente emblematica, os festões verde-amarellos de palmeiras. Euclides da Cunha inflamado por um desquite, empunha a taça, e, n'um golpe rijo de inspiração e de ironia, agradece aos Peruanos terem se lembrado de, na falta occasional da bandeira de sua Patria, pedir á floresta para represental-a, arrancando á selva pedaços de um vegetal rijo e espadanado que era o symbolo da rectidão e da altura!

Em Canudos, Euclides da Cunha com as curiosidades naturalisticas de Marcgraaf, o horror dos Prophetas de Sião e a probidade historica de um Polybio, fazia de reporter para dar ás nossas lettras uma obra prima monumental, toda em nervos, desenroladas em pinturas muraes e vinhetas de agua forte. Uma tarde encontra-se elle

nos pedregaes da encosta com o velho amigo do general em chefe, ao qual se attribuiam os avisos e pareceres favoraveis ao sangue e exterminio da jagunçada. Euclides fita no asco o conselheiro das degolas, o soprador das matanças.

O campeão da Intelligencia nos abusos da Força experta, parecendo ter recebido no flanco o acicate que o afoita, aproxima-se muito do monstro e assessor do alto commando. Divisando então o pequeno crucifixo, que aparece na abertura da camisa desse official e Torquemada, elle inquire com o prestigio e a implacabilidade de um juiz incorruptivel:— Que é isto?—Jesus ! responde attonito o interrogado.— Pois olhe ! retrucou o escriptor, e apontando para o proprio peito onde lhe tumultuavam as emoções de odio contra as feras humanas que não desconheciam o Codigo e se utilisavam da civilisação de Manlicher e de Krupp contra seus irmãos boçalizados, concluiu: «Eu tenho aqui dentro um coração!» Voltando as costas ao verdugo, Euclides havia de apparentar os ares de um Perseu, após o golpe que liquidara Medusa.

E' o entusiasmo generoso de um forte, de um bom e de um crente. O perigo, a grosseria e a hypocrisia enfrenta-os igualmente. Rompe, investe e fulmina, pela unica força espontanea das qualidades socraticas, que o faziam de outras éras, n'uma sociedade desfallecida no sybaritismo, nas depravações da amoralidade, nas contumacias do «sport», e no vacuo das elegancias vadias...

Inamogavel a certas preponderancias, na balburdia que ainda nos assola, vimol-o externar-se, menos lamentoso que protestador irremittente: « Noutra carta direi mais sobre esta vida triste de caboclo malcriado e teimoso no

seguir uma linha recta no meio das contorsões e tortuosidades dos canalhas felicissimos que o rodeiam».

Aos vinte e dois annos, Euclides lançava, n'um caderno escolar, o programma de itinerario futuro pelo meio das dissensões de sua alma com o Universo, com esta observação digna do frontão de um templo: — a marcha de um homem verdadeiramente bom, é feita através de reacções continuas.»

Mas Euclides da Cunha não devia ser, como não foi, o combativo de esporão afiado em aggressões espectaculosas, o emproado de ataque, embandeirado em arco e de morrão acceso... A sua fórmula preferida era guardar distancia e quando muito anotar a miseria, que o revulsava, n'um escorço fulminativo e candente. O gymnoto conhecia-se. Afastava-se, poupando os que pretendessem tocar-lhe irreverentemente a epiderme. Nessa attitude encerrou os thesouros de uma cordialidade enternecida, combinando as intuições do claro engenho com os motivos casuaes de sua magua particularisada. Segregou-se. Vexava-se ás pilherias sem limpeza. A sua physionomia, mesmo no calor de camaradagens litterarias e academicas, dos ultimos tempos, era a de um canhestro à esgrima dos malfallantes, às mutualidades de grupinhos, á maçonaria de contubernios...

A solidão para os verdadeiros intellectuaes é, alem de prophylaxia, uma expressão insignificativa desde que passe a exprimir estado pessoal. No abandono de unico n'um carcere ou n'um deserto, as imagens internas acodem sempre, povoando o ambiente mais aggressivo e mais vasio da companhia que se deseja. Gostava Descartes de andar desconhecido pelas ruas de Haya e cáes de Amsterdam,

n'esse exercicio o solitario communicava-se com o mundo e regia o pensamento universal. Rousseau gabava os prazeres do isolamento. A imaginação inspira-se no silencio, o seu gozo é procrear e o deserto de em torno como que offerece o espaço livre ás expansões da intelligencia. Pascal não se referiu á solidão, cavando-se-lhe no entretanto á ilharga o abysmo em que se lhe engolpharia a perspicacia do infinito e da immortalidade. Euclides esmarcava o insuccesso, fugindo da rua do Ouvidor, onde se lançavam ao publico pela primeira vez os volumes dos «Sertões»...

O homem é tanto mais forte, quanto mais só; o conceito ibseniano perde a sua nevoa de contradicção, ligando-se-o ao feitio sobranceiro e incommutavel de Euclides. Não se lhe conheceram preferencias de qualidade suspeita, não se deixou ceçar pelo Dinheiro, não cheirava a Influencia, nem se genuflexava ante o Poder. A independencia agiganta—é a traducção verdadeira d'aquelle apothema do norueguez. E seria por isso que quem via pela primeira vez a pessoa do escriptor, desconcertava-se, esperando infallivelmente uma estatura maior.

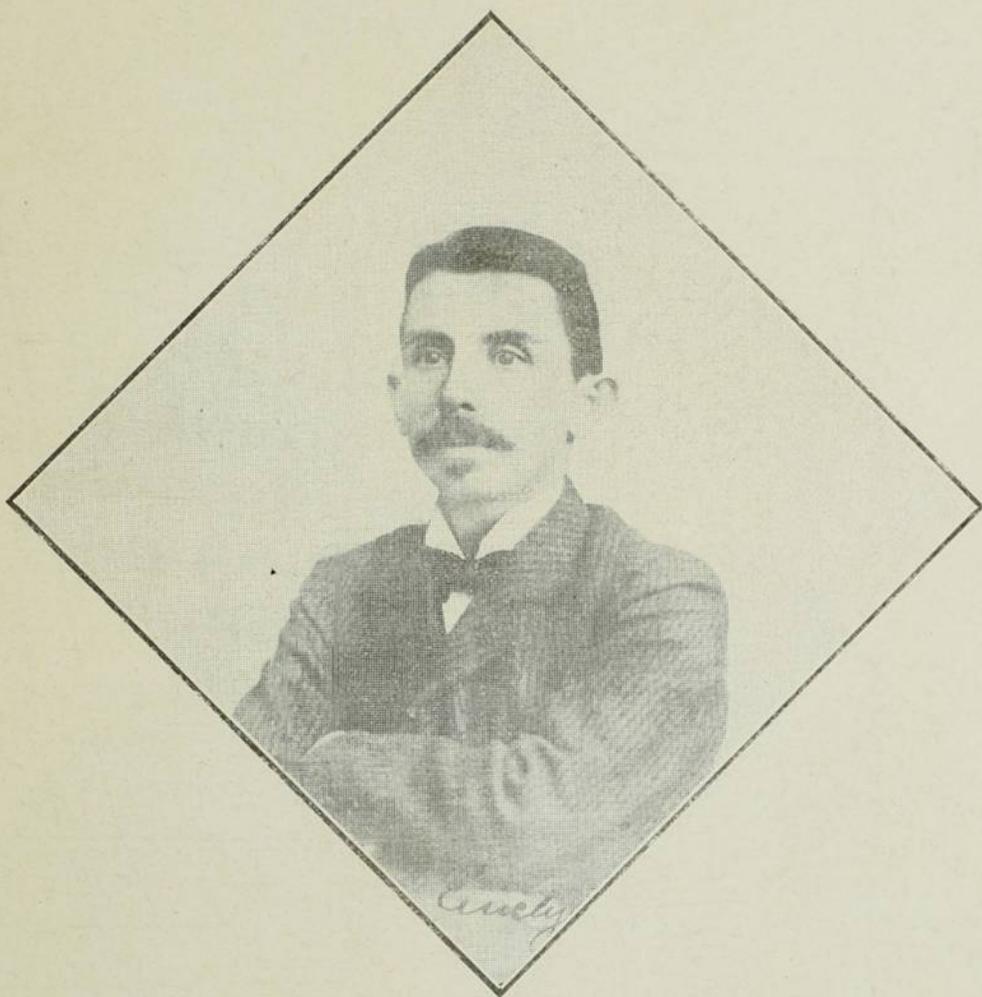
O physico de Euclides da Cunha tinha a vulgaridade mameluca da nossa humilde e boa caipiragem. Porque não praticava nenhuma lei de Brummel, mais lhe apparecia a insignificancia do caboclo magrizela de fonte escampa, e arcadas zygomaticas saltadas, onde os olhos brilhavam com reverberos de incendio á beira d'agua e á noite.

Costumava vestir o casaco, na confusa insipidez do indio que o vestisse pela primeira vez. Um botão do collarinho punha-se a fugir da casa, na indisciplina bohemia da cabeça ossea. A gravata tombava na tira sombria, em laço frouxo, banalissimo, do mais torto traspasse e uma das

bandas do collete não se sotopunha ás vezes devidamente á outra. A figura não era effectivamente um figurino. Não tinha, comtudo, o aspecto incommodo dos destratados que envergonham, dos cambaios e relaxados que irritam. Nem immundicie, nem trapejos. No traje apagado e simples, mas composto, haveria enganos de abotoação, esquecimentos reparaveis de um distrahido em calculos, o qual perseguisse o theorema dos tres corpos, em vez da namorada e lambisgoia. Na cabeça, os cabellos asperos eram bem tratados, abatidas as cerdas de bororó, n'uma penteadela conveniente. Os bigodes fracos nada pretendiam. As roupas de Euclides desconheciam os recortes da tesoura de Pool... Não se encalamistrava, não se apavonava. E não sabemos mesmo que idéa poderia ter da patetice degenerada dos casquilhos e francelhos abominaveis que nos infestam.

« Mixto de celta, de tapuyo e grego », disse elle, retratando-se n'um decassyllabo. Foi mais longe, se definiu, reconhecendo a miscellanea da propria combinação ethnica com as raças da transmigração e da autochtonia e mais a dos hellenos, n'uma componente ideal que lhe exprimisse a devoradora e saborosa tortura de belleza e de perfeição...

Foi em S. José do Rio Pardo, no casebre ao lado de um dos pegões da ponte de ferro, construida sob seus olhos, que Euclides escreveu muitas paginas dos « Sertões ». Era ermo o logar e a habitação modestissima, uma guarita de cantoneiro, um tapery de caçador goyano. No interior, nem o divan do sybarita, nem as excitações de alcaloides raros, nem os commodos de uma boa lampada; antes o grabato do anachoreta, o pote com a agua do riachão e a vela na garrafa do estudante pobre.



Euclides da Cunha em 1903 — com as dedicatórias, enviadas  
no verso do retrato, a Lucio de Mendonça e Coelho Netto

Em folião de um post-karte, iluminura  
Em uma madre de que penso eu sinto a imagem,  
Em relevo, na artística moldura  
De um trecho fugitivo de paisagem —

Ahi vai, para sandal-o no remanso  
De um lar, onde terá digno concheço,  
Este cubículo, este jaguço manso  
— Mixto de celta, de Tapuya e grego! —

Meu caro Coelbo neto,

felizmente.

Esta, pluriomni-

de onde recalla a insipida expressão

Da fase de um Tapuya, esparatandissimo.

Has de achal-a bellissima.

Por que saberias ver, nitidamente,

Com os raios x da tua poliantasia,

O que os outros não veem: um coraleto.

Devia lavar a desordem na cabana do engenheiro. Em taes individuos o methodo cifra-se n'um puro exercicio mental, deixando-se a execução do arranjo e conformidade ás mãos providentes das senhoras donas de casa. Os esquadros e compassos perder-se-iam na confusão dos papeis quadriculados e das tiras estylisadas do seu futuro livro. Nas cótas dos perfis entremear-se-ia a phrase estuosa do repente feliz. No calculo do momento de flexão, da grandeza do empuxo, relampejaria a decisão flagrante de um verbo, o resumo fiel de um qualificativo, a cesura harmonica de uma conjuncção.

Euclides da Cunha tinha na verdade o culto da linguagem e não a idiota paixão do vocabulo, em que se sacrificava a raridade á impropriedade, na tessitura de preciosismos faceis. O joalheiro ama a joia para dar-lhe destino e não como o avaro, pelo fulgor secco e o estúpido valor dos fógos diamantinos. O artista adora a palavra para os fins da expressão. Não ser ella de uso corrente póde ser defeito; menos se calhar á idéa o termo sonoro e extranho que fôr preciso, que fôr bello e que fôr lucido. Tudo está na escolha e cabimento. E' maneira de remoçar idéas e despertar a attenção em torno d'ellas, vestil-as bem, e com certo rebuscamento. Nem todos o poderão fazer... A pobreza de um lexicon é melhor comtudo que a pilhagem irracional de um glossario. Insupportavel, porém, a pretenção de legisladores e policiaes, na republica das letras, de impor uma tara á carregação verbal do escriptor. Para o pregoeiro da hasta publica toda mesa é solida, todo piano harmonioso. A critica nacional tem obtido exitos antinephelibaticos, aconselhando adjectivos de leiloeiro e podando nos canteiros de estreiantes as flo-

res raras da estufa glottica. Tem sido um serviço sensato o dos guardas do cordão grammatical, prasmando a mania contagiosa dos cavadores de dictionario, que sendo afinal de contas um instrumento de utilidade publica e de uso directamente proporcional á ignorancia de cada um, servirá um dia para alguma cousa. Ousadia foi que esses puritanos e contractivos do Verbo se alertassem na ronda á penna dos « Contrastes e confrontos ».

O vocabulo, resultado de uma escolha, é ipso facto um elemento identificador, a manifestação de uma maneira no processo individual da fórma. Participa do feitio do escriptor, entrando pelo character da preferencia, no facies peculiar a cada temperamento e a cada estylo. Não é sómente um material, um arranjo e um systema. O desuso de palavras reconhecido a todo momento n'uma lingua é a confissão de sua morte lenta e por inanição. E' a arvore que secca, reduzida ao esqueleto do tronco, é o lago que se evapora, ficando a vasa empedrada do fundo. E não é o portuguez de uma riqueza tal, que assim se possa ir-lhe desperdiçando por imprestavel e velho o patrimonio. Enriquecer um idioma é tambem não lhe deixarem esfriar os signaes componentes, servindo-se da multiplicidade de seus elementos constitutivos, resurgidos a cada passo. A digna aspiração das linguas não é crear, mas renovar-se, fornecendo-se de meios na utilização artistica da totalidade de seus recursos graphicos e verbaes.

O archaismo deve ser portanto uma excepção, uma ankylose fortuita e inexplicavel nos orgãos particulares da comunicação. Euclides comprehendeu-o muito bem. Foi mais longe, e, em sentido contrario, acariciou o neologismo imposto pelas condições da vida moderna, e

amou os brasileirismos soprados na exigencia da vida sertaneja, não se espantando na adopção das raizes ou desinencias tupys, cujas derivações vivificam, designando atravez dos tempos, tantas expressões nossas, domesticas ou matteiras, indiziveis pelo rol classico de Moraes ou de Vieira.

A realidade na obra de Euclides da Cunha accusa o impressivo das visões allucinatorias. O homem parece sonhar acordado. E' um parente de Dickens, um sectario de Carlyle, um cultor de Ezequiel. A sua imaginação lancinante e explosiva tinha no emtanto o dom de adivinhar. Combinando-se elle e alguns amigos para a descripção do estouro das boiadas, apresentou-se Euclides que era o unico, dentre todos, que nunca tinha visto semelhante espectáculo, com a sua lauda cheia. Fizeram-n'o ler em primeiro lugar. Conheceis o trecho. Está incluso nos «Sertões». São linhas inesqueciveis e honrariam a melhor das anthologias. Os concorrentes escutaram o arranco detonante da tropeada, o desconchavo electrico do rebanho, a manada louca escarvando e atroando na dispersão convulsa pelos taboleiros, lombas e baixadas... Não se leu mais cousa alguma. Incompletas e pallidas pareceram as impressões que cada um trazia. Aquelle, que idealizara, vira melhor que os outros...

Havia ainda honestidade nos processos da factura litteraria de Euclides da Cunha. Elle não podia fechar-se no ramerrão cauteloso dos escrevedores que se condecoram Grão-Dignitarios da Ordem dos Sóes Litterarios e não passam ás vezes de socios da Companhia Limitada e Cooperativa do Elogio Mutuo. Não se recommendou imitando, nem buscou vencer pela audacia aerea dos desconcertos innovatorios. Apareceu como era, artista de

perfeição, recorrendo a todas as teclas e variações nas gammas do instrumento, em que lhe foi dado compôr as symphonias de um Beethoven da nossa prosa. Nisto vai a sua superioridade e o seu encanto selvagem. A alma, educou-a nos extasis do patriotismo, na sensibilidade das grandes causas do mundo. Nunca esteve ao soldo da tanchice dos corrilhos, da devoração da inveja, do appetite dos ambiciosos. Não contaram nunca com a sua pena para as campanhas em que tal instrumento toma as fórmulas do rojão, do punhal, da picareta ou das gazúas. Não incensou a tyrannia, nem titilou as preferencias populares. Nem cálculo nem vaidade. A sobranceria do justo e do indomavel que vê, que sente e que ama o unico grandioso e emocional aspecto da existencia brasileira, a terra e a lucta por ella, a figura de enigma e de prodigio multifario do nosso sertanejo e o drama eschyliano do sertão...

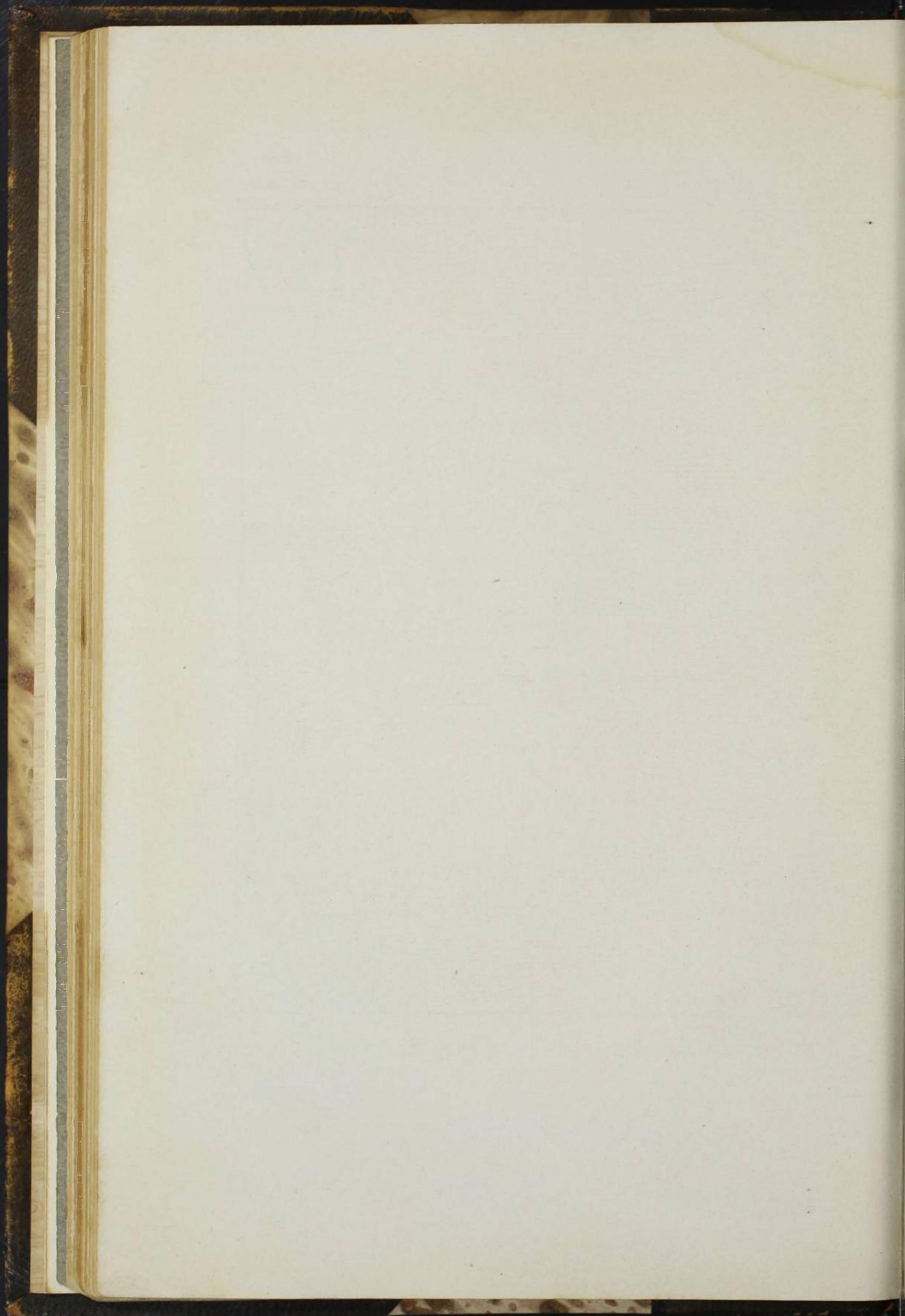
Espalhou-se em recurso de rabularia, que Euclides, cujo coração lia pela cartilha de Terencio e cujo apego á familia recebia os reflexos da vibração permanente do campeiro aferrado a seus pagos, deixava morrer na cinza da indiferença as brazas do seu lar, que o cerebral intensivo, absorto na meditação e no esmero da phrase cinzelada, esquecia os deveres de carinho esponsal. Em protesto violento e comprovado leiamos estas palavras do escriptor e as quaes se repassam da delicada preocupação do chefe de familia, presto nos affagos, atravez da distancia, e indo a ponto de designar-lhes ao transporte o intermediario fraterno: «Um favor, mas favor sacratissimo de irmão: na rua do Cosme Velho 91 (actual rua Francisco Octaviano) Laranjeiras, moram as minhas quatro enormes Sauda-

Sacratissimo, de amica. Sta em a do Corom  
Vista 11 (actua una de Fumio de Oclarim)  
Luzinguis - moram as, muthas 4 amicos  
Saudades - do mutha muthas e os meus  
tres pequenos. Paço - a seu o proenias -  
em tres das noticias muthas.

Solito de seguir, heide de  
escriu a ti o lito me. Responde-me -  
Recebera a carta minha em amicos, por  
utilidades do Fumio em a amica.

Adem, Rangel. Responde os meus  
responde a tua lito me: pois - a  
em um amica de os amicos (com  
tudo grande trabalho mutha) e a seu lito  
me responde minha de

Euclides de Oclarim



des—a minha mulher e os meus tres pequenos. Peço-te que os procures e lhes dês noticias minhas». Essa ordem fiaria da meiguice de um Barba Azul. «As minhas quatro enormes Saudades»! Como é singelo e diz tanto! Shakespeare não trepidaria em pôr essa phrase na bocca de um personagem de amor. «As minhas quatro enormes Saudades»! Euclides transfundiu os objectos no sentimento, por uma operação maravilhosa de que seria sómente capaz a ternura immensa desse delicado e ultra sensível, compondo o evangelho das adorações para seu uso...

Certa vez, Euclides da Cunha commandava uma trincheira na lucta furiosa de Setembro de 1893. A fraqueza de uns, o desfibramento completo de outros, imprensados na resolução e desespero mutuo de alguns, faziam fervilhar dos arrabaldes ás linhas de defesa no littoral, boatos de sublevação geral, qualquer cousa cosmica em que se subvertesse a legalidade, sob as columnas de sua propria cupola. Na baixa atmosphaera do panico havia enregelados. O medo creava inventores de escapadas. Cyranos de escorrego, heróes invertidos da rectaguarda, sonhadores de projectos homericos de fuga, serra-filas da indemnidade na legião da covardia e do compromettimento. A cidade, vindo a noite, soprava as luzes da beiramar. Não queria ser vista, tremendo e armada até os dentes! O susto em que todos se espojavam, despertou em Euclides o sentimento da responsabilidade. Ergueu-se no agacho geral e por mais ingenuo que nos pareça o seu acto, revela as energias da consciencia desdobrada no sentido contrario ás ignavias da massa. Saccou do bolso da farda um maço de cartões com o nome delle e espa-

!hou-o por sobre os materiaes do posto de combate. Se-meava o soldado impavido o compromisso de solidariedade aos rumores do terror, aos abalos truculentos n'um receio colectivo. Era essa a fibra do auctor dos «Sertões», o seu privilegio adamantino; nem a mentira, nem o medo eram de molde a assombral-o. A sua timidez, que seria a attenção da defesa na sociabilidade obrigada dos pataratas e dos servis, dos alarves e dos tratantes, perdia as faixas do mimetismo volitivo. O cavalheiro toava um oliphante, sahindo a campo razo... Estaria fóra de seu tempo o Quichote da propria dignidade e reputação melindrosissimas.

Não haveria de ser feliz em tal processo, o infornado e lastimoso amigo. E' verdade que irrompendo á caça da Traição, o que nelle vivia era então já bem pouco: o lampejo sinistro que lhe pallejava no cerebro, o sobresalto do coração em chaga viva empurraram na estrada deserta de Santa Cruz a sombra de um desgraçado... O escalpello official descobriu-lhe o baço hypertrophiado, nodulos e symphyses nos pulmões, meninges adherentes e placas leitosas na «pia-mater»...

Ha, em pequena igreja de França, uma estatua que faz parte do mausoléu de certo principe do Orange, e a qual é da autoria de artista lorenno, genial e macabro. Na maravilhosa estatua o realismo pavoroso e congelante da tumba mistura-se á idealisação soberba da vida pela attitude de suprema espiritalidade nos attentados da putrefacção. O cadaver hediondo e gretado a!ça o braço, soerguendo nas phalanges da mão esquerda o proprio coração. Atravez da ossamenta, como que se lhe percebea alma, que parece querer salvar a viscera sagrada da torpe

materialidade em que será desagregada á força. E' um gesto de vida n'um poema de morte, arranco de extasis no arcabouço do decomposto. A esculptura de um symbolismo doloroso poderia representar o Espectro mais a Honra...

Se encontrassemos Euclides da Cunha n'essa manhã do desastre, o veriamos assim, descarnado e todo ancia... Levaria o coração sangrando e bem alto, no esforço de o furtar ás crueldades das contaminações moraes e desgregativas que o offendiam...

Frequentava o insigne homem de letras, em Manãos, uma casinhola, que sobranceava o mar de frondes e o algodoal de nevoas matutinaes de sua molduragem. Em longas horas de vigilia, elle escutava o gemer do vento a que seus sentimentos de ausente emprestavam o lancinante dos soluços das Oréadas. A's vezes, a lua comparecia á presença do assombrado, que dizia versos á celicola. Phébe ouvia com encantada doçura o arpejar de Orpheu. Debruçava-se depois Euclides nas suas notas miudas, lançadas ora n'uma pagina, ora n'outra de grande livro em branco. Preoccupava-se tambem em mandar aos amigos noticias, caricias e gritos de espanto, no vestibulo da natureza nova, cujo vigor, mysterio e contradicções o espasmavam.

Para não contar absurdos e apenas diminuir os rigores da tristura ingenita, elle ia tocando a rebate ás rimas, para enfileirar as estrophes na esplanada dos poetas. Depois destacava pelo Correio, uma a uma, as patrulhas sentimentaes e de pés certos. A poesia embalara-lhe sempre os pensamentos. Poemas da mocidade musicaram-se nas suas primeiras idéas. Depois alterou e re-

partiu os rythmos e sonoridades, variou a metrica e foram ainda epopéas o que nos legou a sua arte.

Escolhendo dois cartões onde se lithographava o mesmo lago, convidou um companheiro a inspirar-se na gravura, a palhetadas de plectro. Por ironia o condor desafiava o saltão. Lucano, o autor de «Pharsalia», affrontava o bardo de agua-doce, o repentista roceiro. Começaram a arder os versos de Euclides na caçoula do soneto, cujo remate se lavrava n'um terceto lindo:

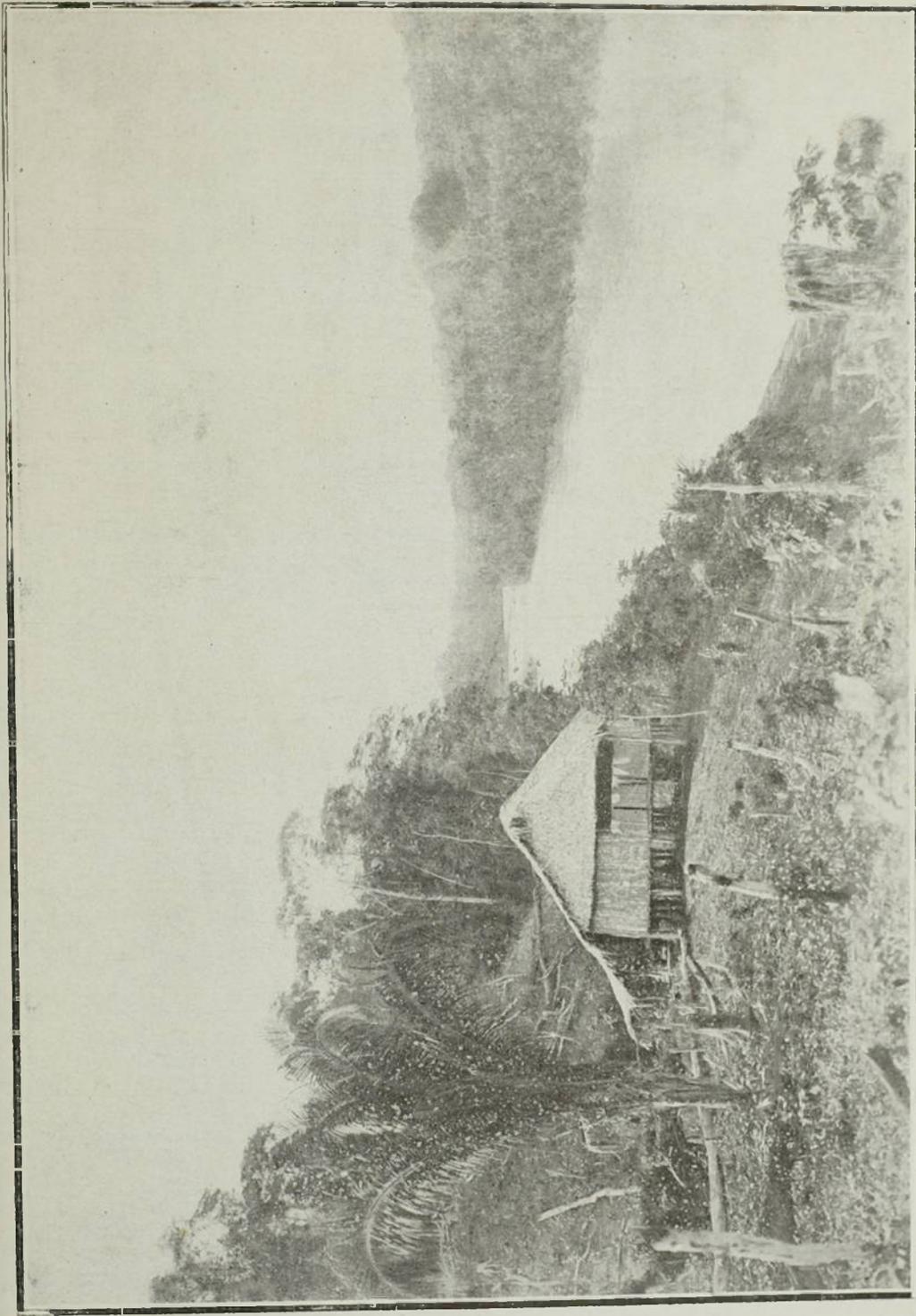
... parece ao vel-as  
 • Grandes espelhos de Veneza  
 Para a toilette das estrellas.

O outro, se encolhendo ao jorro lyrico, que fazia da lagôa venenosa um crystal de luxo, mostrou a sua quadra, endeixa de seringueiro, marimbada no esforço titanico de escalada ao Parnaso:

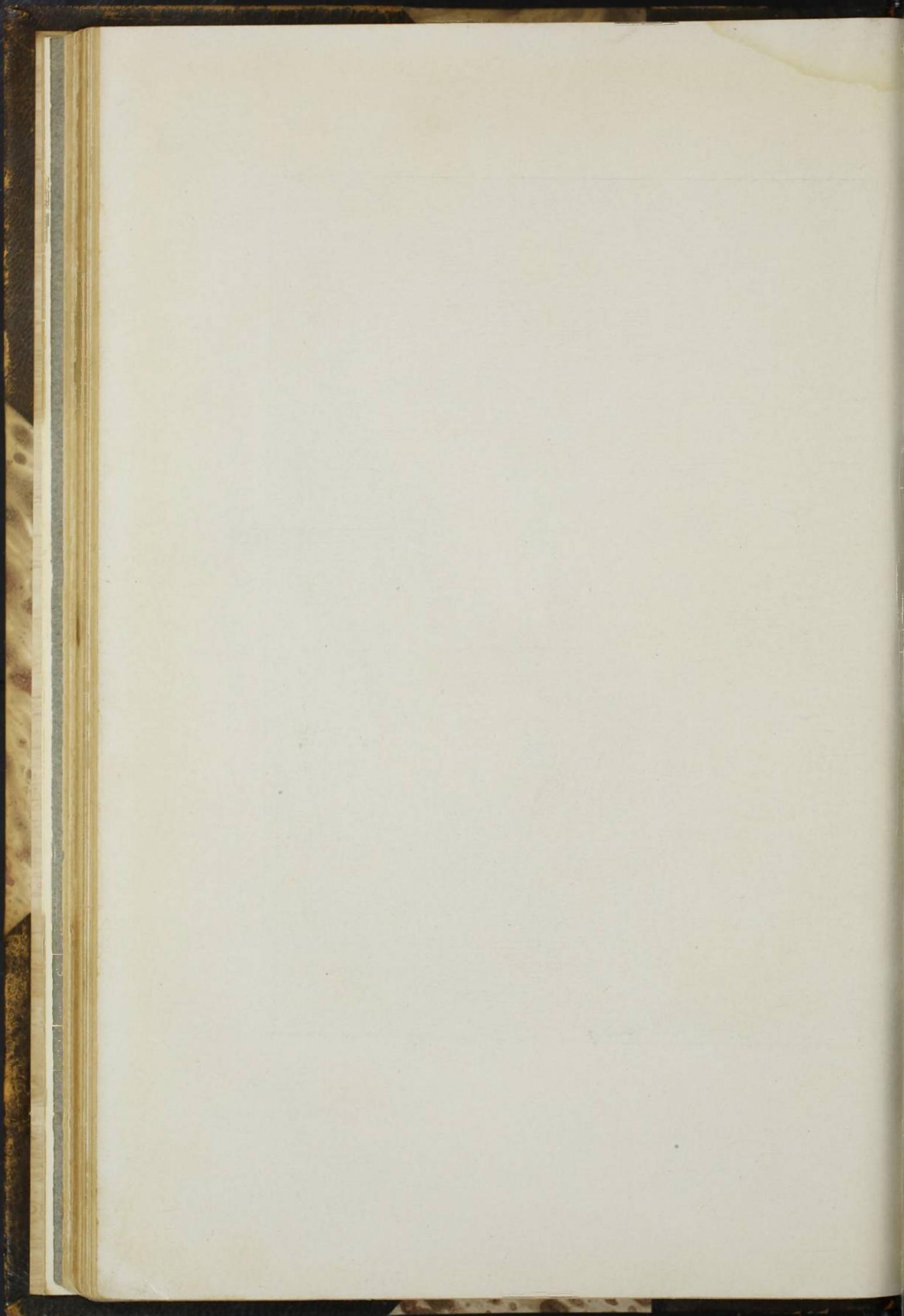
Tem o olhar de quem se vinga  
 Do lago a pupilla insana,  
 Com sobranceira de aninga  
 E cilios de cannarana.

O olhar de Euclides ficou suspenso. No intuito de disfarçar-lhe a scisma angustiosa, animaram-n'ô com estes fumos de incensorio: «A's maravilhas do teu sonho, Mestre! fizeste o casamento do Doge com a yara patricia; nada mais justo que o lago amazonense se semelhe á laguna adriatica, ambos têm reflexos e miasmas...»

Esse romantismo concrecível na cidade italiana, mal cheirosa e de alguma fórmula sovada por sentimentaes de todo porte, chocou-se ante as hervas palustres e locaes,



Paisagem do Alto-Purús (photographia da Comissão Brasileira)



tiradas (e com que custo, ó manes de Virgilio) de um pobre alforge de visões pessoas para as sujeitar á palmaria de Castilho. Elle abaixou a cabeça pensativa e começou a perpassar nervosamente as paginas da relação de viagem no Bispado do Grão Parà, de um monge beneditino. Era em 1905.

Por esse tempo notava-se que Euclides pouco dormia. A mariposa decorava Heine. O noitibó relia Michélet. Sentava-se a escrever, pedindo ao café e ao tabaco os venenos das essencias excitantes. Uma a uma as horas levantavam a antiphona do Silencio e da Noite, dando o tom ao côro das pererecas e dos grillos. Que passaria pela cabeça de Euclides alagada nos clarões da insomnia? Nunca a scena que o prostrou na Immortalidade e no pó de uma estrada suburbana, fuzilado e acertado por quatro balas.

Na catastrophe arrebatou-se um mundo, abrindo uma vaga de ideal e de humanidade no estreito e falho circulo da nossa compartilha social. A Morte, que entre nós goza o capricho de foiçar os primeiros fructos e rebentos, chegando a armar o braço de Raul Pompeia contra elle proprio, para liquidar tão prematuramente Euclides da Cunha, temeu a responsabilidade de agir por si...

Em 1888 o cadete da Praia Vermelha exhalçava-se n'um voto repassado das anciedades da «Imitação» e cujo alcance de salvo conducto lhe foi revogado nos livros rigorosos e consequentes do Destino: «Feliz de mim se conseguir accumular no cerebro força bastante para equilibrar a do coração—pois que para mim dominar a sua violencia é mais difficil e mais perigoso que subjugar um touro». Não tinha de ser attendida a petição do moço,

para o contrabalanço dos seus affectos á razão potente e fria de um Catão.

N'um campo de mortos desta cidade ha uma lapide curiosa. Lembra um epigramma de Meleagro ou esses poemas japonezes, constituídos por tres versos. O marmore não se banalisa na inscripção dos nomes e das datas. A pedra cobre uma innocentinha. Na tampa núa e branca d'esse sepulchro grava-se um botão de rosa e a phrase em exergo explica a lembrança delicada e votiva: «Assim eras tu, minha filha».

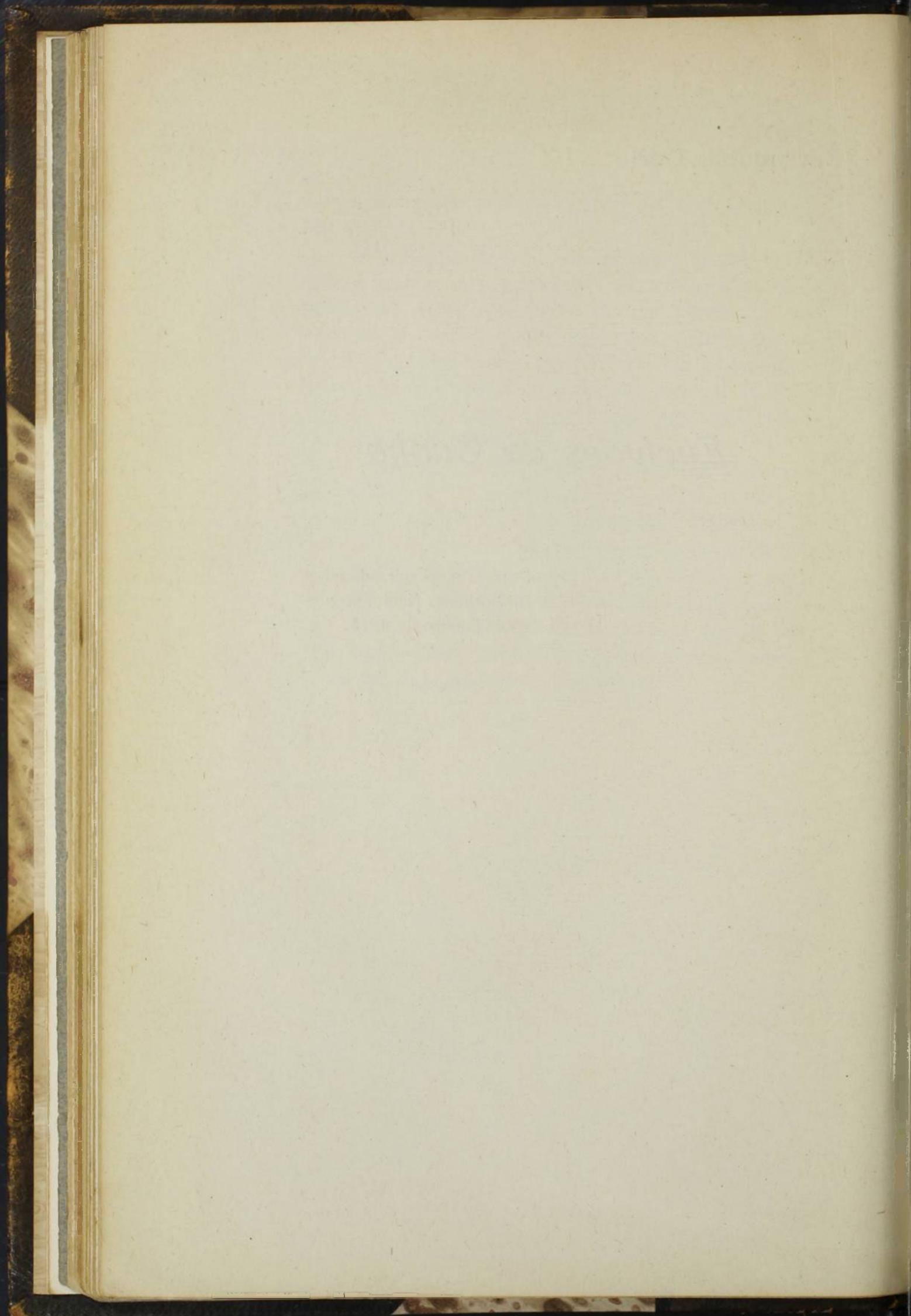
No tumulto de Euclides da Cunha dever-se-á mandar esculpir a flôr da passiflora, traspassada da matta para o ornato e o proveito de nossos vergeis e a qual tem no calice roxo ou vermelho os symbolos do mais celebrisado dos soffrimentos humanos. Sob a corolla de magua e gloria da Paixão, caber-lhe-ia a phrase semelhante á do jazigo da creança: «Assim eras tu...»—uma flôr de martyrio, com os seus espinhos e os seus cravos, cobertos de um pollen fecundante em poemas!

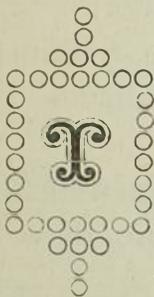
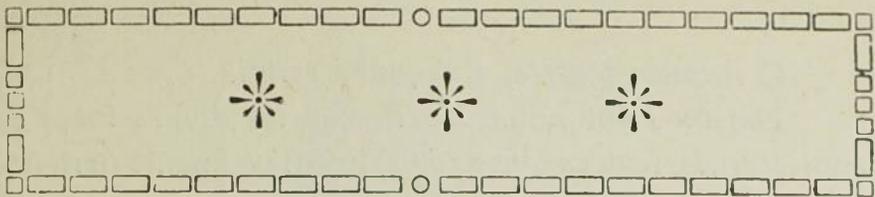


Escragnolle Doria

*Euclides da Cunha*

Conferencia realizada na  
Bibliotheca Nacional a  
20 de Janeiro de 1915.





ivemos ensejo de fallar a publicos no estrangeiro. Nunca nos achamos tão bem como no meio dos auditorios de nossa terra. Sentimo-nos a gosto entre vós, sobretudo para memorar o assumpto de hoje.

Sequioso de certeza, famelico de verdade, o biographo probo, levado a sincero, deve ornar de lisuras a vida e os dias dos heroes e das heroínas. Incumbido de dizer acerca de Euclides, desejamos apenas fazer gala de testemunhos singelos sobre honestos. Nem o exagero da lôa uniforme, incapacitada de justiça, nem a irritação da critica parcial, da inveja, comichando como affecções cutaneas cujo prurido cresce com o ensanguentar das unhas.

O incenso tonteia, a peçonha arripia.

Fallamos em nome de moços, na divina força da adolescencia, realza que a todos invariavelmente pertence e que de todos fatalmente se exila.

Não vos deixaremos tontos, nem arripiados. Procuraremos relatar a existencia e a carreira de Euclides, com lealdade. Concluireis.

A existencia d'elle tem sido devassadissima pela inquirição do affecto, pela inquisição do mexerico. Foi endosada, thuribulada, alfinetada, apunhalada. Nas columnas do jornal, na tribuna, no artigo critico, no pretorio, á beira do proprio tumulo.

A vossa benevolencia, a nossa palavra, tão grande uma quão pequena a outra, vão juntas tentar estudal-a. Assim, ouvindo, fallais tambem, indulgente auditorio.

Fiquemos todos ao redor de anniversario, em cima do qual ha sangue grumado. Lavemos, a saudades, o triste vestigio.

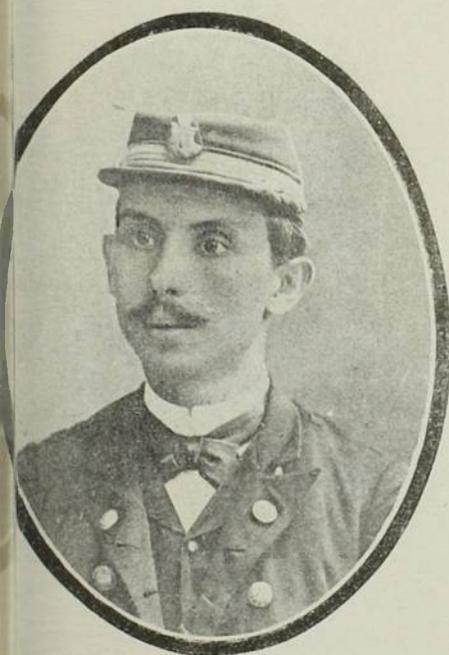
Alpestremente provinciana, encastoadada n'um valle, é a cidade fluminense de Cantagallo, nome sonoro de coricó nos desmaios da madrugada.

Puzeram-a na margem dos marulhos de um corrego, parecendo bebida por elle. Demora a alguma distancia de Friburgo, a florifera e tambem a imbrifera. Representa a tradição de antigo districto de ouro, onde foi notavelissimo salteador celebre o Mão de Luva, Mandrino americano do seculo XVIII.

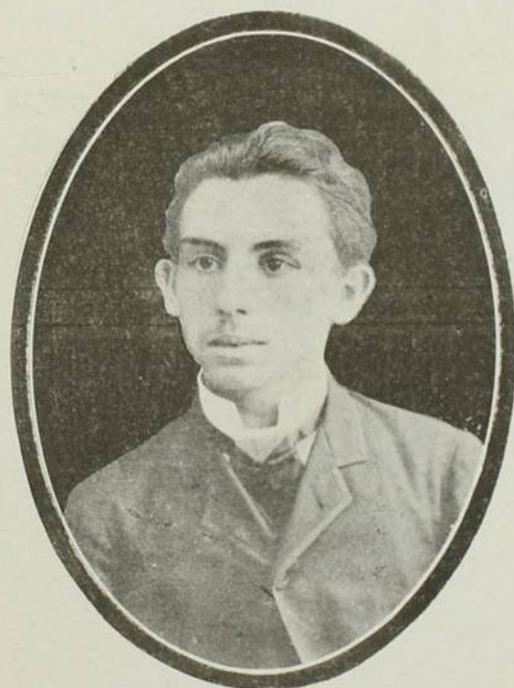
Esbarrando no horisonte, fechada pelo morro da Batalha, a cidade de Cantagallo é historica. Pelas casas vetustas parece suar o tempo.



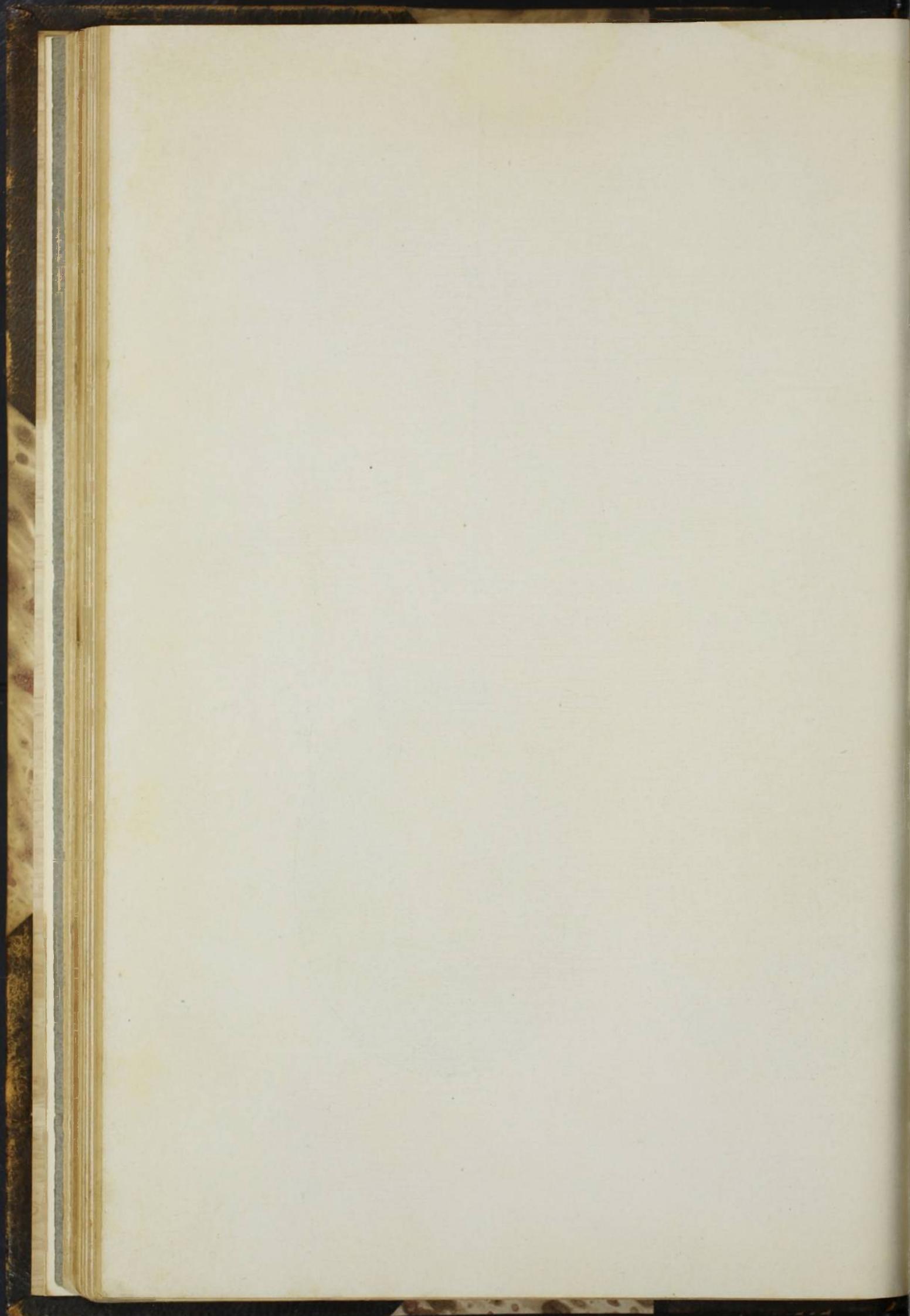
Euclides aos 10 annos



Euclides official do Exercito



Euclides aos 20 annos



Em ponto obscuro do municipio presidido por Cantagallo, Santa Rita do Rio Negro, a 20 de Janeiro de 1866, nasceu um menino. Chamaram-no Euclides. Os pais ou os parentes escolhem os nomes, a gloria accita-os ou transforma-os. Sem a Igreja, a gloria tambem chrisma.

O menino proviera do consorsio de Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha e sua mulher D. Eudoxia, par modesto, ao qual o berço do infante de 1866 daria, mais tarde, reflexos de fama.

O par recebia um genito quando outros muitos casaes perdiam filhos, na guerra do Paraguay, em 1866.

Sem ser psychologo á força, registemos a coincidencia. Euclides, ardente e pelejador, nasce em época de alarmas e de oratorias belligeras.

Em 1866 ia alta a campanha do Paraguay. Tres nações sul-americanas, um imperio e duas republicas, um imperio mais democratico do que todas as republicas do continente, haviam sahido á batalha, provocados por outra nação sul-americana, entigrecida pelo ditador Lopez.,

Bate que bate, em desoppressão ou em desanimosas victorias e os revezes succediam-se, ora para uns, ora para outros. As balas tanto afogueavam os uniformes como, atravessando corações maternos, despedaçavam exercitos.

Mil oitocentos e sessenta e seis assignala a passagem do Paraná no Passo da Patria, a pugna do Estero Bellico, a tomada de Curuzú, o desastre de Curupaity, o commando de Caxias, em moço, em ancião, sempre o general mimoso da fortuna.

A infancia de Euclides escoou-se sem luz, como quasi todas as infancias. Tal periodo, mesmo na virilidade, parece claro-escuro. Encolhidas nos cantos da memoria, as lembranças infantis escondem-se diante da evocação, brincando o tempo-será da saudade.

Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha, o pai de Euclides, homem de certo cultivo, posto em fazer do filho alguém, era lido, escrevera outr'ora, tratando amores com a poesia.

Em carta, datada de Lorena, a 22 de Setembro de 1903, Euclides dizia-lhe, annunciando o proximo ingresso na Academia de Letras: «No meu discurso de posse hei de recitar alguns versos de um velho poeta M. R. P. C.—que acompanham as primeiras edições das «Espumas Fluctuantes».

O discurso de recepção foi proferido, impresso nos «Contrastes e Confrontos», mas n'elle não se acham os versos promettidos.

Supprindo a deficiencia, vamos buscal-os, na segunda edição das «Espumas Fluctuantes», ao lado da conhecida nenia a Castro Alves, da lavra de José Bonifacio, o moço, intitulada—«A' margem da corrente».

A' moda do tempo, amigo de titulos longos e não raro sesquipedaes, os versos de Pimenta da Cunha chamam-se—A' morte de Castro Alves, esperançosissimo poeta brasileiro fallecido em Julho de 1871, no verdor da idade».

Assim começam:

«A' sombra do cypreste elle repousa!

E a brisa que perpassa em torno á lousa

Murmura o nome seu!...  
Poeta—despertou cantando amores,  
Criança—ao vicejar da vida as flores  
Sorrindo adormeceu!

Depois de mais vinte e quatro versos o poeta termina deste modo:

« Oh! deixal-o na paz dessa ventura!  
Elle que foi do berço á sepultura  
Todo cercado de luz!  
Se a patria nelle via o seu thesouro,  
Na gloria o nome seu, em lettras d'ouro  
Já bem perto reluz!

Na citada carta de Lorena, Euclýdes escreveu o seguinte trecho suggestivo: « Não tenho vaidades: tudo isso me revela a bôa linha recta que o senhor me ensinou desde pequeno. Hei de continuar nella. »

Approxime-se este passo dos versos do final da segunda edição das « Espumas Fluctuantes ». Desenham o perfil do pai de Euclýdes: uma pouca de ideal, outra pouca de dever, cousas que se argamassam perfeitamente.

Viver no passado, na côrte das princezas, de olhos translucidos de lago e donaires de garça, viver na nevoaça do sonho, não impede de ser honesto, pratico e amigo.

Nos sêres normaes ha horas de idealismo intenso como de prosaismo completo. A saude d'alma é mantida pela diversidade de sensações regulares.

Euclýdes permaneceu no torrão natal até 1870, anno fatidico no qual a Allemanha despenhou-se sobre a França, em formiga carregadeira da guerra, cortando cerce e levando para casa a Alsacia e a Lorena.

Sahio Euclides do berço natal aos treze annos de idade. Foi transferido para Therezopolis, outra cidade provinciana, encravada n'uma paizagem asselvajadamente epica, sitio de ares prestadios, de aguas sapidissimas, de céos ora de um azul integro e perfeito, ora entupidos de neblinas.

Em Março de 1903, Lucio de Mendonça escreveu a Euclides, datando a carta de Therezopolis. Lê-se na resposta: «Além disto ella ( a missiva ) vem de uma terra sagrada para mim, essa alpestre Therezopolis, onde passei os meus mais verdes annos e me creei, de sorte que a adovel villa fórma o scenario mais longinquo das minhas recordações e das minhas saudades. E' natural que d'ahi só me venham emoções superiores...»

Testemunho claro, commovido, inconcusso. Não se póde pedir mais á saudade a grande muda que tanto nos desata a lingua.

« Uma terra sagrada para mim... »

Cinco palavras lapidadas na sinceridade, facetadas na reminiscencia.

Depois passou Euclides para S. Fidelis, outra cidade da provincia natal, bem diversa de Cantagallo e de Therezopolis, situada á margem do Parahyba, o grande molhador do Estado do Rio.

Cidade fluvial, cheia de tradições, posta sob o patrocinio celeste de S. Fidelis de Simaringa pelos missionarios capuchinhos.

Ostenta igreja magestosa e cruciforme, cópia de São Pedro de Roma, e servio do nucleo de christianização dos coroados.

Euclides permaneceu em S. Fidelis até 1875. Ahi aprendeu primeiras lettras com o professor Caldeira.

O progenitor de Euclides teve necessidade de vir para o Rio. Trouxe comsigo o filho. Matriculou-o no Collegio Menezes Vieira.

Foi o primeiro embate com a existencia e a sociedade, representadas pelo meio collegial e pelos condiscipulos apresentando, em ponto pequeno, as qualidades, as excellencias, os defeitos, os vicios do mundo exterior e de suas personagens.

Eis o momento psychologico em que o pai do heróe de romance, cujo thema é a vida collegial, o «Athe-neu» de Pompeia, segredou ao filho na porta do internato, logo nas primeiras linhas do livro: «Vais encontrar o mundo. Coragem para a luta».

Nosso meio pedagogico é restricto. Raras foram e são as suas grandes figuras representativas. Entretanto, o magisterio deveria ser profissão de primeira ordem. Apodera-se do homem. Enfaixa-lhe o pensamento desde o aprender das lettras alphabeticas, que, soltas, nada exprimem, mas combinadas exhalam o que de mais bello e perfumoso exhala, odoratissima, toda a idéa.

Menezes Vieira, a par do Barão de Macahubas, do Conselheiro Victorio e do Dr. João Pedro de Aquino, foi dos poucos vultos directores da pedagogia carioca e brasileira.

O collegio Menezes Vieira, na rua dos Invalidos, perto do edificio da Policia Central, ainda lá se acha, mais ou menos como no tempo de Euclides.

E' predio pesadão, sujo de tinta velha, batido de sol, de architectura pé de boi, cheio de janellas, hoje meta-

morphoseado em casa de commodos, quer dizer, de miserias entigelladas.

Ahi estreou Euclides da Cunha n'esta cidade.

Fôra até então provinciano, de convivios sociaes restrictos, pendorado ao acanhamento.

O morto apodrece, o moço cresce, adverte velho proverbio de nossa lingua, tão enfeitada de adagios e florecente de sentenças populares.

Euclides cresceu dentro do collegio Menezes Vieira, em seguida alumno do Anglo-Brasileiro.

Estava na adolescencia. N'ella não é de praxe, antes constitue excepção, odiosa ou antipathica, ser malavinhado ou mal contentadiço.

Mal barbado era quando do Anglo-Brasileiro foi para o Aquino, estabelecimento famoso, durante decennios.

Aquino foi o santo da pedagogia brasileira. Educou gratuitamente alumnos sem conta. Meigo até a lagrima, puro e generoso, severo como os justos, grave sem ridiculo, sempre todo de preto, o charuto a fumegar entre os labios, de onde se desprendia a mais socegada das vozes, o Dr. João Pedro de Aquino conheceu a fundo as pobrezas envergonhadas do Rio.

N'elle muito rico tem accordado pobre e muito pobre se tem deitado rico.

Na chronica da cidade encontra applicação aquelle suggestivo trecho de Garcia de Rezende, pintando o reinado de D. João II: « e os narizes criados em tantos cheiros, tanto ambar e almiscar, tantas pastilhas, caçoilas e pivetes, e tantas aguas cheirosas, estovagues, beijoins, e outros muitos perfumes, foram acabar no cheiro das sujas redes das espinhas e escamas da canôa de um pescador.»

Acolhido pelo Dr. João Pedro de Aquino, em 1883, Euclides estudou preparatorios, no curso mantido por aquelle educador na chacara da Floresta, historica e situada na rua da Ajuda.

Ahi, entre outros professores de nota, leccionava Benjamin Constant. N'aquelle tempo não delineava republicas, nem mudava o futuro, construia polygonos, resolvia incognitas algebricas.

Em tal nucleo de estudo e tambem de vadios, pois os ha em toda parte, ciosos de observarem, hora por hora, o repouso do setimo dia biblico, Euclides, guiado por Benjamin na mathematica e por Theophilo das Neves Leão na historia, estreou no jornalismo. Participou da redacção do «Democrata», orgão de proporções muito reduzidas como a penuria dos fundadores e dos assignantes.

Ao lado de Manoel Francísco de Azevedo Junior, Nathan Servio Ferreira, Reynaldo Jayme Maia, Custodio Ennes Belchior, Ramiro Carvalho Guimarães, Virgilio Las Casas dos Santos e Eurico Jacy Monteiro, uns já fallecidos, outros medicos e engenheiros, Euclides da Cunha disse os primeiros versos nas columnas do «Democrata».

Beirava os dezoito annos, incerto ainda no rumo a seguir na vida. Tomou-o, matriculando-se na Escola Militar da Praia Vermelha, a 26 de Fevereiro de 1886, soldado raso da 2ª companhia.

Sentava praça em momento psychologico para o exercito e, em geral, para as forças militares do paiz. Desde a guerra do Paraguay a indisciplina fermentava. Os grandes chefes, Osorio a batalha feita homem; Porto Alegre, a dama feita guerreiro; Caxias, a felicidade feita general, tinham sido attingidos pela compulsoria da metro.

A obediencia, o respeito ás instituições do paiz, ao throno que era, como se vio depois, o endossante da sua lettra de progresso nos descontos da civilisação, tudo ainda andap vaor simples movimento adquirido.

Fallava-se claramente em movimentos contrarios á ordem. Era impossivel um «quos ego»... de salvação nas aguas sociaes revoltas. Inclina-se a hierarchia. Discutiam-se philosophias sobre a tarimba. Um céo de ferro, surdo ás rogativas do bom senso, não respondia á voz prophetica do Barão de Cotegipe, annunciando ao Senado brasileiro a coma constitucional da monarchia. Havia muito fio a tecer e poucos operarios politicos para a tarefa. A improporção entre o mando e a obediencia era nociva.

A lei 13 de Maio, feita sem prudencia, puzera a languir as classes conservadoras.

O altar e o clero, desgostosos com o josephismo do Estado, conservavam-se silenciosos e retrahidos, exercito e armada, espicaçados não raro por muita falta de tacto, grupavam-se no protesto e na má vontade.

Euclides viveu na hora falidica, na qual opposição e governo caminhavam, em sentido opposto, sobre simples prancha, sem guardas ao abysmo. Alguem havia de rolar...

Nevrotico, escaldado, comburente, Euclides na Praia Vermelha, em 1888, por temperamento e por ambiencia, despropositaria, ou, proximos um do outro, o fogo não seria fogo e a estopa não seria estopa.

Despropositou, desfeitoando publicamente a primeira autoridade do exercito, o ministrô da Guerra, o Conselheiro Thomaz Côelho. Teve de sahir da carreira militar.

Atirando aos pés do ministro a arma de infante, na formatura, acompanhou o gesto anti-Conde de Lippe com palavras violentas. Melhor do que quaesquer outras, pintam a época e a confusão reinante.

A sua demissão do exercito foi acto executado com paternidades infensas ao regimen militar, cuja disciplina não comporta o robe de chambre.

A sorte, em má hora, sugara Euclides para o batalhão, onde um grito regulamentar, traduzido por cornetas, move ou enrija centenas de braços, põe em movimento ou estaca centenas de pernas.

Euclides desrespeitou o chefe supremo como havia de desdenhar de quantos superiores fosse achando inferiores ao seu ideal de rectidão turbulenta.

Em diario intimo, de poucas paginas, datado da Escola Militar da Praia Vermelha, em Agosto de 1888 define-se Euclides n'estas suggestivas linhas :

« Dominar-me ! Este trabalho de Hercules que a minha consciencia a todo o instante impõe-me, constitue aqui—às vezes—o meu unico esforço durante dias seguidos ; é uma lucta cruel que sempre reflecte em meus estudos uma perturbação bastante sensivel !... Feliz de mim se conseguir accumular no cerebro força bastante para equilibrar a do coração—pois que para mim dominar a violencia é mais difficil e mais perigoso que subjugar um touro—depois de uma dessas luctas a par de uma especie de dolorosa prostração moral—sobrevem um como que canso material—e supponho que para me dominar ponho em jôgo não só as energias ideaes de minh'alma, como tambem a fortaleza de meus musculos. »

Diante do ministro da Guerra, Euclides não se dominou, não «subjugou o touro»...

Sahindo do exercito, matriculou-se na Escola Polytechnica, em 1889. A 15 de Novembro do citado anno, o Brasil despio «os europeis da realeza», na phrase do Snr. Antonio Prado, envergou a blusa democratica. O symbolico e velho caboclo passou de monarchista unitario a democrata federalista. «Il en a vu bien d'autres»...

Alferes alumno, pelo movimento militar triumphante, Euclides foi readmittido no exercito.

Era 1º tenente por occasião da revolta naval de 6 de Setembro de 1894. Combateu-a na linha de fogo; combateu-a publicando vibrantissima carta de protesto, um dos mais bellos actos de sua vida, contra o satanico projecto de asphixiar a cal os presos da Correccão. Bemdito dia de indignações e de repulsas. N'ella não «subjugou o touro» e, todo fogo, salvou a honra do paiz, cinzado de terror.

Em 1895 tornou a sahir da tropa, d'esta vez para sempre.

Era pobre, casado e pai.

Começou a amassar necessidades, de ganha pão em ganha pão.

la seguir-se o avatar de profissões, condizente com a trepidação de alma.

Como se fôra de salvação, agarrou-se á taboa de Callet. O destino tornou-o successivamente jornalista, engenheiro, demarcador de fronteiras amazonicas, burocrata livre da Secretaria do Exterior, litterato, por fim pedagogo.

Servio-se da penna e do theodolitho. Determinou coordenadas e vedou horizontes de pensamento. Mathematizou, escreveu, habitou brenhas, construiu pontes.

Desempenhou, suando, a tarefa tão séria de ganhar a vida.

Foi transformista de profissões no espectáculo dos destinos. Desde moço, entrara para a fileira, fadado a não permanecer n'ella. Era fóra da fórmula no exercito humano. A natureza talhara-o á sua imagem, mysteriosa, voluvel, indisciplinada.

De Euclýdes, do tempo de alumno da Escola Militar, resta fragmento de diario intimo, onde ha trechos caracteristicos.

« Não amanheci bom; amolei-me cedo com um collega—que tem a propriedade de irritar sempre o meu genio máo e irascivel; levantei-me até disposto (valha a verdade) a expandir o meu máo humor n'uma tourada, dominei-me, porém, e bem foi que isso se dêsse para que nesta dolorosa comedia eu não começasse representando o triste papel de capadocio.»

Desempenhando «esse trabalho de Hercules—dominar-se!—balouçado de penurias, avido talvez de solidade fecunda, Euclýdes labutou para viver, de 1896 a 1908, no accesso da febre sem remissão do ideal, cuja apyrexia unica os eleitos só encontram nos frios da sepultura.

Desde esse tempo, uma cousa jámais n'elle arrefeceu, o amor da Patria. Como tivemos occasião de frizar em conferencia ante um publico de Lisboa, sob o nome de «nativismo provisorio», desejava que se «engendrassem medidas para nos salvaguardar ou amparar na pressão formidavel imposta pelo convivio necessario, civilizador e util dos demais paizes ou pelo menos evitar as que de qualqner modo facilitassem, estimulassem ou abrissem a

mais estreita frincha á intervenção triumphante dos estrangeiros na esphera superior dos destinos do Brasil».

Official, conforme dissemos, revoltou-se contra a revolta da armada, em 6 de Setembro de 1893. A carta protesto, á «Gazeta de Noticias», aventada a idéa de asphyxiar, a cal, os presos politicos da Casa de Correção, é grito raro de humanidade e de civismo n'uma terra onde a firmeza de principios, a resistencia aos desmandos do governo são casos esporadicos, tidos por dignos de lastima quando não de satyra.

Jornalista, Euclides observou a campanha de Canudos e condemnou-lhe, alto e triste som, as covardias, as degollas do vencido, o estupro das vencidas, todos os collararios das victorias barbaras, tigrinas, mosqueadas de sangue.

Outro grito tempestuoso de alma coriscante, digno de quem deixara as passividades da disciplina, com o santo da indignação e a senha do allivio.

Em 1902 publicou a primeira edição dos «Sertões». O livro entrou a ter procura fulminante. Correu o paiz, em centenas de exemplares.

Nos fins de 1903, transpoz as portas do Instituto Historico; tres annos depois as da Academia de Letras, indo aquecer a cadeira academica esfriada pela morte de Valentim Magalhães.

Novos livros succederam-se aos «Sertões»—«Contrastes e Confortos», «Perú verus Bolivia»...

A vida de Euclides continuava a rodomoinhar. Em 1905, encontra-se em Manáos, á espera de seguir para o Alto Purús.

« A minha frota, confessava a Alberto Rangel, duas lanchas, (uma ainda problematica), um batelão e seis canôas—fluctua triumphantemente no extremo do igarapé de S. Raymundo—e teve hontem (19 de Março de 1905) o baptismo de uma tempestade.

Nunca imaginei que este rio morto escendesse traioeiramente, ondas tão desabridas. Uma rajada viva de Sudoeste imprime-lhe as crispações ensofregadas de um mar—e que mar!—um mar entre barrancos em que as vagas desencadeadas se desatem em convulsões de torrentes. Felizmente resistiram galardamente os meus «navios». E' que dentro delles está a «fortuna de Cesar». Realmente creio tanto no meu destino de bandeirante, que levo esta carta de prego para o desconhecido com o coração ligeiro. Tenho a crença largamente metaphysica de que a nossa vida é sempre garantida por um ideal, uma aspiração superior a realizar-se. E eu tenho tanto que escrever ainda»...

Só escreveria durante um quatriennio, até 1909, anno em que Rio Branco, o incumbio de aturados trabalhos no ministerio do Exterior.

Na constancia da meditação ou do estudo, o barão dormia pouco, quasi ás horas em que os outros deixam a cama. De somnos invertidos, cuidava que sempre era dia. Decifrava mappas pela madrugada, ou, á mesma hora, pedia aos amigos, pelo telephone, da dos e esclarecimentos.

Mais ou menos, tudo isso se sabe. Ha, porém, até agora trecho inedito na biographia de Euclides. Trata-se d'elle no Collegio de Pedro II. Nas cathedras do famoso instituto secundario, lidima gloria do segundo reinado,

sentaram-se Gonçalves Dias, Araguaya, Joaquim Manoel de Macedo, Rio Branco, Tautphæus, Salvador de Mendonça. Quantas luzes representam taes nomes na brilhante illumination intellectual da America.

Citamos apenas mortos. A vaidade defunta, o ninho de maribondos vasio são inocuos.

Antes da Lei organica do ensino, no curso do bacharelado de sciencias e letras, o Collegio de Pedro II possuia a cadeira de Logica. Não se comprehendia bem a cousa. Por que logica e não philosophia? O anatomista poderá ensinar anatomia geral indicando a do corpo da cintura para baixo?

Até certo tempo, nas duas secções do estabelecimento, externato e internato, a disciplina foi tratada apenas por Sylvio Romero, que, bipartida a cadeira pelo Congresso Nacional, se conservou no internato.

No externato ficou Vicente de Souza, transferido da latinidade para a philosophia, materia da qual out'ora fizera concurso. Falleceu, em Setembro de 1908, chorado por admiravel e exemplar paixão conjugal, enclausurada para sempre na dôr, renunciando a tudo para só pensar n'elle.

Abrio-se a lucta para a vaga. Euclides inscreveu-se. Arriscou-se aos trabalhos, ás injustiças, aos despeitos, azares e decepções. Nutria desejo forte, arriar tendas em carreira de vencimento fixo.

Nomade a contra gosto, alma andante na necessidade, embora nervoso, embora violento, embora irriquiето, Euclides, com a idade, fatalmente entraria na lassidão de designios. Viagens continuas, sem pouso certo, alque-

bram. Fallava um mez aqui, escrevia n'outro acolá, longe dos filhos, demarcando limites, levantando pontes, architectando livros, riscando artigos em barracas, na orla selvagina dos bosques, á margem das paludes amazonicas, á beira dos igarapés sombrios, lentos e fundos como a tristeza.

A felicidade e a calma são indispensaveis ao escriptor. Com ellas a inspiração póde minerar fartamente nos veios da idéa, a penna explorar os filões da lingua.

A primeira ancora a lançar no reboiço dos destinos era o cargo de lente do Pedro II, nesse tempo ainda Gymnasio Nacional, rotulo transparente de ingratição intolerante através do qual sempre se leu o nome augusto do fundador e padroeiro.

Cheio de bôa cultura geral, talento em progresso, Euclýdes jámais se especializara em philosaphia. Como todos os jovens militares de sua geração, trouxera Comte na patrona, sem se enfeudar ás doutrinas d'elle.

As sciencias, as lettras e as artes são as aristocracias do universo. N'ellas só o engenhô doura brazões. O esforço no proprio individuo crea o antepassado, quasi sempre sem descendencia ou com progenie ridicula.

Euclýdes alistou-se na aristocracia democratica das sciencias e das lettras.

A 17 de Maio de 1909, com mais quinze concorrentes, entrou em prova escripta de concurso, realizada no salão de honra do Externato.

A sorte, que pretendem céga, sendo quiçá apenas caolha, designou para dissertação—Erro e Verdade, ponto numero tres. O proprio Jesus, declarando vir ao mundo

para dar testemunho da verdade, mereceu de Poncio Pilatos a pergunta até hoje sem resposta: «Que é a verdade?»

O certamen de logica despertou interesse. Causa excepcional, as provas oraes de Euclides foram tachygraphadas e as escriptas do concurso, cremos que por cuidado do sr. Felix Pacheco, figuraram nas columnas editoriaes da edição matutina do «Jornal do Commercio».

A 25 de Maio de 1909, a quarta turma, composta dos Srs. Vidal de Almeida, Graciano das Neves e de Euclides, dissertou sobre a «Idéa do Ser», na prova oral, pedagogica por excellencia, onde se evidenciam a fluencia, o tirocinio ou a gosma do professor.

Lendo prova escripta, a 29 de Maio, com os mesmos companheiros, soffreu a prova de arguição. A 7 de Junho julgou-se o concurso. Entre os candidatos habilitados por maioria de votos, figurou Euclides.

Após varios e renhidos escrutinios, a lista para ser apresentada ao governo ficou organizada. Constou dos nomes do Sr. Farias Brito e de Euclides, este em segundo lugar.

Adoecendo e morrendo o presidente da Republica, Dr. Affonso Penna, coube ao substituto Dr. Nilo Peçanha, de accordo como Ministro do Interior, Dr. Esmeraldino Bandeira, escolher Euclides para lente de Logica do Externato.

Regiamos a cadeira pela segunda vez, quando na quarta-feira, 21 de Julho de 1909, Euclides apresentou-se para occupal-a, dando a primeira aula na sala do 5º anno, gabinete de physica e chimica.

Era aposento amplo, forrado de ladrilho até meia altura da parede, algumas janellas trepadas no cimo do muro, parecendo bisbilhotarem a rua da Prainha. Seis portas davam para o centro menor dos dois pateos internos do collegio. Na sala figuravam varios armarios grandes, com apparatus de physica e substancias chemicas, o retrato do Dr. Nerval de Gouvêa e os retratinhos de varias turmas d'esse professor.

Minguado de luz, mesmo com o sol, o gabinete era tristonho e de breu nos dias nublados; de céu plumbeo e baixo, escuro nos de chuva, quando os aguaceiros cantavam alto na terra secca do pateo, com plantas mofinas entregues ao trato gratuito do jardineiro—natureza.

No centro da sala, entre a segunda e a terceira porta, vindo do pateo central, havia um estrado e uma cadeira de braços em frente a uma das mezas de experiencias do laboratorio, forrada na parte superior de ladrilho branco.

Nesta sala, apresentamos Euclides aos discipulos do 6º anno, até então nossos,

Agradeceu-nos, pedio-nos para assistir á lição inaugural, na quarta-feira 21 de Julho de 1909. Fallou toda a hora, pausado, baixo, naturalmente como professor novo, ainda hesitante na presença do assumpto e dos alumnos, mas sem aquelle famoso carço alojado no fructo de tanta dicção magistral.

Tinha de dar, pelo horario, tres aulas por semana, ás segundas, quartas e sextas, das onze ao meio-dia. Deu dez aulas, de 21 de Julho a 13 de Agosto, sexta-feira que foi a ultima.

A 15 de Agosto, por domingo de chuva, humidade, lama e vento, os jornaes derramaram pelo Rio noticia tragica, pungente e fulminante, a do assassinato de Euclides no suburbio.

A morte inesperada, vista em relampago de pavor, abrio como que um boqueirão em escondida existencia domestica.

Soffregas, sacrilegas, as curiosidades penetraram por elle, todas as curiosidades individuaes e publicas, malsãs, hyenescamenfe no encalço da carniça de escandalos enterrados.

Convencido de ultraje á honra, Euclides da Cunha deixou Copacabana, onde residia, e partio, de manhã, rumo do suburbio, para presenciar ou talvez vingar o ultraje. Que se passou na noite de vigilia antecessora da grande catastrophe? Que occorreu no trajecto do lar á morte? Ninguem soube, ninguem sabe, não o saberá ninguem. Certos segredos não descerram a bocca das campas, nem os labios do silencio eterno.

Para vos communicar impressão real e proba do ultimo trajecto de Euclides, acabamos de fazel-o tambem, ha dias, de modo a poder-vos dizer com exactidão e honestidade: se vos commoverdes, antes de vós já nos commovemos.

A' moda de Euclides, tomamos o trem na estação «terminus» da Central do Brasil. A locomotiva arrastou-nos pelos suburbios, segunda cidade da nossa cidade, de estações tão diversas, cada qual com o aspecto tão differente, typos, usos, costumes oppostos.

S. Christovão é uma cousa; o Riachuelo outra; o Sampaio não é de todo Quintino; Cascadura não se compara, em nada, ao Rio das Pedras.

Na manhã de 15 de Agosto de 1909, provavelmente sem haver dormido, que só se consente somno tranquillo a palpebras felizes, Euclides sahio de Copacabana onde residia, e dirigio-se para o suburbio. Saltou na Piedade, estação movimentada, nome suggestivo, lacrimoso e romantico, defronte da qual se agglomeram, de um lado e outro da estrada, os estabelecimentos da localidade, de taboletas originaes. Ora é a «Bota de Segurança», a tranquilizadora de pés, ou a rival a «Sapataria do Lobo», ferozmente commercial. Aqui se acha «A Gloria das Damas», onde se encontram as flores, as pennas, as sedas, com que enfeitar para a vida; alli «A Violeta», casa de armador funebre, onde se vão buscar as flores e as corôas para adornar a morte.

Defronte da estação ha uma rua, a da Piedade, em baixada, pendendo para a estrada de Santa Cruz, sem calçamento, feia, de buracos, negra de pó, plena de casas sobre a grade de páo de uma das quaes se desenrola, de uma trepadeira, extensa cortina roxa.

Aflue para a Estrada Real de Santa Cruz, via publica extensissima que marjeia enorme parte do suburbio. Deixandò a rua da Piedade, segue-se a estrada, e com cinco minutos de marcha calma, se attinge a casa onde tombou Euclides da Cunha, que a ella chegou em passo de colera.

E' casa de um só pavimento, acanhada, dividida em dous, frentesinha modesta, duas janellas de veneziana, um portãosito baixo, ornada de compoteiras, com jardim de alguns palmos na parte anterior, na qual verdeja mamoeiro como que pastoreando o resto das plantas rasteiras.

De um lado, o direito, a casa descança sobre o muro do predio visinho; do outro, o esquerdo, é separada da outra residencia por muros de folhas de zinco. Dous degráosinhos de pedra dão entrada na casa, defronte da qual pontesinha gradeada e portatil de madeira se atira sobre riachote de agua turva a collear na estrada.

Do lado opposto da casa, sobre cuja fachada se lêm dous numeros em placa azui, 214, antigo, e 2.552, moderno, e em cujo alto se destaca o millesimo 1895, ha um renque de rotulas pintadas de vermelho, hoje deslavado, uma das quaes tem alpendre á moda de pouso roceiro, á margem da estrada.

Da porta da casa fatidica, situada entre as ruas Souza Silveira e Cattete, esta bem diversa da homonyma urbana, se avistam fundos de casas de outras ruas.

Roça, socego e matto. De vez em quando, o silencio é silvado por berros de locomotiva ou pelo som do sino da igreja do Divino Salvador, da qual só se avist<sup>a</sup> a torre sobre a verdura.

Na manhã em que o visitamos, o lugar e a casa estavam em perfeita concordancia de paz e de retiro. Era sabbado. Na estrada passavam pobres esmolando, peixeiros mercadejando em guinchos cadenciados e finos, carros rusticos puxados por bois tardos, virgilianos e athleticos de membros e de calma, ruminando e andando, pontas de capim sahindo da bocca da qual escorria fio de baba, argentea e digestiva.

N'uma manhã destas, Euclides cahio alli. Por tarde tristonha de Agosto, deram-lhe entrada no cemiterio de S. João Baptista, tarde rispida de vento, gottejada de chu-

va, ao cahir da qual o sepultaram junto á grade da frente da necropole, á luz do archote.

Dito o «requiem» das camadas de terra, desvanecido o estupor, calados os que cuidam apenas em fazer numero no mundo, voluveis, esturdios ou indifferentes, foi possivel emprender obra reflectida.

Os girovagos das indiscrições andavam, longe, á cata de outras novidades, enquanto o pensador ia separando juizo da fula das opiniões.

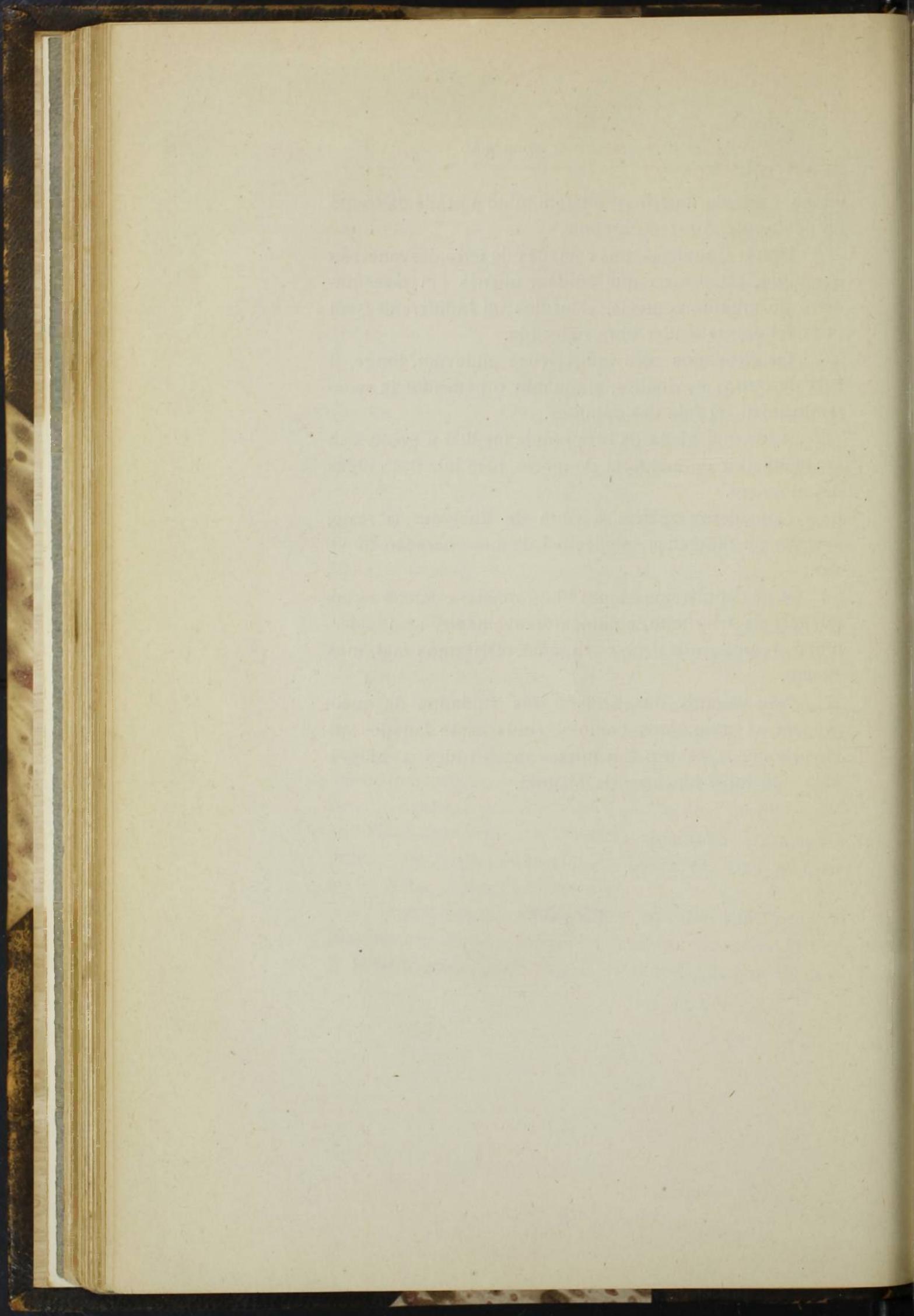
Addicto á gleba da idéa poude meditar a gosto sem ser insidiador da memoria do morto, nem juiz das culpas de ninguem.

Considerou apenas a obra de Euclides, o resto, excesso ou differença intellectual da sua operação de viver.

A nós coube-nos apenas biographal-o e temos a consciencia de tel-o feito, commemorativamente, sem cair, pintar, retocar, disfarçar e enganar. Dissemos mal, mas exacto.

Não usamos dos ardis e dos cuidados de quem prepara os assumptos como se resussitasse fanados mimos de côr e de tez. Em nossas mãos rudes a biographia não foi o toucador da historia.

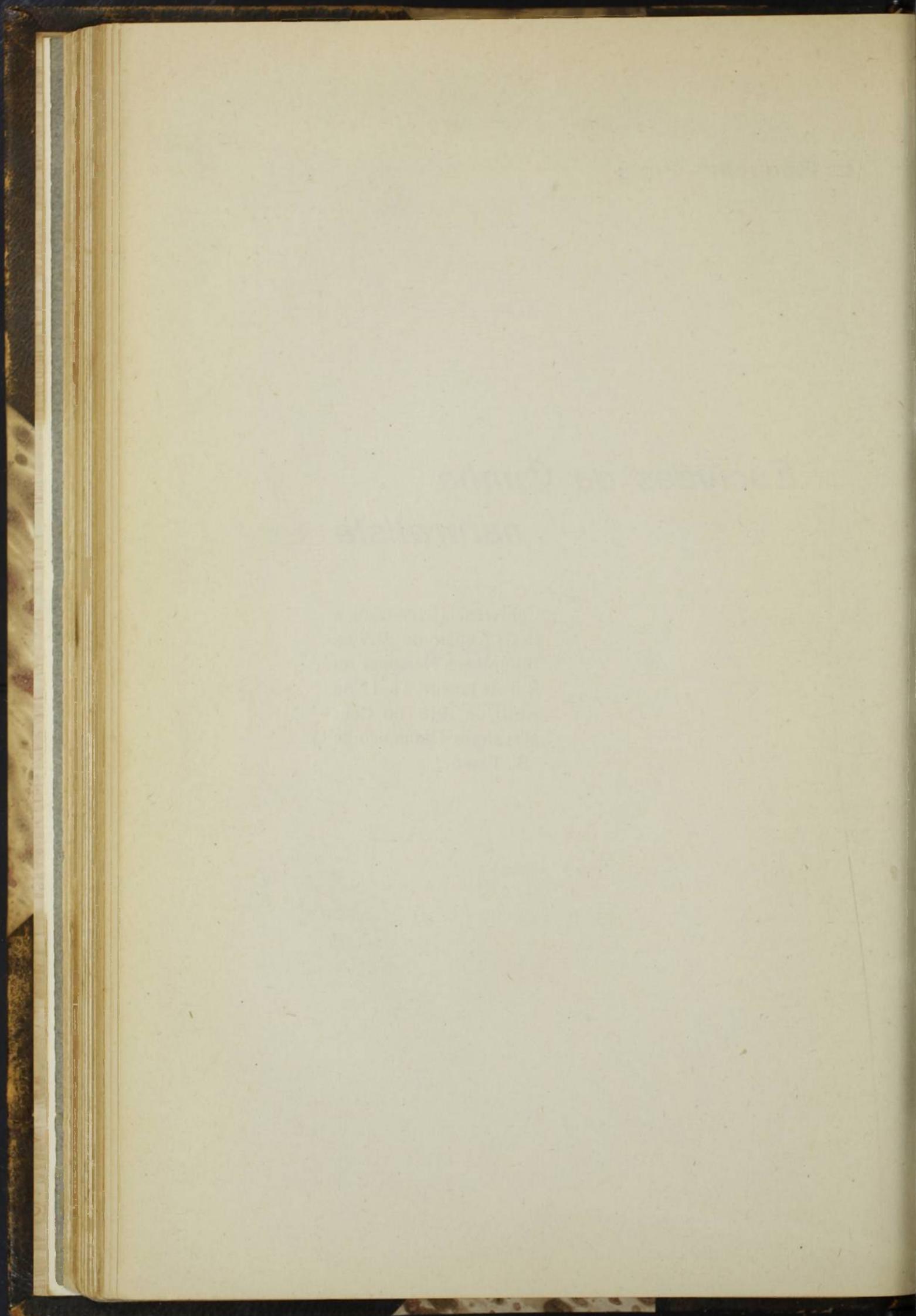


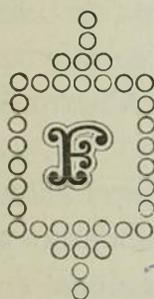
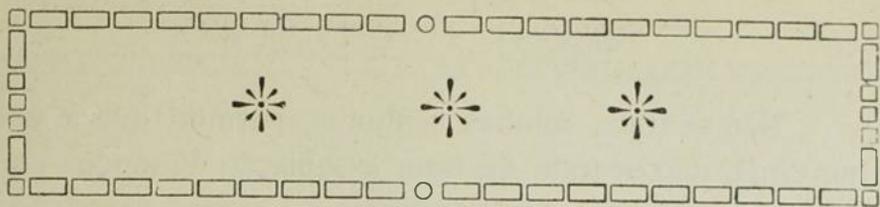


E. Roquette—Pinto

*Euclides da Cunha*  
*naturalista*

Conferencia realizada a  
15 de Agosto de 1917 na  
Bibliotheca Nacional do  
Rio de Janeiro e a 11 de  
Abril de 1918 no Con-  
servatorio Dramatico de  
S. Paulo.





Foi na terra de S. Paulo, minhas senhoras  
e meus senhores, que Euclides da Cunha  
nasceu para a arte e para a gloria.

Pouco importa que seus olhos tenham visto primeiro  
a luz de outros lugares; suas azas, elle as viu crescer en-  
tre vós. Aqui surgiram, do profissional da engenharia, o  
poeta, o historiador, o cientista.

Não vos admireis portanto, si o Gremio Euclides  
da Cunha bate hoje á vossa porta, para recolher uma con-  
tribuição que a vossa cultura, vosso abençoado nativismo,  
vossa gratidão civica, de certo já destinavam ao monu-  
mento que será consagrado ao Xenophonte dos «Sertões».

*acompanhemo-lo*

Não se trata, minhas senhoras, permitti que a vós me dirija, não se trata de uma associação de moços embriagados de rimas, corações mais ou menos enredados nos fios subtis e macios que o amor espalha no ambiente, para distracção ou alegria dos jovens. Não é academia em que se passa o tempo a remoer cousas de arte ou de litteratura. Não...

Congregaram-se, alli, homens que estão sacrificando alguns dos melhores dias de sua mocidade, por um ideal sem jaça. Uns, ainda estudantes; outros, já separados pelo diploma, da vida universitaria, já collocados entre as garras das necessidades da existencia, todos, minhas senhoras, n'uma idade e n'uma época em que só a corrida ao ganho se leva em conta, todos se fizeram cavalleiros andantes da justiça, para prestar, á memoria de Euclides, a assistencia do seu «protesto» e o culto da sua «adoração», nos amplos limites da divisa que Alberto Rangel traçou para seu Gremio.

Eu vos agradeço em nome do Gremio Euclides da Cunha, que me honrou solicitando-me estudasse a obra naturalistica de seu epónimo; agradeço tambem em meu proprio nome a paciencia com que me ides ouvir.

A Vicente de Carvalho, o mais humano dos nossos lyricos de todos os tempos, devo dizer que esta noite, em que elle me faz tamanha homenagem, ha de brilhar na minha lembrança, como um dia de Sol, immerecido mas consolador.

\*  
\* \*

Presas das emoções que o *grande* e o *forte*, o *bello* e o *bom*, haviam conseguido suscitar em sua alma decrepita, depois que se ella renovou por um prestigio estranho, Fausto ergue, no seio da floresta, o grito de sua admiração :

— Espirito sublime! Fizeste-me rei da Natureza. Deste-me força para sentir-a e para gozal-a. Permittiste que eu lesse no seio profundo da Terra, como no peito de um amigo. Ensinastes-me a conhecer os meus irmãos que vivem nos bosques silenciosos, no ar e nas aguas. E quando a tempestade se desata, e ronca na floresta, rolando as arvores em fragoas, levas-me ao asylo das cavernas, e me collocas diante de mim mesmo... e as maravilhas secretas da minha propria consciencia se revelam...

Cada brasileiro que sabe lêr, ai! de nós, somos tão poucos ainda, poderia repetir aquella invocação que o Goethe põe nos labios do sabio remoçado, sempre que, finda a leitura, cerrasse certas paginas de Euclides. Não ha, nem houve, e nunca haverá quiçá, quem descreva a natureza do Brasil de maneira tão formidavel.

Se aponta as erosões phantasticas, realisadas pelos grandes rios; se descreve os aspectos phytographicos; se discute a tectonica de certas regiões; se menciona os typos da fauna; se narra a vida humana que transcorre nos

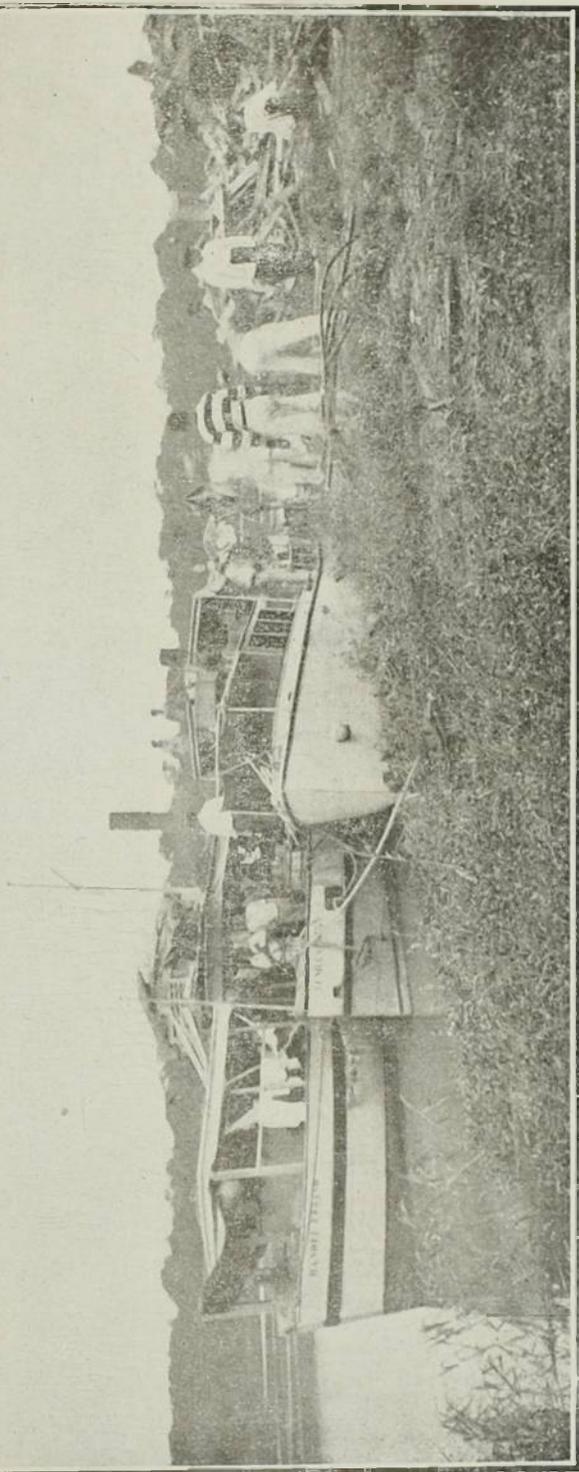
páramos por onde andou, a sua lingua é estuante, grandiloqua, solemne como a voz de um povo.

Na litteratura nacional, os «Sertões», o «Reconhecimento do Purús» e alguns capitulos da «A' Margem da Historia», não são maços de folhas de arte. Sonidos vibrantes são, recheiados de harmonicos, que lhes augmentam o timbre, ampliados pela vibração syntonica do meio social em que estalaram. Assim a faisca, gerada no céo, abala o écho das quebradas, e faz tremer a criação.

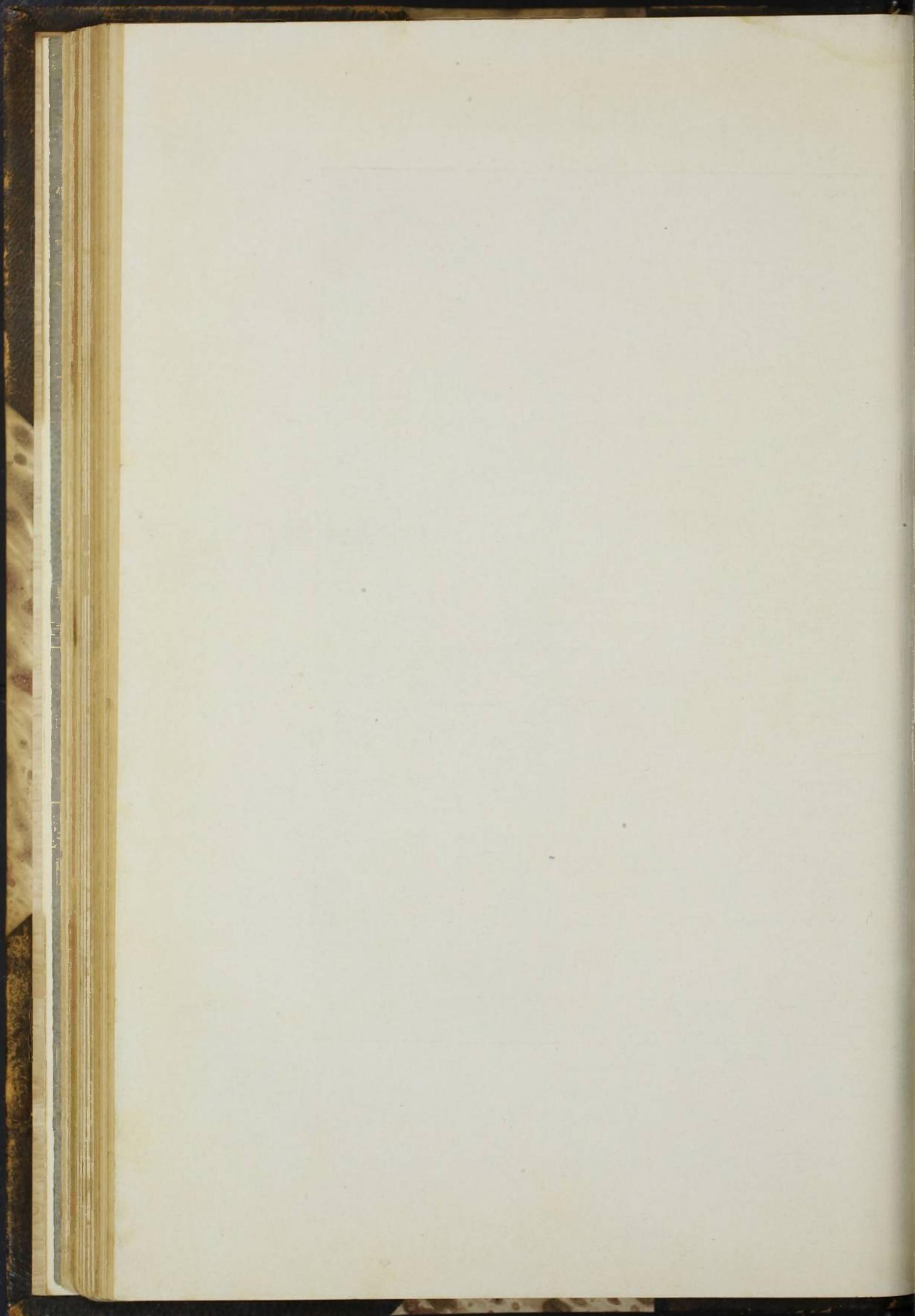
Para elle, a vida humana, nos recantos da terra brasileira que palmilhou, era pungente episodio de um quadro natural revoltado pelas condições da propria instabilidade. A feição definitiva do *meio* ainda não havia attingido, em seu conceito, a indispensavel precisão de linhas; elementos naturaes em lucta, não offereciam aos povoadores senão condições incertas, incapazes de garantir a vida sempre progressista e calma.

E foi por essa miseria, e foi por essa tristeza que Euclydes se apaixonou. Sentindo, como Heine, que é preciso transformar as nossas dores em cantigas; pensando, como o proverbio hebreu, que a melhor mentira ainda é a verdade, foi, a um só tempo, cientista e poeta. Em tudo quanto escreveu, frisou os pontos escuros, a sombra dos nossos quadros.

A lenda perniciosa de uma natureza paradisiaca, por demais tem influido no animo dos brasileiros; tem-lhes provocado o descuido no agir; tem-lhes entorpecido o caminhar consciente. Bellezas naturaes não correspondem sempre a vantajosos feitos; algumas são até prejudiciaes ao progresso material e pratico. Considerai o numero de lindas cachoeiras que, inaproveitaveis para fornecer ener-



Partida de Euclides da Cunha para o Alto-Puriús



gia electrica, funcionam apenas como obstaculos á livre navegação de certo rios...

Euclides pouco se embalou na rêde mentirosa, por exagero, que se tece no bastidor da nossa rutila phantasia. Bem que as tenho procurado conhecer, ao certo, essas fabulosas riquezas... São muitas, mas, quasi todas acham-se em estado potencial. Niuguem mais do que Euclides reuniu as provas deste asserto, quando as ajuntou paciente-mente, convencido de assim servir melhor ao seu destino. Admirando as multiplices maravilhas, traduzia o espanto que lhe causavam, e logo tambem ia dizendo sua real influencia sobre os destinos do povo que vive ao redor dellas.

Vêde Euclides na Amazonia.

O grande rio parecia-lhe muito differente da imagem que a fama lhe gerára na imaginação; concebia o quadro immenso, a moldura verdejante a contrastar o barroso tom do immenso alluvio. E não encontrou, senão a chata planura de um mar amarello, anonymo e impessoal.

Recordou-se então, pelo surto natural das imagens parallelas e diversas, do littoral do Sul, nas lattitudes em que nascera... e reconheceu que o grande rio, «estheticamente, é inferior a um sem numero de paragens».

A costa fluminense, de Cabo Frio á Munduba, desse ponto de vista, valia muito mais... O rio não o esmagou; Euclides o julgou monotono.

As paysagens amazonicas mostraram-se-lhe «de uma só côr» e de «um só modelo».

Accentua, então, a pathogenia geologica do grande cancro geographico, que é o rio destruidor da Amazonia,

na expressão de Hartt; apontando-o de novo poetisa com verdade o phenemeno erosivo, e diz que alli «a terra abandona o homem». Porém, dilatando a importancia de um facto real, Euclides, que vê no rio Amazonas as terras de um continente caminhando, chega a desconhecer o seu delta evidente, attestado, ainda melhor, pelos mondongos de Marajó, paúes a que, todavia, se refere.

A mesma impressão que alli, na Amazonia, tivera Bates, naturalista-philosopho, elle tambem recebeu: entra-se, lá, n'um retalho de mundo antigo, mergulhado na desordem da era primaria; tem-se uma «visão paleozoica» de florestas carboniferas, embora de especies vegetaes superiores, a cujo lado escorregam saurios caracteristicos, e onde pouco depois existirão as primeiras aves, ainda mal acabadas, na pressa com que a natureza as recompoz.

Então Euclides cita a *cigana*, que o proprio Bates já apontára como ave de typo em andamento, e Geoldi estudára minuciosamente.

A cigana *Opisthocomus cristatus* dos ornithologos, é excellente citação. Por si só, a referencia basta para caracterisar o espirito profundamente synthetico do autor.

E' uma galinacea arboricola, cujos quatro artelhos se articulam ao nivel do mesmo plano, cujo esqueleto possui multiplas disposições ancestraes. verificadas por Huxley desde 1873. Vive em grandes bandos, que difficilmente diminuem, porque um cheiro desagradavel das suas carnes, que, na phrase de Bates, «os brasileiros chamam catinga», torna a especie inaproveitavel. Para melhor approximar esta ave archaica dos typos compositos, que viveram na era mésozoica, e que se hoje desenterram

do *jurassico* e do *cretaceo*, *archeopteryx* e *hesperornis*, Goeldi, no Pará, Quelch e Beddard, na Goiana Inglesa, descobriram, nos membros anteriores dos jovens da especie, particularidades altamente interessantes; pois que, embora já transformados em azas, ainda possuem dedos individualisados, e no pollegar e no indicador, mergulhadas nas pennas, garras bem definidas como as dos saurios.

Wallace, em 1876, já dizia que a *cigana* era representante de grupos extinctos; Goeldi a considerava ultima sobrevivente daquelle typo transitorio.

A visão antiga do territorio amazonico completa-se na obra de Euclides, quando descreve o Purús, cujas cabeceiras elle explorou com o passo de primeiro desbravador. Ao animo indiviso do philosopho aquelle meio tumultuario não se ajustou muito bem; Euclides ficava lá indo-se-lhe os olhos em todos os vapores que desciam...

Como naturalista elle foi, antes de tudo, um admiravel ecólogo.

Debalde procura-se, na sua obra, a descripção individual. Nunca se preocupou com um typo qualquer, mineral, planta, ou animal. Foi um grande naturalista que não descreveu uma « especie nova »...

Sua visão ia mais longe. A terra, a flora, a fauna, para elle, eram, apenas, elementos connexos do grande quadro. No valle amazonico, ou nas lombadas estorricadas do nordéste, só existiam, para o observador, peças do mesmo scenario. A natureza compunha o ambiente para os dramas historicos que assistiu e documentou; e, nella, elle via, individualisado, o homem.

Foi esse o elemento natural que absorveu, por toda parte, sua atenção. Ha espectadores que, assistindo a uma representação theatral, deixam-se embevecer pelo colorido das bambinellas, e pelô brilho das gambiarras, pelas cores e pelas luzes; esquecem-se até do artista que se move sobre o palco...

O scenario os domina. Geologos, botanicos, zoologos são, tódos, um pouco assim. De Euclides, como de Humboldt, Martius, D'Orbigny ou Bates, pode-se dizer exactamente o contrario. Si elle não deixou, como os outros desta luminosa lista, monographias especializadas, que, se quizesse, poderia ter composto, todavia, como elles, viu a natureza de um plano muito alto, e por isso mesmo, mais geral. Do grande Humboldt, principalmente, Euclides muita vez se aproximou, pela preocupação social que o animava, e pela força das expressões que encontrou, para traçar suas titanicas descrições. Porém, mesmo nestas, ha multiplos traços individuaes.

Os quadros, elle os tracejou violentamente, « gizando-os », como elle mesmo dizia, o bastante para caracterizal-os. Dos seus scenarios foi, talvez, a geologia o que mais o preoccupou; como se desejasse descrever antes o palco pizado pelos actores que via. Então o cientista surgiu, firme e incisivo, seja recordando o grande lago terciario, que recobria o valle amazonico, ou acompanhando grandes rios, gigantes brincando como crianças, visto que divagam como arroios.

A divagação hodierna do Purus, documentada pela comparação das cartas de Chandless e de Euclides-Bueno, representa um dos mais importantes factos geolo-

gicos adquiridos pela sciencia brasileira. Levantadas a 40 annos de distancia, uma da outra, as cartas do curso do Purus, executadas pelo honesto geographo inglez, e pelos delegados da Commissão Brasileiro-Peruana de 1904-1905 não coincidem em muitos pontos, porque o rio, de 1864 a 1904, parte de um mundo em formação, variou de leito, e onde Chandless passou em canoa, Euclides achou florestas de embaubas. Euclides navegou em trechos do rio onde Chandless « contemplou bellos recantos de floresta ». Outra contribuição pessoal, nesse mesmo terreno, é a nota referente á formação dos *sucados* ou *tipiscas* circos de erosão, que o rio antigo não apresentava; dos *salões*, segundo a giria local, baixios fluviaes de argila vermelha, e, finalmente, o grupamento de paus cahidos, que elle indica de um modo inteiramente original, com a denominação de *abatizes submersos*. Eis ali uma feição puramente brasileira de um phenomeno geral, documentada por Euclides.

Abatizes submersos! — que linda expressão para nomear um accidente dos nossos rios centraes, que escorrem entre florestas e se carregam de galhos e madeiras!

Em certos pontos as frondes despedaçadas se entrelaçam, accumulam-se no fundo; e surge, assim, um recife, ramificado como os de coral, perigoso á navegação das canoas como aquelles o são ao caminho dos grandes barcos. O emmaranhado de troncos e galhos, obstaculos que, muitas vezes, bastam para impedir a marcha, ou mesmo para abrir as embarcações e fazel-as naufragar, lembrou a Euclides antigas trincheiras, que os

militares chamavam abatizes, nos tempos em que a tactica se resolvia sobre o solo, e os homens não luctavam como formigas e ratos...

E porque tal foi sua situação, de espectador quasi alheio ao *décor* e fascinado pelo actor, Euclides muitas vezes viu nossas paizagens immotas. Os quadros pareciam-lhe iterativos ; sentia-os monotonos, porque não attentava bem nas variações.

Euclides andava no mundo com os olhos abertos para ver os movimentos e as expressões do homem : com a alma por demais occupada para deleitar-se em procurar as linhas miudas das coisas circumvizinhas.

Muitas vezes andava tambem vendo dentro de si mesmo, com os olhos parados, de quem descobre o antro em que vive o dragão de uma dor...

A *ecologia*, na bella expressão de Morselli, cuida da "harmonia di tutto il creato". Veio, portanto, desde Aristoteles, sem nome especial, passou por Buffon e Humboldt, e foi baptisada por Haeckel, em 1889, sendo errado affirmar que o creador do termo fôra o illustre botanico Warming, o qual até em 1896, restringiu seu conceito ás relações das plantas com o meio. Porém, na verdade, o conceito real é mais amplo. Os naturalistas que o acceitam, e trabalham para reformar os moldes segundo os quaes os seres devem ser estudados, só farão trabalho util procurando sempre, mostrar aquella harmonia de toda a criação.

Emquanto todo mundo repetia que a lei suprema, na historia dos seres vivos, é a lucta pela existencia, gerando a selecção dos mais aptos pela eliminação dos outros ;

emquanto os cientistas se esqueciam das construcções geniaes de Lamark, que demonstravam a insophismavel influencia do meio. gerando a adaptação dos organismos, a ecologia não se podia comprehender. Hoje, porém, o néo-lamarckismo passou a dominar, juntando-se á doutrina de que as especies podem gerar outras novas, sem luctas, por mutação, e ás leis da predominancia de caracteres hereditarios, formuladas pelo frade Mendel. Posto de lado o puro darwinismo, eminentemente separatista, o mundo sabio póde acceitar facilmente a ecologia, como historia integral da Natureza.

Todo estudo especializado passa a ter destino muito mais elevado, desde que se o considere como elemento indispensavel á representação completa de um canto do nosso planeta.

O estudo das especies vai-se approximando do ideal physiologico; os naturalistas já se não contentam em descrever as fórmas e as disposições, graudas e miudas, de plantas e animaes; procuram conhecer os segredos da existencia dinamica de cada qual.

E afinal, para dar o seu a seu dono, forçoso é reconhecer que a moderna ecologia é pouco mais que o estudo do organismo no meio, conforme a concepção de Blainville.

Os naturalistas que tanto se esforcem por classificar os mineraes, as plantas, os animaes e os homens, não se hão de espantar se aqui fôr ensaiada a chave taxonomica de sua ordem...

Ella póde ser dividida em quatro grandes familias...

Ha morphologistas; ha physiologistas, ou como al-

guns preferem dizer, com pouca propriedade, biologistas; ha taxonomistas, decididos a arrumar os seres em grupos, de modo a pôr um pouco de ordem na desordem da criação; ha ecologos, que vêm a Natureza como é, cheia de entrelaços e entrefolhos, que a sciencia mal pôde separar.

Assim era Euclides da Cunha.

Para elle a natureza do Brazil era global; só a via em conjuncto.

Como um professor do Museu moderno recompõe num grande mostruario a miniatura de uma região, ajuntando na desordem natural os elementos de estudo que o methodo antigo separava, Euclides descreveu sempre o que viu, por essas nossas terras, sentindo o conjuncto dos seres.

A's vezes descreveu minucias, mas só para bem dar ideia do todo, e apanhar o movel das acções do elemento mais trefego do systema: o homem, fosse elle o jagunço sertanejo, o caucheiro conquistador, o seringueiro industrial.

Faz sempre a synthese dos quadros; procura meticulosamente as ligações com o passado, e dellas tira illações para o futuro. No Brasil não houve, desde Varnhagen, que era caçador-naturalista, ethnographo e historiador, ninguem que mostrasse objectivamente, como Euclides, as ligações das sciencias naturaes com as que se chamam sociaes.

Se alguma vez o conceito de nação formulado por Fred. Ratzel: um pedaço ds terra habitado por um povo, resaltou luminoso da obra de um escriptor, foi certamente do livro monumento de Euclides.

O caracter integral de sua obra, pequena e profunda, é esse: Euclides é um ethnologo. Os «Sertões» são um tratado de ethnographia sertaneja.

Nas descrições phytographicas peculiares e indispensaveis, a propria terminologia resulta-lhe tendenciosa. Elle não vê as plantas senão como viu a terra. Esta, o suporte do homem; aquellas, elementos circumstantes, governando sua vida.

O povoamento da Amazonia, com suas modalidades proprias, resultou antes da flora; o caúcho—(Castilloa sp.)—é arvore que vive espalhada em areas enormes, e não fornece latex senão uma só vez. Nada adianta ao caucheiro golpeal-a em diversas sessões, porque ella não resiste. Então elle a abate logo, aproveitando-lhe todo o latex. A hevea—(seringueira)—ao contrario, é planta que vive em sociedade espalhada em ambito relativamente pequeno. Póde ser golpeada muitas vezes; e ella, «arreiada», fornece leite durante muito tempo, soffrendo os novos golpes quasi sem deperecer. Enfraquece, torna-se anemica, murcham-se-lhe as folhas tristes, como escrava que padece, resignada, o castigo de um barbaro senhor; mas resiste.

Pois o caucheiro é nomade, gerado pelas condições da vida da planta a que ligou seu destino; e o seringueiro é sedentario, obrigado a zelar pela «estrada», onde se alteiam as madeiras que lhe dão trabalho fixo.

«Todo o alto «Madre-de-Dios», escreveu Euclides, e todo o alto Ucayale foram entregues á sciencia geographica pelos audazes matteiros, de que é Fiscarrald—(Fitz-Carral)—a figura mais completa. Nestas largas peregrina.

ções, sendo inevitavel o continuado encontro de tribus variadas, educou-lhes a combatividade em constantes refregas contra o barbaro, que lhes deram, consequentemente, mais incisiva que a feição industrial, a feição guerreira e conquistadora».

Sem o caucheiro e sem o serigueiro, toda a região balisada pelo Inambari e pelo Tarauacá, n'uma extensão de 7.º de latitude, diz Euclides, dos Pampas do Sacramento ás margens do Madeira, seria ainda o deserto. Não esqueçamos agora que esses transformadores de deserto, esses representantes da cultura moderna, no que ella fem de essencial, na sua immensa maioria, são individuos mestiços, nascidos nos estados do nordeste brasileiro...

No sertanejo do nordeste, crystalisado no prisma irregular que é o jagunço, forma em que a hemiedria de uma raça, denunciadora de multiplices cruzamentos se desenha, achamos o mais interessante dos personagens com que Euclides da Cunha praticou.

« Intentamos esboçar os traços mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil »— disse elle nas primeiras paginas nos « Sertões »; e sua contribuição scientifica foi, dest'arte, culminada em um livro de genuina ethnographia.

Apezar das falhas doutrinarias, quem não as tem? daquelle livro unico, ali se coodernaram pela primeira vez, com programma assente e claro, estudos das populações realmente brasileiras do Brazil; porque no Brazil, quanto peza dizel-o! ha populações, além das indigenas, que só por desleixo de linguagem tem aquelle nome...

O autochtonismo do homem americanô, o esmaga-

mento fatal das raças fracas, os males do cruzamento — eis algumas doutrinas pouco seguras que Euclides acceitou, para estudar as acções do grande drama que assistiu ao redor de Canudos, a «Troia Sertaneja» que o character de patricios, incultos e fortes, ergueu nos sertões do S. Francisco.

Ora, o autochtonismo do homem americano está longe de ser provado : ao contrario, nem os fosseis das cavernas do rio das Velhas, nem os que, nestes ultimos annos foram desenterrados na Argentina, são peças convincentes de seguro autochtonismo. Ha, hoje, bastos documentos de que uma raça antiga, sufficientemente caracterizada por disposições osseas especiaes, principalmente por extraordinaria altura e insolito alongamento do craneo, — (Hypsistenocephalia) — habitou grande parte do continente sul-americano. Seus primeiros representantes conhecidos foram os que se fossilisaram em Lagoa Santa; porém, por toda a America, successivamente foram apparecendo restos dessa gente ; em 1881, na Argentina ; em 1884 na California ; em 1908, no Equador. E taes achados, de Lund, Roth, Ten Kate, Rivet, são hoje filiados na raça paleamericana (de Quatrefages) ou raça da Lagoa Santa.

E' raça autochthone ? Não parece.

Nas cavernas brasileiras Lund encontrou esse homem fossil junto com ossos de animaes extinctos : onças, tatús, capivaras, cavallos differentes dos typos hodiernos. Provada a contemporaneidade de todos esses restos. receberia a theoria do autochtonismo excellente subsidio : a certeza de uma grande antiguidade do homem na terra brasileira.

Porém, um exame cuidadoso das condições da jazida, realizado por Lütken, veio contestar o isochronismo da existência do homem e daquelles animaes. A raça de Lagoa é, portanto, mais recente ; e, por melhor proval-o, basta considerar que muitos dos seus traços anthropologicos se encontram em populações que ainda vivem : Botucudos, Fueginos, etc. Resta, todavia, aos partidarios da origem americana dos amerindios, a theoria argentina, que Euclides não conheceu, mas que vale a pena resumir em duas palavras : a Argentina foi o berço da humanidade. Ali, nos terrenos pampeanos que Ameghino filiava no terciario (mioceno), encontraram-se uma vertebra (atlas) e um femur, que o sabio paleontologo considerou como fósseis de um animal differente do genero *Homo*, a que chamou *Tetraprothomo*. Desse typo foram sahindo, por evolução gradual tres outros : *Triprothomo*, *Diprothomo* e *Prothomo* ; e, deste ultimo, surgiram então, de um lado, o homem americano, que se differenciou em branco e amarello, e do outro, o homem negro, que se degradou em macaco.... O macaco passa, nesta doutrina, de tio avô a néto...

Na America do Norte, onde sem medir despesas nem sacrificios, estudam-se hoje estas questões anthropologicas com verdadeiro luxo de minucias, organizou-se, ha pouco tempo, uma expedição destinada a verificar, de modo positivo, as relações existentes entre as populações asiaticas septentrionaes e as hyperboreas americanas.

Tratava-se de tirar a limpo os documentos comprobatorios da origem asiatica dos indios.

Foi a « Jesup North Pacific Expedition. » Seus resultados foram fataes á doutrina do autochtonismo.

A verdade é que o homem parece ter chegado, na America, por ultimo ; não é provavel que tenha assistido qualquer transformação geologica do continente. Quando muito, coube ao grande planalto brasileiro servir de meio, em que se diferenciaram os typos immigrados em épocas remotas.

O esmagamento fatal das raças *fracas* pelas *fortes* é outra doutrina que Euclides, como todos os — eo-darwinistas, defendia.

Nossos sertanejos, de qualquer nome e feitio, extinguir-se-ão bem cedo, não porque sejam assimilados pelos contingentes europeus que os modificam, e por elles são tambem modificados; nossos typos cruzados, essencialmente representativos do povo que se formou aqui, vão sumir brevemente, acreditava Euclides, esmagados pela civilização, porque não podem mais attingir, na evolução que devem soffrer para acompanhar o progresso, a velocidade de transformação indispensavel.

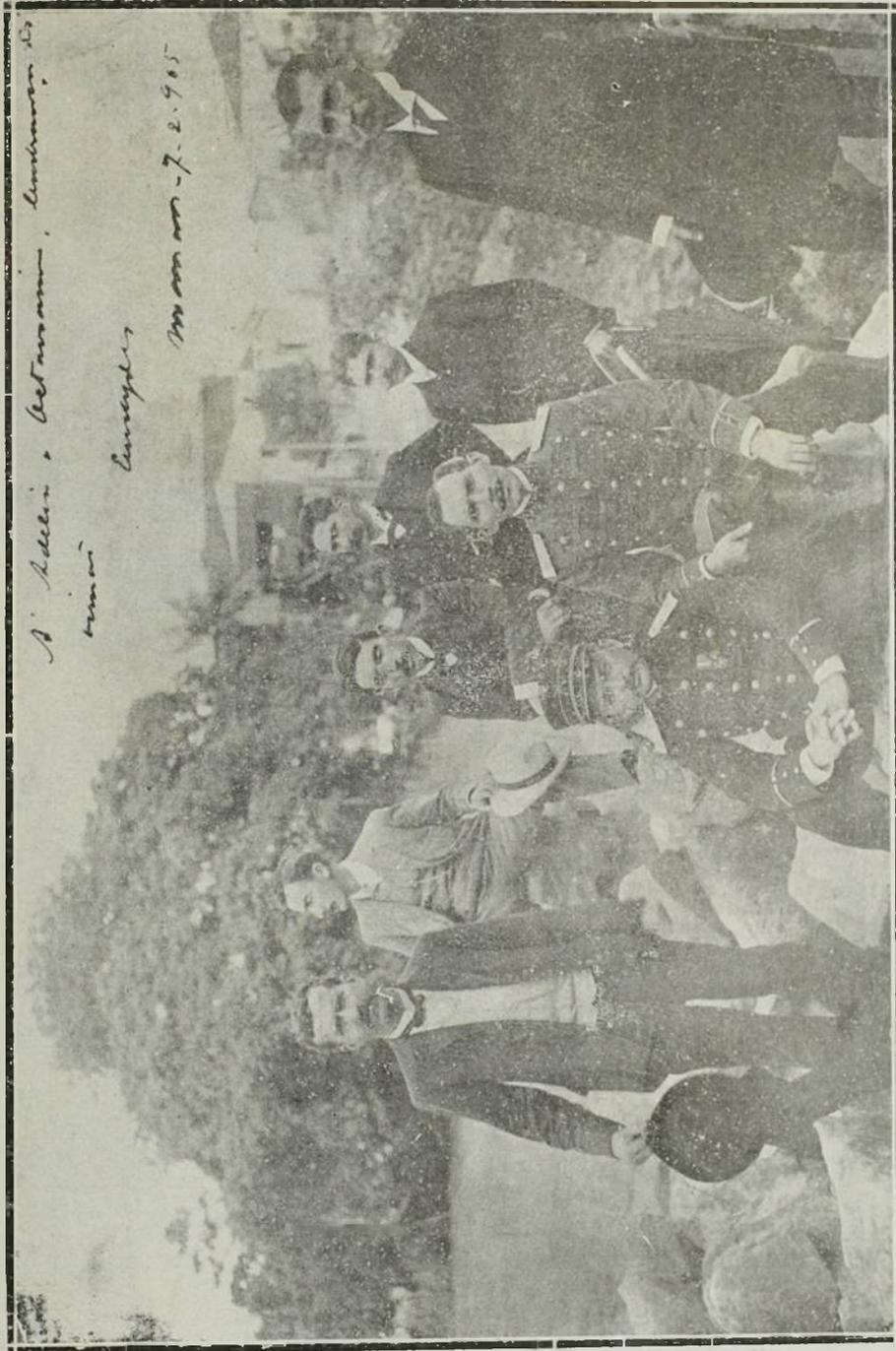
Sua inferioridade, pensava elle, deriva do cruzamento. E então, Euclides escreve a mais formidavel pagina pessimista sobre o valor negativo dos mestiços. Ouçamol-o :

« A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial. O mestiço é quasi sempre um desequilibrado ; os nossos, em particular, mulato, cafuz ou mame-luco, são decahidos, sem a energia dos ascendentes selvagens, sem a altitude intellectual dos ascendentes europeus. Espiritos fulgurantes, ás vezes, mas frageis, irrequietos, inconstantes, deslumbrando um momento e extinguindo-se prestes, esmagados pela fatalidade das leis biologi-

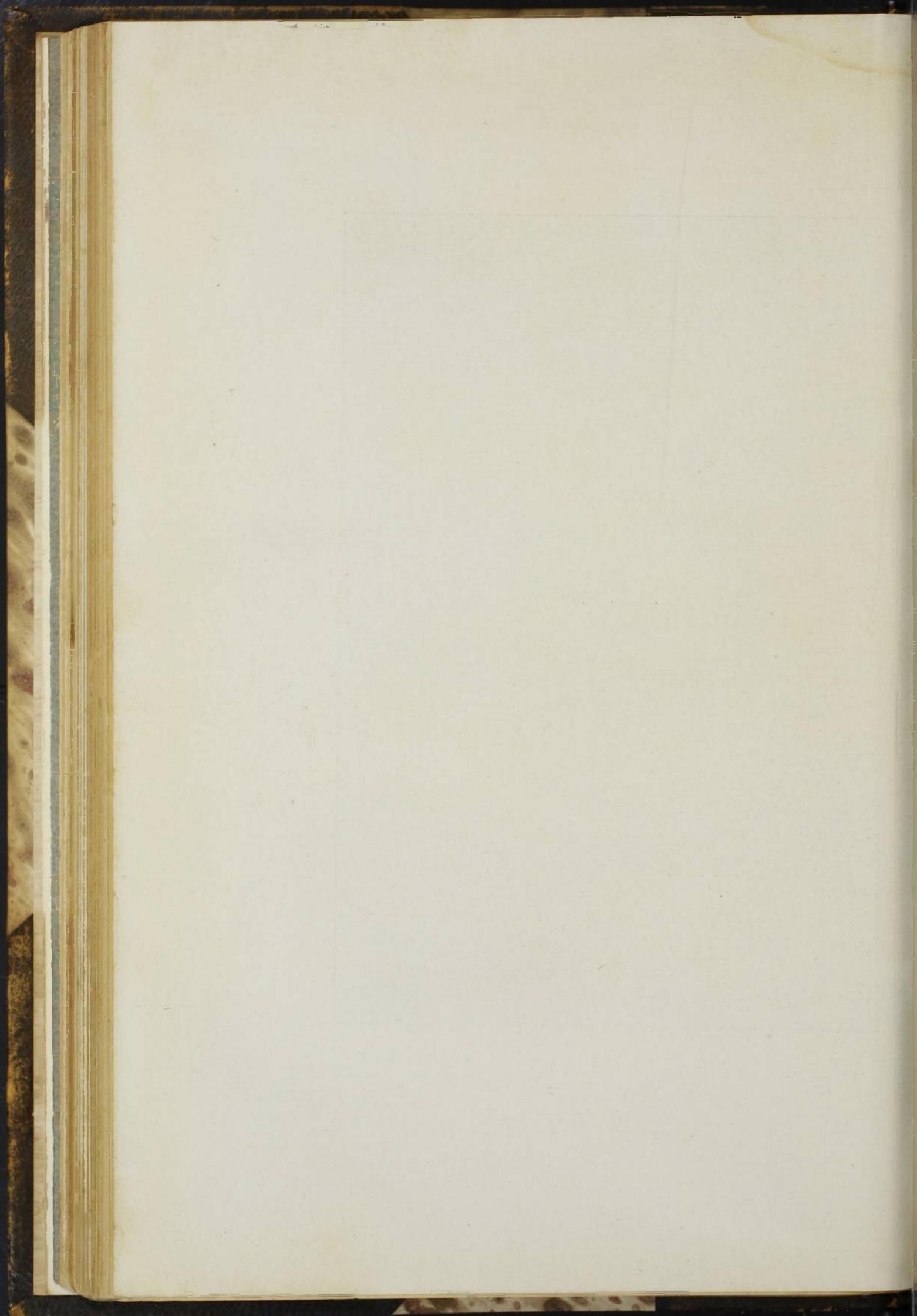
ces, chumbados ao plano inferior da raça menos favorecida, quando são capazes de grandes generalizações ou de associar as mais complexas relações abstractas, todo esse vigor mental repousa (salvo excepções) sobre uma moralidade rudimentar em que se presente o automatismo impulsivo das raças inferiores.»

Ao escriptor fulgurante dessas heresias anthropologicas, que actualmente nem mesmo os mais ferrenhos darwinistas aceitam integralmente, coube a gloria, immortaldade, de demonstrar, no mesmo livro-monumento, onde se encontram taes reminiscencias de enthusiasticas leituras de Agassiz, o valor insophismavel, esmagador, de mestiços que o sólo do Brasil permittiu se gerassem cobertos pelo céo dos tropicos. Porque, Euclýdes mostrou que o jagunço é mestiço ; e da maneira por que provou o seu valor moral e pratico não é preciso dizer, tão brilhante ainda ella perdura na consciencia dos que leem, no Brasil. Ora, aquelle pessimismo, injustificavel numa testemunha ocular da tragedia de Canudos, é a repetição dos conceitos errados de Agassiz, naturalista que sahio do Brasil deixando, atraz de si, a tradicção de tres erros colossaes : os blocos erraticos da Tijuca, as especies ichtyologicas individuaes do Amazonas, a mestiçagem da população do paiz :

« Ceux qui mettent en doute les pernicious effects du melange des races et sont tentés par une fausse philanthropie de briser toutes les barrières placées entre elles, devraient aller au Brésil. Il leur serait impossible de nier la décadence résultant des croisements, qui ont lieu dans ce pays plus largement que partout ailleurs. Ils y verraient que



Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto-Purús, da qual foi chefe Euclydes da Cunha



ce melange efface les meilleures qualités soit du blanc, soit du noir, soit de l'indien, et produit un type métis indescriptible, dont l'énergie physique et mentale s'est affaiblie...»

Agassis nasceu na Suíça: mas, quando escreveu isso, era professor nos Estados Unidos, onde se lynchava um negro com a mesma facilidade com que se mata um mosquito...

A base dessa doutrina é o conceito da *gerarchia das raças*, um dos temas predilectos do dilettantismo científico.

Diversificam-se effectivamente as raças humanas, nos attributos do corpo todo: e o typo cerebral de cada qual, não permite que se as considerem no mesmo gráo de semelhança. Até ahí, todas estão de accordo.

Onde, porém, a dissidencia começa, e os erros se avolumam de um lado, é na seriação dos typos; porque a verdade é que ellas se differenciam no mesmo nivel. As raças são desiguaes como as radiações do espectro. Do vermelho ao violeta, todos os raios occupam o mesmo plano.

E' innegavel que ha raças mais *intelligentes*; outras mais *sentimentaes* e terceiras mais *pertinazes*. Tambem no espectro ha raios caloríficos, raios luminosos e raios actinicos. Ide pedir calor dos raios ultra-violetas; e se o vos não derem chamal-o-eis de *inferiores*?

Buscarieis luz nos raios infra-vermelhos, e como elles só vos podem fornecer calor, dirieis: raios *inferiores*? E se pedissem luz a estes e áquelles, e nenhum vol-a des-se, porque só têm calor ou força actinica, gritarieis: — *inferiores*?

Não. As raças não se podem collocar em planos de altura differente, como as zonas do espectro não se podem adiantar ou atrazar, senão em intensidade.

Se a vossa phantasia vos levar a exigir do *negro* a intelligencia que não é o grande apanagio de sua feição psychica ; do branco a *paciencia* do amarello, e deste a *sentimentalidade* do primeiro, fareis varios quadros, em que a *inferioridade* ethnica de todos, será brilhantemente documentada, cada qual de sua vez...

E terieis assim realizado, porventura, a observação scientifica das raças ?

Estamos, em geral, habituados a julgar do valor dos homens pelo seu estado de civilização. Raças fortes, ou superiores, são as que tomam parte activa no progresso material e intellectual da humanidade, dizem os pregoeiros da anthroposociologia.

Porém essa experiencia lugubre, que se dilata e se retrahe, que se contorse como um reptil mal-ferido, excitado pelo golpe mortal, que a especie vae assistindo ha tres annos seguidos, basta para mostrar que o progresso material e mesmo intellectual, sem sentimento, nada vale.

Forte, é o povo altruista, que deseja prosperar á sua propria custa ; forte, é o povo honesto, que não enthesou- ra violencias para esmagar visinhos, e roubal-os pelas mãos de seus guerreiros ; forte, é o povo calmo, que agaalha o estrangeiro e lhe descobre, lealmente, os meandros de sua vida de familia , e nem sequer o despede se elle trahe, pelo crime, a gratidão da hospedagem ; forte, é o povo que desbrava um continente inteiro, luctando com selvagens, feras e doenças, e recorta a vastidão da sua ter-

ra de trilhos e caminhos, realizando uma obra anonyma, impessoal, que ha de ser a eterna gloria das gerações ; é o povo resignado, teimoso, abstémio, frugal, resistente, modesto...

E, por isso tudo, os brasileiros, sem orgulho e sem vaidade, simples, desataviados das linhas apollineas, pouco menos feios do que os japonezes, os brasileiros são fortes....

Tambem os japonezes, escreveu o professor von Luschan, cathedratico de anthropologia na Universidade de Berlim, nobre da Prussia, tambem os japonezes eram collocados entre as *raças inferiores*, eram homens crepusculares (*Dämmerungs-Menschen*), bem perto de tramontar.

Pequenos, feios, pelo conceito esthetico europeu, oriundos do cruzamento de chins amarellos, ainos brancos e negros phillipinos, não ha como os japonezes para illustrar a controversia sobre os destinos da população mestiça do Brasil.

Conta Friedrich Ratzel uma historieta eloquente a respeito deste caso. Entre os estudantes que acompanhavam o curso de Broca, que embora mais conhecido pelos seus trabalhos sobre a historia natural do homem, era tambem professor de cirurgia na Faculdade de Paris, havia um moço baixo, amarellado, de cabellos muito negros, quieto e trabalhador. Um dia, ouvindo o estudante, interrompe o mestre a conversa e pergunta-lhe admirado :

— Não sois japonéz ?

— Não, responde o moço ; sou do Brasil. Mas, em Paris tenho passado muitas vezes por japonéz....

O episodio de Canudos, ao contrario do que Euclydes pretendia, não foi o começo do esmagamento de uma raça fraca ; foi o desdobrar solemne das energias adormidas naquelles atrazados sul-americanos, cuja apparencia nipponica não devemos, todavia, accentuar pela injeção de mais sangue amarello, ao gosto de alguns capitalistas...

Existe nessa questão da hierarchia das raças uma fabula incluída, uma moralidade implicita. Emquanto se tratava de deprimir apenas os povos negros e amarellos, procurando provar, de todo modo, sua inaptidão para o progresso, sua incapacidade anatomica e psycho-physiologica para a civilização, pouca gente protestava, entre os scientists europeus e americanos.

A doutrina anthropologica da desigualdade, servia até, muito bem, ao ideal dos inglezes, que desejavam dominar o Transwaal ; dos Francezes, que se empenhavam em conquistar Madagascar e a Algeria ; dos Italianos, que cubiçavam a Erythrée. Porém, um bello dia, um diplomata francez, de Gobineau, de quem os diplomatas diziam que era grande anthropologista, e os anthropologists affirmavam que era excellente diplomata, homem de bôa penna, começou a escrever com calor, em prol de uma these ainda mais apurada :

Mesmo na raça branca ha typos destinados á servidão, e outros predestinados ao dominio ; os dominadores seriam os celeberrimos «aryanos», gente escolhida que, nunca, ninguem conseguiu encontrar homogeneamente caracterizada. Porém, em França mesmo, completou-se a falha da doutrina; e, desde 1896, Lapouge proclamava que o typo dominador tem caracteres anatomicos definidos:— é alto, tem craneo longo, cabellos louros e olhos claros.

Mas, a theoria começou a infiltrar a politica externa da Prussia, e foi citada para justificar o esmagamento impiedoso da França, em 1870, para justificar ameaças, e para preparar a trituração da Belgica em 1914... ; então, aterrorizados com a construcção que tinham ajudado a erguer, os scientistas entusiastas cahiram em si...

E hoje...

O pobre negro, inferior, a imprestavel... é talvez o mais forte baluarte da linha, atraz da qual se asyram os verdadeiros monumentos da civilização. O negro, que toda hora nos era lançado em rosto, como attestado escandaloso da nossa inferioridade ethnica, desmente no solo da Europa aquelles tristes vaticinios ; e até os medicos francezes já o consideram o soldado de melhor sangue : é o que resiste mais ao calor, ao frio, aos ferimentos e ás doenças ; é dos mais valentes, dos mais sobrios, dos mais disciplinados.....

Estamos de accordo...

A Europa se povoa de mulatinhos e já devora feijão preto ; presente-se que vae chegando a hora da rehabilitação dos *povos feios*.

E quando vier o fim da lucta, o negro será chamado irmão pelo altivo indo-europeu.

Dois preconceitos hão de ruir, com os destroços daquelle cataclysmo humano : o preconceito da raça e o preconceito da força. Porque o conflicto demonstrou que a violencia já não basta para resolver as questões que se levantam entre os homens ; e forneceu, aos calumniados da sciencia, a oportunidade que até então lhes tinha faltado.

Eis ahi a grande illusão de Euclýdes, que consistiu em considerar *inferior*, gente que só era atrazada ; incapazes, homens que só eram ignorantes.

Que o mestiço do centro do Brasil representa um typo muito mais definido, e portanto, mais adiantado que o do littoral, ninguem póde contestar. O immenso littoral deste paiz é uma continua ameaça á sua nacionalização ; o trabalho demorado de anthropogenesis, que se vae no sertão affeiçoando, é, na costa, continuamente perturbado por accessorios elementos ; ahi, Euclýdes acertou. Porém, muito maior mal do que essa injeccão de sangue extranho, como corpo perturbador da reacção, é a influencia deletéria do cosmopolita, ganancioso e desmoralizador, que turva o meio social nos centros directores da nação, para dominar mais depressa e enriquecer mais socegado.

A mestiçagem que deu o jagunço, apesar de tudo, foi a mesma : o jagunço não é mameluco, filho de indio e branco.

Euclýdes o estudou na Bahia ; pois Bahia e Minas são os dois Estados da União em que mais se espalhou o africano.

Elle se esforça por mostrar que o isolamento, condicionado pelo meio physico, preservou a evolução do cruzamento que forneceu aquella variante admiravel. E' incontestavel que a segregação fortalece as especies, garantindo-lhes a diferenciação dos typos originarios ; é uma realidade a lei de Wagner.

Todavia elementos não faltam no livro dos «Sertões» para provar que aquelles homens que «antes de tudo eram fortes», tinham fartas gottas de sangue negro. E' só reler a descripção do poviléo de Canudos :

«Todas as idades, todos os typos, todas as côres... Grenhas maltratadas de creoulas retintas ; cabellos corredios e duros, de caboclas ; trunfas escandalosas, de africanas ; madeixas castanhas e louras, de brancas legitimas, embaralhavam-se sem uma fita, sem um grampo, sem uma flôr, o toucado ou a coifa mais pobre».

Quanto aos homens, aquelles indomaveis espartanos, que não morreram para a historia, porque o genio de Euclides os amparou, na ponta da sua penna, brilhante como um relampago, a mistura é a mesma: Antonio Beatinho, o discipulo mais chegado do apostolo delirante, era mulato ; Pedrão, que com 30 homens guardava, contra um exercito, as vertentes da Canna-Brava, era cafuso: Estevam, guarda da estrada do Cambaio, era negro; e tinha o corpo tatuado á bala e á faca.

Taes foram os maximos representantes daquella gente mestiça, cujos caracteristicos Euclides traçou em paginas que afortunadamente o mesmo leitor pôde encontrar mais adiante, para attenuar o que elle diz dos mestiços nos primeiros capitulos. E' licito então concluir: o sertanejo resultou de complexa mestiçagem ; seu typo sublimou-se numa completa adaptação ás condições ecologicas: elle é um forte ; representa um verdadeiro typo de raça brasileira.

Eis ahi, nessas conclusões fataes da grande obra de Euclides, a justificativa da sua glorificação scientifica.

Como aquelles grandes descobridores, que mal imaginam as applicações futuras dos seus achados, elle procurou ouvir, demasiadamente, o que alguns scientists segredavam sobre typos que mal conheciam ; preocupou-

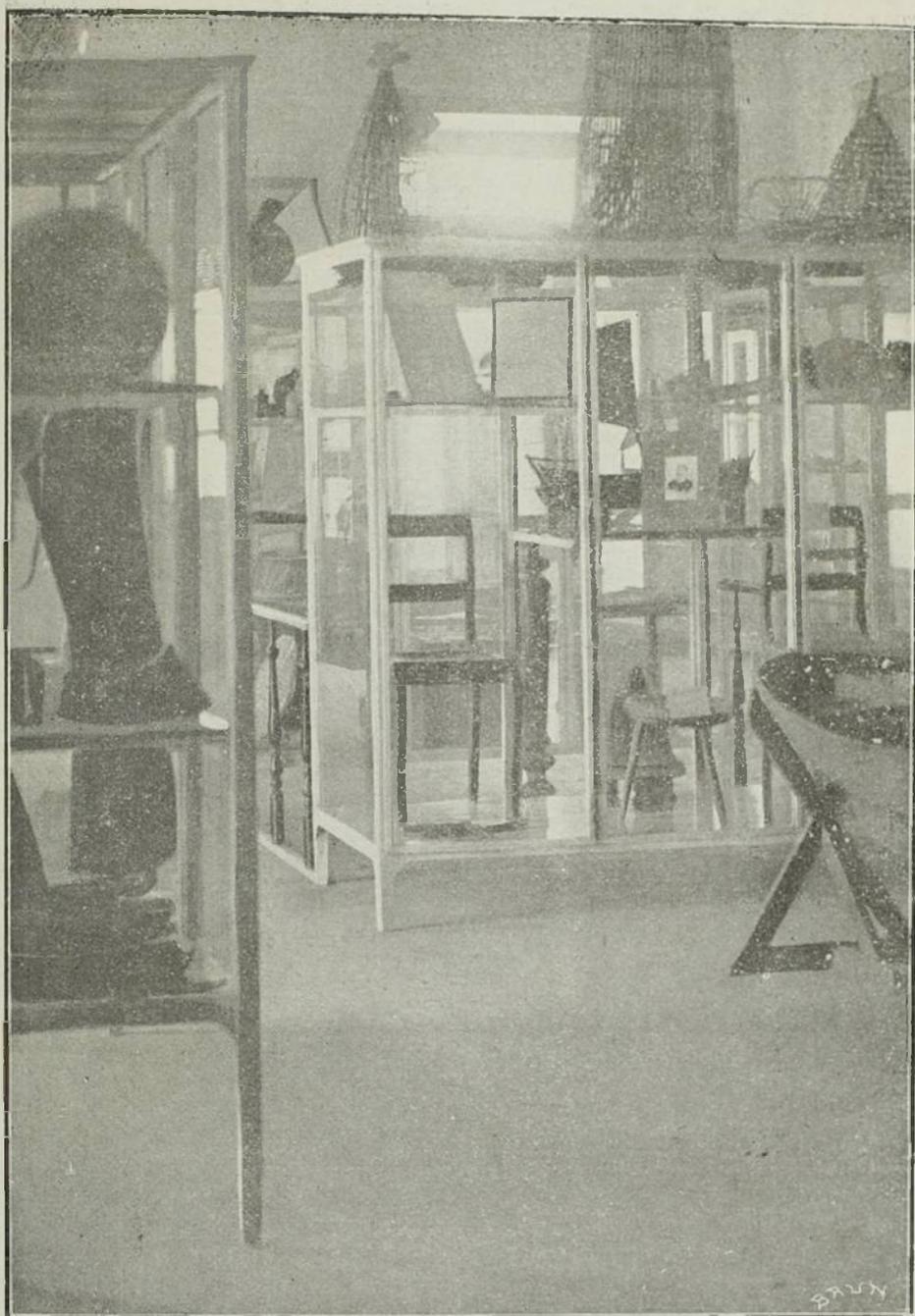
se demais com os quadros horridos que teve de pintar, e mal percebeu que uma nação que possui filhos daquelle molde, que elle chamou de «titans» á falta de melhor, não pode deixar de conquistar o seu lugar no mundo, caminhando para o dominio integral da sua terra.

Tenho por seguro que o contraste que Euclides apontava, entre o jagunço e o gaúcho, ao envez de ser um mal para a nossa força de nação é uma das nossas melhores garantias. Ligados pela mesma lingua, ambos, o paciente e o affeito, o alto e o baixo, o alegre e o triste, differentes no typo morphologico e nos costumes, têm qualidades que se completam, adornando uma alma commum.

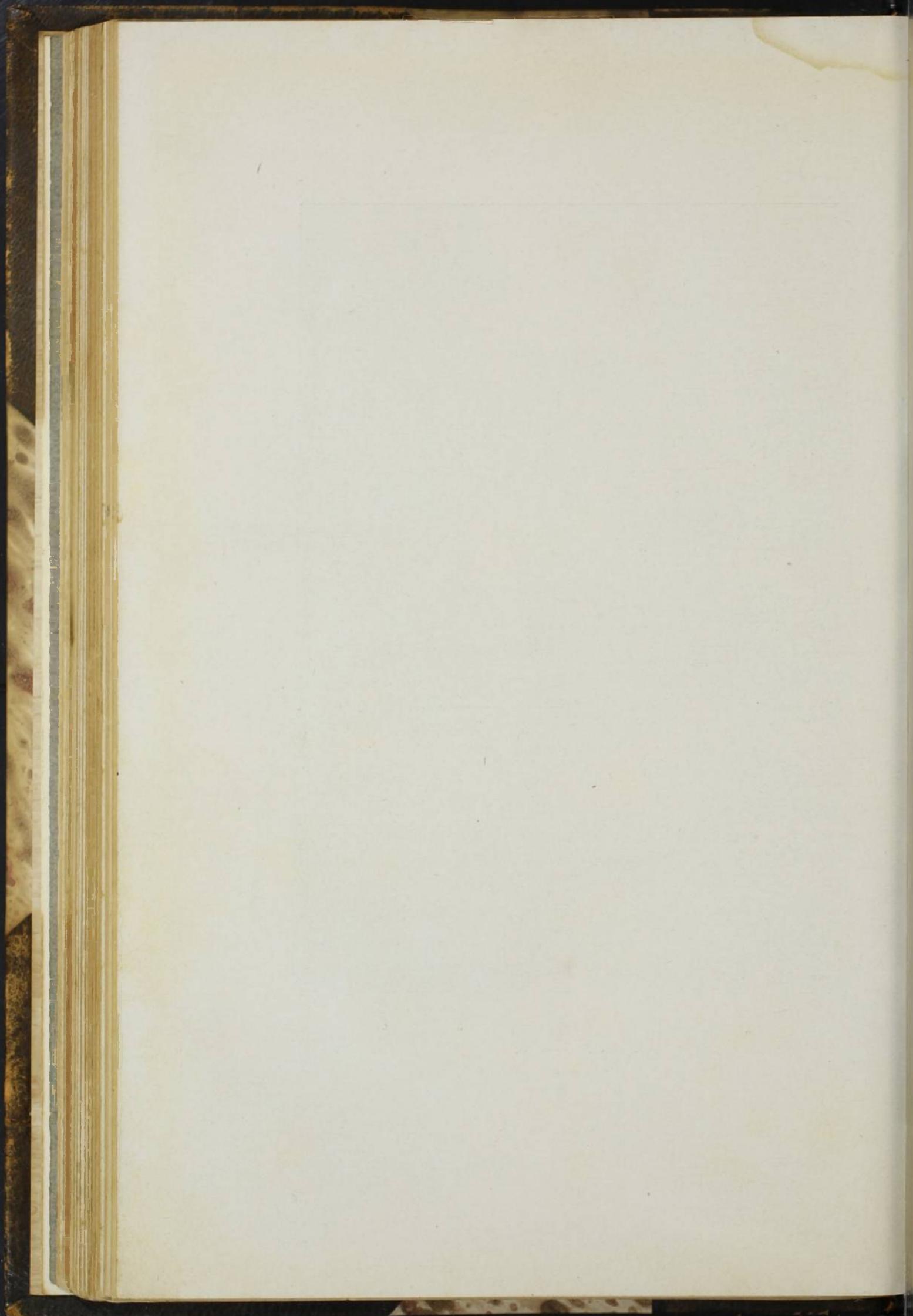
O gaúcho tem a iniciativa prompta, o impeto fegoso. o ardor vibrante; o jagunço tem a firmeza e a resistencia; calcula friamente, é tenaz.

A pathologia elucida muitas vezes as ligações normaes dos phenomenos, que só quando exagerados pelo estado morbido se pódem apprehender; e o episodio de Canudos em miniatura, repete-se no Contestado. Tenho em mãos documentos altamente interessantes, para o estudo da psychologia dos «fanaticos» de Tamanduá: orações fetichistas, armas de madeira, votivas, objectos do culto religioso paranoide. A alma dos camponios do Brasil, fóra, longe das zonas em que a nossa desidia tem consentido na diluição dos nossos traços mais individuaes, é uma só.

Não teremos unidade de raça, exclama Euclides. E que povo a tem?



Sala Euclides da Cunha (Ethnographia sertaneja)  
Museu Nacional



Todos os europeus, segundo hoje se acredita nasceram do cruzamento de uma raça de craneo curto (raça alpina), com typos negroides, de craneo longo. E nem por isso existe unidade raça naquelle continente. Quantos typos na Allemanha, que é o mais coheso grupamento humano que a historia contemporanea regista?

E' que as noções de raça e povo baralham-se muito frequentemente, mesmo na linguagem dos scientistas. E assim foi na de Euclides.

As raças distinguem-se por caracteres somaticos: são unidades biologicas. Os povos, ao contrario, caracterizam-se por elementos *sociologicos*. E, por isso, um mesmo povo pôde ser formado de raças mui diversas sem maior perigo para o seu futuro, desde que os fundamentos de sua sociedade (lingua, fórma de governo, familia, historia, etc.) forem mantidos no ambiente commum.

Aqui, ainda, a terra do Brasil, com a sua vastidão, suas bellezas e seus antagonismos. offerece perigos ao seu povo.

Os traços realmente originaes, na contribuição naturalistica da obra de Euclides da Cunha, acham-se no capitulo terceiro dos Sertões. São apenas 35 paginas; mas, em synthese suprema, ali está, esboçada, a ethnographia sertaneja, naquelle estylo cujo molde o crime partiu, ha 8 annos; naquella linguagem que faz lembrar a magestade das florestas, quando segredam ao caminheiro, na apparenente confusão dos sons profundos, os mysterios de toda a Terra.

E no Palacio da Bôa Vista, onde meu desejo vê, plasmada, a alma da minha patria, a «Sala Euclides da Cunha» guarda, nos seus mostruarios, a vida dos sertanejos.

E' um escriptor pungente ; afflige, emociona, e, por isso mesmo, desperta, como nenhum outro, o ideal nacionalista.

Os Sertões — não é um volume de literatura : é um livro de sciencia e de fé.—E são essas as duas mollas que faltam para o desencadeiar da nossa cultura popular : *crêr e aprender!*

Se eu pudesse levar a cada povoação deste continente brasileiro uma palavra sequer ; se pudesse ser ouvido pelo povo de minha terra... eu lhe diria : — «aprende a ler, não para ser letrado, mas para conseguir a educação social indispensavel aos filhos de um paiz moderno; fala aos teus, sempre, da casa em que nasceste, das suas palmeiras, dos seus pinheiros ou dos seus hervaes ; narra a tua familia os farrapos da historia commum que conheáeres, porque a historia do Brasil deve ser a oração dos nossos lares ; trabalha e fiscaliza, com severidade e justiça, a applicação do producto do teu trabalho ; considera a vida difficil da maioria dos povos, e bemdiz a tua.

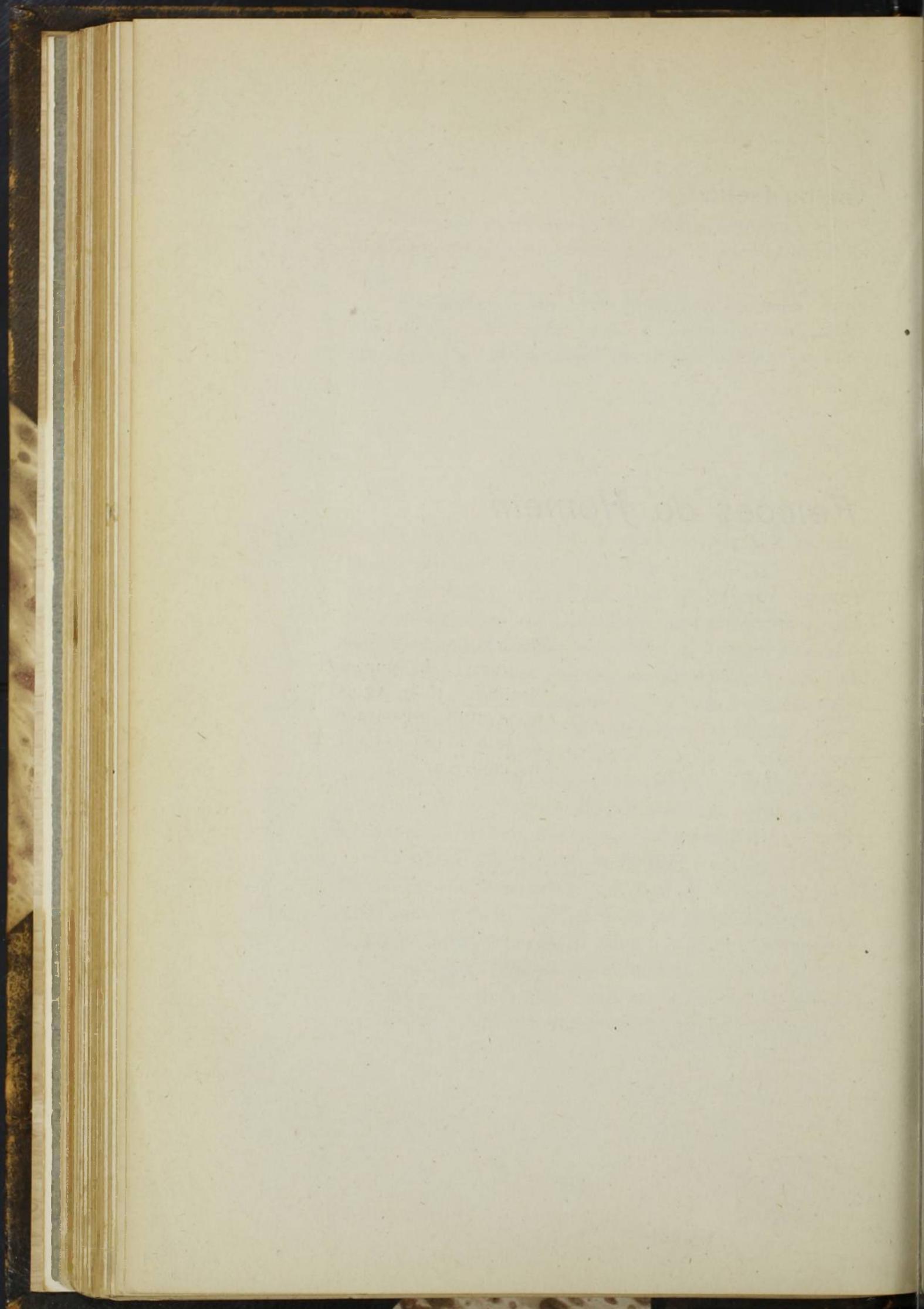
E quando o desanimo te infiltrar o coração, procura Euclides ; elle se mostrará, com verdade e fulgor, o mundo de que és dono. E tu, meu irmão, como o Fausto da lenda medieval, erguerás de novo o grito da esperança :

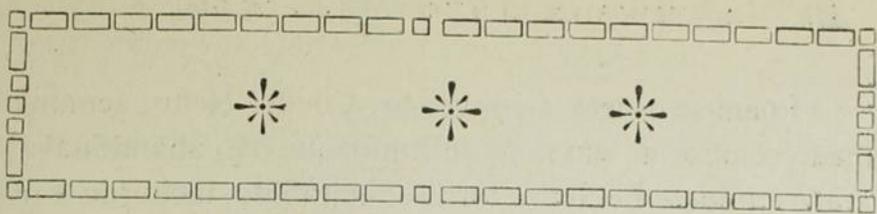
—Espirito sublime! permittiste que eu lesse no seio profundo da minha terra como no peito de um amigo : revelaste as forças secretas da minha propria existencia...

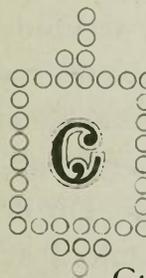
Coelho Netto

*Feições do Homem*

Resumo da conferencia  
realizada na Bibliotheca  
Nacional, a 15 de Agosto  
de 1918, organizado  
de accordo com as notas  
do conferencista.





Coelho Netto começa a sua conferencia contando como conheceu Euclides da Cunha. Foi em Campinas, em 1º de Novembro de 1902. A's 10 horas da manhan Birrenbach, entrando-lhe em casa, previne-o de que Euclides acha-se á porta conversando com Campos Novaes. Coelho Netto, que já o conhecia por artigos esparsos, fica á espera, quando, subitamente, ouve perto, a voz de alguém que o cumprimenta : Euclides passára sob o seu olhar, porque elle, imaginando a estatura do homem pelo porte do escriptor tinha a vista muito levantada,

Põem-se os trez a conversar; Coelho Netto, acompanhado sempre de um pote de fumo, que não abandonava; pouco a pouco, Euclides torna-se retrahido, taciturno e rareia á palestra, retirando-se logo após, promettendo frouxamente voltar á noite para ler as ultimas provas dos « Sertões », que na occasião empunhava. Sae, acompanhado de Birrenbach, extranhando Coelho Netto a attitude de Euclides e, chegando á janella, ainda ouve a risada de Birrenbach que volta pouco depois a contar-lhe o incidente: um amigo commum disséra a Euclides que o romancista tinha o habito de mostrar o desagrado da companhia por meio de um pote de fumo que tinha sempre á mão... e elle desconfiado não havia como convencer-se da inverdade da pilheria. A custo, conseguiram que voltasse á casa de Coelho Netto á nolte, como promettera. Lêm capitulos dos « Sertões », quando Coelho Netto participa que acabava de nascer o seu filho Paulo, noticia recebida por Euclides com esta phrase — « Então, entramos no mesmo dia em sua casa. Havemos de ser amigos ». Refere-se depois á palestra de Euclides, ora viva e colorida, ora tarda, com o habito de falar sempre andando. Diz do seu receio pela critica, dos temores que tinha quanto á acolhida que dariam aos « Sertões », livro aspero, feito aos bocados, em intervallos de trabalho, quando velava, vigilante, em São José do Rio Pardo, sobre a ponte cuja reconstrucção lhe fôra confiada. Trez annos a fio durou essa obra, ao cabo dos quaes tambem ficara prompto « Os Serões ».

Criticos, costumava dizer, só Sylvio Romero, para quem « sendo amigo, todo burro é genio e, inimigo, todo genio é burro ». Depois dessa primeira visita a sua inti-

midade foi a mais estreita e affectuosa. Euclides muda-se por essa occasião para Lorena, estabelecendo-se o traço de união de uma correspondencia frequente, cujas paginas são documentos admiraveis das feições intimas do Homem. Apresenta-se candidato á Academia de Letras, escrevendo-lhe para que se interessasse pela sua candidatura, re- ceioso de ser derrotado... E, diz Coelho Netto, «Euclides da Cunha que era Euclides da Cunha ficou contente de fazer parte da Academia de Letras»...

De Lorena, foi elle para Santos, trabalhar nas obras do saneamento com Rebouças, com quem pouco depois incompatibilizou-se, devido á sua rigida e indeformavel al- titez. Fica subitamente sem collocação, entregue aos aza- res da sua profissão trabalhosa. Por esta epoca, escreve-lhe Coelho Netto pedindo que procure uma situação que per- mitta trabalhar com mais descanço. Lê, em seguida, trechos da sua resposta, em que narra a visita que fez a um mi- nistro, seu antigo collega da Escola Militar. Depois, Coelho Netto vem para o Rio. Convidado para a Commissão do Pu- rús, Euclides muda-se tambem para aqui, indo morar na rua Indiana. Visitavam-se amiudadamente. Certa vez, passeia- vam pela vasta chacara que circumdava a casa e Euclides falava do seu culto ao Silencio, dizendo-lhe ter desejos de collocar na sua casa a estatua de Angerona, a deusa do Si- lencio, de dedos nos labios; subitamente são interrompi- dos para que elle attendesse a uma questão de troco com o quitandeiro... Refere-se á predilecção delle pe- lo filho querido — alegria com que se desculpava das suas travessuras; "Que queres? E' o Quidinho..." Lê a res- posta que lhe deu Euclides certa vez em que Coelho Net-

to dissera faltar-lhe a crença para o amparar nos seus desalentos :

*Coelho Netto.*

Ceguei hoje do Rio, onde tomei revolucionariamente posse do meu lugar no Instituto Historico.

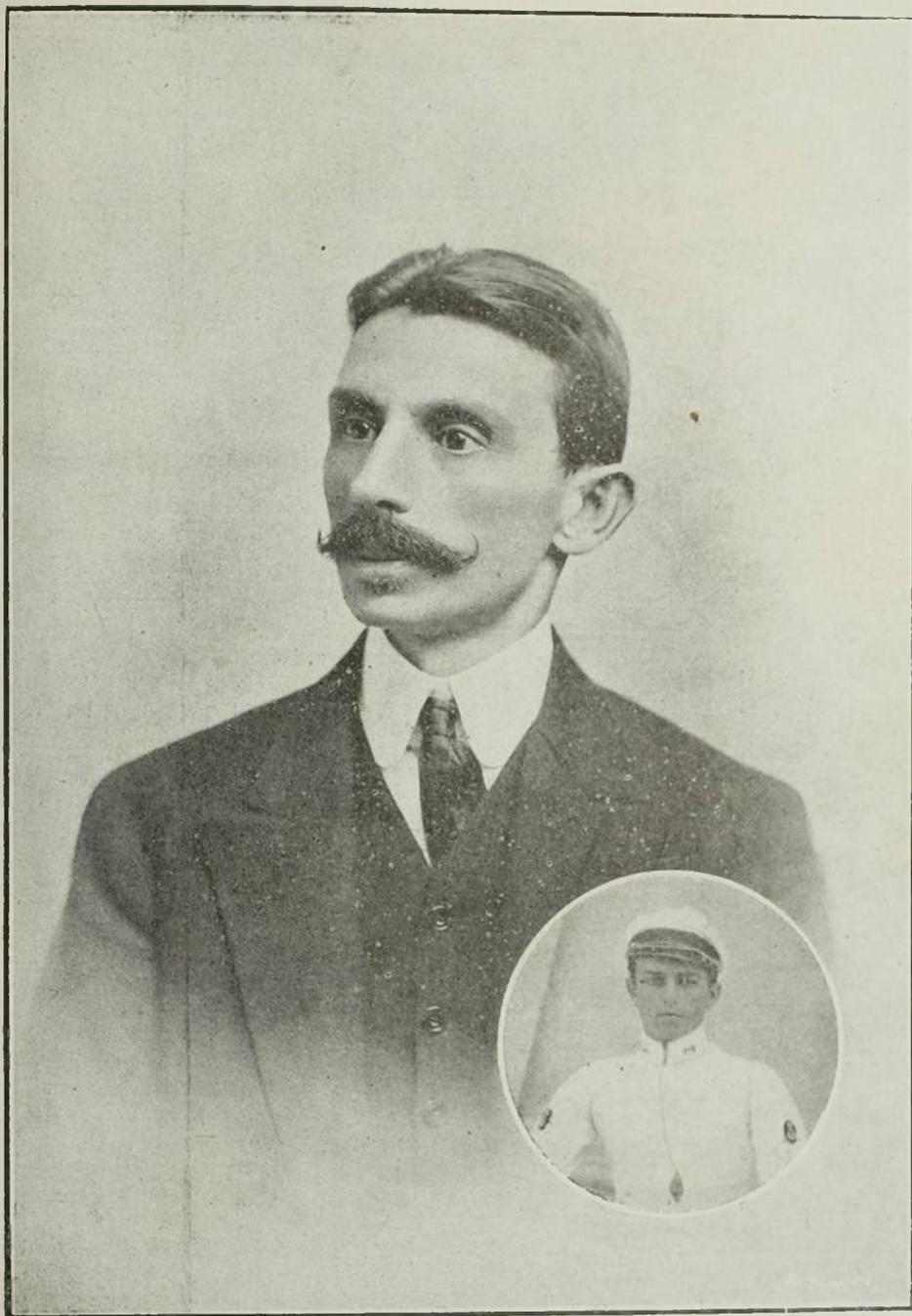
Sem vaidade—tive por alguns minutos em torno de mim a sympathia tocante de alguns tremulos velhinhos e aquelles minutos irão consolar a minha vida inteira...

Depois conversaremos; em Dezembro (principios), irei ver o meu velho e passarei por ahi para te abraçar.

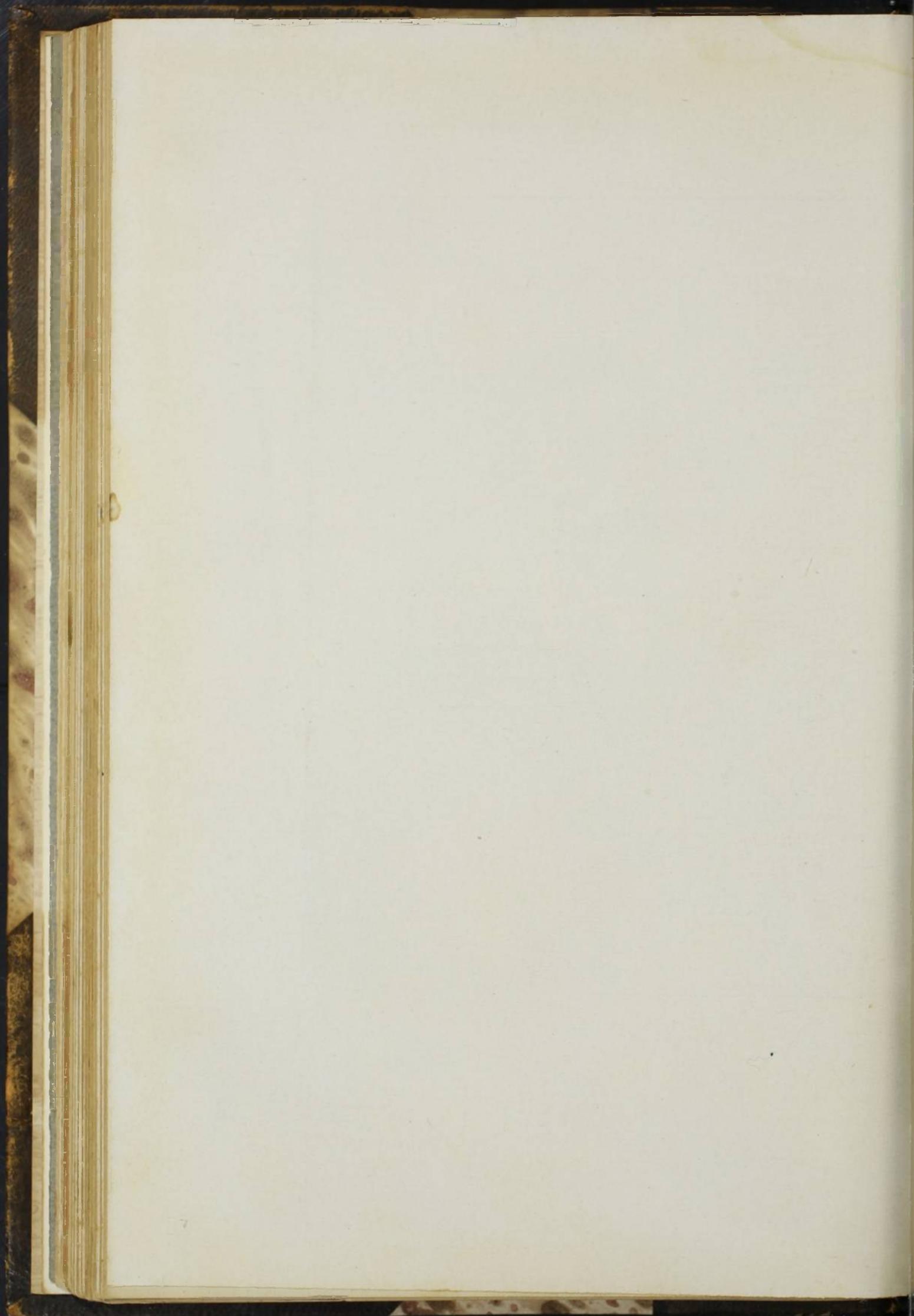
Então... eu não creio em Deus?! Quem te disse isto? Puzeste-me na mesma roda dos singulares infelizes que usam do atheismo como usam de gravatas, por chic, e para se darem ares de sabios! Não. Rezo, sem palavras, no meu grande pantheismo, na perpetua adoração das cousas e na minha miserabilissima e falha sciencia sei, sei positivamente, que ha alguma cousa que eu não sei...

Ahi está neste bastardinho (e é a primeira vez depois da aula primaria que o escrevo) a minha profissão de fé.

Hade admiral-a o teu valente coração. Se existir o teu céo, meu brilhante amigo—para lá irei direitinho, num vôo, num largo vôo rectilineo desta alma aquilinea e santa, com assombro de não sei quantos resadores cujas azinhas de bacuráo servem para os voejos na penumbra do Purgatorio.



Euclides da Cunha e seu Filho



E serás o meu companheiro de jornada, porque é na nossa superinnervação, e é no nosso idealismo sem fadigas, e é na nossa perpetua ancia do bello que eu admiro e sinto o que eu não sei.

Singularissimo atheu. Mas não quero roubar-te mais tempo. até breve. Recomendações e abraços do

Euclides

Partiu depois Euclides para o Purús satisfeito de ver as terras do Norte que elle tanto amava, satisfazendo um velho sonho longamente acariciado. De Manaos, mandalhe esta carta cheia de saudades

Manãos, 10—5—1915.

*Coelho Netto.*

Quando fui hoje ao correio para assistir á abertura da mala do «Gonçalves Dias» levava a preocupação absorvente de encontrar cartas de casa—porque vae para dous mezes que não as recebo. Nem uma!... Mas, temperamento singular o meu, feito para todas as dores e todas as alegrias. Recebi toda garrida, embora vestida de preto, a tua carta gentilissima. E foi como uma janela que se abrisse de repente no quarto de um doente... Obrigado, meu esplendido companheiro de armas! Jamais avaliarás o resultado da tua verve tumultuaria neste tedio lugubre de Manaos. Manãos—ha uma onomatopéa complicada e sinistra nesta palavra feita do toar melancolico dos borés e da tristeza incrivel do Barbaro.

Não te direi os dias que aqui passo, a aguardar o

meu deserto, o meu deserto bravo e salvador, onde pretendo entrar com os arremessos britannicos de um Livingstone e a desesperança italiana de um Lara, em busca de um capitulo novo ao romance mal arranjado desta minha vida. E eu já devia estar dominando as cabeceiras do rio-mysterioso entrando nos primeiros boléos dos Andes ondulados.

Mas que queres? Manietaram-nos aqui as malhas da nossa administração indecifrável e só a 19 ou 20 deste receberemos as instrucções que nos facultarão a partida.

Imagina se perdem a minha paciencia!

Esta Manáos, rasgada de avenidas largas e longas pelas audacias do Pensador, faz-me o appetite de um quartinho estreito. Vivo sem uma luz, meio apagado e num estonteamento. Nada te direi da terra e da gente.

Depois ahi e num livro, « Um Paraiso Perdido », onde procurarei vingar a Hilæ maravilhosa em todas as modalidades das gentes adoidadas que a maculam desde o seculo XVII. Que tarefa e que ideal? Decididamente nasci para Jeremias destes tempos. Faltam-me apenas umas longas barbas brancas, emmaranhadas e tragicas...

Vamos a outro assumpto. Chegou tarde o teu pedido, sobre a proxima eleição da Academia. Já o Verissimo me communicou a renuncia do Vicente—indicando-me o Souza Bandeira. Mandeilhe o meu voto pelo vapor passado. Entre a tua carta e a delle medeiaram 30 e poucas horas, que era o avançamento do « São Salvador » sobre o « Gonçalves Dias ».

Capricho da fortuna.

Não te esqueças de ir com a tua senhora a visitarem

as minhas quatro enormes saudades, na minha fazendinha de Larangeiras. Escreve-me sempre e sempre. As tuas cartas serão recebidas mesmo no Alto-Purús.

Decimo segundo filho. Não sei se dar-te parabens por este transbordamento de vida.

Nestes tempos e nesta terra as creancinhas deviam nascer de cabellos brancos e corações murchos, meu velho Coelho Netto. De mim penso que uns restos de mocidade estão nas almas de alguns sexagenarios dos bons tempos de outr'ora.

Então estes desfibrados imbecis e jovens dão-me, ás vezes, vontade de perguntar a um Andrade Figueira, a um Lafayette, a um Ouro-Preto se já fizeram 20 annos.

Mas façamos ponto; alto! neste rolar pelos declives do meu pessimismo abominavel. Adeus; até breve— porque infallivelmente ainda te apertará num abraço o teu

Euclydes

Depois de varios mezes de estadia na Amazonia regressa ao Rio. No dia de sua chegada procurou Coelho Netto para entregar o presente que elle considerava o mais precioso que lhe trouxera: — uma palmeirinha, colhida no varadouro extremo do Alto-Purús e que viéra cercada de todo o carinho, offerecida com todas as recommendações cautelosas; um outro presente — um chapéo do Chile, de custo elevado, igual a outro para Rio Branco, esquecera-lhe dar, só o fazendo mezes depois...

Era assim a sua feição intima. Da Amazonia voltou possuido de uma tristeza acabrunhadora. Contava a Coelho Netto em longas palestras suas impressões eston-

teantes do mundo novo: a Natureza tem ali caricaturas macabras. E Coelho Netto dá vida á expressão do *rato-coro*, o animalzinho pequenino e capaz de um barulhão enorme — o barulho dos mediocres... e o *cipò mata-ior* que vae insidiosamente, a pouco e pouco, enroscando-se na arvore, que o apoia e protege, até tomar alento e a ir constringindo até matar — a força dos aduladores...

Mostra assim como todas as suas imagens se derivam do seu amor á natureza.

Narra o episodio da bandeira brasileira, ausente no banquete offerecido pelos Peruanos á Comissão Brasileira, no qual esta era tratada com ironia, e onde Euclides, na hora do brinde, agradece aos companheiros do paiz visinho o terem feito a sua Patria comparecer áquella festa, não com o symbolo de um pedaço de panno mercenario, mas representadada pelas cores vivas de uma palmeira rectilinea a forte, representante natural daquellas paragens.

Graças a sua energia e só á sua energia deve-se o termo da empreza temeraria, que elle levou a fim, em meio dos maiores sacrificios, revoltas, naufragios, vasante, escassez de recursos. Refere-se á recusa de Euclides em receber os ordenados que lhe eram pagos considerando-o em commissão, emquanto redigia aqui o Relatorio de seus trabalhos. Fala em seguida de traços curiosos de sua personalidade — um delles: o seu horror a vestir casaca; conta como precisando ir a uma festa no Itamaraty, Gastão da Cunha, autoritariamente, leva-o a uma casa de roupas feitas, obrigando-o a vestir-se todo de casaca... mas a casaca foi para a sua casa e Euclides não compareceu á

feita... Allude ao desarranjo domestico em que vivia e refere, a proposito uma palestra que tivera com o Barão do Rio Branco sobre a necessidade de procurarem transformar o ambiente em que vivia Euclides, sobretudo pela posição de destaque que assumira, principalmente entre os diplomatas sul-americanos, que muito o desejavam conhecer, devido ao successo do seu livro «Perú-versus-Bolivia».

Euclides recusa esta solitudine affectuosa dos seus amigos desculpando-se. Era já nos seus ultimos annos; uma preocupação tenebrosa começava a germinar informe e vaga em seu espirito, afogado em mil pensamentos e trabalhos; notava repetidamente que lhe desaparecia dinheiro da carteira; evoca magicamente Coelho Netto o episodio passado em sua casa uma noite de chuva a respeito de uma pagina de Taine. Conta o medo de Euclides diante da escuridão e o effeito que lhe produziu a morte de Machado de Assis, em que tanto o impressionara a visita do menino ao leito do grande mestre moribundo e sobre que escreveu, na redacção do «Journal do Commercio», a pagina magistral da «Ultima visita». Sahiram juntos, descendo o Cosme Velho a pé. E tal era o estado de Euclides que Coelho Netto fe-lo acompanhar até a casa por Martins Fontes. Cita o facto de uma visão de Euclides em S. José do Rio Pardo.

Dirigia-se a cavallo para a ponte quando divisou ao longe um vulto branco de mulher; aproximou-se e ao chegar perto o vulto desapareceu... E commentava elle sorrindo — «Eu só senti não ter quatro chilenas para correr mais!» Diz algumas palavras sobre o escriptor com dados colhi-

dos em cadernos intimos, que pertencem ao Gremio, onde encontrou fragmentos de tudo:— pensamentos de Marco Aurelio, trechos inteiros do General Cunha Mattos e de Paul Saint-Victor, uma larga e variada terminologia, ache, gas verbaes de Camillo, notas dispersas, impressões, paizagens, estudos ligeiros, auto-critica e, principalmente, uma carta que parece ser dirigida a Julio de Mesquita, sobre a sua candidatura a deputado estadual.

Refere-se ao volume de Durval Vieira de Aguiar —, «Descripções Praticas da Provincia da Bahia», que possui com uma anotação copiosissima do punho de Euclides. Mostra assim a probidade sempre mantida, com o maior rigor, em tudo que fazia.

Conta como foi salvo o capitulo «Judas Ahsverus» d'«A' Margem da Historia»: parecerá a Euclides uma nota dissonante, na austeridade daquellas paginas, aquelle parenthesis doloroso, e communica a Coelho Netto que vae eliminal-o do seu livro. Sua Senhora ouvindo-o, protesta contra a suppressão do melhor capitulo e só deante dessas insistencias reiteradas é que Euclides céde.

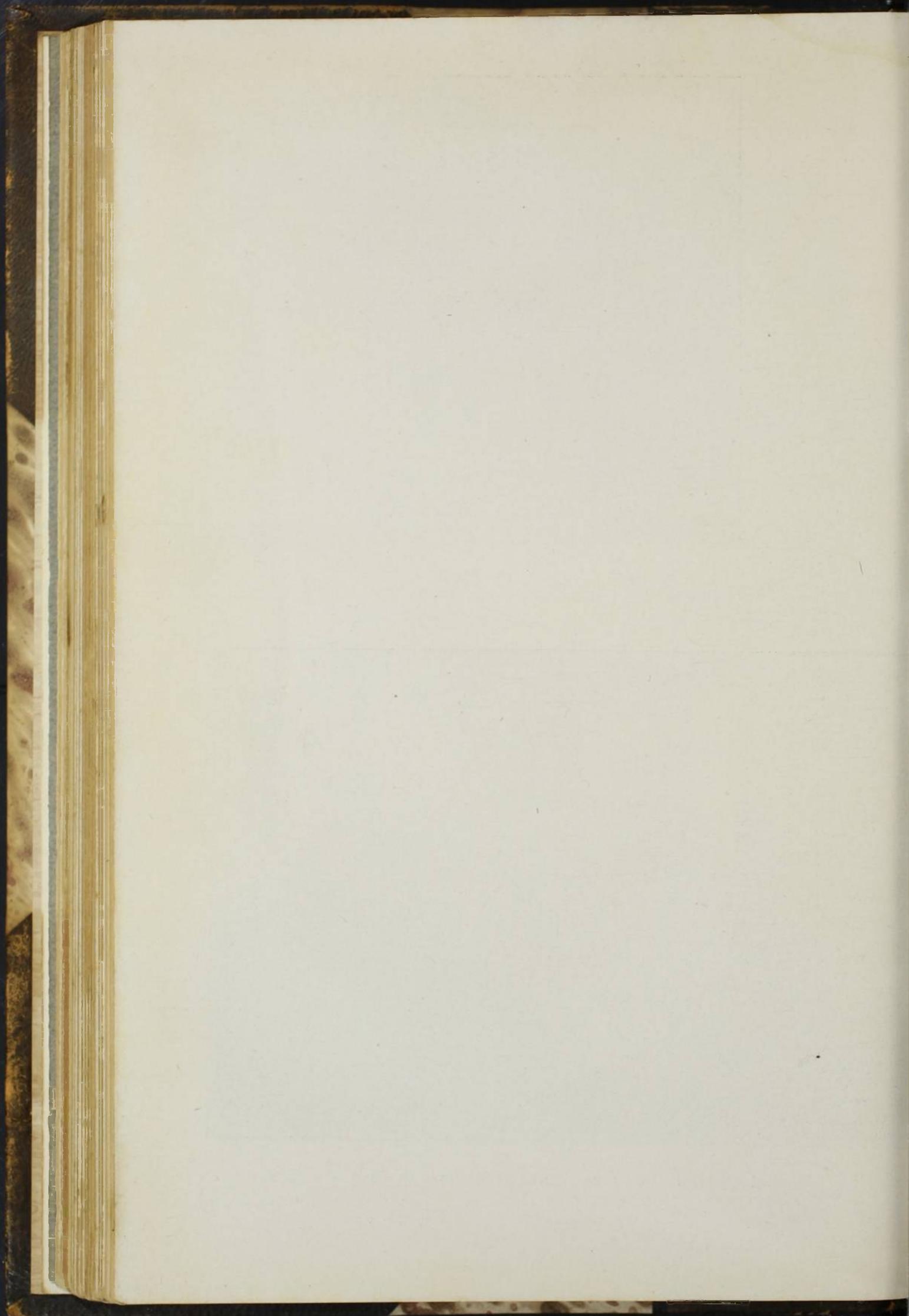
Chega aos ultimos dias do Amigo dilecto, mostrando-o irritado e triste, visitando-o frequentemente, todos os dias. Refere-se ao concurso de Logica, ás vacillações de Euclides, aos aborrecimentos e depois d'elle realizado á resolução que tomára de desistir da nomeação. Lê uma carta intima dando conta dessa deliberação, num documento que lhe retrata fielmente a grandeza moral incommutavel; consegue a custo demovel-o do proposito e no dia de sua nomeação só Euclides não estava alegre.



15— Euclides da Cunha em companhia de Coelho Netto e Goulart de Andrade, á saída do cinema Ouvidor (Agosto de 1909)



Euclides da Cunha, no enterro de Machado de Assis



Revive o Euclides da intimidade, o amigo carinhoso e dedicado, embevecido ante a harmonia e a belleza da Familia, tendo só palavras de louvor agradecido pela compartilha que lhe davam.

Fala do «Paraizo Perdido», livro cuja leitura de um dos capitulos promettera a Coelho Netto pouco antes de sua morte.

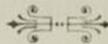
Por fim, relata Coelho Netto os episodios velados em que ligeiramente sombreavam traços da tragedia final. Quando nascera o seu ultimo filho, visitando-o Coelho Netto, em sua casa, á rua Humaytá, no noite seguinte Euclides interpella-o: «Coelho Netto que achas do meu filho? » A resposta sincera foi que lhe parecera uma creança como todas as recém-nascidas. — «Não, disse elle, parece-me uma espiga de milho num cafésal...»

Poucos dias antes de sua morte, achava-se em companhia d'elle e de Goulart de Andrade no cinema Ouvidor. Ao desfecho tragico de um film americano em que o esposo ultrajado vingára com a morte a infamia do ultrage, Euclides emocionado, transfigurado, tem esta phrase a voz alta: «E' assim que eu comprehendo.» Era já pòr dias de Agosto de 1909. Em 10 deste mêz, Coelho Netto recebeu de Euclides um convite para um passeio a floresta em companhia do Dr. Loefgren, convite que recusou. Por horas da manhã chuvosa de 15 de Agosto, recebe este telegrmama laconico, da estação da Piedade: «Euclides gravemente ferido, traga Afranio». Imaginara para logo um accidente no passeio projectado com o Dr. Loefgren, com certeza feito imprudentemente naquelle dia chuvoso. Não encontrando o Dr. Afranio Peixoto, a quem o tele-

gramma alludia, acompanhado de Martins Fontes, para lá partiu, sem noticia alguma ainda do horror da tragedia.

Ao chegar a este ponto da conferencia a palavra de Coelho Netto recúa, achando-se diante de um episodio da Orestia: — grandeza tragica da scena!

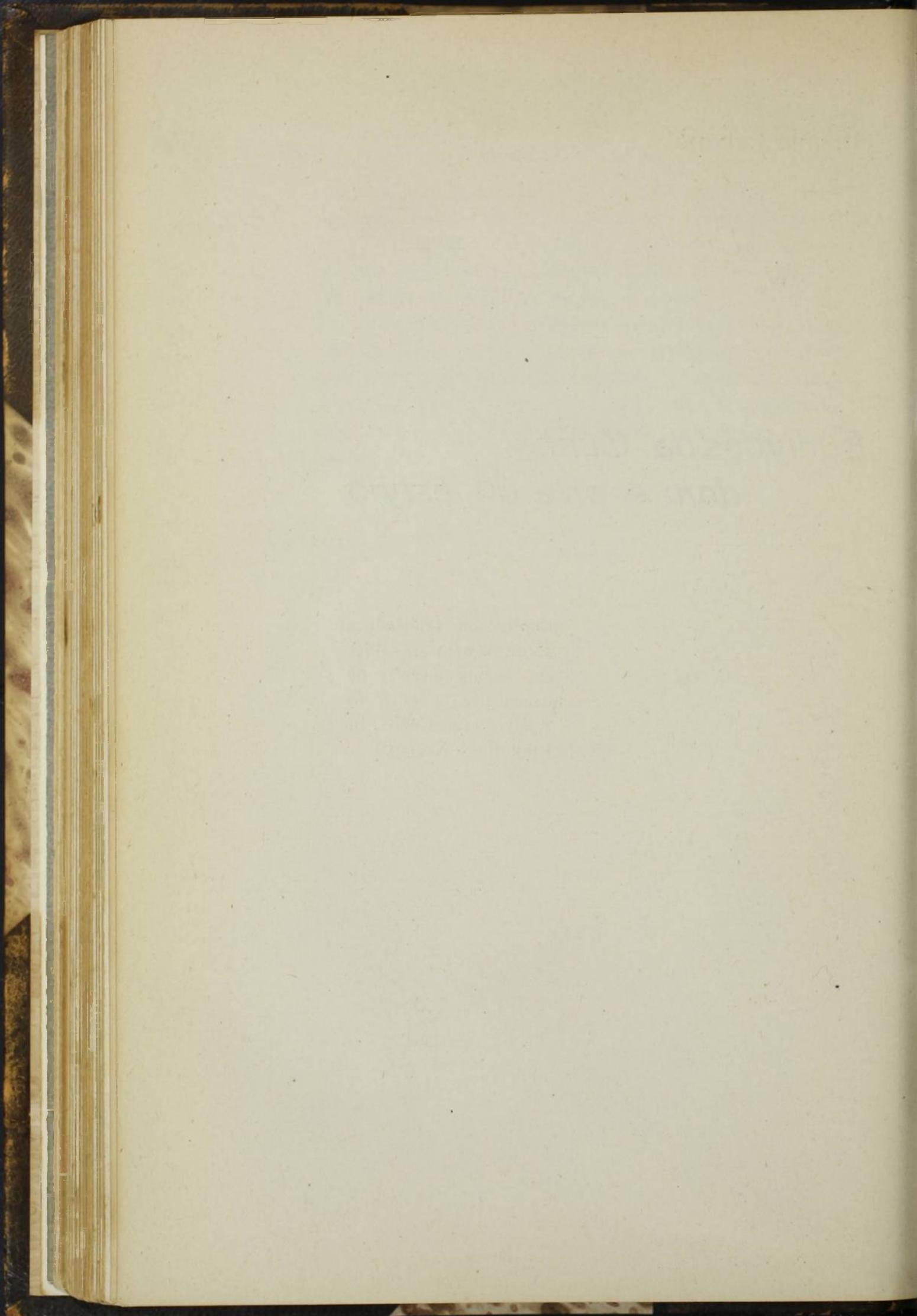
Conclue a sua encantadora palestra, evocando Euclides da Cunha como o homem que elle proprio descreve nas paginas magnificas dos «Sertões», apathico ás vezes como o sertanejo e como este outras vezes, transfigurado, sempre com os traços definidos de uma figura moral incomparavel.

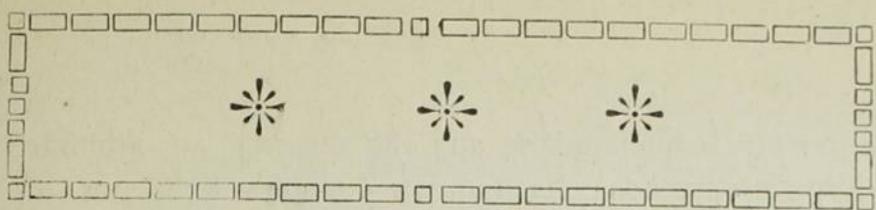


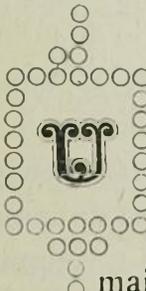
Afranio Peixoto

*Euclides da Cunha:*  
*dom e arte do estylo*

Conferencia realizada a  
15 de Agosto de 1919,  
em commemoração do  
decennario da morte de  
Euclides da Cunha, na  
Bibliotheca Nacional.





ma grande gloria pesa sempre aos contemporaneos. Se ella não é o que os homens mais ambicionam na vida, é certamente o que menos perdôam aos seus semelhantes.

Não espanta que Aristophanes preparasse a cicuta de Socrates, que Virgilio e Horacio nem sequer pronunciassem o nome de Cicero, que Madame de Sevigné, com egual clarividencia, prophetizasse, Racine passaria, como havia de passar a moda recente do café...

Quando um monstro, um Hugo, depois de encher um seculo com a atroada e o clarão do seu genio, mor-

re por fim, a humanidade que elle coagira ao admirar, suspira desabafada, e tacitamente conspira, dahi por diante, em não lhe repetir uma imagem, declamar um verso, reler um livro, divertindo-se em lhe devassar a intimidade para o reduzir á miseria commum dos viventes. Ai de quem possue uma gloria exclusiva, e, portanto intoleravel, ou peor, uma gloria duradoira, e, então, fatigante!

O nosso Euclides da Cunha não correu, felizmente, este risco. Se o seu livro lhe deu immedinta e alarmante consagração, de grande escriptor, lido, treslido, e ás vezes decorado, paginas inteiras, como eu mesmo vi, e deponho por testemunho, do norte ao sul do paiz, desse litoral onde vivemos ainda, «arranhando as praias como carangueijos» no dizer do velho chronista, áquelles sertões broncos, adustos e longinquos, que elle trouxe definitivamente á preocupação nacional, o mau destino do homem, servindo á gloria do artista, pôs fecho tragico naquella trajetoria de astro, e «por protesto e por adoraçãõ» nos reuniu, seus amigos e seus admiradores, nesta homenagem que todos os annos lhe prestamos, e já vai por dez annos! com uma espontaneidade que não se distrae, sempre e mais crescente fervor!

Lembra-me a commoção, em Ravenna, no mausoléu do Dante, vendo arder, noite e dia, uma pequena lampada votiva que illumina como apothese tocante o longo somno do Poeta. Veiu-lhe o oleo de todas as partes do mundo, dessas Sociedades Allighieri, que assim como disseminam a cultura latina e o culto da «Divina Comedia», num symbolismo magnifico entretém a chamma da perpetua adora-

ção ao genio que lhe personifica hoje as tradições do passado millenar, a lingua nacional, a gloria literaria, as reivindicações politicas, como se fora o mesmo transumpto da Patria ... Que valem as estatuas frias e apagadas no centro isolado das praças ou nos desvãos abandonados dos parques, diante dessa solícita e carinhosa, lucida e ardente glorificação.

Assim sois vós, mocidade de minha terra, que vos esqueceis dos tumulos da idade e das solicitações da hora que passa, para recordardes ao Brasil desattento que um dos seus filhos, dos maiores pelo talento e pela bravura, passou sem cumprir todo o seu destino, impedido brutalmente de dar toda a seara do oiro do seu genio e que é mister e justiça consolar, compensar, exaltar, na pompa destas commemorações!

### *A SIGNIFICAÇÃO d' «OS SERTÕES».*

Euclides da Cunha deve ser louvado, não com epithetos, mas na sua obra, no seu grande livro, no merito incisivo delle, pelo qual tocou e prendeu a alma nacional, o estylo, com que conseguiu reunir a attenção dispersa e interessar a esquivia curiosidade do Brasil.

Quem reflecta sobre as causas do exito triumphal desse livro, desde 1902,

*Ce siècle avait deux ans...*

poderá achar varias, que serão de segunda ordem, sem esta primeira e maior que é o estylo d'«Os Sertões».

Será, pois, este o nosso thema.

O livro tem, entretanto, um endereço patriótico e um alcance científico.

E' a denuncia da incapacidade civilisadora que até agora tem sido o nosso peccado, ainda sem remissão, talvez sem penitencia, no desbravar e possuir o continente que nos legaram os nossos maiores e que lhes coube mau grado delles, na fortuna do mundo distribuido aos aventureiros.

Um episodio bem caracteristico é o pretexto do volume. O livro, porem, é, propriamente, uma monographia, como o estava a pedir a raça sertaneja, que os povos colonizadores constituíram durante estes quatro seculos no recesso de terra, e da qual sahirão amanhã, depuradas as origens adventicias e autochtonas que hão de desaparecer, os verdadeiros brasileiros, naturalizados, pelo clima, pela adaptação, pelo condicionamento, pela labuta, pelo soffrimento e pelo amor a donos do Brasil.

Ja Sarmiento havia dado na Argentina, nesse outro livro de genio, «Facundo», o exemplo de uma monographia-biographica do homem, symbolo grandioso de uma raça e de um momento historico, nas terras livres e licenciosas da America. Um seculo de caudilhismo sangui-nolento, rapace, irrequieto, entrecortado de gestos cavalleirosos e de inauditas violencias entre a miseria dos campos, a indiferença das cidades, a tristeza do deserto e a ancia pela civilização, ahi estão nesse livro, o primeiro dos maiores que o continente começou a produzir. Data com effeito de 1845 e foi

escripto para desaffrontar a Civilisação promettida a America, contra a tyrania, agora de Rosas, que ainda nesse tempo aterrorizava o Rio da Prata. Tambem «Os Sertões» são um revide á barbaria, que mantida pela incapacidade do homem, é afogada por elle num momento de desespero numa chacina de caudilhagem.

Sarmiento retrata no «Facundo», antes que desapareça, mais meio seculo transcorrido talvez, a historia torva e deploravel do primeiro instante de emancipação desse espirito americano, filho de Terra Virgem e do Colonizador devassador, criatura grosseira, insubmissa, turbulenta, e, entretanto, capaz de esforço disciplinado e proveitoso, para a prosperidade e para a razão educada, que felizmente lhe vêm chegando. O quadro da terra grossa e das gentes grosseiras cercam as figuras do drama: são os pampas e as cordilheiras, o rastreador, o vaqueano, o gaucho, o caudilho; a insubordinação, a revolução, a guerra civil, o despotismo, cercam e dão perspectiva sinistra á figura tragica de Facundo Quiroga, seus asseclas e inimigos, «heroes e bandidos» da mais negregada especie que tem conhecido os annos da humanidade.

Euclides da Cunha era genio para empresa semelhante. Lembra-me que concordamos uma vez neste pensamento. Servia elle ao Ministerio das Relações Exteriores e falou-se que seria mandado ao Rio da Prata, ao Paraguay, como Ministro plenipotenciario.

Reluctava, tímido e desageitado, se podia desempenhar as funcções futeis do cargo, que, parece, são, hoje em dia,

as da maior preocupação, não só dos mandantes como dos mandatarios. Não pensei no protocolo e muitas vezes lhe implorei que aceitasse, porque nos traria uma epopéa de Rosas, Francia ou López, de Artigas, San Martín ou Bolívar, se conseguisse ir estudar-lhes os modelos e reminiscencias nessa America espanhola.

O jagunço que Euclides estudara era um ser transitorio, esporadico, revivescente, periodico e sempre ephemero, como as crises que o suscitam, pela politica, a miseria, o fanatismo, o cangaço, quando assolam os nossos sertões. Não têm o relevo e a projecção symbolica e collectiva, que conduzem á Historia.

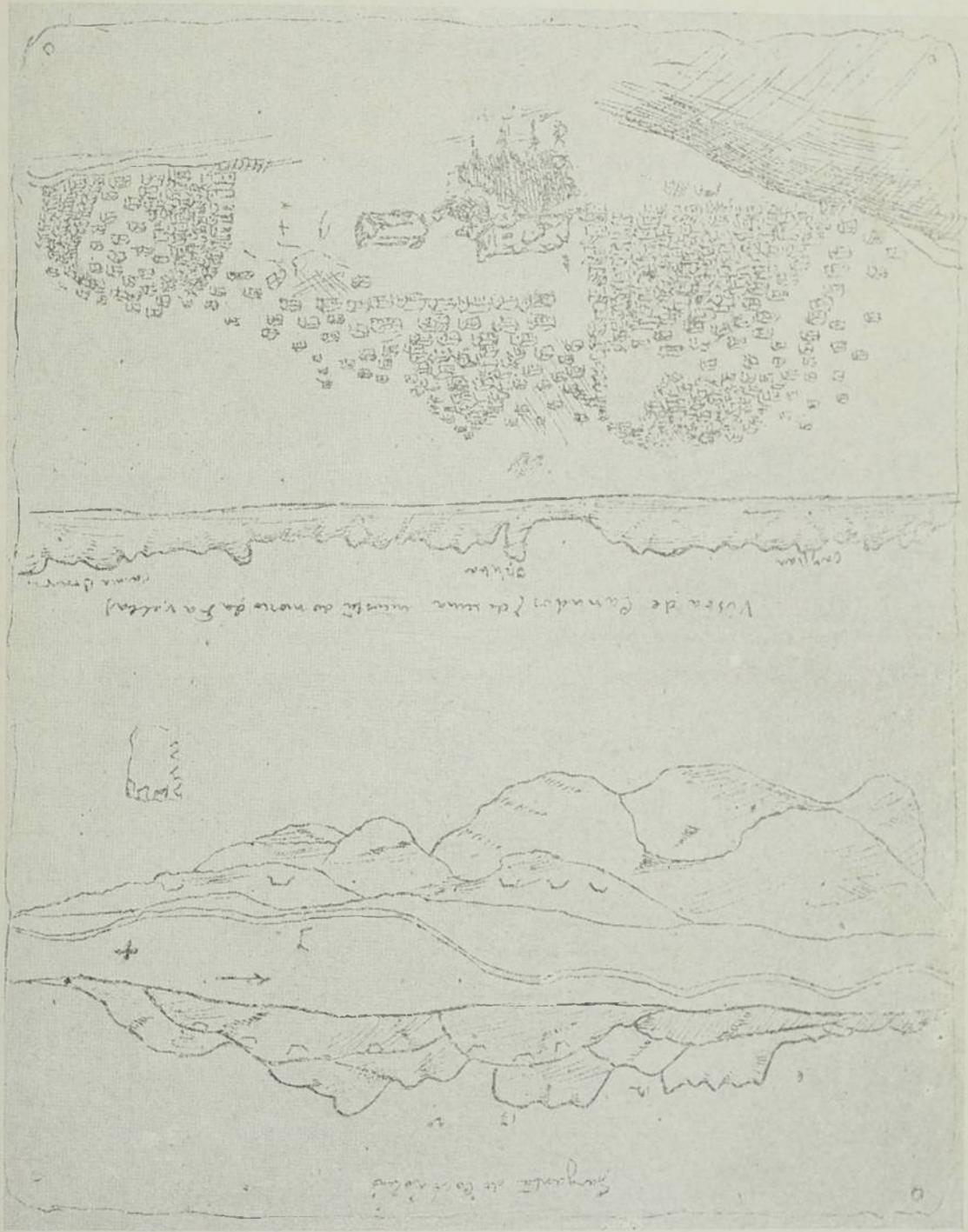
São os nossos caudilhos aborsos, e seus arremessos não chegam sequer a guerrilhas, porque pécam em aventuras policiaes. Imaginae agora a maravilha que elle nos daria, procurando os grandes caudilhos no seu meio.

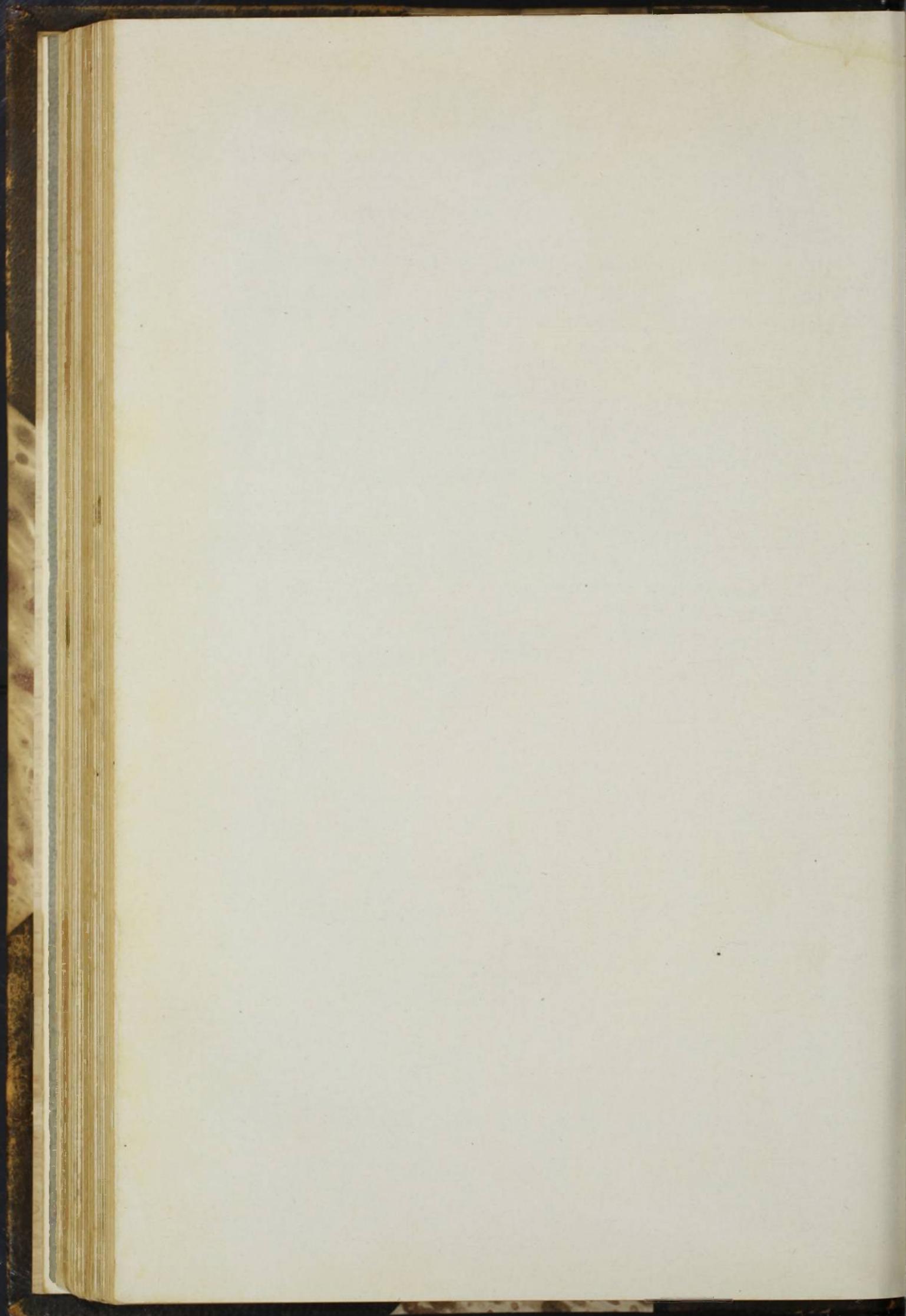
Um Sarmiento com estylo, que prodigiosa replica a «Os Sertões»!

### A INVOCAÇÃO

Foram estes o maior da obra de Euclides. Teve tento em chamar assim, embora o pretextto fosse a Campanha de Canudos, embora o desenvolvimento da idéa o conduzisse da terra ao homem, ás acções desse contra os outros homens. A gente e seus feitos é anedota mediocre para o scenario deslumbrante e terrivel, o quadro empolgante e commovedor que nos descreveu, a penna apontada em diamante—«Os Sertões»! Elles dominam toda a obra, da primeira a ultima pagina, presentes sempre,

Fac-simile de um croquis de Canudos, extrahido do caderno do Instituto Historico





perduraveis ainda talvez por seculos, como desafiando o nosso espanto e a nossa conquista... Um dia, ai de nós! muito remoto ainda, quando os domarmos em campos roteados e prestadios, serranias galgadas e abatidas, açudes e barragens que hão de criar e propagar a abundancia, nas paginas do bandeirante que no-los descobriu e revelou, em Euclides da Cunha, teremos guardado o contraste do seu presente retrato...

Tamanha foi a impressão desse descobrimento ou dessa revelação, que teve força até para mudar a indole de um vocabulo da lingua.

Antes de Euclides não havia sertões; parecia que o nome não comportava demasias, porque de si já era singular. O Sertão é o recesso, é o intimo do deserto, o «desertão», como o mundão é lá muito longe, ainda mais longe, onde o mundo parece acabar e recomeça o mundo... E' o augmentativo de uma qualidade; não tem plural. Deu-lh'o Euclides porque, antes d'elle, reunira Coelho Netto algumas novellas sob este titulo: «Sertão». Depois, Affonso Arinos, encontrando um precursor, chamou a um seu livro de contos sertanejos, «Pelo Sertão». Euclides da Cunha não pôde tambem ousar senão «Os Sertões».

E' um provinciano Coelho Netto, adoptado como o mais cidadão dos cariocas, mas, pela obra, se lhe descobre que vem de longe, da India, da Persia, da Grecia Antiga e apenas ás terras barbaras do Brasil concede, por prodigalidade, algumas mealhas, de cunho e de preço inestimaveis, como só os tem os seus thesouros. Affonso Arinos, esse era caipira, lá do Paracatú, das Minas Geraes, mas em S. Paulo aprendeu o caminho de Paris e viveu

dahi por diante repuxado entre os seus ideaes, um que o prendia á terra natal e lhe dava assomos de ternura com que lhe contava, como ninguem, as historias rudes e pitorescas, outro que o atrahia de longe, para o fascinar, e distrahir da obra prima que nos devia e de que nos deixou apenas os grandes esboços. Euclýdes da Cunha, não, era sertanejo e continuou sertanejo toda a vida, bem cabôclo, ainda mais depois de devassar o Brasil, terra unica que conheceu e amou, de Minas ao Amazonas, de S. Paulo a Bahia, nunca affeito ás attitudes urbanas e polidas que a Civilização lhe impunha, obrigando-o, torturado e canhestro, a fugir para a solidão livre dos seus sertões. Só elle os poderia completamente comprehender e revelar, como o fez, nessa amplificação magnifica do seu livro, que lhe começa até na amplificação singular do titulo.

### O PRESTIGIO

E esse, tamanha foi a influencia de a quem serviu, que é o dominador hoje em dia. Já não sabemos mais falar do sertão, porém dos «sertões» do Brasil, os «nossas sertões», que é preciso approximar com estradas, loggar com irrigação, agricultura, colonização, transportes, sanear com hygiene da saude e da educação, contra os males do corpo e da alma, acabando nelles os jagunços e cangaceiros, as sêcas e o êxodo, as sezões e a opilação, que os damnam e perdem para nós.

Os sertões estão na moda. Andam nas preoccupações politicas, jornalisticas, scientificas e literarias-

Na ocasião dos programmas e das promessas, quando o assumpto escassêa nas redacções, se ha sabio em disponibilidade, estão os letrados inappetentes de themas peregrinos, elles inspiram e suggerem o que lhes sobra de interessante, novo, esperançado, original, patriotico, com que satisfazer e abastar numa variedade ou numa distração o cansaço ou a curiosidade das cidades no litoral. Como é proprio da industria seguir a sciencia, já os exploram sertanejos e sertanistas, endoçando, num proveito pessoal de momentos, esse bom gosto racional.

Foi Euclides da Cunha que trouxe estes sertões até nós, nas paginas impressionantes do seu livro. Se os estudiosos das fontes literarias tiveram um dia de pesquisar as influencias que o precedem e donde vem como derivação, nós, os seus primeiros admiradores, podemos desde já iniciar a exegése social de tudo o que provem delle no Brasil, todo esse vasto movimento de idéas e de intuitos, até de gosto e de iniciativas, que alteram ou ampliam o roteiro da Civilização nacional.

Para dar exemplo, em assumpto literario que agora não quero desflorar e reservo para thema de futuro estudo, da serie que ides continuando, esse da influencia do livro de Euclides da Cunha sobre os escriptores que vêm vindo, e até sobre os escriptores feitos, seus contemporaneos, venha um só exemplo que não deixará sem prova o meu asserto.

Lembrae-vos que ao maior dos escriptores nacionaes, a Ruy Barbosa, se ousou um dia, com bravura e originalidade, contrastar Euclides da Cunha. Foi o parallelo dos «dois grandes estylos». Só a intrepidez de Araripe Junior

era capaz de tamanha temeridade. Conduzia-o á reprovação nacional, quasi certa, alem daquelle penetração de espirito e excellencia de gosto que descobria e apreciava antes dos outros— e com que achou e encareceu a Euclides da Cunha,— o arrojo, a independencia, a insubmissão — com que mantinha os seus direitos de livre critica, — com que se atreveu até o humourismo ou á caricatura épica, naquelles «Dialogos das novas Grandezas do Brasil.»

A comparação, se não impunha preferencia, deixava liberdade ao fervor—, mas exaltava logo Euclides a uma tal preeminencia nas letras nacionaes que, por força, havia de impor a soberania delle aos mais desattentos, quando não aos contrarios. Já em outra occasião referi como Joaquim Nabuco, que poderia aqui representar o espirito classico, europêu e de importação, contra essa tendencia nova, americana, nacionalista, definir o estylo de Euclides. Não seria composto com o estylete civilizado, mas escripto a cipó. A imagem pretendia caricaturar ousadias e truculencias, suppostas ou reputadas barbaras. Tal critica e tal antinomia bastavam para contentar a um grande ambicioso. Estava Araripe Junior justificado.

Outra autoridade, José Verissimo, pedagogo até na literatura, acceitando a originalidade admiravel da estréa, esperava que a consagração e o tempo fizessem o milagre e trouxessem o barbaro a civilizado, gastando-lhe as arestas, polindo-lhe as asperezas, compassado e commedido, nas obras successivas. Foi só no desespero dessas previsões, quando Euclides continuou Euclides, que lhe lembrou, como admoestação, o conceito do philosopho

que só as coisas de gosto moderado possuem o dom de agrado, a tudo e a todos, taes como o ar, a agua, o pão nosso de cada dia... Os manjares extravagantes ainda saborosos, muito doces, picantes ou condimentados, terminam no enjôo. O brilho sempre offuscante, a fanfarra sempre heroica, da prosa euclýdeana acabariam na fadiga.

Expunha o critico um principio de psychologia, collateral desse outro, que tem sua razão aqui: a constancia de uma sensação tira a propria consciencia della. Insensibilidade e fadiga se permeiam na continuidade das sensações identicas e prolongadas, mas então seja a prosa lisa e fluente de Machado de Assis ou revolta e encachoeirada de Euclýdes da Cunha,

Contra toda expectativa, como na mocidade fizera a Castro Alves, o acolhimento de Machado de Assis a Euclýdes da Cunha não teve restricção. Não foi das menores ironias de seu espirito esta de amar e admirar aos seus contrastes. Não só lhe deu com alegria o voto, quando bateu ás portas da Academia Brasileira, como mais tarde, ao desconfiado, esquivo e talvez rebelde academico, indicou para presidir aos seus pares, numa daquellas eleições em que só o suffragio de Machado de Assis quebrava a unanimidade com que sempre o reconheceram o primeiro da sua gloriosa companhia. Num cenaculo literario em que havia outras grandes figuras que sobre o prestigio social juntavam a condição imponente da idade, essa predilecção de Machado era para orgulhar a Euclýdes da Cunha.

Os maiores, pois, foram tocados da força sumptuosa daquelle talento, que, irradiada pelo ambiente do seu

meio viria attingir, á distancia, os mais altos e nobres cimos da intelligencia nacional. Prometti dar uma prova que, por singular, não é menos bastante. E' o proprio exemplo de Ruy Barbosa. Até elle, na sua altura e no seu afastamento, no seu genio e na sua cultura, tão oppostos e diversos de todo o Euclides, até neste se descobrem hoje em dia os vestigios da influencia euclideana. Com effeito só depois d'«Os Sertões,» só depois desse meio novo que elles criaram em nosso ambiente social e literario, se encontram na obra de Ruy Barbosa esta inclinação cada vez mais evidente ás coisas da terra e da gente, na sua rudeza selvagem, na sua espontaneidade barbara, que antes lhe repugnavam á cultura refinada e peregrina. De classico, castiço, brasileiro ainda lusitano pela lingua e pelas imagens, passou a brasileiro que não desdenha já as palavras de calão, o linguajar pitoresco do populacho, agora chamado «brasileirismos»... ou as comparações sertanejas, imaginosas e bravias metaphoras, uma vez possuam esse gosto acido, essa frescura espumante, do espirito agreste de nossa gente.

Euclides da Cunha pode ser assim galardoado com um titulo magnifico, de mestre de nacionalismo. E mestre de que alumnos! Melhor prova da excellencia desse ensino não darei do que aquellas paginas de anthologia, intituladas «o minhocão», «o perdigueiro e o tatú assú», «o Chantecler dos poteiros», o «Carangueijo» «aves palradeiras ou guinchantes», «a malaria», «o Brasil caxingó», o «Geca Tatú»... e nas quaes esse novo endereço das realidades intimas de nossa terra clamam aos brasileiros desprevenidos, nas expressões mais formosas de nossa linguagem.

Podereis se o quizerdes, para proveito de estudo, numa lição de «dois grandes estylos», compara-los num mesmo thema que Euclides da Cunha riscou impressionadoramente, e Ruy Barbosa concertou e poliu para nossa maravilha. E' o «estoiro da boiada». Na leitura oral, um depois do outro, e não como será depois, juxta-postos, será mister chamar-vos a atenção para o que na fórma graphica resaltarão logo aos olhos menos demorados. Os dois mestres estão nestas paginas da mesmas descripção como devia ser, com as suas inconfundiveis personalidades. Retomando um assumpto, que Euclides da Cunha illustrara com o seu rude genio, Ruy Barbosa não o alcançou, não o venceu: conseguiu outro tanto, não outro Euclides de Cunha, mas sempre o mesmo Ruy Barbosa

Anda a boiada sua marcha vagarosa nas batidas chãs do sertão: Euclides, todo movimento, não se contem e obrigado a refrear-se para preencher um dos dypticos do quadro, põe o vaqueiro a matutar sobre os lombos do alazão, enquanto Ruy compõe uma paisagem maravilhosa que essas alimarias mansas e tardas povoam de bucolico encanto. A boiada, porém, arranca. São tres ou quatro phrases com que Ruy Barbosa define essa violencia, que lhe repugna ao espirito sereno; Euclides da Cunha é então que se revella arrepellado, indomito, possesso, «estoirando» elle mesmo e arrastando o seu leitor na vertigem desabalada do arranco.

Comparaes-os e julgareis.

## O ESTOIRO DA BOIADA (1)

Euclides da Cunha: «OS SERTÕES» p. II, c. III, pag. 127, 1902

*Segue a boiada vagarosamente, á cadencia daquelle canto triste e preguiçoso. Escanchado, desgraciosamente na sella, o vaqueiro, que a revê unida e accrescida de novas crias, rumina os lucros provaveis: o que toca ao patrão, e o que lhe toca a elle, pelo trato feito. Vai dalli mesmo contando as peças destinadas á feira; considera, aqui um velho boi que elle conhece ha dez annos e nunca levou a feira, mercê de uma amizade antiga, além um mumbica claudicante, em cujo flanco se enterra estrepe agudo, que é preciso arrancar; mais longe mascarado, cabeça alta e desafiadora, seguindo apenas guiado pela compressão dos outros, o garrote bravo que subjugou, pegando-o de «saia», e derrubando-o, na caatinga; acolá, soberbo, caminhando folgado, porque os demais o respeitam, abrindo-lhe em roda um claro, largo pescoço, envergadura de bufalo, o touro vigoroso, inveja de toda a redondeza, cujas armas rígidas e curtas relembram, estaladas, rombas e cheias de terra, guampaços formidaveis, em lucta com*

Ruy Barbosa: Conferencia em Juiz de Fora, a 17 fev. 1910

*Vae o gado sua estrada, mansamente, rota segura e limpa, chã e larga, batida e tranquillã, ao som monotono dos «eias» dos vaqueiros. Calhem as patas no chão em builha compassada. Na vagoçura dos olhos dilatados trans-luz a inconsciente resignação das alimarias, oscillantes as cabeças, pendentes a margem dos perigalhos, as aspas no ar, em silva rasteira por sobre o dorso da manada.*

*Dir-se-hia a paciencia em marcha, abstracta de si mesma, ao tintinar dos chocalhos, em pachorrenta andaçura, espartada automaticamente pela vara dos boiadeiros.*

(1) Em gripho faço compor a parte descriptiva essencial, para resalto da predominancia desta ou daquelle scena, em cada escriptor.

os rivaes possantes, nos lo-  
gradouros ; além para toda a  
banda outras peças, conhe-  
cidas todas, revivendo-lhes  
todas, uma a uma, um inci-  
dente, um pormenor qual-  
quer de sua existencia pri-  
mitiva e simples,

*E proseguem, em ordem,  
lentos, ao troar merencorio  
da cantiga, que parece aca-  
lental-os, embalando-os com  
o refrão monotono :*

*«E cou mansão...*

*E cou... é cão !»*

*echoando saudoso nos des-  
campados mudos...*

*De subito, porem, ondula  
um fremito sulcando, num es-  
tremeção repentino, aquelles  
centenares de dorsos luzidios.*

*Ha uma parada instantanea.  
Entrebatem-se, enredam-se,  
trançam-se e alteiam-se fis-  
gando vivamente o espaço, e  
inclinam-se, e embaralham-se  
milhares de chifres. Vibra  
uma trepidação no sólo ; e  
a boiada "estoura".*

*A boiada arranca.*

*Nada explica, ás vezes, o  
acontecimento, aliás vulgar,  
que é o desespero dos campei-  
ros.*

*Origina-o o incidente mais  
trivial—o subito vôo rasteiro  
de uma cagaça ou a corri-  
da de um mocó esquivo. Uma  
vez se espanta e o contagio,*

*Eis senão quando, não se  
atina porque*

*a um accidente mi-  
nimo, um bicho inoffensivo  
que passa a fugir, o grito  
de um passaro na capoei-*

uma descarga nervosa subitanea, transfunde o espanto sobre o rebanho inteiro. E' um solavanco unico, assombroso, atirando de pancada por diante, revoltos, misturando-se embolados, em vertiginosos disparos, aquelles macissos corpos tão normalmente tardios e morosos.

E ia se vão : não ha mais contel-os ou alcançal-os. Aca-mam-se as caatingas, arvores dobradas, partidas, estalando em lascas e gravetos ; desdobram de repente as baixadas num marulho de chifres ; estrepitam, britando e esfarelão as pedras, torrentes de cascos pelos tombadores ; rola surdamente pelos taboleiros ruido soturno e longo de trovão longinquo...

Destroem-se em minutos, feito montes de leivas, antigas roças, penosamente cultivadas ; extinguem-se em lameiros revolvidos, as ipueiras rasas ; abatem-se, apisoados, os pousos ; ou esvaziam-se, deixando-os os habitantes espavoridos, fugindo para os lados, evitando o rumo rectilineo em que se despenha a « arribada » — milhares de corpos que são um corpo unico, monstruoso, informe, indescriptivel, de animal phan-

ra, o estalião de uma rama no arvoredos, se sobressalta uma das rezes, abala, desfecha a correr, e após ella se arremessa, em douda arrancada, atropelladamente o gaão todo.

Nada mais o reprime. Nem braços. nem aguilhadas o detêm, nem tropeços, voltas ou barrancos por darante. E lá vai, incessantemente, o panico em desfilada, como se os demonios o tangessem, leguas e leguas

para a movimentação fácil sobre os *baques*, no galope fechado ou no corcovear raivoso, não se estragam em espinhos dilaceradores de caatingas. O seu poncho vistoso jamais fica perdido, embaraçado nos esgalhos das árvores garranchentas. E, rompendo pelas coxilhas, arrebatado na marcha do redomão desensofrido, calçando as largas botas russilhonas, em que retinem as rosetas das esporas de prata; lenço de seda, encarnado, ao pescoço; coberto pelo sombreiro de enormes abas flexíveis, e tendo a cinta, rebrilhando, presas pela *gataca* a pistola e a faca — é um victorioso jovial e forte. O cavallo, socio inseparavel desta existencia algo romanesca, é quasi objecto de luxo. Demonstra-o o arceamento complicado e espectacular. O gancho ambrajoso sobre um *pingo* bem aperado, está decente, esta correctissimo. Pode atravessar sem vexames os

*damado* — ~~perambulando~~ em festa.  
O vaqueiro, porém, criou-se em condições oppostas, em uma intermitencia, raro perturbada, de horas felizes e horas cruéis, de abundancia e misérias — tendo sobre a cabeça, como ameaça perenne, o sul, arrastando de envolta no volver das estações, períodos successivos de devastações e desgraças.

Atravessou a mocidade numa intercadencia de catastrophes. Fez-se homem, quasi sem ter sido criança. Salteou-o, logo, intercalando-lhe agruras nas horas festivas da infancia, o espantallo das secas no sertão. Cedo encaron a existencia pela sua face tormentosa. É um condemnado á vida. Compreendeu-se envolvido em combate sem treguas, exigindo-lhe imperiosamente a convergencia de todas as energias.

*esperto* — Fez-se forte, ~~forte~~, resignado e pratico.

Aprestou-se, cedo, para a lucta.

O seu aspecto recorda, vagamente, a primeira vista, o de guerreiro antigo exausto da refrega. As vestes são uma armadura. Envolto no *gabão* de couro curtido, de bole ou de vaqueta; apertado no collete tambem de couro; calçando as

Ser-se forte, resguardado e praticos. Apres  
 tua - e com pura e linda. E' um  
 pecto recorda por vezes, segamente,  
 o de um guerreiro antigo abastado de  
 refregas. As vestes são uma armad  
 dura. Envolto de gbas de couro co  
 tido de lode ou de rapeta, aper  
 tado pelo cullito tambem de couro  
 Calçando as perneiras de couro  
<sup>articulando-se por fivelas de sola,</sup>  
 cuasão ainda, muitos justes, coel,  
<sup>to-se</sup>  
 das as pernas e subindo até as  
 ritas; e resguardado os pés e a  
 mãos pelas luvas e guarda-pés  
 de pelle de urdo - e' como a  
 forma grossera de um campeador  
 medieval <sup>degarado em cossos (e)</sup>  
<sup>de um hermitão (parto com a touca e bota flocu)</sup>  
 po. Esta armadura, porém, não  
 tem scintillacões. Não rebrilha a ferro  
 pelo sol. E' fosca e penta em  
 os combalante de uma perpetua be  
 talha sem vestana.

tastico, precipitado na carreira douaa. E sobre este tumulto arrodando ou arremessando-se impetuoso na esteira dos deitros, que deixa após si aquella avalanche viva, largado numa disparada estupenda sobre barrancas, e vallos, e cerros, e galhadas — enristado o ferrão, redeas soltas, soltos os estribos, estirado sobre o lombilho, preso ás crinas do cavallo — o vaqueiro!

Já se lhe tem associado em caminho os companheiros que escutaram, de longe, o estouro da boiada. Renova-se a lida: novos esforços, novos arremessos, novas façanhas, novos riscos e novos perigos a despende e a atravessar e a vencer, até que o boiadao, não já pelo trabalho dos que o encaçam e rebatem pelos flancos senão pelo cansaço a pouco e pouco afrouxe e estaque, inteiramente abombado. Reaviam-no á vereda da fazenda; e resoam, de novo, pelos ermos, entristecedoramente as notas melancholicas do aboiado.

até que exausto o alento esmorece e cessa afinal a carreira, como começou pela cessação do seu impulso.

Eis o estoio da boiada. Assim o movimento politico de maio: um baque, um susto, uma fuga, um esparrame e a desordem geral no mundo politico surpreendido.

### O ESTYLO

Euclýdes da Cunha é um grande pintor da acção.

Não se conforma e desdenha a immobilidade, do homem e da paisagem. E ainda quando o sertão, o deserto, os «descampados mudos», como elle chama, se offercem a sua visão, povoa-os com as vertigens e o choque das antitheses e das comparações, e a deducção do que foram, a previsão do que hão de ser bastam para encher o quadro de movimento e de vida.

Como nos dias da Genesis não haveria mister de viventes, para o mundo se encher de clamor. Arrumar montes e cordilheiras nos macissos que se alteiam emersos do pelago, aprofundar vallados e despenhadeiros que se excavam nas rechans e nas corredeiras, onde as aguas turvas dos rios se engastam retorcidas nos torvelinhos das cataractas, bastaria para o tumulto universal. Assim nesse estylo cosmico de Euclýdes, no qual passa um sopro epico de borrasca ou de cataclysmo, a proposito de qualquer recanto dos nossos sertões. Abramos ao acaso; lá vae elle:

«Estereographa-se, duramente nas placas rigidias dos afloramentos gneissicos e o talude dos planaltos dobra-se no socalco da Mantiqueira, onde se encaixa o Parahyba, ou desfaz-se em rebentos que apos apontoarem as alturas de pincaros centralizados pelo Itatiaya, levam até ao amago de Minas as paisagens alpestres do litoral.

Mas ao penetrar-se este Estado nota-se, mau grado o tumultuar das serranias, lenta descensão geral para o norte. Como nos altos chapadões de S. Paulo e do Paraná, todas as caudae revelam este pendor insensíveis com derivarem em leitos contorcidos e vencendo, contrafeitos, o antagonismo permanente das montanhas: o Rio Gran-

de rompe, rasgando-as com a força viva da corrente, a serra da Canastra, e, norteadas pela meridana, abrem-se adeante os fundos valles de erosão do Rio das Velhas e do S. Francisco. Ao mesmo tempo, transpostas as sublevações que vão de Barbacena a Ouro Preto, as formações primitivas desaparecem, mesmo nas maiores eminencias e jazem sotopostas a complexas series de schistos metamorphicos infiltrados de veeiros fartos, nas paragens lendarias, do ouro. A mudança estructural origina quadros naturaes mais imponentes...»

E continua assim, sem parar a detença de um instante, apenas para tomar folego, possesso de divino delirio. Miguel Angelo, se fizesse geographia, seria no arroubo desses scenarios gigantescos.

Não ha para elle a miudeza ou a minucia, a phrase somenos de transição que é liame indispensavel, ainda nas telas maravilhosas: elle os transmuda em encantamento, transfigurados. Um raio de luz que faisca numa ponta de pedra é toda uma epopéa, um drama que reponta, se desenvolve num conflicto, e acaba num desenlace tragico. Vêde:

«A terra desnuda... Fere-a o sol e ella absorve-lhe os raios, e multiplica-os e reflecte-os, e refracta-os, num reverberar offuscante: pelo topo dos cerros, pelo esbarrancado das encostas, incendiam-se as accendalhas de silica fracturada, rebrilhantes, numa trama vibratil de scintelhas; a atmosphaera junto ao chão vibra num ondular vivissimo de boccas de fornalha em que se pressente visivel no expandir das columnas aquecidas, a effervescencia dos ares; e o dia, incomparavel no fulgor, fulmina a natureza silenciosa em cujo seio se abate, immovel, na quietitude de um longo espasmo, a galhada sem folhas da flora succumbida».

Nesse estylo dominam imagens, expressões, palavras que se poderiam dizer «dynamicas», considerado o impulso e a energia que os conduzem á nossa impressão: «as cordilheiras soterradas numa inhumação estupenda», «no alto, sobrepujando-as ou circuitando-lhes os flancos os lençoes de grés», «grandes blocos superpostos, mureamentos dismantelados de cyclopicos colyseus em ruiva», «visos dos escarpas obliquas sobranceiando as planuras interopostos, restos de monstruosa abobada desabada», a «accidentação cahotica dos boqueirões escancelados e brutos», «os ventos turbilhonando revoltos em rebojos largos», «um bracejar immenso de flora agonizante», «embruscado em minutos, o firmamento golpea-se de relampagos precipites, successivos, sarjando fundamente a imprimidura negra da tormenta».

E por toda a parte «repona», «inflexte», «golpea», «soergue», «assoma», «contorce», «desata», «subleva», «alcochetea», nas «socavas» «pedregaes», «bocainas», «esporões», «grimpas», «ramalhos», «muradaes.» «despenhos», «truncaduras»,... que mantem o leitor attento, admirado, confundido, vertiginoso, através dessas seiscentas paginas.

Entretanto, e colloborando no encanto e na novidade desse estylo lá vem as imagens que tem em Euclides a originalidade forte e imprevista da natureza virgem e magnifica do Brasil. Volvida a ultima pagina, essas imagens não passam, não esquecem e nos acompanham na mente e no coração, impressionantes e obsessivas como se gravadas em agua forte ou a buril excavadas na memoria. Recordae algumas, para não relermos aqui o livro todo: «O

sol poente desatava, longa, a sua sombra pelo chão»; «numa enorme expansão de plainos perturbados, via-se um ondular estonteador; extranho palpitar de vagas longinquas; a illusão maravilhosa de um seio de mar, largo, irisado, sobre que cahisse, e refrangesse, e resaltasse a luz esparsa em scintillações offuscantes...»; e a proverbial indiferença com que nos volvemos ás cousas da terra — a inercia commoda de mendigos fartos»; «os leitões endurecidos das ipueiras mostram, feito enormes carimbos, em moldes, os rastros velhos das boiadas»; a flora extravagante que vo Martins encontrou nas paragens do Bendegó é a «*siva horrida*» «no seu latim alarmado»; «desce a noite, sem crepusculo, de chofre — um salto da treva por cima de uma franja vermelha do poente» —; requeimada pela adustão diurna «a noite sobrevem em fogo, a terra irradia como um sol obscuro»; «o perfume suavissimo das flores, anteparos intacteis que nas noites frias sobre ella se levantam e se arqueiam obstando que soffram de chofre as quedas de temperatura, tendas invisiveis e encantadoras, resguardando-as...»; «sobre a natureza morta, apenas se alteam os cereus esguios e silentes, aprumando os caules circulares repartidos em columnas polyedricas e uniformes, na symetria impeccavel de enormes candelabros. E avultando ao descer das tardes breves sobre aquelles ermos, quando os abotoam grandes fructos vermelhos destacando-se, nitidos, á meia luz dos crepusculos, elles dão a illusão emocionante de cirios enormes, truncados a esmo no solo, espalhados pelas chapadas, e accessos...» Mas logo a furia divina recomeça, e num torvelinho de vertigem nos conduz á voragem, o seu estylo.

Entretanto nesses rebojos de cyclone ou nesses despenhos encachoeirados não ha quasi contorsões syntaxicas : a riqueza, a profusão, a novidade, o imprevisto dos termos technicos e das expressões imaginosas são que fazem a maravilha dessa linguagem. Por isso Euclides da Cunha sendo ornado não é precioso ; emphatico é entretanto comprehensivel, insinuante, persuasivo.

A emphase não lhe vem só das palavras raras senão principalmente do gosto dos termos exdruxulos, dos verbos substantivados, dos adjectivos verbaes, dos gerundios que se alongam em syllabas harmoniosas ; sobretudo do rythmo de medidas opulentas dos seus longos periodos, gradativos como uma torrente que despenhasse das chapadas escachoando pelos degraus das cataratas, ou, ao reverso, uma cavalgada de centauros que galgassem as escarpas escalonadas das serranias ; não raro simplesmente, da brevidade das phrases curtas, que estacam fulminadas, fechando as descripções e os capitulos, como espasmo de fuzil ou scentelha de raio, que suspendem no espanto e na surpresa a admiração e a curiosidade.

A razão insinuante, e persuasiva vem, a meu ver, no estylo de Euclides, da precisão technica e scientifica, introduzida na descripção litteraria. Technogia de engenheiro com as suas «linhas de acesso», «areas de nivel» «planos de menor resistencia», «curvas fechadas» «componentes de força», «quadrantes», «gisamentos», «coordenadas...» que nos destrairam dos medicos e bachareis letrados e meio letrados, ha tanto tempo impenitentes nas accepções translatas do seu vocabulario profissional. Com effeito já nos cansavam a «hypothecca da gratidão», «os sentimentos pe-

nhorados,» «o divorcio das opiniões,» «a fallencia do patriotismo.» «como os recursos anodynos,» «a prophylaxia politica,» «os revulsivos sociaes,» «a acephalia administrativa»... Os mathematicos escrevem por numeros, os engenheiros em cimento e ferro. Euclides, que delimitou fronteiras e transpoz rios com vigamentos de aço, fez alguma coisa mais, essas paginas colhidas nas suas cadernetas de campo, que lhe traem a sinceridade technica, novas para nós que as admiramos, surpreendentes para nós e alem de nós quando já não tiverem mais a frescura da novidade, porque nesse estylo em que a arte e a sciencia se dão as mãos para um prodigioso effeito, o artista venceu ao sabio e emquanto houver gosto e admiração, já embora conhecida, a noção, será sempre proclamada pela linguagem mais epica que ainda se escreveu em prosa portuguesa.

Com uma personalidade, assim definida e inconfundivel, com o seu character, assim preciso e pessoal o talento que lhe definiu a vontade havia de dar-lhe um estylo, seu, proprio, original: foi o dom de estylo que teve, sobre esta qualidade natural, a outra, de uma cultura vasta, aperfeiçoada pelo estudo, pela technica, que adquiriu com o seu gosto, suas inclinações, seu ideal, com que a esse dom acrescentou então uma arte. Ella pode e deve ser estudada no seus manuscriptos, nas variantes de suas successivas edições, na sequencia dos seus livros e será certamente uma conferencia a mais, ou mais uma serie de estudos euclideanos, que vos proponho ao nosso culto, e que agora não caberiam no modesto quadro que me reservei.

## O ESTYLO É O POVO

Não esgotei ainda os motivos de fama de Euclides da Cunha, do seu prestigio na opinião publica nacional. Resumo-as, e as englobo todas, no louvor do seu estylo. Estylo d'elle, sim, pessoal e original, mas representativo ou o mais representativo da sua gente, do seu povo, e onde ella se deu á gloria de se rever, envaidecido e exaltado.

Por mais absurdo e incoherente que pareça esta formula, admittida a premissa que se não de antes, veiu de Seneca, «*oratio vultus animi est*»,—definiu Buffon—«*le style c'est l'homme même*»,—e na qual o consenso unanime convem sem restricção, não é menos certo que o estylo é o povo, pois que a physionomia dos individuos compõe a do povo que elles formam, como esta traduz, numa representação geral, a personalidade collectiva em que os aggrega. O homem é uma unidade que não conta isoladamente na sociedade, subordinado por herança physica e moral a uma innumeravel multidão de seres que o crearam a sua imagem, resumindo nelle todas as suas experiencias e ideas, posto num meio cosmico e social de que recebe incessantemente infinitas influencias e contra as quaes reagiu se reprimem, coagem, coordenam, formando finalmente a entidade gregaria que aufere o seu character proprio na somma ou do resultado das interferencias individuaes, no tempo e no espaço. Por monstruoso que seja um orgulho de homem, elle se ha de confessar tacita ou explicitamente na dependencia ou em corelação com innumeraveis outros homens. Por isso, todas as producções humanas, arte, sciencia, religião, economia, costumes, direito, politica,

se permitem as diferenças individuaes de pensamento ou de acção, são inilludivelmente producções collectivas. Num certo meio, com taes antecedentes, em tal momento da evolução historica, necessariamente, será a mesma, de um modo geral, «aquella», a mentalidade humana. E' a causalidade determinante acabando no effeito necessario. Ha uma mentalidade atheniense do seculo de Pericles, como não poderia haver antes, nem tão pouco depois, como houve o alexandrinismo e o bysantinismo, sem se confundirem com os periodos fatalmente diversos que se succederam outrora ou mais tarde, que se não confundiram com quaesquer outros, em quaesquer paizes. Assim ha um estylo em França e talvez na Europa, no seculo XVIII diverso do estylo do seculo de Luiz XIV, antes, como do estylo imperio, depois, reunindo em nomes politicos todas as feições isochronas e sympathicas da sociedade nesses tempos. A architectura, como a pintura, a escultura, a musica, a poetica, o theatro, o romance, a sciencia... tudo recebe, mantem, propaga, essa impressão geral e o transumpto de tudo se resume nesta palavra «estylo», que na variedade de aspecto das producções humanas lhes define a expressão caracteristica. Por consequencia, o estylo não será o homem, senão o povo, por que o homem, todos os outros homens são o seu povo, a imagem e a semelhança collectiva delle e delles do qual não seriam senão parcellas, não independentes nem originaes, mas representativas e symbolicas.

No fim do seculo XIX para o seculo XX qual seria o estylo brasileiro? Não sei das outras artes, não o quero saber agora, mas na arte literaria podemos procurar uma resposta.

Os primeiros dos grandes homens que escreveram no Brasil colonial, Vieira no seculo XVII, ou Claudio Manoel da Costa, Gonzaga, Basilio da Gama, ou Santa Rita Durão, uns são lusitanos de origem, outros, se tem motivos nacionaes de inspiração, obedecem todos ao estylo do tempo e recebem-no de Portugal, não podendo alcançar a autonomia de arte, quando nem ao menos se approximava a autonomia politica.

Depois da Independencia, continúa a soberania intellectual lusitana. Gonçalves Dias é o nosso maior poeta português. A prosa de João Francisco Lisboa é tambem castiça. Apesar de velleidades nacionalistas o ideal de José de Alencar, Joaquim Nabuco, Machado de Assis ou Ruy Barbosa, se não está no Portugal quinhentista ou seiscentista, é por que anda por França ou pela Grecia antiga. São poesias, discursos, romances sobre themes nacionaes, em lingua senão classica, ao menos peregrina, como um Brasil em linguagem, sentimentos e ideas europeas. O atticismo da fórmula, o gosto de expressão, não são brasileiros. Não retratam a exuberancia, a pujança, o colorido, a vehemencia, a prodigalidade da nossa natureza: antes esta é entrevista coacta, podada, corrigida, amaneizada, moldada por modelos forasteiros.

Mas o tempo fez a sua obra. O clacissismo que nos educou, andou o seu tempo; os arcades passaram, o romantismo começou a nos acordar para o naturalismo, a principio corrompido, sempre de importação, para chegarmos ao realismo, de preocupação e cuidado das necessidades e possibilidades reaes do Brasil, que se não traduziu só nas aspirações politicas e economicas, mas, principalmente, em seus transumptos de arte.

Nasce então o «nacionalismo brasileiro», aponta a independencia ou a aspiração de autonomia intellectual. Um livro os concretiza, a proposito de thema nacional, em que entra a terra do Brasil, o coração mesmo profundo delle, o sertão do Brasil, a mais legitima gente brasileira, porque nem é mais o incola, nem o africano, nem o reinol, porem o derivado delles, o brasileiro caldeado e no seu esboço mais definido, o sertanejo; e esse livro se escreve em estylo brasileiro, com a emphase, a truculencia, o excesso, a exuberancia, o brilho, o arremesso, a prodigalidade, a magnificencia que nos caracterizam e talvez nos singularizem no mundo.

E' o livro e o estylo de Euclides da Cunha. Todos os brasileiros se revêm nestas paginas que idealmente todos quereriam poder escrever, porque é assim que se exprimiriam se tivessem o dom e a arte da escripta literaria. E' por isso o estylo nacional.

O Brasil mudará, avançará e progredirá, não sei se para melhor, para differente, será insensivelmente diverso e terá, portanto, outros estylos. Então, outros genios falarão e escreverão por elle. Agora a sua voz, sincera e fiel é a de Euclides da Cunha. Elle é a nossa voz sublime e heroica voz, e, quando passarmos, mudados e outros, que ficará guardando de nós a mais forte e perfeita das imagens. A gloria de Euclides, não me canso de o repetir, porque isso explica a razão do seu triumpho, vem de seu estylo, estylo nosso, como que espelho ou retrato do Brasil. E quando os espelhos são fieis, e os retratos são parecidos, releva-se-lhes que nos favoreçam, como soe acontecer ás obras de arte e de genio e então não ha

juizos de crítica, restricção de parcialidade, invejas de comparsarias que demovam ou alterem o veredicto da turba, insuspeita por que desinteressada, que admira e applaude. Euclides da Cunha está seguro porque além de nós, que já vamos passando, vós tem a vós, mocidade de hoje e de sempre que constituis a posteridade.

Permitti-me ponha aqui o fecho de uma reminiscencia pessoal.

Um dia, na minha casa de rapaz, nas Laranjeiras, onde morava com amigos, chamou-me um delles, Carlos Peixoto Filho, cuja memoria é tão cara ao meu coração, como o devera ser á consciencia dos Brasileiros, e disse-me que ahi estava Euclides da Cunha, então em trabalho de concurso no Collegio Pedro II, ameaçado pela inveja e pela incompetencia, até de ser reprovado. Tão agitado se mostrava, alludindo a que não resisteria a tamanho golpe, que a idéa sinistra passara pela cabeça de Peixoto e o alarmara na contradicta indirecta, respondida por Euclides com aquella firmeza que denunciava proposito tomado. Sabendo de minha enternecida admiração por elle, chamava-me para o desconvenecer, com o meu sentimento, pois que não o conseguira sua razão mesma, entretanto a mais persuasiva que a vida já me deu a conhecer.

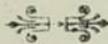
Inspirou-me o sentimento o caminho curto e directo para tocar o outro. Comecei chamando-lhe a attenção para esta absurda confusão do seu espirito. Quem fazia naquelle momento um concurso de Logica, era um pobre pae de familia, necessitado de um estipendio para a abastança do seu lar, e não o autor d'«Os Ser-

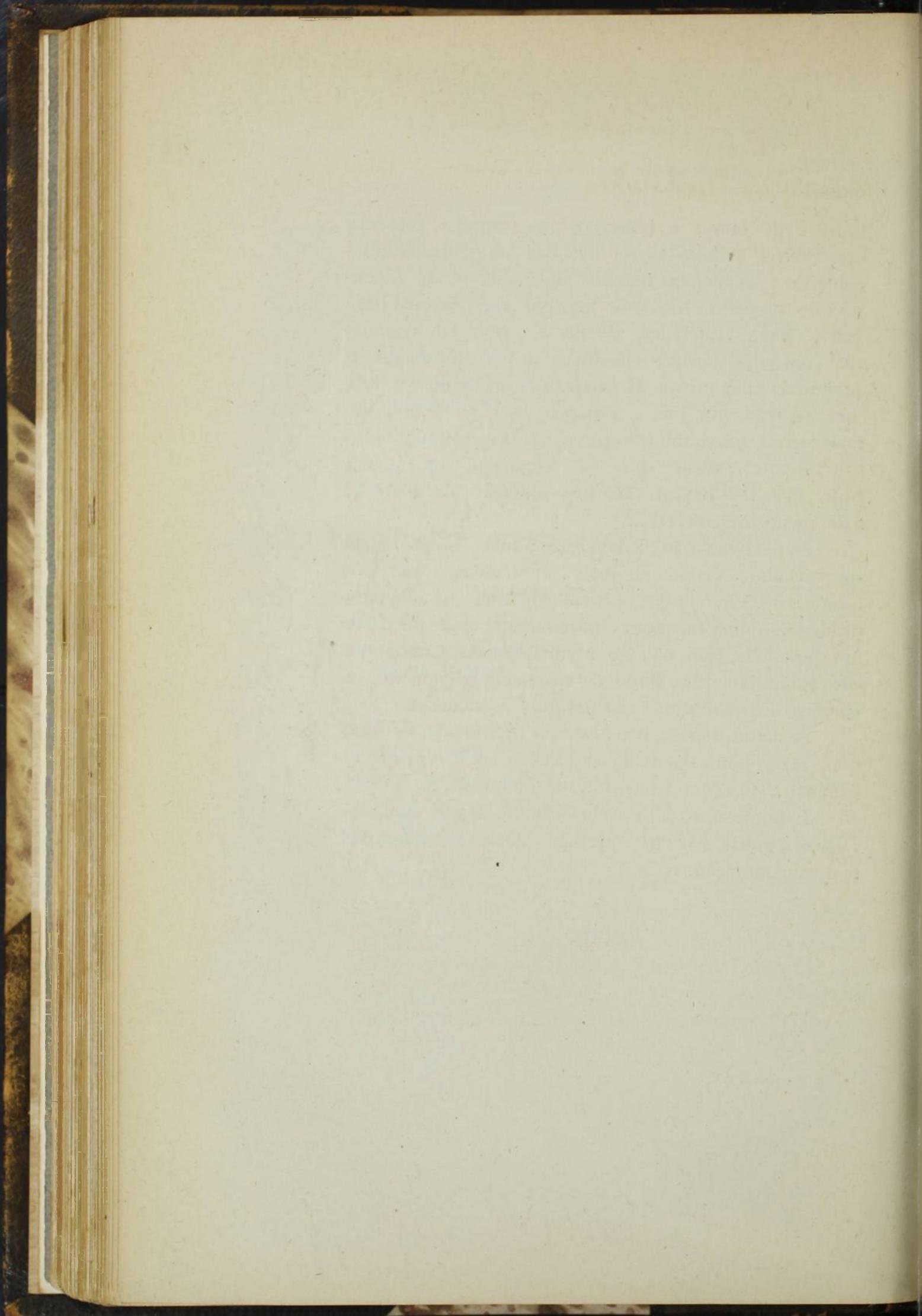
tões» e de outras e futuras obras primas : este era inacessível a todas as reprovações dos gymnasios, faculdades e academias reunidas do Brasil. Caso a conjura do despeito e do odio lograsse o seu infernal desígnio, tinha Euclides, direito e razão em colaborar com elles, porque offendiam a um, tirando-lhe o premio ás suas provas de capacidade, matando o outro, que só teria por juiz a Posteridade, e subsistiria immarcessível, na admiração dos vindouros, quando todos passassemos, máus que se vingavam na inveja, bons que lhe imploravam não ajudasse na maldade num gesto irreparavel?...

As palavras não seriam estas ; mais longas, mais desataviadas, certamente mais commovidas, e por isso alcançaram. Vimo-lo que se levantava, transfigurado, abraçando-nos numa exaltação aliviada de quem se liberta de um pesadello. Não, não era a Euclides da Cunha que elles attingiriam; este, ainda não estava em julgamento, no «paraiso dos mediocres» que um dia estigmatizara...

Semanas depois, não essa, que felizmente se dissipou, mais outra damnada conjuração, desta vez da ingratição e do opprobrio, matava-o finalmente...

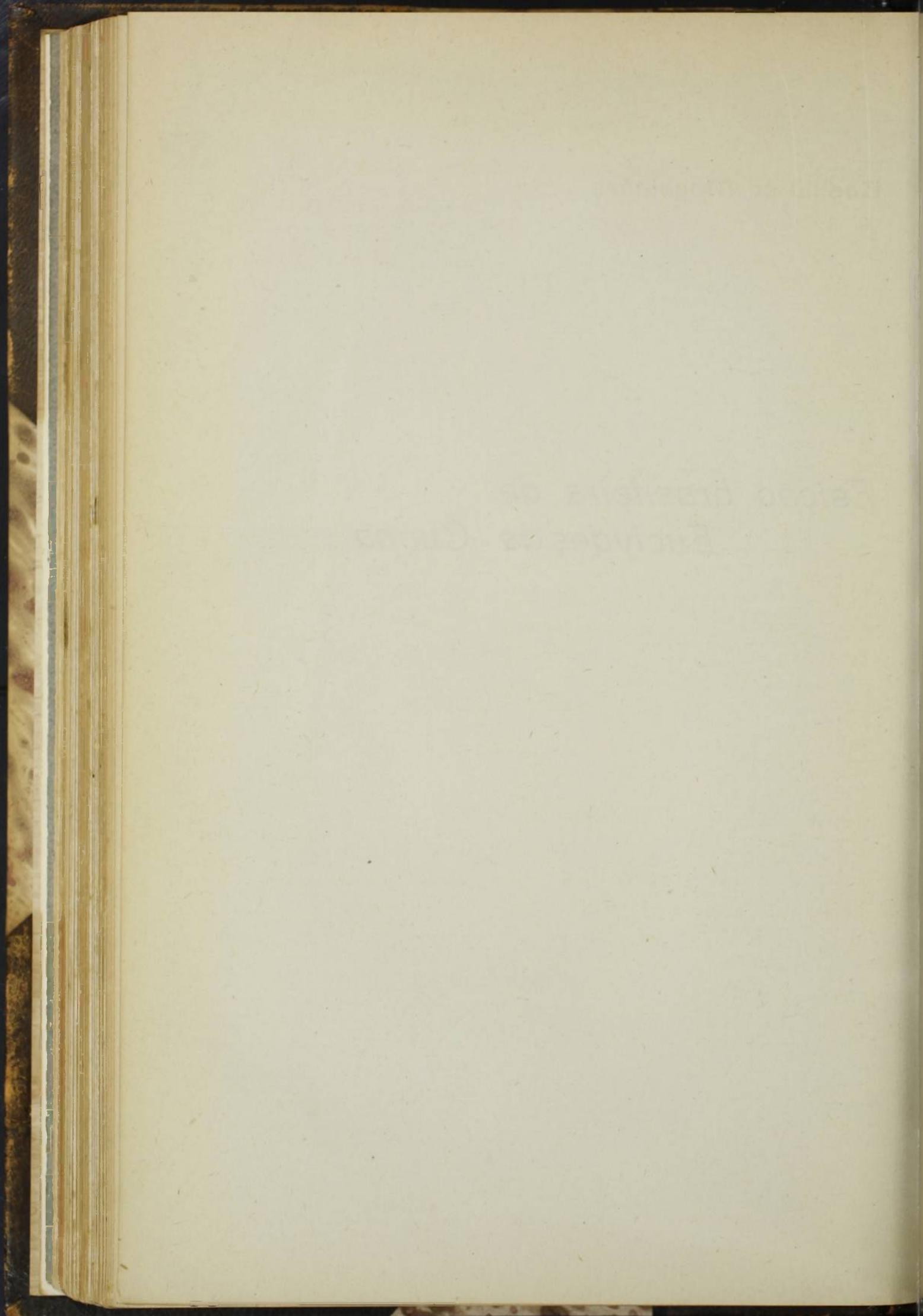
E' por isso, «por protesto» á morte de um, «por adoração» á gloria do outro, que aqui estamos reunidos, nesta commemoração.

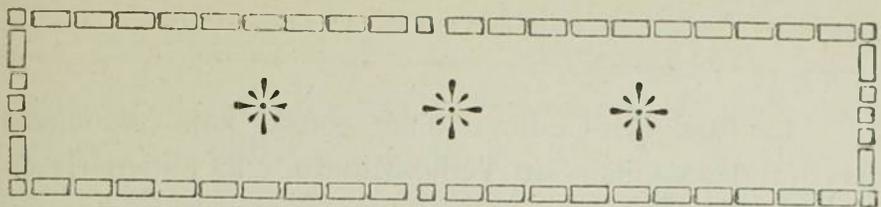


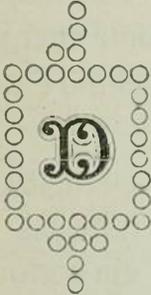


Basilio de Magalhães

*Feição brasileira de  
Euclides da Cunha*





 e Almeida Junior,—o maior interprete da vida sertaneja do Brasil, por meio da arte das côres, —sabe-se que, nos meios mais cultos da Europa, em plena Cidade-Luz e em plena Cidade-Eterna, conservava sempre o seu innato «caipirismo», na fala, no trajar, nas tendencias e nas idéas, isto é, tanto no seu característico *facies* physico quanto no seu immodificavel *facies* intellectual e moral.

De Euclides Cunha não me consta haja estanciado nas grandes capitães do Velho-Mundo, cuja millenaria civilização opulenta apenas lhe illuminou o cerebro possante através dos compendios e dos tratados. E, se tivesse divagado por entre as moles portentosas de Roma, de Paris, de Londres ou de Athenas,— ainda assim, á semelhança do inspirado pintor paulista, o genial escriptor fluminense se houvera mantido ingenuamente o mesmo, tão prompto em receber e assimilar as mais altas e complexas conquistas do espirito humano, quanto avêso ao luxo do vestuario, ás rodas letradas e á hypocrita mundanidade social.

Vergonhea de algum audaz bandeirante de outróra, trazendo ainda no bronzeado da epiderme e na forte saliencia dos málares os traços palpaveis do sangue aborigene,—era sem duvida o impulso da herança e da tara ancestral que o attrahia para o coração, virgem e gigante, da terra do berço. Ninguem fôra capaz de imaginar que sob tão mesquinho aspecto somatico, sob tanta modestia, sob tanta timidez, se escondesse tanta energia creadora, servida por tanta pujança de pensamento e por tanta capacidade esthetica.

Antes d'elle, houve, por certo, quem perlustrasse os recessos dos nossos campos e das nossas florestas e lhes exaltasse os maravilhosos encantos. quer em periodos escoreitos de prosa lapidaria, quer em térsas rimas sonoras.

Mas esses seus predecessores permaneceram por demais europeizados no prisma través o qual contemplaram a nossa terra e a nossa gente. E, por isso, as suas producções, mau grado a fórma admiravel em que se vas-

saram, não tiveram a precisa sinceridade, ou, melhor, não tiveram a emotividade capaz de levar a persuasão ás intelligencias, como de abalar os corações e de encher de lagrimas os olhos. Faltou-lhes, em summa, o sentimento, dom espontaneo que não ha mestre que liberalize, nem livro que proporcione.

Tenho de mim para mim que Euclides da Cunha representa uma balisa culminante entre as correntes literarias do Brasil independente. Nelle foi que irrompeu, pela vez primeira, em toda a sua plenitude de vigor e de fecundidade, em toda a sua pureza de emoção e de effi-ciencia, a alma nacional, ou seja o sentimento arraigado e esclarecido, a nitida consciencia de uma Patria capaz de viver exclusivamente do seu sólo e das suas tradições, capaz de educar por si mesma os seus filhos e de fundir ella propria o ferro dos seus canhões.

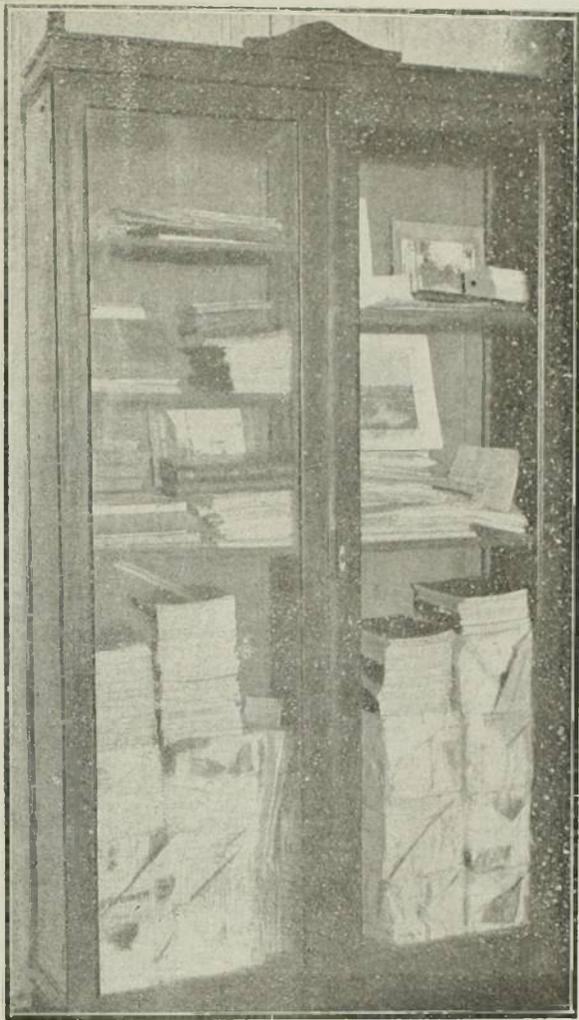
Antes de Euclides da Cunha, houve poetas e pro-sadores que enaltecerao o nosso selvicola e defenderam a liberdade do africano. Mas esse indianismo e esse africa-nismo,—tão curiosamente enxertados num dos mais la-boriosos periodos da nossa evolução literaria,—foram antes, especialmente o primeiro, arrebicados *pastiches*, arremedos de arte, em vez de espontaneos e legitimos mo- vimentos esthetico-sociaes.

Além disso, todos quantos se abalançaram a tomar parte nessa cruzada intellectual, quer a prol do autochtone, quer a prol do negro, sempre se adstringiram a um só dos factores do nosso povo, deixando em olvido o pro- ducto do caldeamento das tres raças aqui postas em con- tacto.

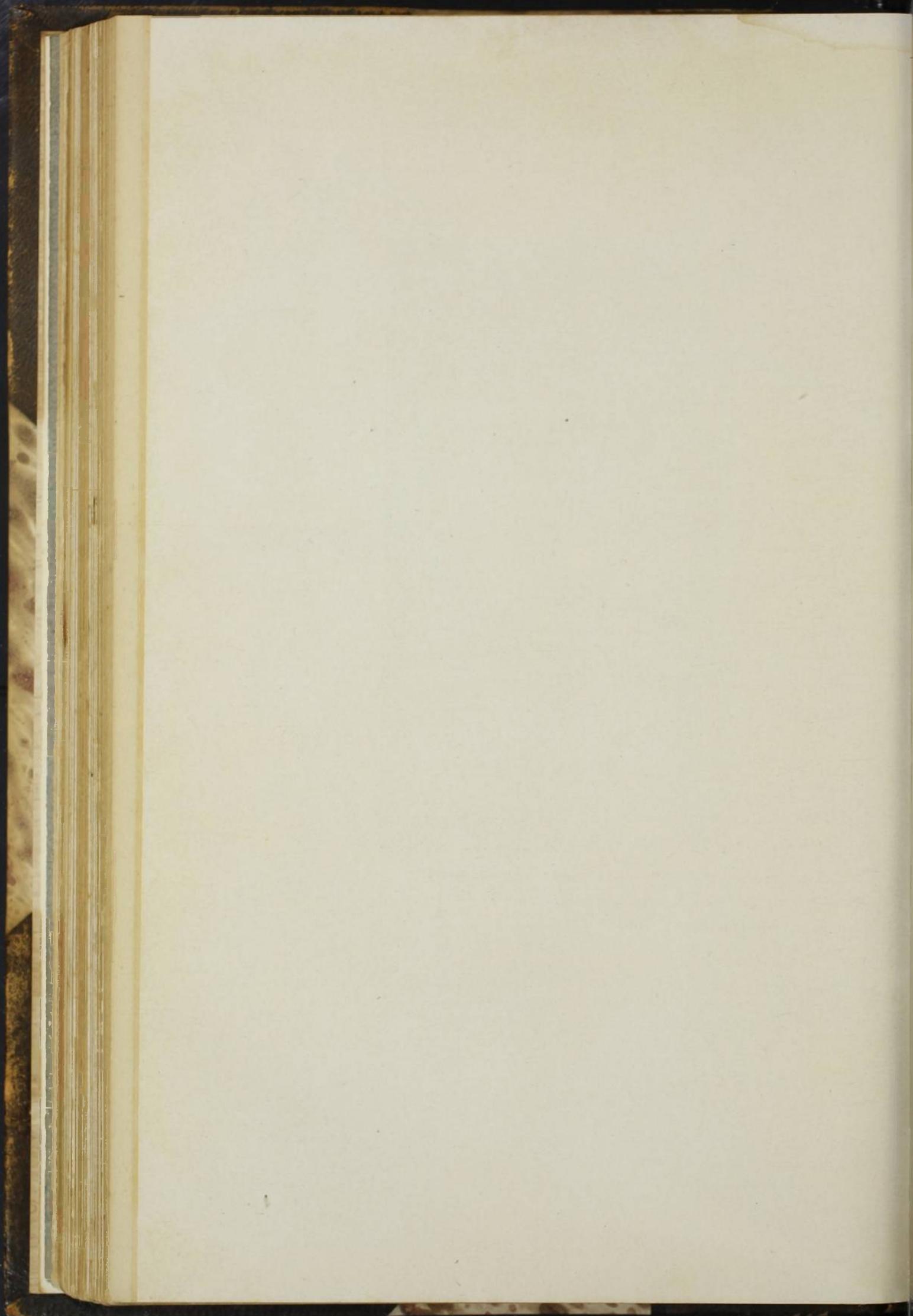
Ao insuperavel escriptor dos «Sertões» é que estava reservada a gloria de perpetuar, em paginas profundas, em lances realmente vividos, em traços incisivos e commovedores,—quaes os de um titanico Miguel Angelo da lingua portugueza,—a figura singular do mestiço, em quem se consubstanciaram e apuraram, simultaneamente, os vicios e as virtudes do lusitano invasor, do preto importado dos areiaes africanos e do mongoloide sul-americano.

Abeberado de sã philosophia e de solida sciencia, conhecendo os arcanos das edades preteritas e os progressos do seu tempo,—achou-se Euclides da Cunha mais preparado do que os seus antecessores para comprehender os elementos fundamentaes da nossa nacionalidade e para sentir e interpretar as bellezas e as aspirações do nosso territorio e do nosso povo.

Conhecia elle tão a fundo a constituição geologica do Brasil, quanto a trajectoria politico-social da nossa collectividade, qual o evidenciou em sua obra-prima e na lição magistral intitulada «Da Independencia á Republica». Foi insophismavelmente esse seu entranhamento na existencia placida do nosso sólo riquissimo e na vida tumultuosa e anarchica da nossa nacionalidade em formação, o que lhe transfundiu na alma e no coração tão intenso e tão fecundo amor pela Patria. Amou-a Euclides da Cunha mais que ninguem, porque mais que ninguem a conheceu, no seu passado e na sua actualidade, porque mais que ninguem a penetrou com indefeso e ardoroso carinho, para sorver-lhe os beijos virginaes e della receber, no mysterioso recondito das selvas e no enlevo das noites



Armario de Euclides da Cunha,  
hoje Archivo do Gremio



meditativas, a inspiração que nasce de um apego inquebrantável e de uma afeição exaltada.

Si alienigenas preclaros, transpondo rapidamente o interior da nossa terra, têm sido tomados de assombro ante as suas maravilhas,—não admira que um filho della, acalentado nos segredos do seu formoso seio, a tenha querido com tanta vehemencia, com tanta calida paixão.

São esses, a meu ver, os motivos porque a feição brasileira attingiu em Euclides da Cunha á synergia e imperecível integração, que se focalizou em suas obras inimitáveis.

A esse aspecto, elle representa, na evolução literaria do Brasil, o mesmo papel que desempenhou José Bonifacio, o Patriarcha, na ordem politica,—servindo de marco milliarío entre as aspirações da colonia luso-americana e a emancipação conquistada a 7 de setembro de 1822.

E' que em Euclides da Cunha a idéa de Patria se corporificava fulgidamente, como uma projecção de toda a herança,—que lhe enriquecia o sangue generoso,—no estuario do Novo-Mundo, quiçá no amplo scenario do universo, com vida propria, num apanagio indestructível de independencia, de riqueza material e de grandeza intellectual e moral.

E, como em seu cerebro magnificamente illuminado essa imagem era o reflexo de tudo quanto lhe palpitava no coração,—poude elle, melhor que ninguem, ver o Brasil e antesonhar para o berço esplendoroso e estremeado a visão mirifica de um destino inegalável.

Ahi está porque se me antolha em Euclides da Cunha o primeiro e até hoje o unico dos nossos verdadeiros nacionalistas.



Foi o regionalismo, com a sua feliz e oportuna synthetização organica, adaptada emfim aos factores estaticos e dynamicos da evolução humana e das condições peculiares de cada povo,—isto é, relegando os ouropéis da mythologia classica e substituindo-os pelos ornatos legitimos e pela indumentaria natural dos usos, dos costumes e das lendas de cada gente e de cada céspede,—que deu origem ás bellas e sempiternas creações do romantismo e que contribuiu para insuflar nos paizes novos, europeus e americanos, ainda abalados pela sangrenta e longa orgia militar de Bonaparte, a necessidade da formação e da consolidação das Patrias, vinculadas pelo mesmo sangue ethnico, pelo mesmo sentimento religioso, pela mesma lingua e pelas mesmas tradições.

Desse regionalismo prolifico e abençoado foi que promanou o nacionalismo, cuja destinação gloriosa, a toda luz esboçada no universo cultural, ainda está longe de considerar-se cumprida.

No Brasil, onde essas correntes esthetico-sociaes levantaram largos sopros epicos, não tardaram a succeder aos vôos condoreiros de Castro Alves, Tobias Barreto e Pedro Luiz, as perfeições inexcediveis do «Caçador de esmeraldas» de Olavo Bilac e da «Ode á Patria» de Alberto de Oliveira, e, na prosa, esse incomparavel poema dos «Sertões».

Porque Euclides da Cunha, embora tomando para objecto do seu estudo o espaço estreito do *hinterland* bahiano, não visou apenas, como Affonso Arinos e Alcides Maya, aos individuos e modismos provincianos; mas, com um poder de logica, de observação e de clarividencia, que o tornou unico entre os seus contemporaneos mais illustres, induziu e deduziu, engolfou-se na torrente do passado, embrenhou-se no meio physico e no ambiente humano, e de tal modo o fez, que da campanha de Canudos soube tirar, ao mesmo tempo, a apreciação mais limpida e mais elevada, até hoje feita, não só da capacidade do jagunço, como, principalmente, do aproveitamento do mestiço brasileiro para a obra commum do engrandecimento da Patria.

Para que se patenteie bem o immenso alcance da obra genial de Euclides da Cunha,—é preciso que se ponha em linha de conta que, antes d'elle, os nossos pretensos sociologos não se fatigavam nem pejavam de accorrentar o mameluco ás gemónias da historia, de mal-dizer do negro e de expôr o misero caboclo ao equuleo dos vilipendios. Ora, tres quartos da população brasileira compoem-se indiscutivelmente de elementos miscigenos, productos do cruzamento e sub-cruzamento do ibéro, do africano e do aborigene,—de modo que condemnar o mestiço, como indolente, indisciplinado, imbelle e amoral, equivaleria a fazer entrar irremediavelmente o Brasil no rol das nações moribundas.

O beneficio inolvidavel que o livro de estréa de Euclides da Cunha prestou á nossa terra foi demonstrar a toda a evidencia a falsidade das theorias dos pensadores

de gabinete, que tanto desconheciam as conquistas da sciencia coetanea, como desconheciam e malbaratavam os homens, as coisas, o sólo e as tradições de sua propria Patria.

Após o apparecimento dos «Sertões,» em que Euclides da Cunha, bandeirante do pensamento, revelou ainda mais riquezas do que os antigos caçadores de esmeraldas, de ouro e de diamantes,—pois revelou a pujança de actividade e a energia vital do elemento predominante e na symbiose social da nossa Patria,—podia o Brasil, com plena consciencia de sua força e do seu valor como nacionalidade, integralizada ethnicamente, intellectualmente e moralmente, bradar ao resto do mundo as verdades recentemente conclamadas pelo autor desse outro singular poema em prosa, que se intitula «El Huanakauri» :

—«Sabei, povos do mundo, progenitores nossos, illustres paes e avós, que nós outros, filhos desta America, não queremos mais viver de vossos mythos, de vossas tradições, de vossos pensamentos, de vossas fórmulas, de vossos habitos. Sabei, sim, povos do mundo, que nós, os jovens desta America, queremos ter os nossos mythos, as nossas tradições, os nossos pensamentos, as nossas fórmulas e os nossos habitos. Sabei que não queremos mais viver de emprestimo, e sim que queremos ser os forjadores e os donos da nossa vida.

—«Não mais, não mais, povos da Europa, as nossas idéas viverão das vossas idéas, as nossas letras viverão das vossas letras, as nossas artes viverão das vossas artes, os nossos costumes viverão dos vossos costumes. Não mais a nossa civilização será um arremedo da vossa civi-

lização, não mais a nossa vida será um vago reflexo da vossa vida.

—«Queremos pensar, falar e agir como americanos, pois a consciencia da americanidade despertou em nós. Queremos que as nossas idéas, as nossas instituições, os nossos cantos, os nossos monumentos, os nossos usos, sejam nossos em verdade, sejam creados por nós e não comprados a vós outros. Queremos que a nossa civilização seja fructo do nosso proprio esforço, da nossa propria faculdade de vida, e não um presente ou um emprestimo de vós outros. Não somos nem ibéros, nem gaulezes, nem italicos, nem saxões: somos americanos, nada mais que americanos. E americanos hão de ser, — não ibéros, não gaulezes, não italicos, não saxões, — os nossos corações e os nossos actos, como as nossas mentes e as nossas obras. A consciencia da americanidade despertou em nós».

\*  
\* \*

Euclides da Cunha, infelizmente, — como em geral acontece a todos quantos se mostram superiores ao seu meio e ao seu tempo, — ainda não mereceu da Patria o verdadeiro culto a que por certo aspirava a sua grande alma, tão modesta quanto generosa: — ainda não foi bem comprehendido, ainda não foi sequer convenientemente divulgado.

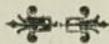
Para que o seu trabalho incomparavel produzisse todos os fructos, era mistér que fosse posto desde logo ao alcance da juventude escolar,—isto é, da florea sementeira dos dirigentes de amanhã,—e era imprescindivel que os actuaes timoneiros da nossa nacionalidade não se limitassem a acompanhar o côro dos applausos de quantos souberam devidamente apreciar as bellezas incontaveis dos «Sertões», e, sim, que envidassem sem tardança os seus melhores esforços afim de traduzir em realidade os altos ensinamentos e os votos patrioticos do egregio escriptor.

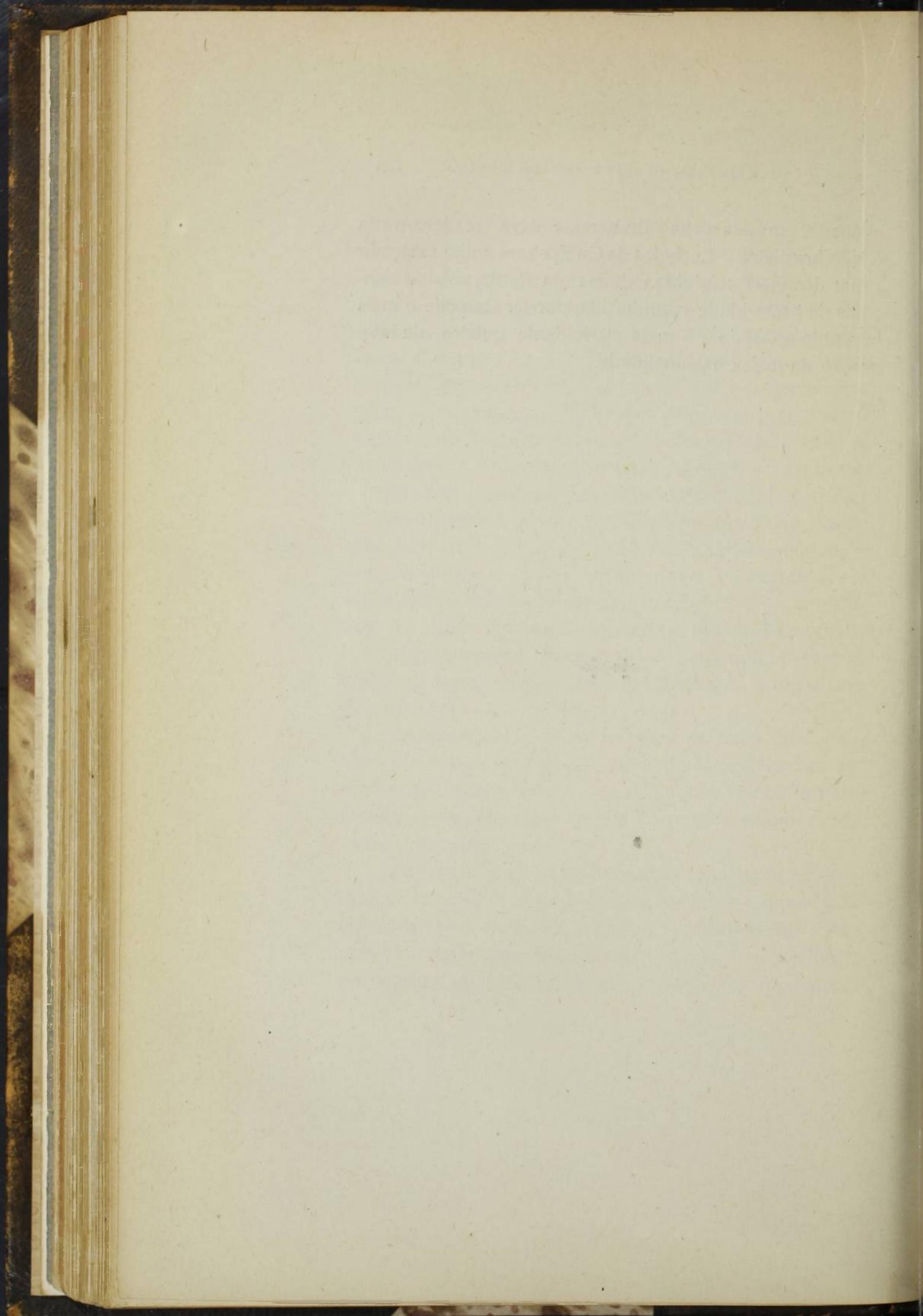
Quando é que, saneado completamente o Brasil, quer no extenso litoral, que é a sua epiderme, quer no vastissimo interior, que é o seu coração,—cogitará, emfim, o governo de dar o ensino indispensavel á integração em nossa vida social, onde até agora estão apenas acampados, dos rijos caboclos, de quem disse tão verdadeiramente e suggestivamente Euclides da Cunha que formam «o nucleo de força da nossa constituição futura, a rocha viva da nossa raça»?

Presentemente, o nome bemdito do autor dos «Sertões» vibra quasi que só em labios de alguns jovens paladinos dos nobres ideaes de civismo e de cultura desinteressada, ou então, serve de cita e adorno a artigos e cenaculos literarios.

Quando, porém, as suas excelsas aspirações se deslibrarem de simples utopias a factos concretos; quando fôr efficientemente applicada a doutrina salvadora que evangelizou, os periodos mais nervosos que surdiram da lingua portugueza; quando, em summa, pudér ser dignamente

avaliada, em toda a sua exuberante seiva creadora, a sua feição brasileira:—Euclides da Cunha será então exalçado a um dos mais refulgidos altares da Patria, sob as bençãos da posteridade reconhecida, por ter sido elle o mais intrepido apostolo e o mais clarividente guieiro da integração da nossa nacionalidade.

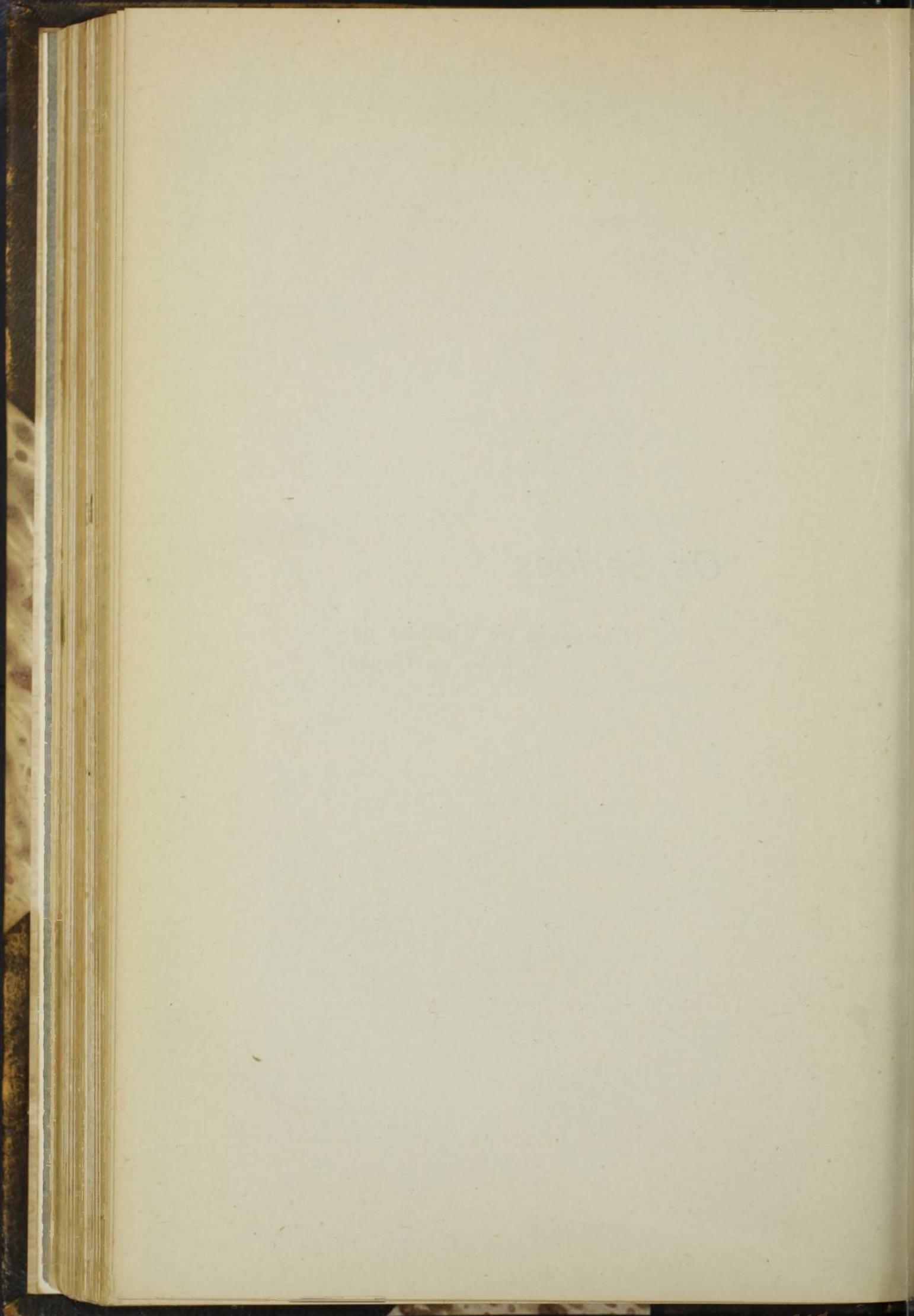


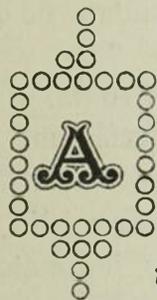
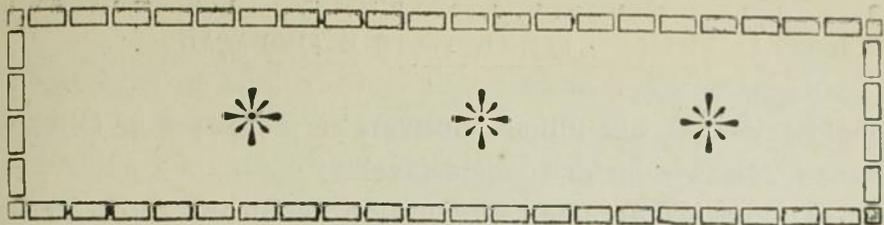


Araripe Junior

*“Os Sertões”*

*(Campanha de Canudos por  
Euclides da Cunha)*





noxérico, litterariamente fallando, e derivado de assumptos estheticos, encetei a leitura do livro do Sr. Euclides da Cunha nas peores condições em que se póde achar um homem deante de um forte volume de mais de 600 paginas.

Accrescia a especie da plenitude gastrica, em que, a respeito da guerra de Canudos, tinham-me deixado leituras anteriores. Estava saturado das narrações publicadas nas folhas diarias e em livros, tinha lido o trabalho do major Dantas Barreto, aliás uma boa exposição de factos, bem como as anedotas, um tanto petalogicas, do reporter Ma-

noel Benicio; e, por ultimo, obtivera os *Jagunços* de Olivio Barros, romance historico detestavel.

A ultima leitura que não consegui terminar, forçara-me a tomar «impeto» o compromisso de não mais prestar a attenção ás lendas de Antonio Conselheiro.

Não foi, portanto, sem espirito de hostilidade que percorri as primeiras paginas d'*Os Sertões*.

Terminada, porém, a primeira parte, e lidas as paginas iniciaes da segunda, uma resolução havia se operado em minha alma. O autor conquistara-a de modo violento e irratavel. Dahi por deante não li mais, desfilei pelo livro afóra dominado pela sensação que se experimenta, percorrendo paizagens abruptas, alcandoradas de presepes, de dentro de um comboio, em carreira vertiginosa e sem destino.

Lembrei-me, então, dos bons tempos em que, ainda menino, eu lançava-me perdidamente através dos romances como *Monte Christo*, de Dumas, ou os *Mysterios do Povo*, de Eugenio Sue, de respiração opressa, sem tomar folego, para só parar na ultima pagina, e com a dolorosa saudade de quem abandona uma festa inolvidavel.

Deshabitado dessa emoção unica e ininterrupta, tive a surpresa de sentil-a, como naquella época, restaurada pelo livro do Sr. Euclides da Cunha.

Fechei *Os Sertões* para libertar-me da sensação. Na memoria, entretanto, ainda perdura um tumulto horrendo. O resaibo como de um indisivel pesadelo sentou-se no centro da imaginação e continua a dominal-a.

Criticar esse trabalho, dizia commigo mesmo, não é mais possivel. A emoção por elle produzida neutralizou a função da critica. E de facto, ponderando depois calmamente o valor da obra, pareceu-me chegar á conclusão de que *Os Sertões* são um livro admiravel, que encontrará muito poucos, escriptos no Brasil, que o emparelhem,—unico, no

seu genero, se attender-se a que reúne a uma fôrma artistica superior e original, uma elevação historico-philosophica impressionante e mui talento epico-dramatico, um genio tragico como muito difficilmente se nos deparará em outro psychologista nacional.

O Sr. Euclides da Cunha surge, portanto, conquistando o primeiro logar entre os prosadores da nova geração.

Concluida a leitura desse livro, que não fiz de uma asentada por ser materialmente impossivel, causou-me pasmo um facto,—a continuidade da emoção, sempre crescente, sempre variada, que sopra rijo, de principio a fim, no transcurso de 634 paginas, in 4º, cheias de factos, de mais em mais empolgantes, pela complexidade mysteriosa, cuja suprema expressão attingem e no mais alto grão litterario.

E' para este successo em uma obra historica, ainda mesmo em um romance de extensão daquelle livro, quando o autor não se soccorre de *ficelles* e de occultações propositaes, para renovar, de capitulo em capitulo, o alento á curiosidade do leitor.

*Os Sertões*, pois, fascinam; e essa fascinação resulta de um feliz conjuncto de qualidades artisticas e de preparo scientifico, posto ao serviço de uma alma de poeta, que viveu, em grande parte, a vida dos agrupamentos humanos que descreve nessas fulgurantes paginas.

Conheço, em outras, uma narração, em dez volumes, em que o crescendo da tragedia nunca esmorece. Percorri essa obra sem fadiga, e só no fim senti a extenuação pelo vacuo da sensibilidade privada do alimento. Faço da *Revolução Franceza* de Michelet. *Os Sertões* neste ponto a assemelham.

Alli como aqui o escriptor, descrevendo a vida de uma colméa humana, dedilha toda a gamma da perversidade existente em seres pensantes. Alli como aqui a tragedia da insania colectiva multiplica-se em quantidade e qualidade. Desta

sorte, diante da variedade de espectáculos, em que fazem acto de presença todos os secretos instinctos, todas as bestialidades, todas as violencias do homem, não se respira enquanto se tem o livro diante dos olhos. Devoram-se os acontecimentos escriptos, perdidas as noções do tempo e da resistencia ao trabalho. Com a avidez do naufrago, sossobrado entre as muralhas das tempestades psychicas, não se reflete sobre o que se vê, vive-se a miseria dos desgraçados que tripudiam sob a vara magica do escriptor; e no fim succumbe-se.

O Sr. Euclides da Cunha compara o jagunço ao «chouan» da Vendéa. E' de espantosa fidelidade tal confronto. Mas tambem é certo que o terror em Pariz revelou ao mundo o jagunço da cidade. A unica differença, entre os dous typos reside em que o primeiro prima no deserto, por exclusão, o segundo mantem-se por compressão, subjacente á civilização, occulto na base da piramide social.

A primeira parte d'*Os Sertões*—um estudo preliminar sobre a terra, constitue a base do trabalho. E' uma escaramuça scientifica, na qual o autor mostra a capacidade e a disciplina do seu espirito. E' um capitulo interessante sobre a geologia dos sertões brasileiros.

A influencia do meio physico e a psychologia do deserto são expostas de modo tão fulminante nessas paginas, que antes de se entrar na pintura do sertanejo e na narração da lucta da civilização com o jagunço, já se tem advinhado grande parte dos destinos do conflicto em imminencia.

As idéas, nessa primeira parte emittidas pelo Sr. Euclides da Cunha, poderão achar contradicta; mas eu sympathiso extremamente com ellas porque favoreceu a theoria que algures sustentei no que respeita a *obnubilação* de que foi victima o colono, quando, no primeiro e segundo seculos depois da descoberta internou-se nos sertões do Brasil,

cortando as comunicações com o littoral e, portanto, com os centros motores da conquista civilizadora (1)

A genese do jagunço é o *clou* do livro; e foi justamente o que mais interessou a massa dos leitores. Assim devia ser, não só por constituir um producto do meio e um aspecto dotado de grande sabor pittoresco e dramatico, mas tambem porque o escriptor o destacou com rara pericia da opacidade ambiente, no qual elle vivia mergulhado, e que sómente nós, filhos do norte, e as pessoas familiarizadas com os sertões da Bahia, de Pernambuco, do Ceará, podiamos conhecer no seu justo valor.

Esta investigação é realizada pelo Sr. Euclides da Cunha, vantajosamente.

Terminada a descripção da terra, isto é, a da região das seccas, feita a sua historia natural e social, o jagunço salta das paginas do livro como um fructo maduro da arvore que o gerou e desenvolveu.

Comprehende-se tudo.

O jagunço é um temperamento resultante das circumstancias em que se conservam os sertões, em todas as gradções, desde o Caliban, o bruto inconsciente, que se move como uma machina de maldade, até o matuto *mitraido*, o qual posto na orla da civilização, participa de ambos os feitos, semelhante ao centauro, essa bella expressão mythologica do homem intermedio.

E' nessa attitude do centauro, que o Sr. Euclides da Cunha encontra o jagunço que surge de repente em Canudos, espantando o paiz, surprehendendo o governo e dando ao soldado disciplinado uma lição empyrica da tactica dispersiva, que acaba de ser consagrada pelo general Christian Dewet na sua excellente obra «Tres annos de guerra no Transvaal.»

1) — Gregorio de Mattos cpt. IV pagina 29

Completamente barbaros, os jagunços, dirigidos pelos celebres Villa-Nova, João Abbade, Macambira, Pajehu e outros caudiihos sem a minima instrucção, apenas orientados pela pratica do terreno em que operavam e pelos instinctos selvagens, os jagunços não sabiam systematizar o «commando», como souberam fazer os generaes boers. Pobres diabos, elles não tinham a civilização a seu favor, nem podiam comprehender a disciplina da dispersão, como um elemento tatico moderno, utilizado por generaes educados na arte da guerra contra generaes da mesma força, mas em luta aberta no deserto, onde tudo quanto ensinam as guerras europeas de nada valem. Os boers ou burghers sabiam o que faziam; e só por isso puderam impor-se aos inglezes que não levaram a fim convencer o mundo que no Transvaal se tratava apenas de uma guerra desarticulada, feita pelo que elles denominavam *sniping bonds*. O Transvaal foi uma lição tremenda, o que não se pode dizer dos jagunços, que operavam sob o influxo unico das forças naturaes, suggestionadas pelo clima, pelo temperamento e pelo meio barbaro em que se agitavam como vermes tão sómente perigosos para o homem disciplinado.

Isto em globo. Descendo, porém, á psychologia do individuo apavoram-nos *Os Sertões* com o desconhecido, que existe em todos nós, animaes domesticados, e que no jagunço estoura em manifestações terrificas, sob a fórma de superstição, do odio, na animadversão, do despeito, a revolta, emfim, da treva contra a luz.

As paginas dedicadas a esse estudo, são completas, e, o que mais é,—photographam com rara eloquencia, explodindo em conceitos de verdade o que o autor observou, não só como poeta que é, mas tambem na qualidade de philosopho, que não se apega a theorias. Elle viu, segurou, surprehendeu em flagrante, e todas as suas variedades, descrevendo-as agora na mais beila synthese, que se tem

feito no Brasil dos habitantes dos sertões, esses membros de uma sociedade, conforme diz o proprio autor, de todo estranha do Brasil organizado em nação.

Não transcreverei aqui os topicos caracteristicos da obra, nessa parte, porque o publico já os conhece pelas analyses que tem sido feitas em quasi todos os jornaes do Rio de Janeiro. Basta accentuar alguns traços, que são de mão de mestre.

Do jagunço a feição mais interessante é a do vaqueiro.

O jagunço que não é vaqueiro, finge sel-o; pelo menos tem a aptidão para exercer essa profissão, porque é a mais consentanea com a sua indole e com as tendencias para a actividade intermittente do nomade do sertão.

Tive occasião no Ceará de observar esse typo e estudal-o um pouco.

Processava, então, como juiz municipal, um crime horroroso, perpetrado por tres individuos curibocas, com todos os caracteristicos da selvaticuesas de costumes. Os criminosos não eram, porém, jagunços de profissão. Pertenciam á classe dos pequenos plantadores, e dous delles tinham estado na guerra do Paraguay. No processo, porém, appareceu como testemunha o typo em toda sua plenitude descrito pelo Sr. Euclides da Cunha. Era um mestiço curiboca, de rara qualidade como rastejador. A esse homem devi a identificação dos criminosos e reconstituição do theatro do crime. Interroguei-o durante muitas horas, em duas audiencias; fatiguei-me do mesmo modo que se fatigaram o promotor e o advogado dos réos; mas no fim tinha entrado no conhecimento exacto da alma de um vaqueiro sagaz, traquejado nos mysterios do sertão, dotado de todas as audacias subtis e perversidades utilitarias, de que é capaz um homem que conta com a sua ligeireza, com

a sua aptidão em manejar uma aquiada ou uma lazzarina de caçar veado, e com a impunidade que lhe garante o *mimetismo* florestal.

Qual psychologias, nem diplomacias, dizia eu commigo. Um sertanejo dessa estofa distancia, *mutatis mutandis*, os mais atilados trampolineiros de salões e embrulhadores de negocios.

Tomando por base de operações a caatinga sertaneja, elle podia zombar das justicas a seu bel-prazer jogando com occultações e fingimentos, de maneira a mystificar os mais intrepidos perdigueiros. E a sua pratica dessas cousas guiou-nos no processo.

Em Canudos havia dessa gente em grande escala. Pajehú era um delles. E segundo se disse, e o Sr. Euclides da Cunha teve occasião de constatar, esse homem, que foi a alma damnada de Canudos, nos momentos criticos, de nada precisava para converter-se n'um Onofre Pires, n'um Gamercindo, n'um Garibaldi, n'um guerrilheiro typico, senão viver no Pampa, entre manadas de cavallos e em uma sociedade habituada ao churrasco, ao sangue e ao desprezo da vida por pabulagem. A caatinga, porém, o fizera dissimulado e tenebroso. Uma cousa tambem fixava a sua orbita de acção moral, era a incapacidade para a idéa franca e generosa, subordinada a um conceito humano, já não digo como o do guerrilheiro Garibaldi, cujas sympathias pelas raças transfiguravam-no; mas como os outros, que se fizeram fortes na camaradagem de guerreiros de culto objectivo. Esse Pajehu puxou mais ao typo, que se accentuou na Cabanada do Pará, nos motins dos sertões do Maranhão em 1835 e em outros movimentos que ensanguentaram o periodo da Regencia. (1). Os herões desses movimentos eram com effeito mestiços pela maior parte; e pôde-se

---

1)—Cf. Ralos Motins Politicos

affirmar que so movimentos iniciados pelo liberalismo nas capitães provincianas propagavam-se pelo interior sob o aspecto e reacção dos *homens de cor*. Todavia, é forçoso confessar que no meio desses homens agitavam-se, mostrando identicos caracteres, individuos da raça branca, tão brutos, sinistros e dissimulados como os da sub-raça.

Em Canudos, segundo se vê das narrações do Sr. Euclides da Cunha, encontraram-se caudilhos brancos, mulatos, caboclos, curibocas, cabras e tutti-quantu. Quaes os mais arrojados, é difficil apurar. Todos faziam a mesma cousa, com maior ou menor intensidade: não ha meio de differenciar pelos actos um Pajehú de um Villa-Nova.

Esta circumstancia dá o que pensar sobre o valor effectivo da raça na formação do jagunço.

Não será o jagunço mais um estado emocional transitivo do que um typo? Não entrarei nessa questão embaraçada, porque o seu exame levar-me-hia longe. Será bastante para não estabelecer desaccordo com o autor d' *O Sertões*, lembrar uma circumstancia determinada pela existencia de uma maioria de curibocas-cabras no interior. Incontestavelmente o numero destes cabras-curibocas, avulta na região das seccas, de um modo exuberante, e tanto seria sufficiente para a absorpção do branco no torvelinho d'essa extranha emotividade sertaneja, gerada pelas circumstancias que o Sr. Euclides da Cunha descreve brilhantemente da pagina 81 em deante. Refiro-me ao facto do isolamento em que as populações sertanejas dessa parte do Brazil se tem conservado,—populações estas que formaram não só uma sociedade heterogenea, como começaram a segregar-se da civilização littoral, desde que cessou o movimento dos paulistas. (1).

«Convindo que o meio não fórma as raças, diz o Sr. Euclides da Cunha, no nosso caso especial variou demais nos diversos pontos do territorio as

dosagens de tres elementos essenciaes. Preparou o advento de sub-raças diferentes pela propria adversidade das condições de adaptação. Além disso é hoje facto innegavel, as condições exteriores actuam gravemente sobre as proprias sociedades constituídas, de que se deslocam emigrações seculares aparelhadas embora pelos recursos de uma cultura superior. Se isto se verifica nas raças de todo definidas abordando outros climas, protegidas pelo ambiente de uma civilização, que é como o plasma sanguineo desses grandes organismos collectivos, que não diremos da nossa situação muito diversa? Neste caso—é evidente—a juxtaposição dos caracteres coincide com intima transfusão de tendencias e a longa phase de transformação correspondente erige-se como periodo de fraquesa, nas capacidades das raças que se cruzam, alteando o valor relativo da influencia do meio. Este, como que estampa, então, melhor, no corpo em fusão, os seus traços característicos. Sem nos arriscarmos demais a paralelo ousado, podemos dizer que para essas reacções biologicas complexas, elle tem agentes mais energicos que para as reacções chimicas da materia. Ao calor e á luz, que se exercitam em ambas, addicionando, então, a disposição da terra, as modalidades do clima e essa acção de presença innegavel, essa especie de força catalytica mysteriosa, que diffundem os varios aspectos da natureza. Entre nós, vimol-o, a immensidade destes ultimos está longe da uniformidade proclamada. Distribuiram, como o indica a historia, de modo diverso as nossas camadas ethnicas, originando uma mestiçagem dissimil. » (1).

---

1) — Os Sertões pag. 86 e 87

Segundo, pois, o autor, não ha um typo anthropologico brasileiro, nem se encontram razões de onde se possa concluir sobre a possibilidade de se constituir esse typo no futuro.

Todavia, o Sr. Euclýdes da Cunha do seu estudo geographico historico realizado relativamente á distribuição da população do Brasil conclue que no centro deste, isto é, na zona approximadamente correspondente ao phenomeno das seccas, formou-se um typo, o Curiboca, typo valoroso, astuto e forte, o qual predominou no isolamento a que foram condemnados os sertões do Norte. Não foi o mulato, producto da mestiçagem começada em Portugal e aqui continuada, o neurasthenico do littoral e inconsistente, o acolhido dos latibulos das caatingas. Esse producto era já muito affeito ao Portuguez, para que se desligasse d'elle; o mulato preferio o littoral á vida nomade e ás inclemencias da vida do vaqueano. Em outra região não tinham sido os mulatos factores da actividade dos bandeirantes, mas os mamelucos, oriundos dos indios de S. Paulo e da gente de João Ramalho. Nas terras adjacentes do rio S. Francisco, ao Jaguaribe e dos valles que despenham da Serra Grande, o segredo da terra coube ao curiboca—ao cabra,—como depois se denominava genericamente esse typo do sertão.

Esse curiboca, utilizando-me da expressão engenhosa de Sylvio Roméro, vaccinou moralmente todos os que tiveram de penetrar nos seus dominios. Eram os mais adaptados para o meio, portanto os seus habitos, as suas tendencias deveriam impor-se soberanamente ás populações intermedias. O fazendeiro de gado, o branco, procurando conquistar os campos para as suas vaquejadas, não pôde dispensal-o. O resultado foi, na carencia d'elle, submeter-se-lhe, identificar-se com o seu *modus faciendi* e a adaptar.

quasi por assim dizer, a sua aima, desde que revestia-se do gibão, das perneiras e do guarda-peito.

Fechado o sertão, como o autor d'*Os Sertões* o mostra, o Portuguez, o masombo e o praieiro, quando cuidaram em si, tinham esquecido a respectiva estirpe.

Encourados, vivendo na caatinga, as suas idéas pouco distanciavam das dos miseráveis que os cercavam.

A consciencia delles não ia além da de vaqueiros graduados. Sob a sua apparente direcção, essa sociedade movia-se como os reptis segundo o feito do sólo; e o *genius loci* tripudiava e invadia a alma atrazada d'essa pobre gente, a cujos ouvidos mal chegavam os ruidos da civilização, que os paes de alguns desses mestiços haviam feito aportar ás costas do Brasil nas caravellas de Pedro Alvares Cabral.

O jagunço estava preparado pela natureza.

São dignas de ler-se as palavras do escriptor, exalçando esse phenomeno.

«Nasciam, como se vê (os curibocas), de um amplexo forçado e feroz de victoriosos e vencidos. Crearam-se n'uma sociedade de revolta, aventureira e sonhadora, sobre a terra farta; e tiveram, ampliando-lhes os attributos ancestraes, uma rude escola de força e de coragem naquelles *geraes* amplissimos, onde ainda hoje ruge impune o jaguar e vagueia a ema velocissima, ou nas serranias de flancos despedaçados em busca de veieiros, quando as lavras bahianas, mais tarde lhes deram esse derivativo á faina dos *rodeios*.

Fôra longo traçar-lhes a evolução do character.

Caldeadas a indole aventureira do colono e a impulsividade do indigena, tiveram uiteriormente o cultivo do proprio meio proporcionando-lhes, pelo

insulamento, a conservação dos attributos e habitos avoengos ligeiramente modificados, apenas consoante as nossas exigencias da vida.—E alli estão com as suas vestes caracteristicas, os seus habitos antigos, e seu extranho affetto ás tradições mais remotas, o seu sentimento religioso levado ao fanatismo e o seu exagerado ponto de honra e o seu *folk lore* bellissimo de rimas de tres seculos...

Raça forte, antiga, de caracteres deñinidos e imutaveis mesmo nas maiores crises,—quando a roupa de couro do vaqueiro se faz armadura flexivel do jagunço—oriunda de elementos convergentes de todos os pontos, mas diversa das demais d'este paiz, elle é innegavelmente expressivo exemplo, de quanto importam as reacções do meio...» (1)

E depois de fazer sentir que os «actuaes povoados sertanejos se formaram em velhas aldeias de indios, arrebatados em 1758 do poder dos padres pela politica severa de Pombal», acrescenta que precisamente no trecho dos sertões bahianos «mais ligados aos dos demais Estados do norte—em roda do sertão de Canudos—se estabelecera desde o repontar da nossa historia intenso povoamento em que sobresahia o aborigene amaigamando-se ao branco e ao negro, sem que estes se avolumassem ao ponto de se lhe dirimir a influencia innegavel.» (2)

Esse typo que, segundo as observações do Sr. Euclides da Cunha, é o predominante e o sertanejo do norte, longe de ser um degenerado como o mulato «tomando em longa escala, do selvagem, a intimidade com o meio physico, que ao envez de deprimir-lhe enrija a organização

(1) — Os Sertões pag. 101.

(2) — Os Sertões pag. 105.

patente, reflete, na indole e nos costumes das outras raças reformadoras, apenas aquelles attributos mais ajustaveis á sua situação social incipiente. (3) O jagunço é simplesmente um retrogrado.

E porque esse typo no desabrochar da cultura brasileira se libertou das exigencias desproporcionadas dessa civilização de emprestimo, isolando-se no sertão, acredita o autor d'*Os Sertões* que elle se prepara para a conquistar um dia, desde que os seus attributos possam entrar em concurrencia com os que tiveram até hoje em cheque-mate.

Foi n'um meio moral assim constituido que surgiu, de repente para nós, Antonio Conselheiro, homem de origem branca, e por isso mesmo mais apropriado para fazer obra superior á do feiticeiro, transformando uma maloca ou um quilombo em igreja symbolica e regimentada.

Uso dos termos «mais apropriados» intencionalmente, porque é um facto verificado que ninguem é propheta em sua terra e melhor é que o propheta seja de outra raça, para que a impressão panurgica seja mais forte e duradoura.

Antonio Maciel era do Ceará, terra que parece fadada, pelo habido do exodo consecutivo ás seccas, a fornecer ás provincias circumvisinhas e até ao Amazonas homens *novidadeiros*. O cearense, sem distincção de raças e castas, é em geral buliçoso, atrevido, curioso e contumaz no espirito de descobertas. Dos sertões do Crato partiu o movimento de independencia da provincia, que depois sertanejos coronelizados foram impor ao Piauhy e ao Maranhão.

Novidadeiros, a elles se deve o primeiro movimento de adopção do systema metrico entre nós. Os cearenses ainda

---

3 —Vide o meu livro —*Reino encastado. Chronica sebastianista*, pag. 85.

contam a gloria de terem impedido, de modo decisivo a procrastinação da solução definitiva do problema social. Nesse tanto, foram originalissimos os processos de propaganda adoptados na *Terra da Luz*. Não teve equivalente o systema de opposição alli vulgarizado pelo *Abolicionista cearense*, que descobriu a jangada politica e as manifestações de desagrado a chefes escravocratas por esquadrihas a vela de panno preto e acompanhamentos, em terra, a burros enfeitados. Fertejs nos expedientes de *boycottage* moral, como irlandezes, petulantes deante dos mais civilizados, satyricos ainda mesmo commerciando, calmos em affronta ao ridiculo, caprichosos, cabeçudos, quando em terra extranha propõe-se introduzir um uso repellido, elles nunca desistem de seus intentos, e antipathicos aos penachos estapafurdios de cavalleiros do ideal, vencem sempre por uma impertinencia systematica e ás vezes pela quizzilia. Em todo caso ninguem como elles sabe fatigar o adversario, tomando tempo para refazer as forças. São ainda cearences que actualmente no Acre estão dando tratos á imaginativa boliviana.

Activos e previdentes, os sertanejos do Ceará, todavia têm produzido santões, roldões, illuminados e desvairados.

E' preciso não esquecer que foi no Ceará que appareceram os *Cerca igrejas*. Foi lá tambem que surgiram tipos como Filgueiras, os padres Benze-cacetes e Verdeixa, o irmão Ignacio, o missionario Ibiapina e o vigario Souza. Ha familias visionarias e outras em que a ferocidade não póde ainda ceder deante da disciplina civilizadora. Do Ceará sahiu o desertor, que em 1838 creou em Pedra Bonita, no districto de Pajehú de Flores, uma seita sebastianista e sanguinaria; de cujo dominio foram voluntariamente sacrificadas 82 pessoas, alem de animaes, no presuppuesto de desencantar o reino, que, segundo a doutrina socialista, então pregada, deveria vir dar o triumpho nas terras brasileiras aos pobres e miseraveis victimas dos ricos e dos pedreiros livres.

Não era, portanto, de admirar que os seus sertões exportassem o famigerado vagabundo religioso, que foi dar a ossada em Canudos.

O Sr. Euclides da Cunha imputou talvez maior importância do que devia a esse despeitado da vida, que o meio torceu, convertendo-o posteriormente no instrumento de que o sertão carecia para arremetter, como boiada assombrada, contra os soldados, os adventícios do littoral, enviados pela civilização para punil-os de seu atrazo.

Diz o escriptor :

«As phases singulares da sua existencia não são, talvez, periodos successivos de uma molestia grave, mas são, com certeza, resumo abreviado dos aspectos predominantes de mal social gravissimo. Por isto, o infeliz destinado á solitudine dos medicos veio, arrojado por uma potencia superior, bater de encontro a uma civilização, indo para a historia como poderia ter ido para o hospicio. Porque elle para o historiador não foi um desequilibrado. Apareceu como integração de caracteres differentes, vagos, indecisos, mal apercebidos, quando dispersos pela multidão, mas energicos e definidos quando resumidos n'uma individualidade». (1)

Dada essa explicação sobre a genese do Conselheiro, o autor acrescenta que eile não deslisou para a demencia porque o meio o amparava, corrigindo-o fazendo-o estabelecer encadeamento nunca destruido nas mais exageradas concepções, certa ordem no proprio desvario, coherencia indestructivel em todos os actos e disciplina rara em todas as paixões, de sorte que ao atravessar, largos annos, nas

---

(1) Os Sertões pag. 151.

práticas ascéticas, o sertão alvorotado, tinha, na attitude, na paivra e no gesto a tranquillidade, a attitude e a resignação soberana de um apóstolo antigo.» (1)

Sou de inteiro accôrdo com este traço do livro, contanto que não se attribúa a Antonio Maciel a capacidade de um Mahomet ou de um Lutero, e não se diga que elle permaneceu aquem daquelles typos historicos, simplesmente porque não era instruido, nem exercitava a sua eloquencia num theatro de esphera mais cultivada.

Se no Ceará se perguntasse a qualquer critico de porta de botica sertaneja o que era o Conselheiro, elle responderia, e responderia com grande acerto: «um velho besta, de maus bofes, o qual, porque a mulher fez-lhe uma *letra*, despeitou-se com o mundo e deu parade voto.» E o vigario, apoiado pelo collecter, batendo com o dado no taboleiro do gamão, responderia *amen!* Sob este ponto de vista o Conselheiro pessoalmente nada tinha de extraordinario. Fizeram-no santo. Não precisava ser demente para acreditar na missão, que lhe era imposta; bastava que fosse credulo, ou *besta*, phrase pittoresca dos ladinos do sertão, onde os ha muitos e de marca maior.

No meu parecer, portanto, qualquer *Conselheiro* sertanejo, que surgisse era sufficiente para construir um centro de Canudos, desde que o sertão rodasse, como rodou, *quærens quem devoret.*

Arredadas, assim, as theorias lombrosianas, como muito judiciosamente fez o Sr. Euclides da Cunha, fica Antonio Maciel reduzido a um gnostico bronco, repetição de um typo vulgar de bonzo dos primitivos tempos, em que seitas christãs entregues a illetrados estupidos, deram os mais tacanhos

1) Os Sertões pag. 152.

resultados. Uma vez aceita por aquelle velho obstinado a profissão de missionario, e tomada a serio a sua pregação, o que lhe poderia produzir a logica selvagem senão as combinações, que se encontram em todas as litteraturas religiosas de cordel?

Sempre a mesma cousa, as mesmas prophcias, os mesmos principios de moral carrança, as mesmas historias do tempo do onça, salvo alguma atrocidade dogmatica derivada de particularidade individual, como succedeu em Canudos, onde o propheta, em odio ao casamento, que lhe fôra funesto, estabeleceu a promiscuidade dos sexos ou a liberdade do amor,—diga-se o coito *au hasard de la fourchette*.

Como pôde Antonio Conselheiro tornar-se um vagabundo religioso, sem que incorresse rigorosamente numa tara morbida, na expressão clinica da palavra explica-se perfeitamente em face dos documentos biographicos colligidos pelo autor do livro.

Os Macieis eram homens vigorosos, sympathicos, bem apessoados, verdadeiros e serviçaes. Sempre haviam gosado de consideração social, porque eram calmos, serios e exactos nos seus negocios. Antonio Maciel nunca desmerecera desse conceito; e revelara abnegação fóra do commum, constituindo-se arrimo da familia até 1858 época em que o seu character se modificou.

«Perde os habitos sedentarios, diz o Sr. Euclides da Cunha, incompatibilidades de genio com a esposa ou, o que é mais verosimil, a pessima indole desta, tornam insustentavel a situação. Em poucos annos vive em diversas villas e povoados. Adopta diversas profissões. Nesta agitação porém, percebe-se a lucta de um character que não se deixa abater. Tendo ficado sem bens de fortuna, Antonio Maciel, nesta phase preparatoria de sua

vida, a despeito das desordens do lar, ao chegar a qualquer nova séde de residencia procura logo um emprego, um meio qualquer de subsistencia.» (1)

De villa em villa, de profissão em profissão a contumacia do seu esforço para as profissões trabalhosas diminue gradualmente, a disciplina primitiva desaparece, e a actividade, de mais em mais irrequieta, esteriliza-se, e acaba por descambar para a franca vadiagem. De subito a sorte o fulmina com um revez violento. Foge-lhe a mulher na companhia de um relés soidado de policia.

Surge, por instante, o sertanejo injuriado, que segundo a tradicção cobria o rosto com um lenço para só descobrir-se depois de derramado sangue propiciatorio e consumada a desforra. Depois disto não é mais o mesmo homem, enquanto aos habitos. Começa a vida errante, não mais em busca de melhoria da sorte, mas nas delicias do anachoreta, que é uma das fórmulas da hypocrisia da preguiça.

N'estas condições o homem de um golpe liberta-se das responsabilidades que fatigam; os preconceitos locais o abandonam; a alma resfolega; e ao ceticismo anterior succede um alivio adúlcorado.

Antonio Conselheiro era um homem livre: podia vagabundear sem dar satisfações ao proximo que o enchia de bandarilhas. Estava, pois, iniciada a sua vida de propheta.

Um doente! diria Kovalewsky, e com este medico a escola dos criminoiologos psychiatras. Um doente, no rigor da palavra, por que?

Por vagabundagem, entende a escola uma tendencia particular para mudança de domicilio. Desta sorte poder-

---

(1) — os Sertões pag. 163

se-hia classificar como doença a tendencia opposta—a sedentaria.

No dominio das molestias mentaes, diz o referido autor, a vagabundagem se observa em fórmulas diversas: na da melancholia, na da paranoia, na da epilepsia, na do alcoolismo chronico, na da paralysisia progressiva. Existe uma fórmula particular da melancholia agitada (melancholia errabunda) que se caracteriza por uma meditação dolorosa, incessante e sem causa, que não permite ao doente nenhum repouso. N'estas condições, o paciente vae, vem, volta, circula, sem nunca achar o que procura. Sempre em acção, em movimento e agitado, quando é um dia elle foge do lugar em que está, sem que saiba para onde, nem porque razão. Expulsa-o a melancholia, e a sua rota é inconsciente. Essa corrida não é sinão descarga de uma energia demasiadamente accumulada; e neste caso quanto mais violenta a carreira, mais depressa o doente sente-se alliviado.» (1)

Outros dialectos têm sido observados nessas manifestações melancolicas. Os romancistas russos Dostoiewsky e Maximoff Gorky, o norueguez Hanut Hunsah, o belga Masterlink têm escrito paginas admiraveis analysando esse estado psychico, de que alguns delles fizeram experiencia.

Nenhuma vagabundagem, porém, mereceu estudo tão aturado como a religiosa, mais communmente caracterizada pelos pedidores de esmolas para fins religiosos. Esse typo, que levou Maximoff a grandes investigações na sua obra *A Russia errante e mendiga*, apresenta anomalias mentaes, ainda mesmo quando não deixam ser classificadas pela psychiatria como victimas de enfraquecimento intellectual.

---

(1) Kovalewsky.—La Psychologie criminelle, pag. 166

Não sendo razoavel incluir Antonio Maciel no desequilibrio das classes anteriormente indicadas, poder-se-ia, sem cahir nos exageros lombrosianos, collocar-o entre esses vagabundos de que trata Maximoff?

Mas, taes individuos, segundo se vê das observações de Kovalewsky, são ordinariamente oriundos de alcoolicos, de extenuados por trabalhos brutos e se assignalam por uma debilidade de vontade extrema e pela ausencia de estímulos que não sejam para fugir, desertar. Batidos por toda parte, repellidos, maltratados, victimas da zombaria popular, timidos em excesso, estrangeiros no seio da propria familia, taciturnos, esses pobres coitados são naturalmente rechassados da vida normal para a da fé e por ultimo não se lhes depara consolo senão na igreja. Ahi podem elles respirar livremente. Dão para famosos sachristães, amourosos da arte de ajudar missas; cantam nos côros e nas procissões; e fóra disso são vistos a buscar os cantos escuros e afastados nos templos, onde se deixem surprender de rosario em punho. Esses amigos da igreja não tardam a tornar-se necessarios; então a indulgencia dos devotos os cerca de uma atmosphera de socego, em que vivem deliciados, até que um dia os assalta a tarantula da deslocação. Elles, então, zarpam em direcções desconhecidas, coíhem esmolas, voltam, depositam nas mãos dos padres ou de mulheres piedosas, e tornam a zarpar para regiões inexploradas.

Teria ainda sido dessa classe o famigerado Antonio Conselheiro? Por certo que não. O seu temperamento é o do obstinado, vioento e máo. Durante o periodo dessa vagabundagem que adoptou, Maciel não se apresentava deliquescente, procurando uma atmosphera placida em que se escondesse da actividade circumdante, que porventura o

obsedasse e fizesse tremer. Ao contrario disto, resoluto a não trabalhar e a obrigar, todavia, os outros a trabalharem, a sua obstinação muito se póde attribuir a uma velhacaria sub-consciente. Era essa a vida que lhe servia para curar-se do desassocego que o invadira, e mais ainda para justificar no fôro da propria consciencia a ausencia do esforço e do trabalho normal. Porque não adoptal-a? Obra santa! Pois não! Todos o acatariam; e elle em paz com a sua consciencia repousaria a sua preguiça inconfessavel no seio da crença religiosa de seus pais, por elle melhor comprehendida. Ora, um dos fructos mais corriqueiros, que se observam na vida dos grandes, ou pequenos apaixonados por uma obra contemplativa, é a necessidade de desvencilhar-se dos trambolhos da familia. O ascetismo, o celibato nem sempre passam de uma commodidade. Que o digam innumeros artistas que não se têm casado ou têm estragado a familia já constituida, simplesmente porque sentem necessidade de manter a vida aberta a todos os caprichos indispensaveis ao desenvolvimento do trabalho artistico. Na existencia do missionario, que a utiliza, em grande parte, por sybaritismo, dá-se a mesma cousa. Ora, é bem provavel que Antonio Maciel fosse antes dirigido por esse sentimento, do que pela aggravação da tara herdada dos seus antepassados.

O resto não foi obra sua, nem dos seus instinctos. A maloca o dominou e infligio-lhe posteriormente uma responsabilidade, que elle não aspirava. Sendo tão facil, conforme verificára, andar pelos sertões a prégar, a fazer carregar pedras para a edificação de igrejas e a retirar-se dos povoados coberto de bençãos no doce embalo da rede dos canticos das mulheres, que o tinham como santo, que maior repouso do que esse poderia desejar essa alma, outr'ora

amargurada, mas agora esquecida de si mesma na hypnose de um cerebro de mysticismo!?

Canudos foi o seu erro de vagabundo religioso; e a responsabilidade, que o sertão lhe impoz esmagando-o, transformou aquella grota de Vasa-Barris em um Calvario dantesco, pavoroso.

Vamos ler essa visão apocalypticica nas paginas d'*O's Sertões*.

## II

O arraial de Canudos, descripto pelo Sr. Euclides da Cunha, de cima do alto da Favella, é uma scena de impressionar ao leitor mais chucro.

Até chegar a essa pagina do livro, o escriptor não nos tem fornecido senão escorços, schemas, a theoria do sertão, a philosophia da sociedade bastarda, em que vamos penetrar, a psychologia do typo sertanejo. Occupando-se do proprio Conselheiro, eile nos revêia apenas a exstructura do seu character como producto do meio em que representa o papel mais importante, não o fazendo agir.

A descripção mesma de Canudos no fim da 2ª parte não passa de um prologo ou de uma preparação para que o leitor, possa apreciar devidamente a lucta, que vae ser exhibida

ao vivo, ao clarão de um estylo suggestivo e de rara potencia descriptiva.

E' notavel a arte do Sr. Euclýdes da Cunha. Não perdendo uma só emoção experimentada pelos soldados, que se approximam de Canudos, surprende o espirito com situações, que fulminam a imaginação do leitor desprevenido.

O arraial de Canudos é um mysterio. Pois bem, esse mysterio cresce á proporção que as forças do governo se engolpham nos desfiladeiros; e o que ahi se passa conflagra-se por tal modo, na phantasia de quem avança na leitura do livro, que se pensa estar, de mochila ás costas, de armas ao hombro, acompanhando, na tenebrosa aventura, o coronei Moreira Cesar, ou outro qualquer official, em demanda da terra truculenta e desconhecida, que se occulta no labyrintho do Vasa—Barris como o Minotauro da fabula.

Passa-se a galope, através da narracção das primeiras luctas, e chega-se ao ponto em que o livro assume todo o seu interesse dramatico.

Estamos em Monte-Santo. Começam os preliminares de uma expedição, e dahia pouco, na desfilada das paginas da Obra, encontramos-nos a trato com os caminhos, de envolta com a tropa, em face das massas recortadas de gargantas e fossos profundos da Serra do Cambaio, lugar sinistro e mal assombrado, onde a imaginação do povo tem posto as lendas das «cidades encantadas» da Bahia. Iniciam-se as sensações de quem sonda precipicios profundos, de quem enfia a vista atraves de abysmos cheios de monstros e de cousas nunca sondadas. Cada soldado é um assombrado. A algidez do susto sopra sobre os corpos expedicionarios em marcha. Os officiaes, percutidos por presentimentos vagos, olham para frente desarmados e vagarosamente tangem as suas montarias.

De subito desmascaram-se as trincheiras naturaes do Cambaio, e a expedição é colhida, de ponta, por uma fuzilaria doida, aos brados escandalosos e bravios de «Viva o nosso Bom Jesus!» «Avança! «fraqueza» do Governo!».

Pela primeira vez forças organizadas enfrentavam essa gente barbara. Não se calcula a impressão que produziu nos soldadados do Governo o typo sinistro desse guerreiro das trevas—o jagunço. O primeiro que se estampa na imaginação da tropa é esse negro corpulento e agil chamado João Grande, que surge entre as renques de pedras, no alto da montanha, como um verdadeiro demonio, sopezando o clavinote curto, e que esvae-se logo como gnomo, deixando atrás de si a morte e o desespero.

Estamos em pleno romance de Walter Scott; e só então comprehende-se como o escriptor escossez pôde recolher, sem grande trabalho, factos verdadeiros das luctas dos *highlanders* para ornal-as com as suas ficções poeticas.

A realidade dessas guerras é talvez superior em effeitos ao que possa crear a inventiva humana.

A narração das peripecias da expedição Febronio já constitue um capitulo emocional capaz de, só por si, dar vida a um livro. A retirada, após interminaveis sarilhos, dos quaes o sertão sahio victorioso, porque as victorias, como ficará demonstrado depois, enfeitavam os soldadados e convertiam-se em catastrophes; essa retirada é admiravel de verdade, e põe diante da força organizada o programma indefectivel, a que o meio sertanejo teria de subordinar os generaes por uma especie de hypnose satanica e incuravel.

Essa hypnose passa a ser dahi em diante a verdadeira alma do livro. O Sr. Euclides da Cunha, que a observou de perto, que a estudou como philosopho, que

viu os seus effeitos ; conhecedor desse meio, em que a tactica militar desenvolvia escravizada aos espiritos dos generaes e a lição dos mestres, e todavia se deixava conduzir por esse mesmo meio, sem d'elle tirar as lições indispensaveis; o Sr. Euclides da Cunha não o perde de vista um só momento e então triumphou a sua theoria, anteriormente exposta, porque cada instante sentese diante dos factos narrados quanto a sua influencia era forte e indeclinavel.

Não ha duvidar que as expedições mandadas contra Canudos, á proporção que se afastavam de Monte-Santo, entravam numa embriaguez peor do que a da cachaça.

Generaes, officiaes, soldados, todos, sem excepção, eram invadidos pela loucura do deserto. Os jagunços, que observavam o phenomeno, attribuiam-no ás partes divinas de que se dizia dotado o Conselheiro ; o povo e o soldado chucro pensavam naturalmente na influencia de feitiços. Ora, succedia que todos estes elementos concorriam juntos para debilitar a força do governo, incrementando dia a dia a fascinação do centro psychico de Canudos.

O desastre da expedição Febronio determina a do Coronel Moreira Cesar.

São graves e solemnes as considerações do historiador quando estuda esse ponto historico. No seu parecer a volta á legalidade por força da mão de ferro do Marechal Floriano Peixoto deu-nos um vortilhão de espumas que apoujou nas camadas politicas superficiaes consecutivamente ao preamar do atrevimento e petulancia da mediocridade ruim. Quebrados os laços de disciplina, que o director soubera impôr auxiliado dos signaes inequivocos da sua missão, «destruindo revoltosos e abatendo a desordem com a desordem», diz o Sr. Euclides da Cunha, que elle talvez

inconscientemente creara novos e especiaes revoltosos. Essa reacção explica-se naturalmente por uma lei sociologica, que eu traduziria num proloquio popular: «guardião fóra, frades agora!»

O autor d' «Os Sertões» pinta com grande sagacidade a situação politica do paiz durante esse periodo, em que, finda a revolta e morto o Marechal de ferro, vencedores e vencidos, soltos em um ambiente livre, como foi o que se seguiu á inauguração do quatriennio presidencial de 1894 a 1898, enfrentaram-se no campo normal da vida quotidiana. Imagine-se que os acidos agiam-se sem precipitarem-se. A nação em apparencia estava calma, mas como havia amnistiados, era tambem natural que os inimigos destes se sentissem mal, vivendo á «contre cœur» no mesmo recinto, e que procurassem vagarosamente com os olhos um novo dictador.

A noticia do desastre foi bastante para levantar a es-pumarada da parte indocil dessa gente, que vehiculava, já de tempos antes, indifferentes e desgostosos politicos.

O nome de Moreira Cesar apontou, consequentemente era o official que devia seguir para Canudos. Para lá o impellio o destino. E a sua entrada pelo sertão deu-se vertiginosamente, com a precisão de um sonnambuio ou de um epileptico larvado.

“Vamos almoçar em Canudos”, foram as palavras do destimido Coronel ao approximar-se do arraial do Vasa-Barris ás 11 horas do mesmo dia em que effectivamente alli penetraram as forças do seu commando.

Ergue-se então o panno e começa a assombrosa tragedia.

“De subito, são expressões do livro, surpreendeu-os a vista de Canudos. Estavam no alto da Favella. Alli es-

tava, afinal, a tapêra enorme que as expedições anteriores não haviam logrado attingir.

Apparecia de improviso, toda, em uma depressão mais ampla da planície ondulada. E, no primeiro momento, antes que o olhar pudesse accommodar-se aquelle montão de casebres, presos em rêde inextricavel de beccos estreitissimos e dizendo em parte para a grande praça, onde se fronteiavam as igrejas, o observador tinha a impressão exacta, de topar, inesperadamente, com uma cidade vasta”.

A impressão do soldado. ao chegar alli, fatigado das emoções das escaramuças e peripecias do caminho, devia ter sido a do deslumbramento, não porque o arraial de Canudos fosse um Rio de Janeiro, visto do Corcovado, mas porque, descobrir no fundo das *caatingas* uma agglomeração daquellas, absurda, tenebrosa e inexplicavel, era para gerar igual sossobro de imaginação.

E o Sr. Euclides da Cunha, debruçando-se no livro, como ao balcão de uma janella aberta de repente sobre aquelle scenario, faz-nos passar por todas as gradações de pasmo porque devia ter passado a officialidade de Moreira Cesar. Com effeito, da janella do livro o que se sente, a primeira vista, é que Canudos estava a um golpe de mão para ser colhido e esmagado. Pois não era assim, do alto da Favella ao centro do arraial havia distancia muitissimo maior do que do Rio de Janeiro aquellas montanhas. Os factos e as luctas o mostrarão posteriormente.

Seja como fôr, essa primeira inspecção da furna de Antonio Maciel produziu pasmo, mas não desanimou o soldado. Que valeria uma tapêra, por maior que ella fosse, contra os Krupps e as nossas armas de repetição?

Os cinco mil casebres de Canudos, aquella collósal igreja em construcção ainda mascarada de andaimes e bai-

léos, traves, vigas e baldrames, no seu aspecto de baluarte formidável; a feição rude dos arredores, o Vasa-Barris alli ao pé, e o character sinistro da região devastada pelo espirito de Antonio Conselheiro, eram cousas fugitivas. Nada intimidava a expedição.

"No fastigio da montanha, a tropa," diz o auctor. Os batalhões foram chegando, a artilharia fez os primeiros movimentos. e dahi a pouco adensava-se sobre o arraial uma nuvem de poeira e fumo levantada pelas primeiras balas que estouravam no meio da casaria.

O Snr. Euclides da Cunha descreve estes primeiros momentos da lucta como uma colmeia assanhada ou formigueiro alarmado. Os jagunços não se defendem; fogem para as caatingas, e o sino grande da igreja dobra a finados.

Quando este emmudeceu, por volta de uma hora da tarde, a tropa desceu sobre Canudos como columnas de mercurio, que despejassem num fosso. Os soldados correram sobre o arraial e o entupiram com o terror das armas. No meio desta liquefação de batalhões explodem granadas, ruge a artilharia, cantam cornetas, crepitam bombas e a fuzilaria rompe de toda a parte como um verdadeiro fogo de S. João. Os jagunços, que, ao badalar do sino da igreja haviam desperitado para a lucta, afrouxam de repente e Moreira Cesar triumphou.

No momento de precipitar-se por alli elle dissera: «Vamos tomar o arraial á baioneta». Tomara-o; mas antes devera ter-lhe occorrido o verbo opposto e libertatorio. Este verbo não lhe occorreu; e Canudos, vencido, no primeiro arranco quedou-se ao vencedor como um polvo monstro; apertando-o, na escuridão, entre milhares de tentaculos.

Deixemos a imagem, que, por sua vez, me ocorreu para ler a pagina vehemente do livro. Transcrevamos o juizo do auctor :

«Era peor que uma cidadella inscripta em polygonos ou blindada de casamatas espessas. Largamente aberta aos aggressores que podiam derruil-as a couces d'armas, que podiam abater-lhe a pulso as paredes e tectos de barro ou varal-a por todos os lados, tinha a inconsistencia e a flexibilidade de uma rêde desmesurada. Era facil investil-a, batel-a, dominal-a, varejal-a, aluil-a ; — era difficilimo deixal-a. Completando a tactica perigosa do sertanejo, era temerosa porque não resistia.

Não oppunha a rijesa de um tijolo á percussão e arrebatamento das granadas que se amorteciam, sem explodirem, jurando-lhe de uma só vez dezenas de tectos. Não fazia titubear a mais reduzida sessão assaltante, que poderia investil-a, por qualquer lado depois de transposto o rio.»

O Sr. Euclides da Cunha chama a isto «cidadella mudéo»; e accrescenta que as tropas de Moreira Cezar fizeram-na desabar sobre si mesmas. Póde-se dizer que nestas duas palavras está a critica pungente de toda a tactica desenvolvida pelo commandante das forças expedicionarias em Canudos, o qual invadira o arraial com o seu temperamento de impulsivo, com a sua bravura de melancolico, com sua experiencia enfermiça ; e não podendo reflectir, viu tudo quanto era necessario fazer para vencer, não evitou o lapso de intelligencia, que occasionou o esquecimento da tactica defensiva.

Os processos napoleonicos têm perdido a muitos generaes. Nem em toda a parte, nem em todos os momentos,

se deve reproduzir o arrojio da ponte de Arcole. Caixias applicou-o muito a proposito em Itororó. Teria errado se em vez de cahir numa planicie livre, vencendo a ponta, penetrasse num *cul de sac*, como succedeu a Moreira Cesar.

Outra observação: o grande conquistador francez baseava a maior parte da sua tactica no conhecimento da psychologia do inimigo. Os seus movimentos eram sempre delineados tendo em vista o que os generaes adversos esperavam que elle fizesse; elle, porém, usando da tactica justamente inversa á esperada e que tinha determinado a disposição dos corpos do exercito inimigo, apanhava-os como crianças innocentes numa armadilha, por maior que fosse o numero e os arrastava numa rêde inextricavel de victorias.

Junte-se a isto a violencia, a audacia, a precisão dos movimentos, a golpes fulminantes, e ter-se-ha a philosophia de todos os triumphos daquelle general durante as suas primeiras companhas (1).

Ora era rudimentar que os jagunços não offereciam resistencia; mas tambem não se deveria esquecer que elles si infiltrariam pelo solo para crear ao atacante toda a casta de difficuldades, Moreira Cesar nada disso descortinou. Pensando estar á frente de uma legião romana, construcção militar esta que era então perfeitamente adaptada á conquista dos barbaros, dada a impossibilidade da retirada, verdadeiro castro ambulante; na ignorancia do que era o jagunço e a guerra do sertão, entregou-se; entregou-se como o faria fatalmente qualquer outro que não tivesse genio ou não variasse de educação.

O resultado foi o que todos sabemos. Os jagunços, loucos, embora, conheciam melhor a psychologia dos soldados civilisados.

1) — Russet — Cs mestres do guerra trad. Tasso Fragoso — pgs. 58 e seg.

Tinham certeza de que elles fariam o que fizeram. Abandonavam-lhes o arraial, militarmente fallando, escondiam-se na caatinga, nas grotas e nos buracos das pacas e esperaram que a noite cahisse sobre Canudos.

Esta não tardou caliginosa e cheia de assombros.

Antes, porém, de começar o acto culminante da tragedia, Moreira Cesar era derribado por um bala traiçoeira. Ao panico geral pela inesperada situação, juntou-se mais o da indisciplina. Todos acreditavam no bravo commandante. Morto elle, estava despedaçado o élo da corrente moral. E as forças apatetaram-se.

Sôa de novo osino da igreja. Os sertanejos entoam o cantico da *Ave-Maria*, atirando os chapéos de couro ao chão, enquanto os batalhões *soffriam* a primeira e real repulsa ao clarão das palhoças incendiadas.

A retirada impunha-se. Fez-se uma balburdia medonha. Começa-se então a matança pelos caminhos e veredas. Não era mais retirada, era fuga, doida, desesperada, em delirio de allucinados, perdidos em labyrintho inextricavel, onde a cada passo se deparavam pavores nunca imaginados pelo engenho arabe nos repositorios de perversidades truculentas das *Mil e uma noites*.

A descripção da entrada em Canudos e da debandada das forças do coronel Moreira Cezar occupa vinte e quatro paginas fulgurantes de emoção. Vê-se tudo; e vendo-se tudo claro, sente-se a fatalidade dos acontecimentos humanos.

Como é pungente a historia mostrando a natureza transformada em voragem das melhores intenções!

No emtanto em meio dessa tormenta ecôa uma phrase, não sei se comica ou shakespeareanamente sinistra; phrase mais propria de ser proferida por Falstaff do que por um official em um momento critico. O autor a reproduz, attribuindo-a

ao tenente-coronel Tamarindo, successor do chefe das forças. Esta phrase é a synthese da «debàcle».

Interpellado sobre o que se devia fazer naquella angustiosa emergencia, o novo chefe responde, com um riso triste nos labios :

— «E' tempo de muricy ;  
Cada um cuide de si !...»

Accrescenta o historiador que «foi esta a sua unica ordem do dia.»

Consequencias do desastre. Os jagunços, cujo mysticismo e rudeza já haviam crescidos á vista dos successos anteriores, ficaram crentes de que a força do Governo era realmente «fraqueza», e com elles estava o «milagre», pois toda aquella arrogancia artilhada e apparatusa, que por instantes varrera Canudos, imponente, terrivel, assolando, incendiando, irradiando em mortiferas explosões, de repente disparara ioucamente pelos mattos, abandonando-lhes armas e bagagens, como se aos soldados entontecessem os sortilegios do Conselheiro.

Não resisto a tentação de transcrever o trecho com que finda esse capitulo pavoroso.

Os jagunços livres da aggressão, divertiam-se reproduzindo, diz o escriptor, as praticas religiosas dos Achantes.

Não me proponho a resumir todo o livro do Sr. Euclýdes da Cunha. Seria impossivel fazel-o, não só porque as paginas emocionantes são continuas, mas porque, levado, eu proprio, pela emoção litteraria, começaria a superiectar com expressões do proprio fundo as scenas e passagens a que me referisse.

Tratarei, portanto, de evitar esse escolho passando ligeiramente sobre os prodromos da quarta e ultima expedição, que occupa mais da terça parte da obra, e onde entra

a analyse do esforço empregado pela União para extinguir o Quilombo de Canudos.

Como era natural e sem que admitta os argumentos privativos, que se tem procurado tirar na agitação então havida, o desastre da expedição Moreira Cesar originou uma série de acontecimentos disparatados. O paiz estava combalido, não havia que extranhar, portanto, o desaçaimo das paixões, tanto generosas como ruins.

Não somos melhores do que os inglezes; entretanto por occasião dos desastres e das victorias do Transvaal, *gentlemen*, uivando de quatro pés como lobis-homens, pelas ruas de Londres, foram vistos completamente esquecidos da pretença calma da raça anglo-saxonia.

O Sr. Eucydes da Cunha descreve fielmente os ridiculos que o patriotismo de contagio costuma produzir em occasiões semelhantes, ensanguentando não raramente as ruas, como soe acontecer no fim da embriaguez.

Todavia dada a gravidade do facto excitado pelo perigo, o Governo começou a agir na proporção dos seus recursos dirigentes, apezar da epilepsia que se tinha apoderado, até de algum membro da imprensa seria, de onde se pretendeu presentir a existencia ou principio de formação de uma nov<sup>a</sup> Cobientz em Canudos.

Entra então em scena o general Arthur Oscar, que não recebe a missão de extinguir um quilombo mas o inimigo da Republica. — Naquelle momento real não resta duvida: pelos elementos que poderia offerecer adeante aos mal intencionados para a rapida transformação dos Sertões da Bahia, em centro de operações de resistencia ao Governo Republicano.

São muito complexas as marchas descriptas no livro pelas columnas em que foi dividido o exercito na primeira

phase da campanha, para que me occupe della extensamente até porque o assumpto escape a minha competencia.

Todavia, accentuarei duas ou tres observações do autor d' *Os Sertões*, que foi militar e deve saber o que escreveu. O General Arthur Oscar não quiz innovar, e determinando sob a responsabilidade de Ther Brun a ordem mixta, fez marchar as suas forças, esquecido de que marchava para o desconhecido, — o sertão — onde mais valiam as ardezas de um *capitão do matto* do que os programmas, certos de mais, prescriptos pelos luminares da sciencia.

E segue, em contraste, a descripção das vestes de couro dos vaqueiros, que immunes arrostavam todas as difficuldades da corrida pelo matto.

Todos os accidentes desagradaveis, transes, e angustias porque passou o exercito nos arredores de Canudos, estão explicados nestas poucas palavras.

«Copiou instrucções que nada valiam porque estavam certas de mais. Quiz desenhar o imprevisto. A luta que só pedia um chefe esforçado e meia duzia de sargentos atrevidos e espertos, ia iniciarse enleada em complexa rede hierarchica—uns tantos batalhões macissos entalados em veredas reflexuosas e emperrados deante de adversarios fuggitivos e bravos. Prendeu-se-lhes, além disso, ás ilhargas, a mole de aço de um Withworth de 32, pesando 1.700 kilos! A pesada machina, feita para quietitude das fortalezas costeiras—era o entupimento dos caminhos, a redução da marcha, a perturbação das viaturas, um tranboiho a qualquer deslocação vertiginosa de manobras. Era, porém, preciso assustar os sertões com o monstruoso espantallo de

ação, ainda que puzessem de lado medidas imprescindíveis.

Exemplifiquemos: as columnas partiram da propria base de operações em situação verdadeiramente inverosimil, a meia razão. Marcharam em desdobramentos que, como veremos em breve, não as forravam dos assaltos. Por fim não tiveram uma garantia de uma vanguarda eficaz, de fianqueadores, capazes de as subtrahirem a surpresas.

Os que as acompanhavam nada valiam.

Tinham que varar, ladeando o grosso da tropa por dentro das caatingas, e estas tolhiam-lhes o passo, soldados vestidos de panno, rompendo aquelles acervos de espinheiras e bromelias, mal arriscariam alguns passos, deixando por alli esgarçados os fardamentos em tiras.

Entretanto, poderiam avançar adrede preparados á remoção de taes inconvenientes. Bastava que fossem apropriadamente fardados.»

Mas ainda é o caso de dizer que não somos menores do que os outros, e nem se deveria esperar resultado differente. Houve desperdicio de tactica ; igual ao em que cahiram os inglezes na guerra boer, apesar dos seus Roberts de Karthoum e Kichner de Khandaar.

Canudos foi uma lição. Era inevitavel que a recebessemos, qualquer que fosse o militar que para lá se dirigisse, dada a organização, que temos, de um exercito de littoral.

Ninguem se bate, a laço e bolas, como um *cow-boy*, supponhamos, tendo levado a vida somente a habituar-se ás manhas do florete, da espada, ou do revolver. Os habitos mentaes e os movimentos reflexos são tão poderosos, que

nestas occasiões neutralizam a mais clara visão da verdade opposta. Haja vista o que succedeu aos generaes austriacos. Batidos todos os dias por Napoleão levaram tempo a se familiarizarem com a idéa de que a tactica delles não era verdadeira. O soldado segue para o campo da peleja, para combate de um feitio e acaba operando de outro. Os mesmos accidentes teriamos que lamentar se o nosso exercito tentasse utilizar a capoeiragem no sertão. Um elephante a dançar o minuete. (\*)

O alto da Favella foi um outro *mundéo* armado ao soldado civilizado. O exercito ali acampou e não poudé mais sahir, sendo fuzilado, das montanhas adjacentes, sem poder agir, dia a dia, hora a hora. E diga-se, para honra desse exercito, que elle soube supportar esse transe com aquella mesma aima endurecida que a historia registra na Campanha do Paraguay. E' extraordinario o tempo que durou esse supplicio. O sertão colhia a civilização, armada e imprevidente, pela segunda vez, e vingava-se dos apparatus bellicos, que eram um escandalo para aquellas regiões barbarescas e empeçonhadas pelas superstições do Conselheiro.

A passagem de Cocorobó, a que deveu o general Arthur Oscar a salvação da sua columna pela do general Savaget, é uma das paginas mais tempestuosas do livro.

Ahi foram derribados pelas balas traiçoeyras do jagunço, officiaes de grande merito, heróes como Thompson Flores e Sucupira. Affrontaram-nas, debeilando a morte, com gallardia gaucha, outros do valor de Carlos Telles. Essa columna nunca se deixou surprehender, diz o Sr. Euclýdes da Cunha; e era o primeiro facto dessa ordem que se obser-

(\*) Quem ler a «Vida de Rancho» do presidente Roosevelt, verá o que nos falta para o bom exito nestas guerras do sertão. São os soldados intermedios os rouhriders, junto ao habito de organisal-os nos momentos em que se tem de haver com o Far-West. trate-se de indios ou de bandidos lynchaveis.

vava em expedições militares sertanejas. Mas para que essa columna pudesse estar perto do alto da Favelia a tempo de socorrer o grosso do exercito, fôra preciso realizar arrojado e pertinacia semelhantes as das columnas yankees durante o periodo selvagem da guerra de secessão; tinha sido necessario atravessar, não florestas incendiadas como alli, mas um corredor de muitas legoas de extensão, de terreno movel em baixo dos pés, onde os esquadrões de cavallaria mal podiam manobrar e a artilharia era angustiada a cada passo, porque das fraldas das montanhas, quasi a pique, o jagunço a seu gosto e invulneravel despejava sobre a tropa todas as suas munições. A columna, todavia, sob essa chuva mortifera, bombardeando as montanhas e a terra em globo, pois outra coisa não lhe era licito fazer; espantando com o troar das armas e com as explosões das granadas e schrapnells, a alluvião de «insectos» mortiferos, que se multiplicavam nos latibulos das serras de onde eram alvejados os nossos soldados; essa gloriosa phalange, afinal transmontou essa Thermopilas sem nome, tenebrosa, quasi phantastica, nas quaes o inimigo se confundia com a propria natureza abrupta do logar, e em que aos soldados se afigurava que os proprios seixos dos caminhos tomavam vida e soavam pelo espaço aos milhões, como numa magica, para feril-os e trucidal-os.

A travessia do Cocorobó, tal qual a descreve o autor d' «Os Sertões», ficará na historia como um combate através dos desfiladeiros do inferno. O soldado brasileiro viu alli o demonio na figura do jagunço; mas luctou, esconjurou-o e venceu-o.

Tendo a junção das duas columnas apenas attenuado a situação da tropa por motivos já conhecidos ou por outros muito complexos e que não me cabe analysar, começou o verdadeiro martyrologio do alto da Favella.

A proposito do feito do dia 28 de junho de 1897 o Sr. Euclýdes da Cunha cita um trecho da respectiva ordem do dia: «uma pagina tarjada de horrores, mas perfumada de glorias.» O triumphador, porém, não conseguia dar um passo fóra dos seus reductos.

Quem sitiava o exercito? Ninguem. A natureza; as circumstancias. Os jagunços entravam nessa operação como um factor diminuto, de importancia relativa, porque era mo-vel, mesquinho e, como o mosquito da fabula, podia a todo o instante enfurecer o leão prostrado, sem acção contra o vento com o qual o insecto vivia associado.

O historiador da guerra de Canudos attinge nesta pagina um gráo de emoção inolvidavel. Lembra ao mesmo tempo Xenophonte e Flaubert. Os soffrimento dos gregos nos desertos da Persia e os desesperos dos Mercenarios trancados os nos desfiladeiros de La Pache não me commoveram mais do que os dos nossos patricios victimas da imprevidencia, não deste Governador, daquelle general, ou desse outro aconselhador, mas de todos nós, que concorremos principalmente pela imprensa, successivamente, para transformar um quilombo, talvez sem importancia em um arraial, e um arraial no couto da vagabundagem religiosa e politica de todo o sertão do norte.

O Sr. Euclýdes da Cunha nos pinta dahi por deante o militar classico e de convenção, agindo por honra do officio, e medindo geometricamente o emprego da coragem; elle descreve o homem na phase psychica e animal; em que entram aquelles a quem a ameaça da morte toma o character chronico que foi o que succedeu no alto da Favela.

E triste do soldado, se assim não fosse, porque nunca se justificaria dos horrores e deslises de deshumanidade que alli se praticavam, durante o sitio da força e posteriormente a ella. isto é, na resaca do de Canudos.

E' preciso ler as paginas do livro que vão de ns. 441 a 537, em que com o reforço remettido pelo Marechal Bittencourt enceta-se a nova phase da lucta durante os mezes de julho e agosto, dous mezes dantescos, as forças do Governo de bruçadas sobre o arraial de Canudos, mastigam os mais crueis pesadelos, atura immarcaveis padecimentos.

Dentro do acampamento e em torno d'elle desenrola-se a tragedia continua, chronica, das multidões sequestradas da liberdade, do amor e dos encantos da vida social. Ali só presidia aos actos o instincto da defeza animal e o valor de uns, e a indiferença de outros entretecem as scenas diurnas e nocturnas do drama, que se passa na scena de todos em lucta com phantasmas homisiados naquelles casebres, naquella igreja sinistra de onde o feiticeiro Antonio Maciel faz espalhar pela região inteira trapos impalpaveis uma vez por outra corporificados em jagunços.

Durante estes dous mezes interminaveis Canudos é a obseção de todos. Colmeia do mal, aquelle povoado, gera no espirito do soldado visões, quando não paralysa a sua sensibilidade transformando-o num automato assassino.

Esta situação terrivel, o Sr. Euclides da Cunha descreve nos detalhes militares com intensidade quasi igual a dos romances de Dostoiewsky, que foi um dos maiores, sinão o maior dos psychologos das multidões, produzido pelo seculo XIX.

Elle satura o leitor, invade-o; e as suas descripções são como emplastos de sublimados corrosivos, superpostos á imaginação. Quando retirados, levam a epiderme do espirito, e deixam os tecidos profundamente alterados pela acção toxica e convulsionante.

A imprevidencia natural de quem julgava poder realisar em Vasa - Barris o *veni, vidi vici* de Cesar, com as suas seis mil bayonetas, gerou a fome. Esse factor peior mil vezes de

que o jagunço, transformou-se em desespero. O jagunço affrontara-se; a sua bala matava, e para cada individuo estava a partida liquidada; mas a fome era um inimigo muito mais terrivel: ella amotinava-se nas entranhas, suspendia-se dos intestinos e ao mais indifferente convertia n'um insensato, num louco, num hallucinado.

Na monotonia daquella vida paralyzada pela morte, que se chrystalisara no ambiente formado de serras abruptas, arvores tristemente verdes, penhascos escaldados e um céu sempre azul, sempre luminoso, o bombardeio constituia um allivio, uma diversão, um devaneio. A fome roubava-lhe esse unico aspecto diversor. Desta forma um comboio mesquinho de viveres, que escapasse á impavidez da jagunçada circundante, desfazia-se n'uma festa violenta; o soldado desperto por instantes do lethargo que o aniquilava, queria logo combater; e o arraial cobria-se de pó, de fumo e fogo. Mas tambem o acampamento era coberto pela saraiva das balas certeiras dos inimigos occultos, e centenas de victimas cahiam como ao sopro do sirocco.

«Ao cahir da noite de lá ascendia, resoando longamente nos descampados em onduções sonoras, que vagarosamente se alargavam pela quietude dos ermos e se extinguíam em échos indistinctos, refluindo nas montanhas longinquas, o toque da Ave-Maria...

Os canhões da Favella, bramiam, despertos por aquellas vozes tranquillias. Cruzavam-se sobre o campanario humilde as trajectorias das granadas. Estouravam-lhe por cima e em roda os schrapnells. Mas, lentas, intervalladas de meio minuto, as notas suavissimas se espalhavam, silentes, sobre a assonancia do ataque.

O sineiro impassível não claudicava um segundo no intervalo consagrado. Não perdia uma nota. Cumprida, porém, a missão religiosa; apenas extintos os échos da última badalada, o mesmo sino dobrava estridulamente sacudindo as vibrações do alarma. Corria um listrão de flammás pelas cimalhas das igrejas. Cahia feito um rastilho pelo povoado. Aiastrava-se pela praça e deflagando para as faldas do morro abrangia-as; e uma repiça violenta cahia estrepitosamente sobre a tropa. Fazia calar o bombardeio. O silencio descia logo, subitamente, sobre os dous campos.

Os soldados percebiam, então, mysteriosa e vaga, coada pelas paredes espessas do templo meio em ruínas, a cadencia melancolica das rezas. . . »

O comboio de viveres, que chegou ao alto da Favella a 13 de Junho determinou um assalto homérico ao arraial, succederam-se outros que se tornaram chronicos por sua vez, sem que a extincção do quilombo se approximassem do seu fim.

Aquillo revivia continuamente, porque enchia-se e esvasiava-se por circuitos e grotas inatingiveis abertas para o norte, onde as forças não tinham geito de manter-se. O bloqueio nunca pode completar-se e por esse claro os jagunços sahiam e entravam no arraial quando bem queriam.

Deslisemos pela nova phase da lucta em que marcha para Canudos uma nova divisão e o marechal Bittencourt providencia sobre os meios de garantir a expedição da fome ser-taneja e dos effeitos do deserto e levar a guerra a termo.

Essa phase poder-se-hia definir em duas palavras, um exercito a pôr cerco ao vento. Esterilisou-se uma região para colher um magote de fêras impalpaveis.

As descrições relativas a esse período estenuam, como a lucta estenuou a terra e o sertão.

Vejamos as derradeiras paginas do livro — os ultimos dias de Canudos.

Tendo pela diuturnidade do fogo e pelo augmento dos recursos militares, chegado o sertão a ficar exausto, era natural que o exercito pudesse descer das cumiadas adjacentes e fechar o arraial, não por fora, mas invadindo a orla, do plano em que estava assente o grosso da casaria.

Esses ultimos dias são apocalypticos, e o Sr. Euclides da Cunha com o redobramento da ferocidade do jagunço, já não mais solto nos ares ou occulto no recessos da caatinga, mas encurralado, acuado como uma onça na furna escura pelo caçador temeroso, faz recrudescer tambem a emoção litteraria da obra.

O jagunço vae morrer ; mas vae morrer ferindo, matando, destroçando ainda muitas centenas de soldados valorosos.

Não conheço em lingua portugueza, fóra do theatro, em livro de historia, scena descripta com potencia tragica superior á que se encontra nas 55 paginas que fecham.

Os Sertões. — vibra o horror em cada linha, em cada palavra, e sem o recurso dos bastidores e das ficelles dos romances, utilizando unicamente o facto e a palavra suggestiva, esse capitulo inflamma a imaginação e arrasta o leitor numa continua anciedade de chegar ao fim e de libertar-se de tamanho pesadello.

Imaginou-se uma féra esfaimada no fundo de um enorme buraco a morrer e a viver, cada vez mais irritadiça, cada vez mais furiosa, revivendo quando se pensa extincta, e annihilando-se aos poucos em trepidações lancinantes, em convulsões epilecticas perigosas para os que tentam garroteal-a, e ainda uma vez trincando o arrojado que desfecha-lhe o ul-

timo golpe, eis o aspecto dos derradeiros sobreviventes, que ainda resistiam em Canudos.

Depois a agonia; depois da agonia o trismus da morte o ainda sinistra; e a multidão de soldados em torno, como o povo dos Cezares, no Colyseu de Roma, assistindo a esta execução final no sossobro, não se sabe se do sentimento da vingança accumulado ou de um satânico prazer do *sport* militar.

Com os desgarrados dessa bolgia não tinham os sitiantes procedimento diferente do que teriam com as serpentes e lacraias ao sahirem espantadas dos seus covis.

Esmagavam-nos sob o salto da bota ou agarrando-os pela cauda despedaçavam-lhes as cabeças de encontro ao primeiro rochedo que lhes deparasse á vista.

Chegava o momento da revindicta. Os martyrios do alto da Favella estavam ainda frescos na lembrança de todos para que presença de um jagunço não fizesse ressuscitar em cada soldado alli presente o canibal da idade da pedra.

Os officiaes gastos pela fadiga da guerra, com a sensibilidade bruxoleante no fim de tantas desgraças, não tinham alento talvez para reagir e a ferocidade dos moralmente disciplinados permittiu que nesse Colyseu selvagem se aguçassem os mais extravagantes appetites de sangue de degolamentos.

Não ha que philosophar. Tudo é relativo. Desde que o Sertão se apossára das forças civilisadas, e sobre ellas operara pela influencia do deserto, não devemos extranhar que esse mesmo Sertão, antes de restituil-as ao littoral, as fizesse primeiro passar por esse corredor equivooco e escuro da inconsciencia do gorila.

Seria a sua ultima deforra: obrigar o soldado a ser jagunço, irmanai-o, abraçando-se com eile, e morrer, na unidade do ultimo fanatico, junto ao sepulchro do conselheiro, a

vista das legiões do exercito da nação que mandara exterminar Canudos.

Sentimos frio e bate-nos o queixo, ao presenciar *inmente* percorrendo as paginas d'os Sertões esse quadro apavorante.

O extermínio do arraial se faz então systematicamente, se apertando dia a dia o cerco. O morticínio operava-se como se tratasse de acabar com a vida de um formigueiro de saúvas, derramando corrosivo pelas aberturas, sufocando as massas por meio de explosivos.

E tudo isso era inevitavel; porque esses desesperados jagunços devoravam logo as mãos imprudentes que ousavam extender-se e tocar esse nicho incendiado de escorpiões com physionomia humana.

Fez-se a matança da jagunçada não gratuitamente, mas com perdas de vidas preciosissimas, pois a cada estouro que se dava nesse covil infernal, companhias dos nossos batalhões eram horrorosamente dizimadas.

Por ultimo esse fundo de grotta, já não era mais do que um montão de cinzas, de cadavares, de trapos, de entulhos e residuos de uma aldeia, estraçalhada, de onde, todavia a sinistra igreja, derrancada, em ruinas, affrontava o esgarçar das granadas e os desbaratos da artilharia. O jagunço, porem, não capitulava; e essa recalcitrancia no emergir dos abysmos da morte para ainda matar o matador, creava no soldado raivas truculentas, unica resposta ao que lhes parecia phantástico e sobrenatural.

Por mais de uma vez esse acervo de lixo humano pareceu immobilisar-se. Itinava o silencio, e os soldados olhavam-se assombrados.

Canudos emfim! A!li estava o seu cadaver exangue, posto que ameaçador... Pois não era exacto. Esse cadaver trepidava, estendia uma garra convulsa, rangia os dentes, e lá iam novas victimas para a voragem do inferno.

Dous «bulldoggs» congestos não se engalfinhariam com furia tão desmedida.

Em Canudos houve casos de terror verdadeiramente ineditos.

Nas ultimas horas os batalhões acampavam em cima dos derradeiros destroços e dos montões de cadaveres. Pois bem, ainda nesta situação o defunto erguia-se para ferir o coveiro, arrastando-o para dentro do sepulchro.

O Sr. Euclides da Cunha dá noticias de uma scena destas, em que, quando os soldados repousavam ou atravessavam pacatamente uma esplanada, eram fuzilados pelo *invisible*. De sob uma barricada de cadaveres, seis jagunços despediam-se da luta matando ainda uma dezena de inimigos.

Recompunha-se a fuzilaria doida. Nas furnas lá no fundo dos covis levantaram-se canticos de mulheres sobreviventes á catastrophe. As pobres victimas entoavam supplices o *Magnificat*. Os soldados, então despertando subitamente, paravam... e uma hora depois não combatiam mais.

«Canudos não se rendeu, diz o autor, terminando a obra. Exemplo unico em toda a historia, resistiu até o exgotamento completo.»

E appella para um Maudsley que demonstre se as nacionalidades são susceptiveis de enlouquecer.

---

O Snr. Euclides da Cunha não é só, como disse antes, uma alma poetica e um psychologo, mas tambem um sociologo de boa envergadura. Como tal não podia deixar passar desapercibido o estudo da constituição interna de Canudos.

Pena é que elle não tivesse tido occasião de apreciar mais de perto, acompanhando a vida de cada dia dos conselheiristas, os costumes e as leis dictadas por esse Mahomet de meia jota.

A administração do arraial não differia em grande cousa da de um acampamento em que só a igreja tinha estabilidade.

As ordens de Antonio Maciel eram obdecidas irrevogavelmente. O civil dependia em essencia do espiritual. As regras que o Conselheiro havia estabelecido eram muito poucas, de sorte que a liberdade dos conselheiristas devia ser pasmosa. Ouvir missa, rezar a certas horas, concorrer para a obra santa, que era a egreja e reunião dos mantimentos, não beber cachaça e horror aos padres, eis em poucas palavras toda a organização moral, social de Canudos. Quanto a mulheres, já vimos que o Conselheiro estabelecera a promiscuidade dos sexos, supprimindo de um golpe a hierarchia da mulher, fundada sobre a virgindade, o casamento e a honra. Como todas eram filhas de Deus, podiam entregar-se livremente as que chegassem.

Está visto que não foi pela imaginação que se fez a concentração de Canudos. Ficou provado do livro que o factor mais vigoroso foi a perseguição. Então combinaram-se para agitar os sertões, em torno do que os jagunços chamavam a injustiça do Governo, diversos elementos. Logo que Canudos adquiriu forma de invencivel e a perversidade dos Pajehús e Macambiras se tornou celebre até chegar ao litoral, os timoratos da visinhança, para captar-lhes sympathia e obter immuniidades, começavam a fornecel-os de victualhas e munições. Houve, pois, um momento em que o arraial regorgitou de viveres, numa abundancia gargantuesca.

Ora, aqui está a mola principal de Canudos. A vagabundagem dos sertões adjacentes, tendo noticias disto, affluu para o arraial produzindo este sobre-excesso de populacho, que espantou a toda a gente. A vida alli era boa, tanto melhor quanto os encargos do perigo, cabiam unicamente aos fanaticos e aos cabras assassinos de profissão, que para alli corriam estimulados pela idéa unica de tomar desforra do soldado, seu inimigo nato. Os outros, isto é, os que se acoutaram no arraial por vadiagem ou attrahidos, na qualidade de malandros, pelo goso offerecido na facilidade das mulheres, taes individuos entravam e saham do povoado, conforme a situação da luta. Não foram estes os desesperados que sustentaram o embate das forças nos dias calamitosos de Agosto e Setembro.

Quando a fome ameaçou Canudos, os desgraçados desaguaram em busca da fartura em outros arraiaes.

No ponto de vista sociologico o Snr. Euclides da Cunha é um admirador de Buckle, o nunca assaz lembrado autor da *Historia da civilização na Inglaterra*. Applicando os principios desse mestre no estudo dos phenomenos da vida brasileira, elle sempre a illumina com um raio de luz agudo e penetrante. Todavia, não é exclusivista; nem a variada e ao mesmo tempo segura educação scientifica que teve, permittiria essa subordinação pedagogica, aliás profundamente antipathica ao seu temperamento de artista.

\* \*  
\*

Do estylo do Snr. Euclides da Cunha, que poderei annunciar que já não esteja dito nas linhas precedentes ?

Como era inevitavel, num primeiro livro, a lava do estylo d' *Os Sertões*, borbota da matriz, trazendo, ainda de en-

volta, residuos, vocabulos, modismos assimilados nas leituras predilectas. Mas esses accidentes em nada influem para modificar o tumulto original da phrase enthusiastica, candente, que vibra sob a acção do temperamento arrebatado daquelle mesmo cadete da Praia Vermelha, que partia o sabre e atirava-o aos pés de um superior hierarchico.

Impeccabilidade! Não cogito disso. O autor d'*Os Sertões* devorou o seu assumpto, usando da phrase biblica, e vomitou-o transformado em livro.

Basta. Das paginas desse livro partem gemidos lancinantes, brados de guerra, explosões, urros de feras enjauladas, suspiros de mortos, ruidos de toda a ordem, ranger de dentes, écos longinquos dos sertões, clangores de clarins. E o estylo abrange tudo, amoldando-se a todas as modulações do espirito.

Só lhe falta o lyrismo da mulher. Mas, esta, coitada, appareceu em Canudos apenas encharcada no lameiro sexual. Seria impossivel idealisar, pensar mesmo no affecto feminil, quando sahiam de sob os escombros da Igreja 'de Canudos esses espectros simiescos e assexuados, a que se dava o nome de mulheres.

O traço carateristico do escriptor d'*Os Sertões* é o sentimento da tragedia na sua expressão caustica.

O que nos percute nas linhas do livro em que se descreve a morte rugidora dos jagunços, no seu ninho de escorpiões, não é tanto a matança em si, como a sombra de nós mesmos, que passavam e repassavam através dos corpos dos officiaes que presidiam a essas scenas mexicanas.

Que teria feito qualquer um de nós se lá estivesse? E' horrivel cogitar nisso.

Desgraçadamente a humanidade ainda não se expurgou do sangue dos Fernandos Cortes, dos Almagros e Pizarro, que é como um arthritismo ethnico.

Rio, Fevereiro de 1903.



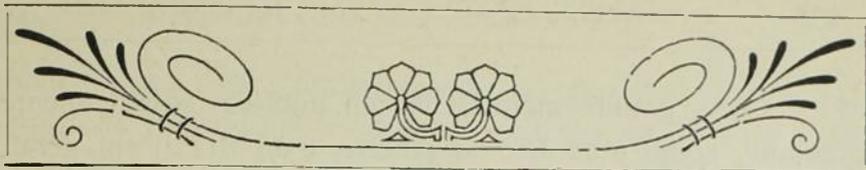
Sylvio Romero

*Euclides da Cunha*

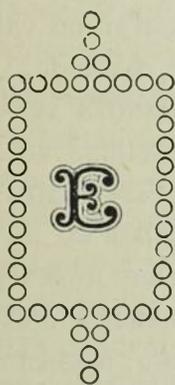
(Excerptos de dous artigos publicados na Revista da Academia Brasileira de Letras).

Ensayo de la Cumbra

Ensayo de la Cumbra  
de la Cumbra de la Cumbra  
de la Cumbra de la Cumbra



I



Este, em nosso mundo literario, não é um sedento de notoriedade nem de justiça.

Dele se pode dizer que se deitou obscuro e acordou célebre, com a publicação

d'«Os Sertões».

Merecia-o.

O que mais despertou para logo, a atenção dos leitores, foi o estilo imaginoso, brilhante, marchetado de metáforas do escritor, além do assunto, que parecia longinquo, exotico,

inesperado a grande maioria de um publico sofrivelmente ignorante, como o do Rio de Janeiro e do Brazil em geral.

Aos espiritos mais serios, porém, penso eu, manifestava-se a primeira inspeção, o verdadeiro merito do jovem autor; um grande talento formado fóra dos circulos das literatices da moda.

Duas coisas o mostravam de pronto: a trama das idéas, onde se sentia o vinco de certas doutrinas sérias acerca das questões brasileiras e o interesse pela genuina população nacional, a grande massa rural e sertaneja, na qual palpita mais forte o coração da raça.

Não é só: a mesma escolha da materia do livro de estrea e de outros que se lhe seguiram era uma prova deste aserto.

E' por isto que d'entre os escriptores que se formaram e cresceram ao seu lado, um Oliveira Lima, um Graça Aranha, um Domicio da Cama, um Rodrigo Octavio, um Magalhães de Azevedo, um Sousa Bandeira, a despeito das belas carreiras diplomaticas que, de anos a esta parte têm andado a fazer, nenhum se lhe pôde equiparar no valor intrinseco da obra, nem na influencia por elle exercida.

Não é que se não tenham aqueles dignado a versar assuntos patrios: ao contrario; todos têm repetidas vezes, se occupado de coisas nossas. E' que lhes falta esse não sei quê de apaixonado e sentido em que se vasa a alma do povo.

Nos escritos d'esses autores notam-se, em dóses que se não pôde occultar, uns amaneirados diplomaticos, umas attitudes e posições que podem interessar lá fora, mas cá dentro não agradam, por inquestionavelmente postiças.

Serão de muito bom gosto na Sorbona; aqui são de in-sosso sabor estrangeiro.

Mais acertado andou Aluizio Azevedo que posto fóra da patria quebrou a pena. Fez muito bem; aqui dentro é que se

hade viver e lutar. Quem desama a terra e a sua gente, a ponto de preferir-lhe a mascara européa, se faia de coisas nossas, é por méro diletantismo, como se se ocupasse do Japão ou da Cuba, ou do Canadá ou da Noruega. E' fato.

Não é que pretenda defender a extravagancia de só considerar brasileira a obra que se ocupe de assunto nacional. Seria um absurdo de que estou preservado pelo simples bom senso.

A questão é do espirito, da alma, da visualidade interior e subjectiva do sentir nacional, que se afujenta d'aqueles diplomatizantes das letras, essencialmente devotados ás cortesanicis d'extranhos . . .

O escritor nacional aparecido pouco antes de Euclides da Cunha, mas pertencente ao mesmo cyclo historico, e que a ele si podia equiparar, é Livio de Castro. São as duas grandezas maximas do talento brasileiro no seu tempo. Livio de Castro, deixou como o outro, quatro livros: «A Mulher e a Sociogenia», «Allucinações e Illusões», «Questões e Problemas», «Velhos e Novos».

Excede o autor d'«Os Sertões», de «Perù versus Bolivia», «Contrastes e Confrontos», «A' Margem da Historia» na força do pensamento e no saber real científico. O seu êmulo se lhe avanta no estilo, nos fulgores da fôrma. «A Mulher e a Sociogenia» e «Allucinações e Illusões». são duas produções d'altissimo valor, que, se fossem, na ocasião oportuna, quando apareceram, tradusidas, vantajosissima idéa teriam dado da intelligencia brasileira.

Mas concentremo-nos em Euclides da Cunha. Comecemos por seus livros de ensaios e artigos soltos.

Os *Contrastes e Confrontos* estão cheios de estudos referentes a assuntos que não andamos, já disse, costumados a encontrar nas literatices correntes. São questões de carater sério tomadas á politica e á ordem social do Brasil. do Perù.

da Argentina, da Bolívia e do Uruguay e até da Rússia, da Alemanha, da Inglaterra, dos E. Unidos, do Oriente, todas interpretadas por um sãõ brasileirismo.

Sãõ estudos escritos entre 1901 e 1904. Os mais notaveis vêm a ser: *O marechal de ferro, Plano de uma Cruzada, Contra os Caúcheiros, Entre o Madeira e o Javary, Fazedores de desertos, Entre as ruinas, Ao longo de uma estrada, O Ideal Americano.*

O estilo é sempre fluente, imaginoso e geralmente correto. A pintura que faz da indole e do carater de Floriano Peixoto, por exemplo, é um quadro de genero realistico de fino primor.

Pinta-o indifferente e impassivel no 15 de Novembro de 1889 por ocasião da revolta republicana, no 23 de Novembro de 91, no contra-golpe de Estado oposito a Deodoro e no 6 de Setembro de 93, quando foi da revolta da armada.

Eis uns traços indeleveis: «Quando diante do ministerio vencido o marechal Deodoro alteava a palavra imperativa da revolução, não era sobre elle que convergiam os olhares, nem sobre Benjamin Constant, nem sobre os vencidos, mas sobre alguem que a um lado, deselegantemente revestido de uma sobrecasaca militar folgada, cingida de um talim frouxo de onde pendia tristemente uma espada, olhava para tudo aquillo com uma serenidade imperturbavel. E quando algum tempo depois, os triumphadores, anciando pelo aplauso de uma platéa, que não assistira ao drama, saíram pelas ruas principaes do Rio, quem quer que se retardasse no quartel general, veria sair de um dos repartimentos, no angulo esquerdo do velho casarão, o mesmo homem vestido á paisana passo tranquillo e tardo, apertando entre o medio e o index um charuto consumido a meio, e seguindo isolado para outros rumos, impassivel, indifferente e esquivo...

E foi assim, esquivo, indifferente e impassivel que elle penetrou na historia.»

O tom geral do artigo, seja dito de passagem, é antes em desabono do que em favor de Floriano.

Estas palavras são insofismaveis: «E' um dos raros casos de grande homem que não subio pelo condensar no ambito estreito da vida pessoal as enerjias de um povo.

Na nossa transformação acelerada para o novo regimen ele não foi uma resultante de forças, foi uma componente nova e inesperada, que torceu por algum tempo os nossos destinos. Assim considerado, é expressivo. Traduz de um modo admiravel ao envez da sua robustez a nossa fraqueza.

O seu valor absoluto e individual reflete na historia a anomalia algebrica das quantidades negativas: cresceu prodijiosamente á medida que prodijiosamente diminuiu a energia nacional. Subiu, sem se elevar, porque se lhe operara em torno uma depressão profunda. Destacou-se á frente de um paiz, sem avançar, porque era o Brasil quem recuava, abandonando o traçado superior de suas tradições.»

Com todo o meu irreductivel brasileirismo, não sei se realmente já pairámos num traçado superior de altissimas tradições, nem se será justo pintar o *marechal de ferro* como um pequeno serro no meio *de uma depressão profunda...*

E' verdade que o carater nacional tem se despenhado num deciuve de meter dó, bastando para proval-o as inqualificaveis vilanias da politica dos ultimos anos, de que é inutil citar exemplos, porque se contam aos milheiros. Em todo caso, é innegavel que nos tempos de Floriano não tínhamos ainda decido tanto e que ele se manteve firme na historia pela *virtude da resistencia.*

Desde o tempo de Pedro I, tinha o governo se habituado, entre nós, a ceder sem mais nem menos, diante da revolta, iogo que ella assumia um carater mais ou menos serio. O 7

de Abril, a brusca saída de Diogo Feijó do poder, a queda da monarquia, a de Deodoro a 23 de Novembro, não significam outra cousa.

Com Floriano o caso foi diverso: conquistou o seu iogar na historia por quatro titulos: ser o factor decisivo a 15 de Novembro de 89, o restaurador da ordem constitucional no contra golpe de estado, o esmagador das celebres pretensões anarquicas dos 13 generais, o vencedor imperturbavel da revolta da armada.

A tempera de resistencia, revelada nos dois ultimos passos, num meio de desfibrados e gananciosos vivedores da politica alimentaria, destaca-o como um exemplo a ser imitado por nossos homens de governo. Não é pouco.

No livro dos *Contrastes e Confrontos* haveria alguma coisa a opôr a Euclydes da Cunha sobre varios conceitos seus, que me parecem erroneos acerca da Allemannha, Inglaterra, Estados Unidos, Russia e paizes do Oriente, China e Japão.

Sente-se bem que os seus estudos não passaram de idéas gerais historicas e sociologicas, tomadas a Buckle, Tarde, Gumplowicz e o indefectivel Comte.

Quanto teria ele lucrado, se houvera lido os severos trabalhos de A. de Prévile—*Le Japon et son évolution sociale, L'ouverture du Thibet—Le Bouddhisme et le Lamaïsme* de R. Pinot—*La société chinoise*, de Léon Poinsard—*La Russie, le peuple et le gouvernement*: de Paul de Rousiers—*La Vie Americaine, La question ouvrière en Angleterre; Le Traité-Unionisme Anglais, Hambourg et Aliemagne, Les exportations Allemandes et leurs Répercussions Sociales*, de P. Deschamps—*L'education dans les Ecoles Anglaises, L'Hiérarchie des classes en Angleterre*. Sobre todos, os de Rousiers relativos a Allemanha o teriam forrado a alguns deslizes que occorrem nos artigos—*O Kaiser, A Arcadia da Allemanha, Temores vãos*.

Não é este o lugar de se discutir e menos de as refutar.

II

Seu livro *A' margem da Historia* é superior ao antecedente, porque nelle se nos deparam muitas das melhores paginas devidas á sua pena.

São as que tratam das terras e das coisas acreanas e amasonenses: *Na Amazonia*, compreendendo *Impressões geraes*, *Rios em abandono*, *Um clima calumniado*, *Os caucheiros*, *Juás Ashaverus*, *Brasileiros*, *Transacreana*.

Ha no livro um largo artigo *Da Independência á Republica*, que é um projeto da synthese da nossa historia politica durante o seculo XIX. Parece mais audacioso que verdadeiro.

Nas paginas sobre as coisas amasonenses existem trechos relativos á sociedade naquelas paragens, dignas do estudo de todos que se devem preocupar com os mais arduos problemas nacionaes para encaminhal-os e resolvel-os.

.....

A' circumstancia de haver percorrido algumas zonas de nosso interior deve Euclýdes da Cunha a posição seleta que tão justa quão brilhantemente ocupa nas letras nacionais.

Esta nota, sobre que devo insistir, proporcionou-lhe duplo ensejo para destaque: ofertou-lhe materia de primeira ordem para o colorido de sua imaginativa e assunto grave para as suas cogitações.

Teria ficado ao nivel da literatura ambiente, de que a *Vida das estatuas*, *Temores vãos* e *Estreias indecifráveis* são interessantes specimens.

Aquela circumstancia, o contato com o *interland* brasileiro, salvou-o, selecionando-o, cumpre não esquecer.

E' por isto que, quem estuda o Brasil social, tem que chamal-o a depôr. O conhecimento que tomou da zona sertaneja baiana, onde se desenrolou a tragedia de Canudos, e mais peculiarmente das populações d'aquelas paragens, foi a origem das paginas de psicologia social d'essas gentes, paginas dignas de memoria.

A missão que, em boa hora, o Barão do Rio Branco lhe conferiu no Acre, ainda mais poderosamente influiu no espirito do jovem escritor.

Tudo que nos deixou acerca d'aquelas rejiões deve ser registado com desvelado carinho.

São depoimentos insubstituiveis de uma fase da historia do Far-West brasileiro.

Não foram só a rejião fantastica do Acre e do Amazonas — e a exquisita zona sertaneja baiana do Itapicurú e do Vasa-Barris que relletiram na imaginativa do poderoso escritor. O interior norte e oeste de São Paulo tambem foi por elle visitado e inspirou-lhe tres artigos que são tambem tres depoimentos de merito: *Fazedores de desertos*, *Entre as Ruinas*, *Ao longo de uma estrada*, que ocorrem em *Contrastos e Confrontos*.

E' pena que especialmente neste ponto, para a compreensão e a explicação dos fenomenos sociais faltasse a Euclides da Cunha, como já de leve ponderei, o ensinamento da doutrina da rigorosa observação de Tourville e companheiros.

Só com Buckle, repita-se a verdade, pulverizado com o conflito das raças de Gumpowicz, o estado social efetivo, por exemplo, das populações amazonenses é um caso inexplicavel na sua quasi generalidade.

Aplique-se o metodo das *monografias de familias operarias* de Le Play e mais rigorosamente os processos de no-

*menclatura* de Tourville e ver-se-ha como tudo aquillo se esclarece.

A imaginação potente de Euclides, funcionando como um aparelho fotografico, reproduzia as cenas da natureza e do viver social na sua expressão realistica. E já foi muito; forneceu a materia prima.

A explicação é que é preciso ir procurar por outro lado.

A parte pinturesca de seus jagunços, de seus cauchêros, de seus seringueiros, de seus gaúchos (porque tambem destes falou em *Herões e Banãidos*) é real, é positiva, move-se com os gestos da vida, mas é só. No mais continuam inexplicaveis.

E, entretanto, quer jagunços, quer seringueiros, quer gaúchos, facilmente se deixarão compreender, se se aplicar a observação e o estudo a todas as faces de seu existir.

Apreciados com criterio sob os multiplos aspetos do Logar, do Trabalho, da Propriedade, dos Bens Moveis, dos Salarios, da Economia, da Familia, dos Modos da existencia, das suas Fases, da Patronagem do Comercio, das Culturas intellectuais, da Religião, da Visinhança, das Corporações, da Comuna, da Povoação, Vila ou Cidade, da Região, da Provincia, do Estado, da Expansão da raça, da sua Historia, das suas relações com o Estrangeiro, do seu Papel ou Posição no mundo, deixarão decifrar os seus enigmas.

Aplicados os processos ao Amazonas, por exemplo, desde Marajó até ao Javary—, *essa mais criminosa organização do trabalho que ainda engenhou o mais desçaçaimado egoismo*—explicar-se-hia por si mesma.

As roubalheiras do governo, as facanhas dos Nerys, dos Pensadores, dos Filetos, dos Pires, dos Sás Peixotos, dos Ramalhos, a desagregação da familia, a promiscuidade tribal em varios sitios, as manobras dos *regatões*, dos *avia-*

*dores* e dos *patrões*. os contratos leoninos, os furtos e roubos correntes, os crimes repetidos, as prevaricações de toda casta, o sevandijismo da justiça, a barbarização de todos os estímulos do character—deixam-se surpreender como brótos espontaneos d'um meio onde a função economica é geralmente a *recolta*, sob as fórmulas mais grosseiras do *apanhamento* de frutos e drogas, nuns pontos; da *pescaria* costeira e fluvial, noutros; da *colheita* de gomas e resinas noutras ainda, e assim por diante, tudo isto praticado pelas grosseiras gentes indígenas ao solo em grande parte, ou de mestiços d'essas gentes, com outros elementos, iguais nuns casos, inferiores noutros, raramente superiores, como meras exceções, em casos mui pouco numerosos.

No estudo do problema amazonico e acreano é, já vê, indispensavel, além das condições do meio, do ponto de vista, fisico e economico, a consideração da *raça* sob a quadrupla apreciação: da sua organização intrinseca e vigor de expansão, das suas relações com os estrangeiros, da sua historia, e da sua posição no mundo, segundo os preceitos de Tourville.

Com essa cautela e essa ressalva, não será mais coisa para espantar porque é que o viver dos norte-americanos em Santo Antonio do Madeira e sua ação ali são tão diametralmente o oposto de tudo quanto se andava acostumado a vêr, praticado pela corja que acolá se reboitava na imprevidencia e no vicio.

O relatório do Dr. Oswaldo Cruz se explica a maravilha. Ammon e Lapouge dão as mãos a Tourville e Poincaré e tudo se esclarece.

Passemos adiante.

III

As obras percorridas são dois volumes de ensaios. Já não é assim—*Peru' versus Bolivia*; é um livro no rigoroso sentido, em oito capítulos cerrados. E' um curiosissimo estudo historico-geographico-diplomatico, pelo illustre chancelier Rio Branco, encomendado á pericia, á perspicacia e ao saber de Euclýdes da Cunha.

E' conhecida a historia do caso. Concluído entre o Brasil e a Bolivia o tratado de Petropolis, em que ficaram reguladas nossas pendencias de limites com esta Republica, entendeu o Perú de opôr embargos a esse ajuste, sob o pretexto de haver a Bolivia alienado territorios que lhe não pertenciam e sim ao paiz reclamante. A pendencia foi submetida ao arbitramento da Argentina, grande intrigante em tudo isto.

Em defesa dos direitos da Bolivia é o vigoroso escrito do nosso publicista.

. . . . .  
 . . . . .  
 . . . . .

Do livro de Euclýdes ficou apenas o titulo, porque foi muito pouco lido, fóra do reduzido circulo dos especialistas. Entretanto, existem ali paginas de inquestionavel merito, não só do ponto de vista da fórmula, como do vigor do pensamento, verdadeiras sínteses historicas. São como gravuras fortes e seguras.

.....  
.....  
.....

## IV

Eis-nos chegados aos *Sertões*. Já disse, linhas atrás, que foi este livro que de um impeto levou Euclýdes da Cunha á grande notoriedade. Cumpre, porém, assegurar que nesse singular fenomeno, o illustre escritor nada deveu á critica indijena; porque esta não o compreendeu cabalmente. Tomou o livro por um produto meramente literario, do genero de tantos outros que aí entulham as livrarias.

Viu nelle apenas as cintilações do estylo, as douraduras da fórma, e, quando muito, o considerou, ao demais, como uma especie de panfleto de opposição politica que dizia da organização do nosso exercito, de nossas coisas militares, verdades que ela, a critica, não se atrevia a dizer. D'aí os aplausos. Não era desses que precisava o autor.

O livro não era um produto de literatura facil nem de politiquices irrequietas.

Era um sério estudo social de nosso povo, firmado, até certo ponto, na observação direta.

Em *Os Sertões* a narrativa que ocorre na segunda parte da campanha de *Canudos* é uma simples exemplificação de ordem secundaria.

O nervo do livro, seu fim, seu alvo, seu valor estão na descritiva do carater das populações sertanejas de um curioso trecho do Brasil. Para os que as conhecem, foi inestimável serviço ver ligados, presos, articulados, os traços diversos, esparsos na imaginação e na memoria.

Tomaram elles feição sob a vara magica e evocativa do poderoso estilo do observador.

Para os que não nas conhecem, e é o caso de todos os deliquentes que enfiam frases no Rio de Janeiro, foi, cumprir não esquecer, como a revelação de um mundo lonjinho, afastado, extranho, aiheio a tudo que os toca, tudo em que pensam, tudo de que fabulam em suas irisadas vacuidades... Era como se se tratasse de populações da Mongolia, do Turquestar ou do Sahara...

Tanto é profundo o desconhecimento de nós mesmos.

O livro estuda a terra, sua organização, seus aspetos, sua flora, seu clima, suas falhas, seus recursos, e pode-se dizer, seus males, seus padecimentos, e sentem-se os fios invisíveis com que ela prende o homem e o faz á sua imagem e semelhança. E' como que surpreendida na lenta e segura laboração das almas e dos carateres.

D' *Os Sertões* póde-se tirar uma lição de politica, de educação demografica, de transformação economica, de remodelamento social, de que depende o futuro d'aquellas populações e em geral dos doze ou treze milhões de brasileiros que de norte a sul ocupam o corpo central do nosso paiz e constituem o braço e o coração do Brasil.

Não é aqui o lugar de o discutir. Já tive ocasião de o azer, nas conclusões do discurso com que recebi na Academia de Letras a Euclides da Cunha. Para lá envio o leitor que o deseje apreciar.

Aqui basta insistir na parte artistica do livro, nos meritos e qualidades do escritor por esta face considerado.

Euclýdes sabia retratar ao vivo a natureza física, dando intensidade às notas, sem prejudicar a veracidade dos fatos, a qualidade dos fenomenos.

E' o grande escolho da arte da escrita : exatidão e relevo, naturalismo e briho, consistencia e colorido, poesia e verdade.

N' *Os Sertões* multiplicam-se as paginas comprobatorias d'este asserto.

Descreve, sempre em tom intenso, a terra, os ares, os horizontes, as sêcas, as trovoadas, os bons dias das renascenças hibernais, as labutações dos homens, as vaquejadas, as partilhas, as festas das sazões propicias, os sofrimentos tragicamente heroicos dos grandes exodos inevitaveis e descreve os costumes, as crenças, as almas, em suma, nas suas mais reconditas fibras.

As dez ou doze paginas consagradas á flora, não vejo que encontrem superiores em nossa lingua.

. . . . .  
. . . . .  
. . . . .

Não é todavia, só a natureza física que tem o condão de arrancar á paleta do escritor imagens, que são como fotografias.

Os tipos ethicos, os caracteres das coletividades, a alma dos grupos, as indoles individuais, moldadas no cadinho dos vicios ambientes, os vicios deixados nos espiritos pela atmosfera social, fazem-se reproduzir com firmeza e são, a meus olhos, mais meritorios, porque mais dificeis de concretizar, tai é o estado de difusão da materia prima empregada.

Mas o escriptor sai galhardamente da empreza. Já leram coisas esplendidas; leiam agora coisas magnificas. Eis o sertanejo, o tipo aparentemente mole, preguiçoso, nas horas da subita transfiguração, imposta pela premente necessidade. «Não ha contel-o, então no impeto. Que se lhe antolhem quebradas, acervos de pedras, coivaras, moitas de espinhos, barrancos de ribeirões. nada lhe impede encalçar o garrote desgarrado, porque *por onde passa o boi — passa o vaqueiro com o seu cavallo...*»

Voltado ao dorso deste, confundindo-se com elle, graças a pressão dos jarretes firmes, realisa a criação bizarra de um centauro bronco; emergindo inopinadamente nas clareiras; mergulhando nas macegas altas; saltando vales e ipueiras; vingando comoros alçados; rompendo, celere, pelos espinheirais mordentes; precipitando-se á toda brida, no largo dos taboleiros...»

São traços firmes que destacam com segurança uma das multiplas faces de um tipo das nossas gentes do centro nortista. O quadro é admiravel; é empolgante: desenho e colorido ajustam-se e dão-nos a ilusão da realidade viva e palpavel.

Ha porém, no livro ainda coisa melhor.

Caminhamos por entre filas dos crentes e sectarios do *Conselheiro*. A um sertanejo como eu, parecem velhos conhecidos com quem se falou noutros tempos, tão lucidamente se destacam, e como que vêm ao nosso encontro: «A multidão repartia-se, separados os sexos, em dois agrupamentos destacados. E em cada um d'elles um baralhamento enorme de contrastes... Ali estavam, gafadas de pecados velhos, serodidamente penitenciadas, as beatas, — emulas das bruxas das igrejas, revestidas da capona preta lembrando a holandelha celebre da Inquisição; as *solteiras* desenvoltas e despejadas, *soltas* na gandaice sem freios; as *moças donzellas* ou *moças*

*damas* recatadas e timidas; e honestas mãis de familias niveladas pela mesma reza... Faces murchas de velhas, esgróvinhadas viragas em cujas bocas deve ser um peccado mortal a prece; rostos austeros de matronas simples, fisionomias injenuas de raparigas credulas, misturavam-se em conjunto extranho. Todas as idades, todos os tipos, todas as côres...»

Nessas paginas é que o grande pintor retrata as fisionomias de *José Venancio*, *Pajehu'*, *Lalau'*, *Chiquinho*, *João da Motta*, *Pedráo*, *Estevam*, *Joaquim Trancapés*, *Raymundo Bocca Torta*, *Macambira*, *Villa Nova*, *João Abbade*, *Antonio Beatinho*, *José Felix*,—o *Taramella* e *Manoel Quadrado*, os mais notaveis heróes de Canudos.

E' uma vasta galeria de individuos que são como indices ou sumarios de um meio, de uma situação, de um momento social.

São como feixes de fatos, cada um com o seu rotulo, sua rubrica inapagavel e eterna; são como expoentes indicadores das correntes subalternas das multidões; formulas lojicas, obtidas por processos indutivos, como integração completa de milhares de fenomenos observados.

Mas são definições ditadas pela propria natureza: cada individuo é um resumo, é um compendio. Ali estão cristalizações humanas obtidas por quatrocentos anos do labutar d'uma meia cultura incongruente, cheia de enormes falhas, grosserias e incongruencias de toda a casta. E todas são reais e pegadas em flagrante. Parecem paginas do *Purgatorio* ou dos quadros tetricos de Dostoijewsky.

Mas onde o escritor projeta em cheio os raios de seu aparelho de descrever é quando traça alguma cena de nevrose coletiva.

Ouvimos o esplendido e o magnifico; ouçamos agora o sorprendente. E' a cena do *beijo das imagens*, após as rezas interminaveis: «Antonio Beatinho, o altareiro, tomava de um

crucifixo; contemplava-o com um olhar diluido de um faquir em extasis; aconchegava-o do peito, prostrando-se profundamente; imprimia-lhe osculo prolongado; e entregava o, com gesto amolentado, ao fiel mais proximo, que lhe copiava, sem variantes, a mimica reverente.

Depois erguia uma virgem santa, reeditando os mesmos actos; depois o bom Jesus.

E lá vinham, sucessivamente, todos os santos; e registros, e veronicas, e cruces, vagarosamente entregues á multidão sequiosa, passando um por um por todas as mãos, por todas as bocas e por todos os peitos.»

A lingua atinje á perfeição.

Segurissima é a gravura do fluxo e refluxo, da troca reciproca de influencias entre o chefe, o grande louco, e a multidão que o seguia. Feitura d'ela a principio, veiu a atuar como causa por seu turno; mas só chegou á posse completa de sua mesma vesania, quando a viu compartilhada pela gente que o cercava. Essas variantes subtis que só poderiam ser notadas por uma alma por sua vez complicada, resaltam d'estes periodos :

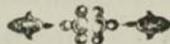
«Dominava-os por fim, sem o querer. No seio de uma sociedade primitiva, que, pelas qualidades ethnicas e influxos das *santas missões* malevolas, compreendia melhor a vida pelo incomprehendido dos milagres, o seu viver misterioso rodeou-o logo de não vulgar prestigio, agravando-lhe, talvez, o temperamento delirante. A pouco e pouco todo o dominio, que, sem calculo, derramava em torno, parece haver refluído sobre si mesmo. Todas as conjeturas ou lendas, que para logo o circumdaram, fizeram o ambiente propicio ao germinar do proprio desvario. A sua insania estava, ali, exteriorisada. Espelhavam-n'a a admiração intensa e o respeito absoluto que o tornaram em pouco tempo arbitro incondicional de todas as divergencias ou brigas, conselheiro obrigado em todas as de-

cisões. A multicão poupara-lhe o indagar torturante acerca do proprio estado emotivo, o esforço dessas interrogativas angustiosas e dessa insuspeição delirante, entre os quais evolve a loucura nos cerebros abalados. Remodelava-o á sua imagem. Criava-o. Aquelle dominador foi um titere. Ajiu passivo como uma sombra''.

Creio haver dado, por definições e exemplos, uma idéa da superioridade da fórma n' *Os Sertões*, que o torna um dos livros maximos na literatura da lingua portugueza.

Da vida e do fim trajico de Euclydes da Cunha, não direi por emquanto da primeira, por falta de documentos; do segundo, por ser ainda inoportuno tratar de tão doloroso caso.

*Sylvio Romero.*



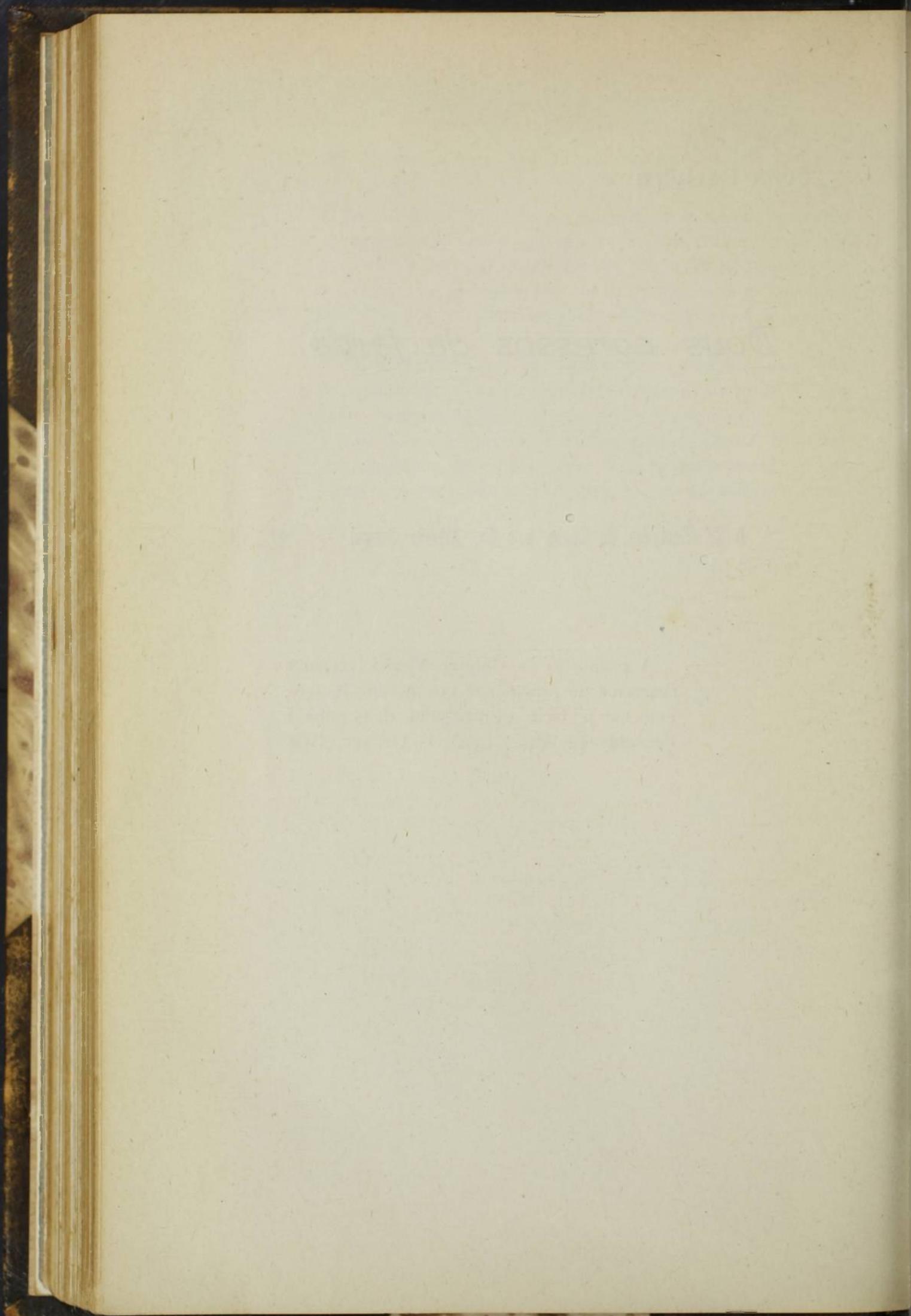
Felix Pacheco

*Dous egressos da farda*

---

O Sr. Euclides da Cunha e o Sr. Alberto Rangel

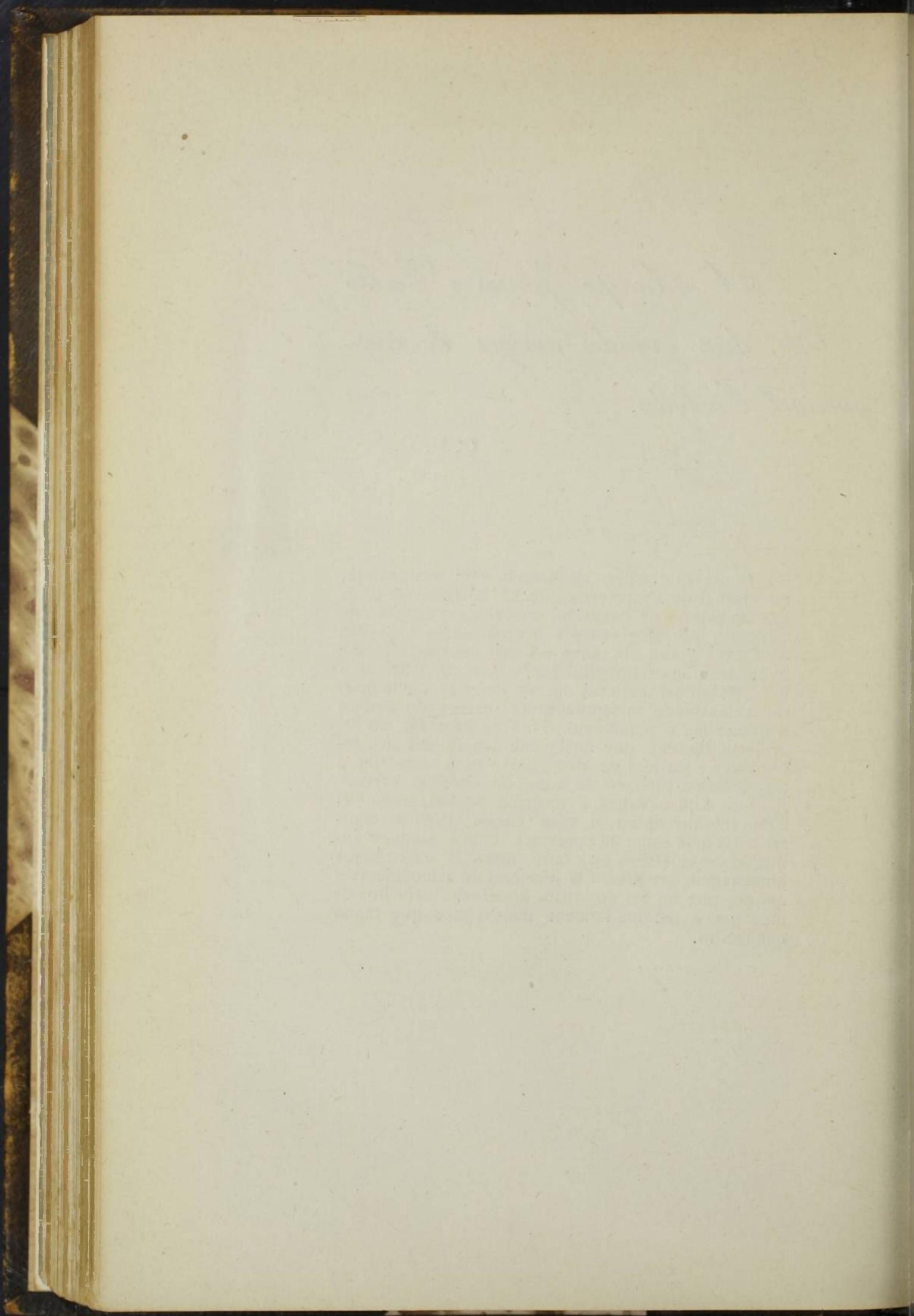
A proposito do «Inferno Verde» (scenas e  
scenarios do Amazonas) por Alberto Rangel,  
com um prefacio de Euclides da Cunha e  
dezenhos de Arthur Lucas. — Genova, 1908.

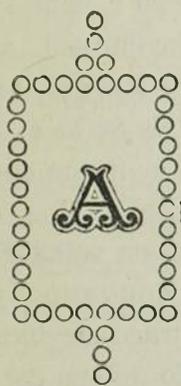
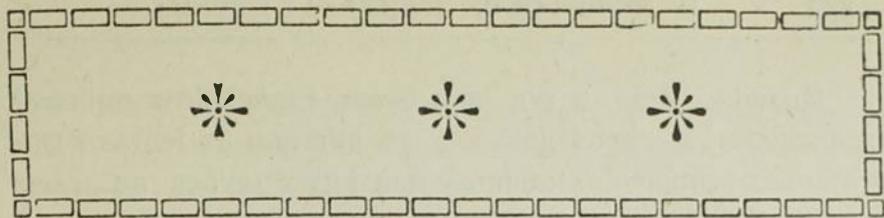


*A Araripe Junior e Coelho  
Netto, dous grandes amigos do ines-  
quecivel Euclides.*

O. D. C.

O presente artigo appareceu, sem assignatura, no «Jornal do Commercio» de 23 de Julho de 1908. Era um estudo de occasião, concebido e escripto no atropello de meus labores profissionaes. Euclides da Cunha viveu um anno a instar commigo para a publicação deste trabalho em folheto. Reluctei sempre. Na antevespera do dia em que elle devia morrer assassinado miseravelmente, insistiu no pedido e trouxe-me o pamphleto «Fôra da Forma», do Sr. Alberto Rangel, que finalmente achára em sua bibliotheca e do qual eu necessitava para completar a physionomia litteraria do autor do «Inferno Verde». A 15 de Agosto estaia a tragedia bestial, e não sei como retoque agora o meu ensaio. Prefiro reeditá-lo tal qual sahio na imprensa, com a simples addicção de umas tres ou quatro notas. E' uma sincera homenagem que presto á memoria do incomparavel amigo, que foi um dos mais poderosos espiritos de meu paiz e um dos homens mais dignos que tenho conhecido.





Abriendo o *Inferno Verde* do Sr. Alberto Rangel, e vendo, no fim do prefacio, a assignatura do Sr. Euclides da Cunha, a attenção do leitor é logo solicitada para um facto commum, que os identifica e reune em uma só característica. Mestre e discipulo, ou se quizerem — collegas, o prefaciador e o autor começaram ambos a vida no Exercito e desgarraram mais tarde por outras bandas. São, portanto, dous egressos da farda; e a critica tem direito de remontar-se ás origens para saber a razão desse descaminho.

Quando, como e por que esses engenheiros militares renunciaram aos seus galões e se atiraram às letras? Que profundos sentimentos intimos e que fortes razões de ordem mental determinaram semelhante incompatibilidade entre os dous educandos da Praia Vermelha e a profissão das armas? Qual a causa real do passo que deram? Foi uma aversão innata pelo cannon da carreira ou foi uma simples ogerisa eventual?

Mathematicos um e outro, por força iniciados nessa rigida philosophia, que tudo subordina ao conceito da relatividade e dentro da qual o homem é um emparedado sem azas, admira que se desprendessem do uniforme e abjurassem a disciplina, trocando sem pezar a espada de official pelos encantos da liberdade civil, com a aggravante de se dedicarem tambem á vida de imaginação e de arte, em que tudo se resume numa vertigem sem repouso, especie de gloria dos desconsolados em busca da suprema belleza inattin-givel.

Temos elementos para tentar a explicação e vamos aventural-a. Sem isto, ficaria evidentemente incompleta a noticia que devemos dar do livro do Sr. Alberto Rangel, ao qual serve de paranymphe o celebrado autor d'*Os Sertões*.

Os dous procedem do mesmo instituto e foram contemporaneos, o que quer dizer aprenderam juntos. Mas o Sr. Alberto Rangel passou quasi sem destaque na velha Escola Militar, e o Sr. Euclides da Cunha, pelo contrario, soube nessa época, deixar alli e fóra dalli um traço de independencia, que ficou sendo até hoje a definição do seu character.

E' esse traço de independencia que convém recordar, para estabelecer de vez a genese do pensador e poeta, que ha alguns annos irrompeu como um barbaro em nosso meio litterario, conquistando de sopetão um bello logar e esmagando, pela audacia de seu inesperado apparecimento, al-

guns protestos mal ensaiados, que logo se retrahiram, no pavor de que tambem os alcançasse o vandalo nessa primeira incursão.

\*

E' geralmente sabido que o Sr. Euclides commetteu, quando moço e soldado, por amor da Republica, que era o grande sonho de sua geração, um acto de grave indisciplina, sahindo de fôrma e tentando quebrar, indignado, o sabre, na presença do penultimo Ministro da Guerra da Monarchia.

O sopro demolidor da propaganda transpuzera o «barruarte» da Escola e a doutrinação pertinaz de Benjamin ia accendendo no coração dos jovens militares o amor pela idéa nova.

O Sr. Euclides foi o primeiro insubmisso nesses tempos afastados de méra preparação e de simples ensinamento. A maioria conspirava tacitamente, escutando os apostolos e lendo os doutrinarios, num trabalho surdo e vagaroso; elle, porém, preferiu desde logo, numa hora solemne, a reacção tempestuosa.

Pasmaram todos da loucura commettida; e o proprio regimen, que dahi a pouco principiaria a estremecer, vio-se na contingencia de capitular o crime como um acto de demencia, evasiva ridicuila, a que nenhum medico sério quiz emprestar o seu nome.

A estupefacção durou dias; e, quando a autoridade emendou a mão e transferio o rebelde do hospital para a fortaleza, o Imperador interveio, e mandou soltal-o, esquecido de que o Conde de Lippe impunha que elle fosse enforcado.

Pode-se dizer que, desde esse dia, a Revolução começou a triumphar. Não era mais a doutrina diffundindo-se á socapa, minando, crescendo; era o facto brutal impondo-se, a realidade inevitavel annunciando-se com estrepito.

Como quer que seja, e ainda na melhor das hypotheses, a insubordinação foi violenta de mais para que se pretenda justificar-a. Houve uma tremenda injúria á disciplina, uma transgressão inqualificavel das leis de obediencia e respeito, que constituem por assim dizer o fundamento dos exercitos. O alumno militar divorciara-se das armas, revelando-se mais do que inapto, hostile á carreira, incompativel com ella.

Digamos desde já que esse divorcio vinha de detrás, sem que ninguem o advinhasse ou percebesse.

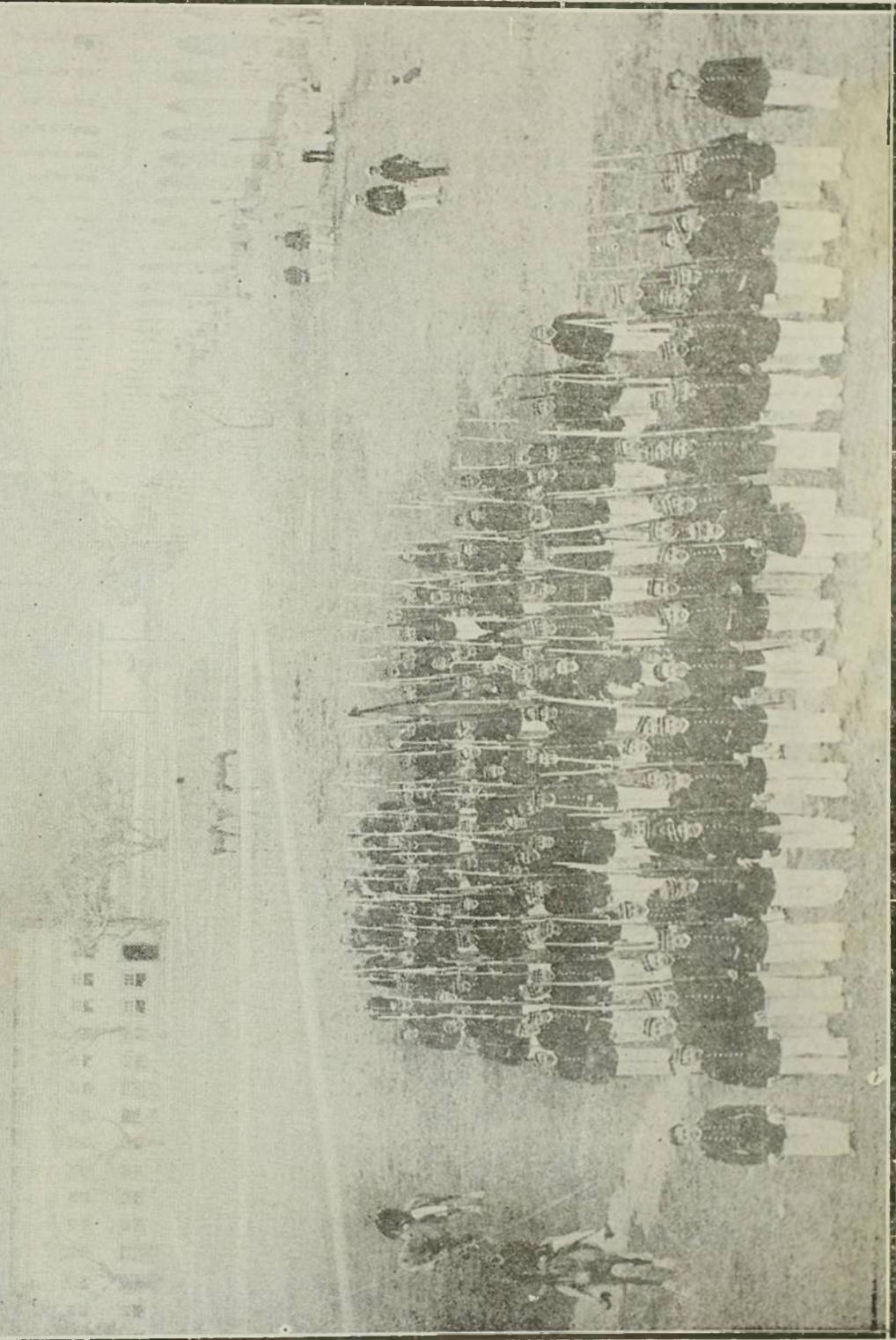
Só os temperamentos vibrateis e sonhadores podem ter daquelles impetos. Os estudos mathematicos e a vida de quartel não haviam logrado communicar ao espirito desse terceiro annista a frieza e rigidez que lhes são peculiares.

Contra a poesia nativa, contra o fogo sagrado, contra as grandes intuições, que só o sentimento desperta e provoca, nada valem as fórmulas da algebra, nem o aperto dos cinturões.

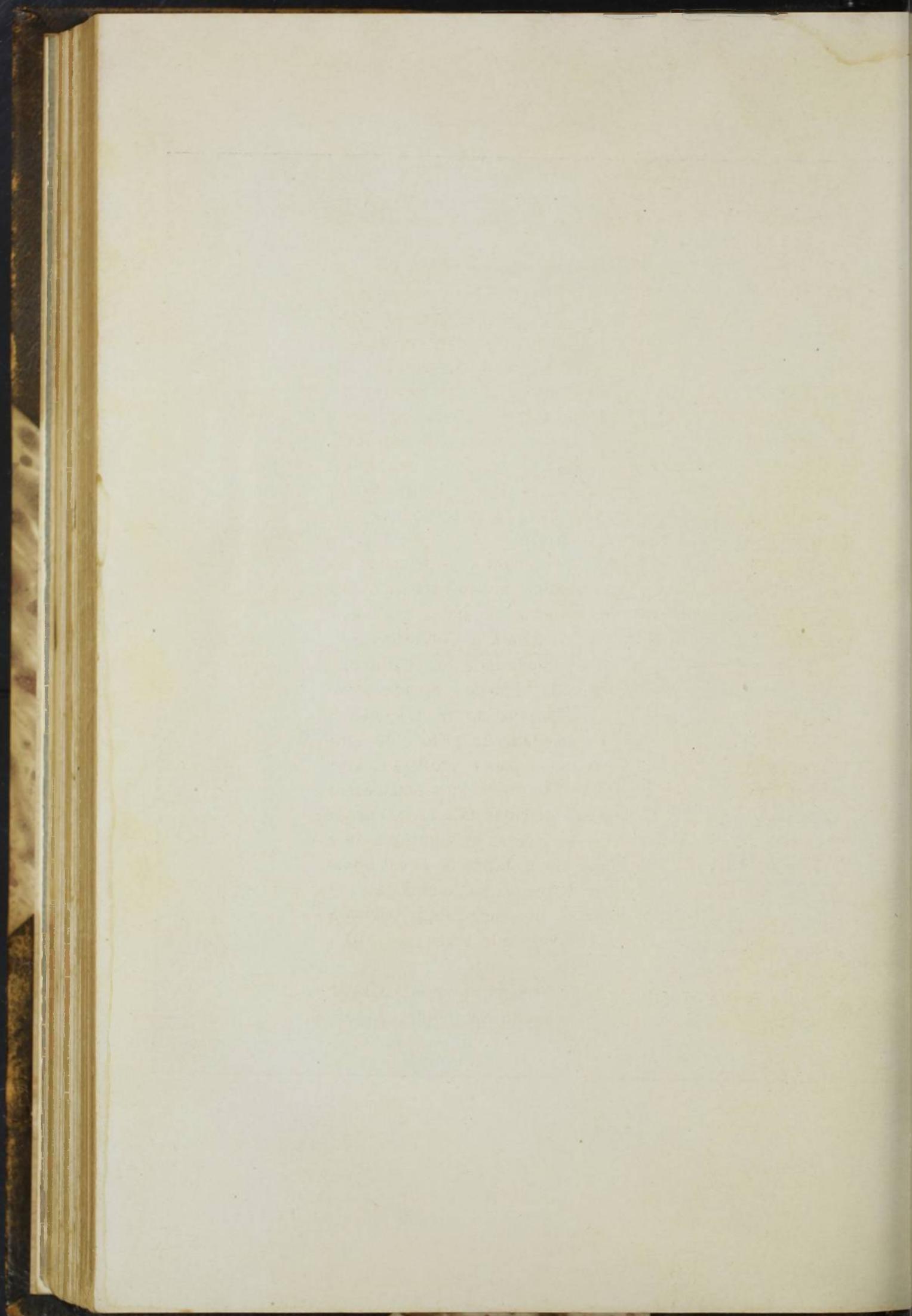
O soldado pode ser um artista, na expressão commum da palavra; ha-os muitos e até brilhantes; mas aquelle que fôr deveras um espirito creador, um coração combatente e um perseguido do sonho da belleza eterna, não caberá jamais dentro da farda, procurará evadir-se a todo transe, libertar-se, florir, viver...

No caso particular do Sr. Euclýdes, por uma verdadeira anomalia, parece até que a educação scientifica e militar lhe houvesse ajudado o surto para o ideal.

Elle voltou ao Exercito, mas voltou como Paul Louis Courier, para se convencer de que o pamphletario, ainda que seja um heróe forrado de um tecnico, precisa da liberdade sem reservas, para expandir, para se aperfeiçoar e para commover. Voltou correndo, para apanhar em meio do caminho, na manhã de 15 de Novembro, a «Immortal Companhia de Guerra», constituída pelos seus antigos discipulos.



Euclides da Cunha em forma, na Escola Militar (o 5º da primeira fila, a contar da direita)



los, e entrar em fôrma, á paizana, tal qual estava, na ancia de pelear pela sua fé.

Deodoro, na tarde do dia immediato, apertou-o num amplexo carinhoso, mas estranhou vel-o sem a farda. O engenheiro civil não vacillou. Sahio dalli para o pateo do Quartel-General e, tomando o primeiro cavallo, escanchou-se na sella e disparou para a Praia Vermelha, sem que ninguém pensasse detel-o no seu ardor de Quixote sem elmo e sem couraça. Chegar a Escola, correr cabides nos alojamentos, em procura de um uniforme, e voltar no mesmo Rocinante, ainda mais desengonçado e esquerdo, com calças alheias. um dolman em que o proprio Sancho Pança caberia

larga e um kepi cheio da vacuidade do macrocephalo seu dono, tudo isso foi obra de relampago.

O rebelde de 1888 estava reintegrado e já de galão nos punhos, para ganhar o tempo perdido e matricular-se na Escola Superior de Guerra, onde se achavam agora os collegas que deixara ao passar a contra-gosto para a Polytechnica.

Essa promoção atropellada e tumultuaria foi um dos muitos incidentes pequeninos daquela grande jornada. Revelou-se ainda uma vez ahi, na pessoa do Sr. Euclides, o desazo do soldado á força, a sua falta de geito e de feitio, uma especie de inhabilidade organica para a profissão. Todo aquelle fogo era superficial. Debaixo do illusorio entusiasmo desse alferes bisonho jaziam adormecidas as suas inclinações ingenitas, as suas qualidades intrinsecas de escriptor, reveladas mais tarde com tamanha intensidade. O novel official não perdera uma só das suas primeiras características; estas deviam persistir, persistiram, persistem ainda, passados vinte annos, e persistirão, emquanto elle viver, para gloria de nossa litteratura.

A revolução militar de 15 de Novembro foi para o Sr. Euclides da Cunha o primeiro baloiço do trampolim tragico, a

que se referiu o notavel mestre Dr. Araripe Junior no seu luminoso parallelo *Dous Grandes Estylos*.

Os leitores conhecem a allegoria :

Meninos sertanejos, de volta da escola, encontram, num desvão do caminho, uma aroeira colossal á beira de escura grotá, e, pendentes da arvore, uns cipós fortes, a que sem demora prendem uma travessa para o perigoso brinquedo. O mais afoito, que devia ser naturalmente o mais vivo e o mais trefego, leva muito alto o impulso, uma das cordas improvisadas cede, o balanço desarma-se de um lado e o diabrete despenca e vai cahir ao fundo do precipicio. A' noite, a muito custo, retiram-n'o de lá; e, com o andar do tempo, verifica-se que o pequeno folião mudára profundamente. O seu character fundira-se; a sua vivacidade primitiva transformara-se num retrahimento precoce; e elle agora espantava os pais pelos conceitos que emittia e pela attenção que prestava a tudo com uma curiosidade nova e perfurante.

O Sr. Euclýdes, reintegrado nas fileiras, ainda se balouçava no vacuo, alheio, cego, suspenso no ar, subindo e voltando, sem consciencia do perigo e como que desconhecido de si mesmo...

Só quatro annos mais tarde lhe sobreveio a horrivel queda de que devia resultar a sua revelação definitiva.

Em plena revolta, bravo como os que mais o fossem, esforçado, leal ao seu dever, armando trincheiras, cavando fossos, removendo canhões, sob o esfusiar da metralha de bordo, foi que elle sentio o horror em que se abysmava e o destino a que ia prender por toda vida o seu proprio pensamento, como um calceta pusillanime.

Tambem Courier, o pamphletario inequalavel, batalhando como um verdadeiro heróe no assédio de Civita Vecchia, chorava a mutilação da Venus da Villa Borghese, e o saque feroz a que a soldadesca se entregava nas cidades conquistadas da Velha Italia gloriosa...

Não é que o Sr. Euclýdes assistisse aqui a esses vilipendios da tropa contra os monumentos e primores de arte, nem nós possuímos jámais semelhantes thesouros. Mas parece impossivel que, no seu intimo, o espirito litterario não estivesse a bradar contra a ignominia das guerras, origem perpetua da malversão do character, e contra a rotina militar, ou melhor, contra a propria natureza da profissão das armas, que não permite aos corações emancipados e ás intelligencias de escolha o vôo livre, a expansão soberana da idéa.

O escriptor de raça, o sociologo profundo, o idealista irreductivel e positivo, observador agudo e fulgurante, não nol-o roubara a mathematica, nem nol-o subtrahira a farda. Resurgiu nelle, com violencia, o sonho dos primeiros annos da Escola: o poeta retomcu o lugar do official e deu as mãos ao engenheiro, para que este puzesse a sua sciencia, todo o seu objectivismo solido e austero, ao serviço da belleza eloquente e da arte immortal e redemptora.

Poucos saberão que o Sr. Euclýdes foi, em começo, um poeta: e, entretanto, a verdade é que a sua maneira definitiva, a formidavel energia de expressão que hoje possui,—liberto daquella syncope intermedia, que outra cousa não foram a sua preparação scientifica e a sua ephemera passagem pelo Exercito,—liga-se áquelles primordios, como o rio vasto e largo, que repelle na sua foz o Oceano, tambem se prende, através das corredeiras apertadas e aligeras, ás nascentes humildes, no flanco das serras altas. (\*).

---

(\*) Se o poeta não perdurou, foi talvez pela mesma razão por que, mais tarde, o homem veio a morrer em defeza da honra. Não é facil a um cerebral achar affecto que lhe sirva. Euclýdes não encontrou nesta vida o coração que procurava, alma feminina que entendesse a grandeza de seu bello e forte sonho. Entre as velhas estrophes de sua lavra, que elle nos confiou para elaboração deste artigo, ha umas consagradas a Christo, o redemptor que

Já em 1887 a sua lyra, *Fazendo versos*, scandalizava a «Escola» com estrophes desta ordem:

... Não tenho inda vinte annos  
E sou um velho poeta. A dor e os desenganos  
Sagraram-me mui cedo. A minha juventude  
E' como uma manhã de Londres, fria e rude...

.....  
Já vês, portanto: em mim, isto de versejar  
E' um meio de soffrer e um meio de gozar  
E nada mais, palavra!...

... *Eu nunca li Castilho.*

Detesto francamente estes mestres crueis,  
Que atropellam a idéa entre «quebrados pés»  
E vestem com um soneto esplendido, sem erro,  
Um pensamento torto, encarquilhado e perro,  
Como um correcto *frac* ás costas de um corcunda.  
Porque quando a paixão o nosso ser innunda  
E vibra-nos na arteria e canta-nos no peito  
(Como dos ribeirões no acachoante leito  
Parar—é sublevar),  
Medir—é deformar!

Eis ahi o embryão dessa mentalidade forte e livre, que ainda agora, no atrevido prefacio do *Inferno Verde*, aponta á nossa litteratura uma porção de horizontes novos e claros, de que com certeza hão de sorrir os partidarios da pura fór-

“Na espadua roxa erguia a humanidade”

Pois bem, no reverso desses originaes, zombetearam num rabisco a lapis azul: “Sr. Euclides, que quer dizer o senhor com estes versos? Não seria melhor que o senhor estivesse em casa junto de sua querida.....”

ma, os pygmeus da belleza sem alvo e os imponentes da arte sem fundo e sem preparo.

O mancebo não desdenhava comtudo o suave lyrismo, que ha de sempre acorrentar as almas da terra ao espaço mysterioso e immenso; mas no fim a idéa alta surgia, a comprehensão pantheista fulgurava no fecho lapidar do soneto:

«Eu sou fraca e pequena...»

Tu me disseste um dia.

E em teu labio sorria

Uma dor tão serena,

Que em mim se reflectia

Amargamente amena,

A encantadora pena

Que em teus labios fulgia.

Mas esta magua, o tel-a

E' um engano profundo.

Faze por esquecel-a:

Dos cécs azues ao fundo

E' bem pequena a estrella...

E no entretanto—é um mundo!

Leiam-se agora estes *Mundos extinctos...*, em que o estudante militar mandava ao diabo o seu compendio de astronomia e mergulhava nos arcanos da propria alma, onde já então começava a desabrochar o sentimento da tragedia, que é na arte a expressão melhor do ideal:

*São tão remotas as estrellas que,  
apezar da vertiginosa velocidade da  
luz, ellas se apagam, e continuam a  
brilhar durante seculos.*

Morrem os mundos... Silenciosa e escura,  
Eterna noite cinge-os. Mudas, frias,  
Nas luminosas solidões da altura  
Erguem-se, assim, necropoles sombrias..

Mas p'ra nós, dil-o a sciencia, além perdura  
A vida, e expande as rutilas magias...  
Pelos seculos em fóra a luz fulgura  
Traçando-lhes as orbitas vasias.

Meus ideaes! extincta claridade—  
Mortos, rompeis, phantasticos e insanos  
Da minh'alma a revolta immensidade...

E sois ainda todos os enganos  
E toda a luz, e toda a mocidade  
Desta velhice tragica aos vinte annos...

Damos tambem aqui um excerpto da longa poesia *Cezares e Czares* (1887), em que ainda uma vez se reflecte a predilecção do Sr. Euclýdes pelos themas fortes e pelas cousas commovedoras:

Os cezares crueis,  
Quando deixam da historia a scena gigantéa,  
Conservam geralmente a *linha* dos actores,  
Que embora tenham tido espantosos papeis,  
Nos quaes dura se alteia  
A desgraça espalhando angustias e terrores,  
Querem que os acompanhe o applauso da platéa...

\*  
\* \*

Mario penetra em Roma,  
Pela setima vez erguido ao consulado.  
Na alma robusta o heróe traz sinistros desejos  
De vingança, fataes anhelos que não doma...  
Sombrio, allucinado,  
Não lhe quebram o assomo, os eternos lampejos  
Dos prelios que travou nas lutas do passado :  
E a espada que fulgio nas sombras da Germania  
Arranca-a em plena insania,  
Vibrando-a doidamente—e doidamente a enterra  
Em pleno coração da sua grande terra...

\*  
\* \*

Mas vêde-o no desterro...  
—Que immensa solidão ! que pavoroso estrago !—  
Velho, proscripto e só !... ninguem á dor lhe assiste.  
Só lhe é dado rever de alcantilado cerro  
O vulto enorme e vago  
Da Patria, além do mar... Dizei-me o que mais triste :  
As ruinas daquella alma ou as ruinas de Carthago.

\*  
\* \*

Cezar trucida a Gallia.  
E a Syria e o Egypto e a Iberia... A' indomita ambição  
Não lhe basta, porém, o Imperio victorioso...  
Desvaira : vai buscar nos campos de Pharsalia  
Os sonhos de Pompêo; e em Thapsos—glorioso—  
A energia moral austera de Catão.  
Triumphou ! E' feliz ! Que importam dissabores

Dos rudes lutadores,  
Feitos comparsas vis desses terriveis dramas,  
Se Roma está em festa... e a Gallia inteira em chammas!

\*  
\*\*

No *forum* certo dia:  
«Tu quoque, Brute!» Extranho, este grito se ergueu.  
Tumultúa o recinto ante o acto formidavel:  
— Cezar ferido, o peito em sangue e a fronte fria  
Vacilla, mas o seu  
Aprumo não destroe. Cae, num tombo impeccavel,  
Tragicamente, aos pés da estatua de P'oupeu!

\*  
\*\*

Ivan subjuga e prende  
Ao carro triumphador os povos de dous mundos.  
Reina, impera—é o Czar! Sua terrivel gloria  
Do polo enregelado ao Caucaso se estende.  
Os Kalmukos immundos  
Cercam-lhe o throno e a vida. E ier-se sua historia  
E' ouvir-se a todo o instante os rumores profundos,  
Que irrompem do tropel dos esquadrões bravios  
Dos tartaros sombrios...  
—Immenso tropear que afoga os gritos cavos  
E as doidas maldições de cem milhões de escravos!

Convém que se leia tambem uma parte da scena final do  
1º acto de um terrivel drama historico, em verso. «Os Hol-  
landezes», que o autor não concluiu.

REVISTA

DA

FAMILIA ACADEMICA

SEDE — Escola Militar da Corte

ANNO - I

RIO - 1887 - 1888 - BRAZIL

RIO DE JANEIRO

Imp. a vapor H. LOMBAERTS & COMP.

7 — Rua dos Ourives — 7

1888

«Revista da Família Acadêmica», da Escola Militar, onde colaborou  
Euclides da Cunha

ASSIGNATURAS

## O DEMOCRATA

ASSIGNATURAS

CÔRTE

PROVINCIAS

Mez..... 300

Trimestre..... 900

ORGÃO BI-MENSAL

Trimestre..... 15000

Semestre..... 28000

Anno I

Sexta-feira, 4 de Abril de 1884

N. 7

## Expediente

Roga-se aos Srs. assignantes o obsequio de reformarem as suas assignaturas, a fim de não ser suspensa a remessa da folha.

A redacção tem a honra de participar aos Srs. assignantes que estas columnas se acham fechadas para quaesquer artigos, estando os mesmos sujeitos á decisão da commissão revisora.

Os artigos devem ser assignados, ainda mesmo que se não publiquem as assignaturas.

## O Democrata

Rio, 1 de Abril de 1884.

Na epocha presente vemos que uma provincia, o—Ceará—acaba de expulsar de seu seio uma instituição horripilante.

## Folhetim

MEUS COLLEGAS.

Escrevo-vos ás pressas, desordenadamente...

Guam-me a penna as impressões fugitivas das multicores e variegadas telas de uma natureza esplendida que o *tramway* me deixa presenciar de relance quasi.

É magestoso o que nos rodeia: no seio dos espaços palpita coruscante o grande motor da vida; envolta na chlamyde scintillante do dia, a natureza ergue-se brilhante e sonora numa expansão sublime de canções, auroras e perfumes... A primavera cinge do seio azul da matta um collar de flores e o sol obliquo e calido num beijo igneo accende na fronte granitica das cordilheiras uma aureola de lampejos... por toda a parte a vida...; contudo uma idéa triste nubla-me este quadro grandioso,—lançando para a frente o olhar, avisto alli, curva sinistra,

Vemos afinal que em seu territorio todos são livres, que não mais existe o misero escravo, que o homem outr'ora ahí embrutecido pelo captiveiro, hoje é cidadão livre; que hoje a natureza inteira lhe sorri, emquanto que d'antes parecia chorar, partilhando com elle seus soffrimentos e suas dores. É esta provincia livre o modelo, que no menor prazo possivel deveriamos imitar. Não temamos as hypotheses geradas pela má fé de umas dezenas de espiritos enervados e de ferreos corações. Não temamos que o escravo depois de livre se revolte contra o trabalho honesto que elle ganhou por suas proprias fôrças: que se entregue completamente a um *dolce far niente*. Há ahí um dilemma: Ou o homem é de natureza boa, ou má. No primeiro caso elle proprio se envergonharia de, depois de livre, depois que é senhor da sua propria pessoa, não ganhar com o

entre o claro azul da floresta—, a linha da locomotiva, como uma ruga fatal na fronte da natureza!...

Uma ruga, sim!... ah! taxem-me muito e agora de anti-progressista e anti-civilizador; mas eu amarei sempre e sempre: o progresso envelhece a natureza, cada linha do trem de ferro é uma ruga e longe não vem o tempo em que ella, se servir mandada, morrerá!!! a humanidade não vive sem ella...

Sim, meus collegas, não será dos céus que ha de partir o grande «Basta» (bótem b grande!) que ponha fim a essa comedia lacrymosa a que chamam vida; mas sim da Londres; não linar-se-ha o mundo ao rolar a ultima lagrima e sim ao quomiar-se o ultimo pedaço de carvão de pedra...

Tudo isto me revolvia, me revolto, vendo a cidade dominar a floresta, a sargeta dominar a flor!

Mas... eis-me enredado em digressões muteis... Basta de *philosophias*!...

O meu cargo de correspondente (?) ordena-me que escreva, do modo a fazer rir (!)... ter espirito!... ter espirito! eis o meu impossivel: trago *in mente* (deixem passar o latim) o ser mais desenhado que uma missa (perde a-me, ó padres!)...

«O Democrata» (jornal em cuja primeira pagina está um artigo de Euclides — «Folhetim»)

O tai acto passava-se no forte do Brum. Depois de violenta disputa entre Calabar, Fernandes Vieira, Barbaiho e outros, a proposito da tomada de Olinda, pelas forças de Weerdenburg—os luzitanos conseguiram acalmar o mestiço impulsivo, lisonjeando-lhe a vaidade de valente, comparando-o a um leão (leão americano!). E' o momento aproveitado pelo jesuita Manoel de Moraes, para impellir Calabar á traição. (Ahi vai um pouco por agua abaixo a verdade historica). Mas copiemos:

*Calabar*—só—Queda-se pensativo. Surge de um recanto do forte Fr. Manoel Salvador.

*Fr. Manoel* (á parte)

...Não percamos esta hora.

(alto, a Calabar)

Pois acreditas tu que és um leão?

(Calabar volta-se, surpreso)

Tu és

Um cachorro açulado ás guellas do hollandez!

*Calabar*

Padre! de onde surgiste? a que vens? e que queres?

E que palavra vil é esta com que feres

A quem sempre submisso ouviu a tua voz?

*Fr. Manoel*

Escuta-me, meu filho... Eu precisava, á sós,  
Longamente tratar contigo acerca de ardua  
Empreza; e a situação em que te vês, aguardo-a  
De ha muito, impaciente...

*Calabar*

Tu achas então que é  
 Proprio a divagações esta hora—quando a fé  
 Que propagas e o Deus, o proprio Deus que adoras,  
 Teem em roda seis mil espadas vencedoras  
 Do heretico hollandez... Tu queres gracejar  
 Ante o perigo, padre!?

*Fr. Manoel (tranquillo)*

Escuta, Calabar:  
 Sabes o que traduz este habito sombrio?  
 E' o tumulo de uma alma! A qui dentro ha mais frio,  
 Mais sombra e mais horror do que nas solidões  
 Dos cemiterios... Ouve: Ha fundas afflicções  
 De uma agonia atroz, no ser entregue ao duro  
 Martyrio de arrastar este farrapo escuro.  
 Sabes tú por acaso avaliar o pavor  
 De alguém que arrasta em vida o proprio tum'lo, e a dor  
 De quem cego da vida ás galas soberanas  
 E' um morto a vagar entre as paixões humanas,  
 Tragico e só *perinde ac cadaver*, só  
 Feito uma sombra vã e despresivel!? Oh!  
 Se podes calcular a espantosa tristeza  
 De alguém em frente ao qual, immota, a natureza  
 Não tenha voz, nem luz... Se podes idéar  
 Sequer a ancia de alguém destinado a escutar,  
 —Monotona a bater, a bater agoureira,  
 A mesma hora a bater durante a vida inteira!  
 Se podes avaliar tão misero viver  
 E soffrimentos taes, debes comprehender  
 Que eu não sei rir sequer, que eu não gracejo nunca!

. . . . .

A preocupação social, o gosto da historia, o espirito de analyse, todas essas qualidades palpitam em germen nessa lyra dos vinte annos, afinam-se para as grandes harmonias austeras e eloquentes, que um dia tinham de caracterizar o chronista intemerato d' *Os Sertões*, o prosador incomparavel dos *Contrastes e Confrontos*, o ensaista condoreiro de *Castro Alves e o seu tempo*, o argumentador invulneravel do *Peru versus Bolivia*.

As emoções delicadas só lhe mereciam curtas estrophes, como estas, que datam de 1888:

Ha nos teus olhos escuros  
Tantas scentelhas, que ao vel-as  
Penso na treva e nos brilhos  
Nas noites cheias de estrellas...

Penso em cousas singulares,  
Indagando entre delirios:  
Por que é que os céos inda brilham?  
Por que não se apaga Sirius?

A tristeza rude, o desconsolo sem remedio repontavam insistentes:

Meu pobre coração, tão cedo anniquillado  
Na ardencia das paixões, ó pallida criança,  
Revive á doce luz do teu olhar magoado;  
E cheio de illusões, de crenças e esperança,  
Faz o castello ideal das loiras utopias  
Com a luz do teu olhar e o ouro de tua trança.

Quando pelas sombrias  
Ondas do oceano o luar vastissimo se espalma,  
De todo o seu negror desprende as ardentias.

De teus olhos, assim, á luz divina e calma,  
Dimanam, fulgurando, as illusões e os versos.  
Das sombras da minha alma...

O seu *Lyrismo á disparada* (1889) tinha alguma coisa de contrafeito e era como o rictus de um demonio insubmisso :

Eu sou por certo um ente abominavel,  
A quem nenhuma penitencia saiva.  
Não tiro o meu chapéo á Divindade...  
«E dizem que perdi a Estrella d'Alva...»

E tão viciado que ainda hoje, á noite,  
Um pelotão de seraphins risonhos,  
Em pleno *boulevard* da Via-Lactea,  
Prendeu-me porque eu estava ébrio... de sonhos !

Escandalo no céu ! Os santos todos,  
Perdendo as composturas consagradas,  
Atiravam-me estrellas, como pedras,  
E riam-se a bandeiras despregadas.

Um desacato escandaloso... e como  
O Supremo Fiscal, nessa emergencia,  
Não conteve os seraphicos garotos,  
Denunciei á policia a Providencia.

Fiz bem. A rixa é velha. Ha muito tempo  
Que eu, o Voltaire e o Comte nem o intento  
Podemos ter de passeiar á noite  
Na grande praça azul do Firmamento.

Se o fazemos, apagam-se as lanternas  
Dos sóes, num prompto e momentaneo eclipse,  
E vemo-nos nas trevas, entre os coices  
Da besta divinal do Apocalipse!

Não vou mais lá, por isso... Mas que importa...  
Por que fallar nesses successos tristes?  
Trancam-me os céos: eu tenho o teu olhar...  
Nem me faz falta Deus—pois tu existes!

Não pretendemos, porém, exhumar todas as velhas poesias do Sr. Euclides; o que desejamos é só estabelecer a ligação do que elle é com o que elle foi.

A sua algebra e a sua geometria deviam representar duas cousas bastante singulares. Passára o alumno pelo calculo dos valores sem deixar a metrica, e seria curioso saber como podia elle entremeiar o estudo das relações entre as funcções com a variação dos rythmos, ou entender decentemente a concepção do espaço, se era o primeiro a enchei-o de tão deliciosas figuras.

Ainda em 1890, já portanto official, o Sr. Euclides esquecia-se frequentemente da sua balística para vestir abusões deste genero:

#### D. QUIXOTE

Assim á aldeia volta o da «triste figura»,  
Ao tardo caminhar do Rocinante lento:  
No arcaboijo dobrado—um grande desalento,  
No entristecido olhar—uns laivos de loucura...

Sonhos, a gloria, o amor, a alcantilada altura  
Do Ideal e da Fé, tudo isto num momento  
A rolar, a rolar num desmoronamento.  
Entre os risos boçaes do Bacharel e o Cura...

Mas, certo, ó D. Quichote, ainda foi clemente  
Contigo a sorte, ao pôr nesse teu cerebro ôco  
O brilho da ilusão do espirito doente;

Porque ha cousa peor: é o ir-se a pouco e pouco  
Perdendo qual perdeste um idéal ardente  
E ardentes ilusões—e não se ficar louco!

\*

O Brasil, nessa época, offerencia um aspecto de véras pittoresco.

Na vida social, estadeavam-se as mais artificiosas e bafas grandezas, imperando por toda parte uma ambição desbragada, o mercantilismo sem freios, intensa febre de ouro a contorcer-se no delirio de um milhão de bancos ephemeros, que viviam a multiplicar doidamente as suas emissões de papel moeda. O paiz inteiro parecia uma vasta bolsa tempestuosa, cheia de zangões audazes, que compravam fortuna e vendiam felicidade.

Na vida politica, era a irrupção do comtismo fardado, a mathematica de gaiões agrupada em derredor da figura aquilina e complacente do Generalissimo, uma porção de capitães e majores ainda humidos do banho lustral da *Synthese Subjectiva* e mal iniciados nos quatro tomos admiraveis da *Politica Positiva*, já governando Estados e enchendo a Constituinte com o seu theorismo inconsequente, que devia fazer de nosso pacto fundamental um curioso documento de hypertrophia da liberdade.

Perderia o seu tempo quem nessa época procurasse entre nós o sentimento da poesia, que sempre constituiu e ha de constituir o substractum do character nacional brasileiro.

Apezar de todas as dessemelhanças apparentes, apezar de todas as disparidades de fôrma, que um comparador ri-

goroso possa notar, o quadro era, no fundo, perfeitamente identico a este outro que Lamartine descreve no prefacio das *Meditações Poeticas*:

« Je me souviens qu'à mon entrée dans le monde il n'y avait qu'une voix sur l'irremédiable decadence, sur la mort accomplie et déjà froide de cette mysterieuse faculté de l'esprit humain. C'était l'époque de l'empire, c'était l'heure de l'incarnation de la philosophic matérialiste du dix-hutième siècle dans le gouvernement et dans les mœurs. Tous ces hommes géométriques qui seuls avaient alors la parole et qui nous écrasaient, nous autres jeunes hommes, sous l'insolente tyrannie de leur triomphe, croyaient avoir desséché pour toujours en nous ce qu'ils étaient parvenus en effect à flétrir et à tuer en eux, toute la partie morale, divine melodieuse de la pensée humaine. Rien ne peut peindre, à ceux qui ne l'ont pas subie, l'orgueilleuse sterilité de cette époque. C'était le sourire satanique d'un génie infernal, quand il est parvenu à dégrader une génération toute entière, à déraciner tout un enthousiasme national, à tuer une vertu dans le monde ; ces hommes avaient le même sentiment de triomphante impuissance dans le cœur et sur les lèvres, quand ils nous disaient: amour, philosophic, religion, enthousiasme, liberté, poésie, neant que tout cela ! Calcul et force, chiffre et sabre tout est là. Nous ne croyons que ce qui se prouve, nous ne sentons que ce qui se touche ; la poésie est morte avec le spiritualisme dont elle était née : et ils disaient vrai ! Elle était morte dans leurs âmes, morte dans leurs intelligences, morte en eux et autour d'eux. Par un sur et prophétique instinct de leur destinée, ils tremblaient qu'elle ne resuscitât dans le monde avec la liberté: et ils jetaient au vent les moindres racines à mesure qu'il en germait sous leurs pas, dans leurs écoles, dans leurs lycées, dans leurs gymnases, surtout dans leurs noviciats militaires et polytechniques. Tout était organisé contre cette résurrection du sentiment moral et poétique : c'était une ligue universelle des études mathématiques contre la pensée et la poésie. Le chiffre seul était

permis, honoré, protégé, payé. Comme le chiffre ne raisonne pas, comme c'est un merveilleux instrument passif de tyrannie, qui ne demande jamais a quoi on l'emploie, qui n'examine nullement si on le fait servir à l'oppression du genre humain ou à sa délivrance, au meurtre de l'esprit ou à son émancipation, le chef militaire de cette époque ne voulait pas d'autre missionnaire, pas d'autre séide, et ce séide le servait bien».

Não ha exaggeros da parte do poeta. Eram de facto duas as dictaduras que naquella tempo envergonhavam a França: a da espada e da algebra. Napoleão receiava uma reacção contra a sua estratocracia aliucinada, e como essa reacção poderia nascer nos espiritos superiores e independentes com mais facilidade do que no animo do povo, o grande cabo de guerra comprehendeu que lhe era preciso amordaçar os tribunos, quebrar a penna aos literatos, opprimir os trovadores e os philosophos, todas as almas nobres e generosas que elle, do alto dos seus tacões, costumava achincalhar com a denominação de ideologos. Laplace teve então homenagens excepcionaes, tributadas iguamente aos outros luminares da mathematica. Staël, a mais varonil de todas as damas, *genie mâle dans un corps de femme*, vio-se obrigada a procurar na Inglaterra e na Allemanha um refugio seguro para a sua aitevez de polemista e o seu denodo de pensadora. O proprio Chateaubriand soffreu agruras cruéis.

Voltando ao Sr. Euclýdes, diremos que elle não pôde atravessar incolume o terrível periodo que se prolongou de Deodoro a Floriano.

Desde o dia em que o engenheiro e tenente legalista protestou, indignado, peia imprensa, contra a idéa, que alguém lembrara, de atirar-se cal aos cubiculos onde permaneciam os presos politicos, o seu caminho ficou traçado. Era um militante,— não servia para as armas. As grandes coleras

vingadoras de fôrma nenhuma se compadecem com a natureza do instituto militar, onde tudo deve ser acatamento, respeito, hierarchia, formalismo impassivel.

O Sr. Euclýdes podia possuir todos esses predicados, mas para que o desequilibrio se produzisse bastava que o seu proprio pensamento exuberante e incontinente principiasse a trabalhar.

Devia ser um civil e acabou sendo, desde que intimamente se convenceu da impossibilidade de adaptar o seu espirito á carreira das armas. Não trouxe rancores nem hostilidades; deixou uma porção de amigos que ainda hoje conserva, e sahio tranquillamente, como um homem que encontra por fim o seu destino e fôge de torcel-o.

Será exactamente esse o caso do Sr. Alberto Rangel?

Infelizmente não possuímos informações completas a respeito da personalidade do autor do *Inferno Verde*. O que sabemos é que elle, ao retirar-se do Exercito, escreveu um fasciculo, *Fôra da Forma*, pamphleto quente, muitas vezes injusto, revelador de aversões radicaes, senão de uma forte antipathia, que deve ser condemnada, porque, em these, nada a justifica. (\*)

O seu divorcio das armas foi portanto estrepitoso, e convém deixar bem accentuados estes primeiros traços differenciaes entre os dous egressos da farda, que constituem objecto do nosso commentario.

São ainda notaveis outros desaccôrdos, mas, a despeito de tudo, ha uma analogia primordial que se impõe: a da

---

(\*) Os generaes dessa época ( 1900 ), na opinião do Sr. Rangel, «nunca leram cousa alguma sobre assumptos militares». O autor aliás queria a «nação em armas», um exercito instruido, e confiava na mocidade militar, isto é, nos rapazes de seu tempo, dos quaes se despedia com «sympathia e orgulho».

actidão litteraria intensa e absorvente, que acabou por transformar os dous antigos officiaes em escriptores vibrantes, restituindo-os a vida civil, que é aquella com a qual inquestionavelmente se coadunam melhor semelhantes inclinações.

A Amazonia inteira constitue por assim dizer uma enorme tragedia palpitante.

A moral, naquelles ermos fabulosos, reduz-se, por emquanto, ao simples jogo dos instinctos inferiores soltos no cahos. E' uma sociedade fragmentaria, participando do tumulto physico que a rodeia. Alli não ha regimen, não ha codigos; e seria na verdade absurdo que o sentimento juridico pudesse desde já florescer nesses longos semi-barbaros, que mal despertam agora para a civilização.

O homem é uma função da terra, escravo e joguete do meio. Insurge-se e reage ás vezes numa obra salutar de de feza contra o ambiente hostile que o cerca; mas, se quizer viver, terá forçosamente que se adaptar a elle. As forças telluricas são inconscientes, não se amoldam; a nossa intelligencia é que deverá se conformar com a perda do habitat e a transplantação para outro clima.

Ora, tudo, na Amazonia como que ainda se está formando; e quem chega — desaparece logo, ou então se desíaz de si mesmo, perde os seus proprios traços antigos e entra igualmente na gestação formidanda...

A natureza precisará despender esforços millenarios para fixar de vez o curso daquelles rios gigantescos que de facto, não lograram até hoje cavar os seus thalwegs, e andam a perder-se num espraiamento sem fim, derruindo e solapando margens, crescendo espantosamente para a direita e para

a esquerda, sem respeitar sequer as mais velhas e espessas florestas. Dir-se-hia que nada, naquellas solidões exuberantes estivesse consolidado, nem as ribas altaneiras, nem os macissos de arvores seculares, nem as verdes ilhas de um anno esparsas pela amplidão da agua doce. A criação em desordem constroe e devasta, sem nunca permitir que as cousas assumam aspectos definitivos. São paragens que recordam uma porção de pequenos mundos em genese. Admira realmente que os mastodontes dolychópodos e os outros monstros da fauna quaternaria já não existam para passear naquellas redondezas os seus pesados corpanzis, sem os quaes a téla permanece inacabada...

As energias primarias colossaes, trabalhando as origens, precipitam-se num embate furioso; e o homem, perdido e estonteado nessa vertigem dos elementos, faz lembrar a sedição da casquinha de noz dansando na crista das ondas altas e afundando-se nos socavões do pelago immenso, para galgar de novo a montanha equorea e despenhar-se outra vez nos abysmos profundos.

O sólo, naquellas paragens rudes e magestosas, é quasi uma ficção; o que se vê por toda parte é a agua, abrindo o seu estendal de prata em que as proprias raizes das arvores parece que mergulham e em que as largas frondes sombrias eternamente se remiram, como se fôra num maravilhoso espelho rolante...

Ahi fica, em linhas geraes, o *Inferno Verde*, a terra estupenda que "matando o aventureiro, o estemma de rosas", como no seu delirio, monologava o engenheiro Souto, "inferno verde do explorador moderno, vandalo inquieto, com a imagem amada, das terras de onde veio, carinhosamente resguardada na alma, anciada de paixão por dominar a terra

virgem, que barbaramente violenta” e que lhe responde, poderosa e energica: “Eu resisto á violencia dos estropadores”.

O Sr. Alberto Rangel surpreendeu-nos com um livro superior, intenso, brilhantissimo. As suas scenas e os seus scenarios do Amazonas são paginas que hão de ficar. Outras obras existem do mesmo genero mais didacticas; nenhuma, porém, mais litteraria nem mais forte do que esta.

O Sr. Euclydes da Cunha, no seu prefacio bellicososo, adverte que o critico da cidade não entenderá o *Inferno Verde*. Duvidamos, porém, que alguém folheie o volume sem que não sinta logo um fremito de arte a suscitar a mais sincera admiração pelos talentos do autor.

Toda gente vibrou com a leitura d’ *Os Sertões*, o primeiro poema sério e realmente bello da terra interior do Brasil. A gloria do Sr. Euclydes está em haver achado um estylo novo e ousado, sem o qual jámais conseguiria dar-nos aquellas descripções immorredouras do chapadão bahiano e aquellos quadros horridos de Canudos.

Seguindo-lhe o rastro luminoso, o Sr. Rangel apresenta-nos agora a epopéa das aguas, o deslumbramento dos grandes rios fecundos e destruidores e das ricas florestas olentes e tenebrosas. E’ a revelação de um trecho ignorado da patria, a tragedia impressionante do seringal, o homem abnegado e rudimentar a soffrer e a recompor-se no seio da natureza monstruosamente farta, monstruosamente linda e monstruosamente desordenada...

Um enamorado das fórmulas classicas, o litterato academico, recuaria impotente diante da magestade entontecedora daquellas zonas e do sombrio espectaculo daquellas vidas.

Para descrever o Amazonas, era mister uma penna irregular, insubmissa, digamos logo enviezada, cujo estylo se collocasse em exacta correspondencia com o tumulto cyclopi-co da natureza e com as agonias surdas do homem.

Gerações e gerações de naturalistas passaram e continuam por allí catalogando maravilhas e perquirindo segredos. Mas nenhum desses botânicos e zoólogos logrou jámais fazer uma obra d'arte. Todos elles têm trabalhado para os museus, procurando estabelecer uma perfeita discriminação da flora e da fauna e levando contribuições muito apreciaveis para a sciencia. Não houve até agora um só que tambem servisse á causa da belleza commovedora.

E' certo que, por seu lado, a litteratura de ficção, a arte de méra imaginativa, pouco mais adiantaria. As frautas arcadianas e as tubas romanticas procuraram outr'ora encher a lacuna, mas nunca foram além das palmeiras diversas e dos sabias melodiosos, legando-nos apenas uma dúzia de escorços

---

De uma carta de Euclides ao Dr. Arthur Lemos, transcrevemos esta sua primeira impressão da Amazonia :

«Se escrevesse agora esboçaria miniaturas do cahos, incompreensíveis e tumultuarias, uma mistura formidavel de vastas florestas inundadas e de vastos ceos resplandecentes.

Entre taes extremos está, com as suas innumeraveis modalidades, um novo mundo que me era inteiramente desconhecido...

Além disso, esta Amazonia recorda a genial definição do espaço de Milton : esconde-se em si mesma. O forasteiro contempla-a sem a ver através de uma vertigem.

Ella só lhe apparece aos poucos, vagarosamente, torturantemente.

E' uma grandeza que exige a penetração subtil dos microscopios e a visão apertadinha e breve dos analyistas ; é um infinito que deve ser dosado.

Quem terá envergadura para tanto ? Por mim não a terei. A noticia que aqui chegou num telegramma de um meu novo livro, tem fundamento ; escrevo, como fumo, por vicio. Mas irei dar a impressão de um escriptor esmagado pelo assumpto. E, se realmente conseguir escrever o livro annunciado, não lhe darei titulo que se relacione demais com a paragem onde Humboldt aventurou as suas prophcias e onde Agassiz commetteu os seus maiores erros.

Escreverei um «Paraiso perdido», por exemplo, ou qualquer outro em cuja amplitude eu me forre de uma definição positiva dos aspectos de uma terra que, para ser bem comprehendida, requer o trato permanente de uma vida inteira.»

apagados, que não traduzem ao vivo as energias colossaes e os aspectos estranhos da terra, nem celebram com a eloquencia devida o agoniado trabalho da raça em formação.

Tudo requer o seu estylo adequado. Ninguem tem o direito de fallar da sphynge em periodos claros e correntios; os que só possuem uma fórma para dizer da mansuetude e da guerra deviam renunciar ás suas veleidades litterarias, ou pelo menos circumscrevel-as.

A phrase do Sr. Itangel é atropellada e inquieta, mas tambem atropellada e inquieta é a região formosissima que ella se propõe a revelar-nos. O que podemos affirmar, para romper o injusto silencio que se vai fazendo em torno do livro, é que as descripções contidas naquelles periodos revoltos são admiraveis.

O autor, como o Sr. Eucydes, preparou-se longamente para a sua tarefa. A educação scientifica ajuda-o a pôr em relevo os primores e as torpezas que defronta; e devemos repetir que, sem esse cabedal de leitura e de saber, ninguem logrará dizer do Amazonas senão um amontoado de phrases, que poderão ser bonitas, mas que não terão nunca expressão e a vitalidade que alli se observam em tudo. Só da conjugação das duas forças — o saber e a arte — prevalecendo esta sobre aquelle, é que resultará alguma cousa aproveitavel.

O Sr. Eucydes, se, a par do seu genio artistico incontestavel, não tivera uma porção de conhecimentos especiaes de toda a physiographia, decerto não escrevera *Os Sertões*.

*O Inferno Verde* é a exposição da "cruel antilogia" a que se refere o prefacio: "sobre a terra farta e a crescer na plenitude risonha de sua vida, agita-se miseravelmente uma sociedade que está morrendo..."

O livro comprehende onze capitulos, a saber: *O Tapará*, *Um conceito do catolé*, *"Terra Caída"*, *Hospitalidade*, *A âe-*

*cana dos muros, Um homem bom, Obstinação, A teima da vida, Maibú, Pyrites, Inferno Verde.*

É difícil escolher, para citar, qual o melhor painel. A intensidade dramática que se nota em todas essas histórias e paisagens o poder descritivo que o Sr. Rangel demonstra em cada página, em cada período, tornam o *Inferno Verde* uma obra empolgante. Quem principiar a ler o volume irá fatalmente até o fim, arrastado pela vivacidade trágica dos assumptos e pelo colorido forte, novo e estranho da forma.

O livro, da primeira à última página, é sempre assim, incisivo e atormentado. A capacidade de representação symbolica, no Sr. Rangel, chega a ser sorprendente. O seu conto *Maibú*, é, a esses respeito, modelar, constituindo, como accentúa o Sr. Euclides, a "imagem da Amazonia mutilada pelas myriades de golpes das machadinhas homicidas dos seringueiros."

Destacaremos ainda a *Hospitalidade*, prova consoladora de que até na alma das feras humanas perdidas no ermo o sentimento da delicadeza pôde brotar e expandir-se.

Rematemos, porém, com a *Obstinação*, que o Sr. Euclides resume desta maneira no preambulo:

"A tragedia decorre sem peripecias, a desfechar logo, fulminantemente. Um potentado ambiciona as terras de um caboclo desprotegido. Toma-lh'as, emparceirando-se á Justiça decahida. O caboclo obstina-se; e vence num lance de loucura a tremenda iniquidade; para ficar na sua terra, e para sempre, enterra-se vivo e morre. É simples, é inverosimil; mas é um aspecto da organização social da Amazonia. A grey selvagem copia, na sua agitação feroz, a luta inconsciente pela vida, que se lhe mostra na ordem biologica infe-

rior. O homem mata o homem, como o *parasysa* aniquila a arvore.”

É um exemplo da *Hilae* de Humboldt, de que o Sr. Rangel nos dá esta beila descripção:

“O apuyseiro é um polvo vegetal. Enrola-se ao individuo sacrificado, estendendo por sobre elle um milhar de tentaculos. O polvo de Gilliat dispunha de oito braços e quatrocentas ventosas; os do apuyseiro não se enumeram. Cada cellula microscopica, na estructura de seu tecido, se amolda em uma bocca sedenta. E é uma luta sem um murmurio. Começa pela adaptação ao galho atacado de um fio lenhoso, vindo não se sabe de onde. Depois, esse filete entumesce, e, avolumado, se põe, por sua vez, a proliferar em outros. Por fim, a trama engrossa e avança constrangente, para maihetar a presa, a que se substitue completamente. Como um sudario, o apuyseiro envolve um cadaver; o cadaver apodrece, o sudario reverdesce immortal.

O abieiro teria vida por pouco. Advinhava-se um esforço de desespero no misero enleado, decidido a romper o laço da districção, mas o maniatador parecia fazer-se mais forte, travando com todas as fibras constrictivas o desgraçado organismo, que um arroucho paulatino e inaudito ia estrangulando. E isto irremediavelmente. Com um facão poder-se-hia despedaçar os tentaculos e arrancal-os. Bastaria, porem, deixar um pequeno pedaço de filamento capillaceo coliado á arvore, para que, em renovos, o carrasco recommettesse a victima, que não se salvaria. O polypo é um polypeiro. Vivem gerações em um só corpo, em uma só parte, em uma só esquirola. Tudo é vida por menor que seja o bloco. Não ha reduzil-a a um individuo. É a solidarie-

dade do infinitamente pequeno, essencial, elementar, inseparavel na republica dos embryões synergicos. O que fica basta sempre á revivescencia, reproduz-se facil, na precipitação latente e irrefreavel de procurar sempre.

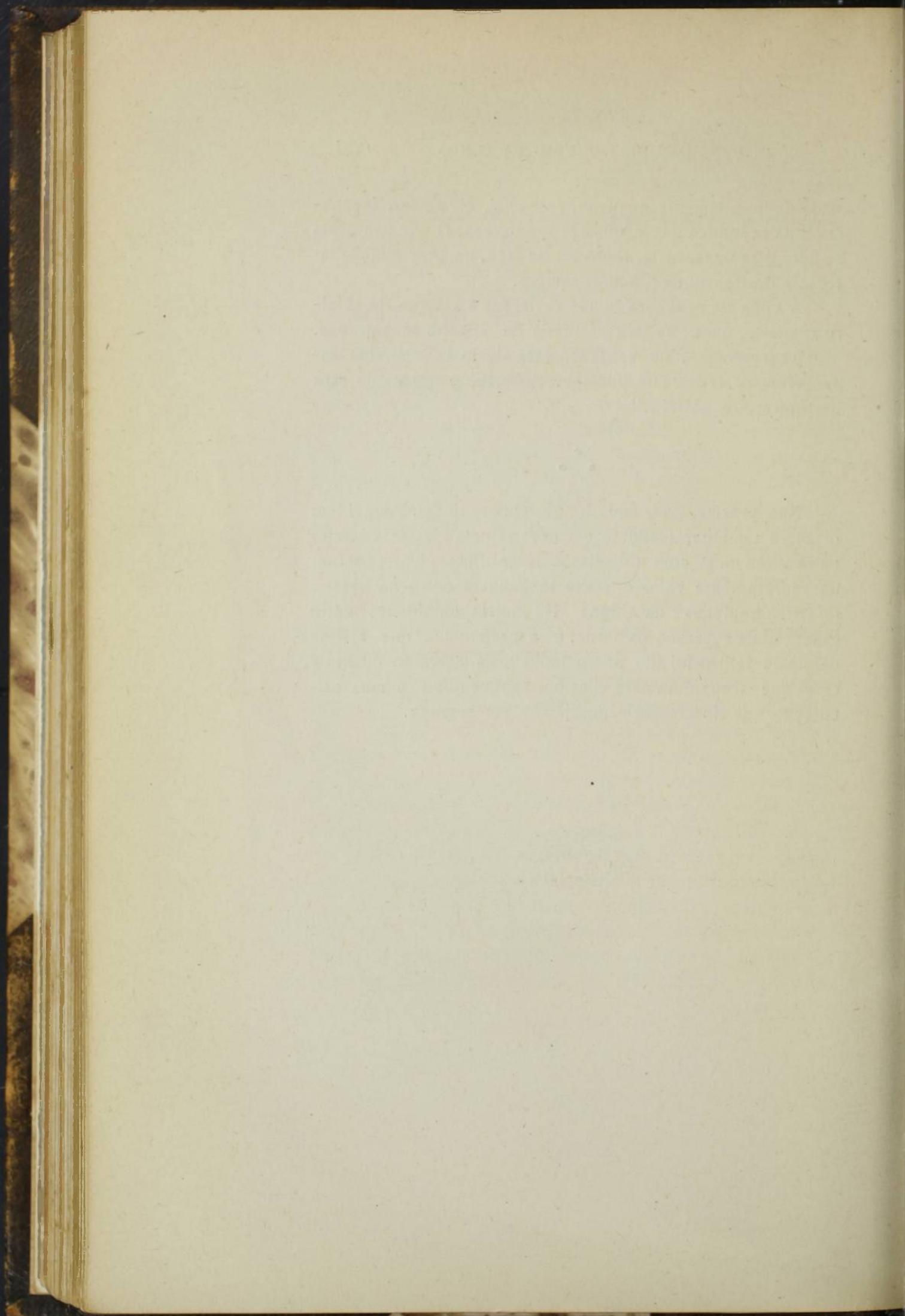
A copa de pequenas folhas coriáceas e glabras do abieiro sumia-se, quasi, na larga folharia da parasita monstruosa.

Representava, na verdade, esse duelo vegetal, um espectáculo perfeitamente humano. Roberto, o potentado, era um apuysseiro social..."



Não precisamos ir mais longe. O livro do Sr. Rangel tem direito a um lugar distincto em nossa litteratura. O exercito não soffreu nada com a demissão desse official; a arte ganhou um representante valioso, como já ganhara outro na pessoa do Sr. Euclides da Cunha. Ha muitas affinidades entre esses dous egressos da farda, e a preferencia que ambos deram ás letras foi um passo tanto mais acertado quanto é certo que trouxeram para ellas um sangue novo e uma orientação que sinceramente desejamos vêr seguida.

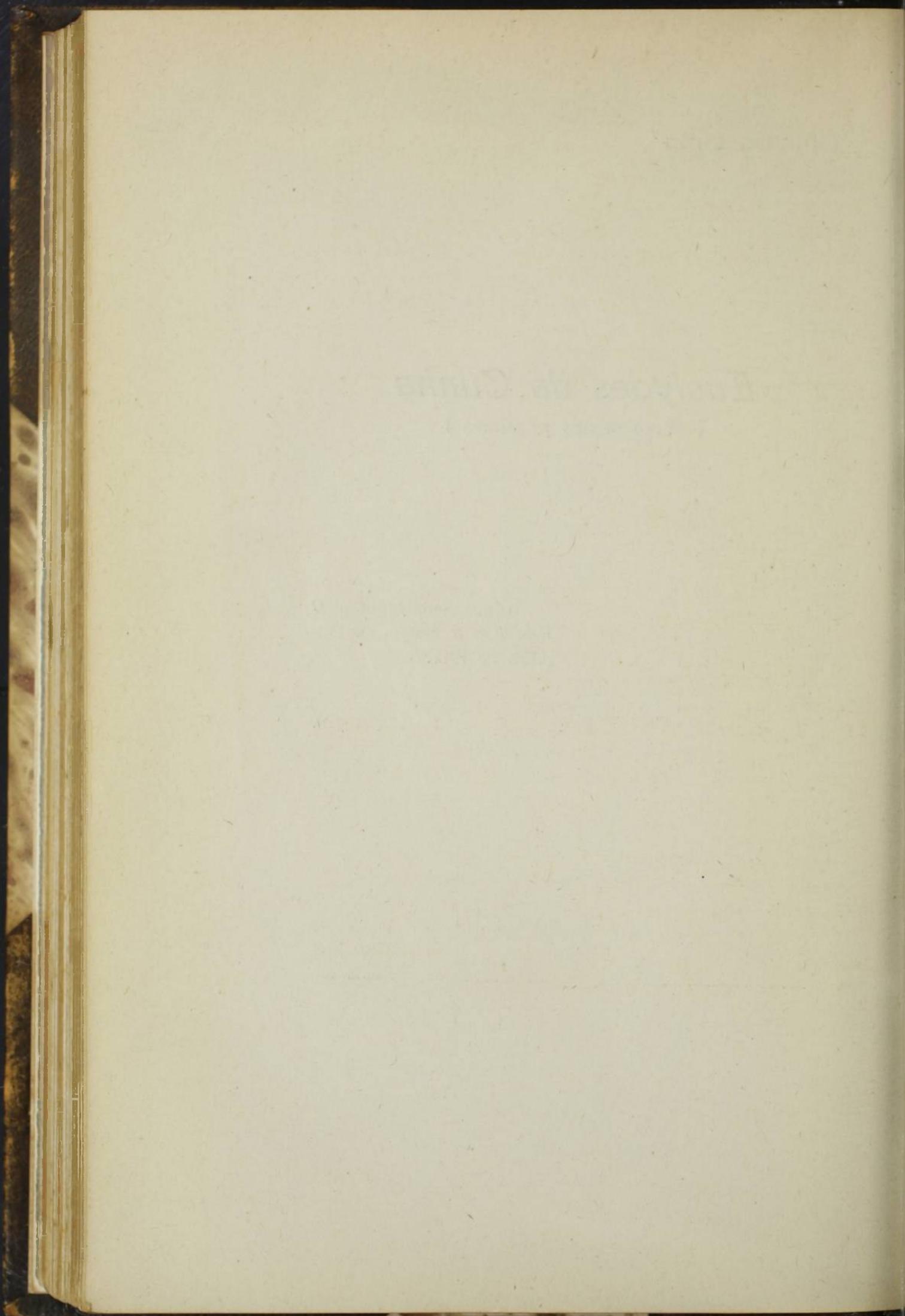


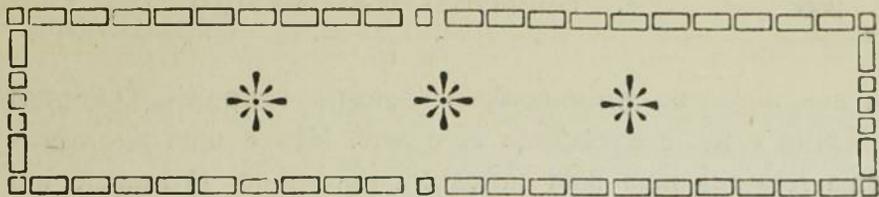


Oliveira Lima

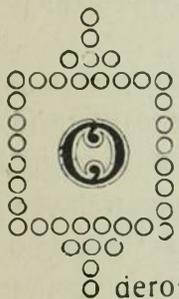
*Euclides da Cunha*  
( *Recordações pessoais* )

Artigos publicados n' *O*  
*Estado de S. Paulo*, em Ou-  
tubro de 1911.





I



nome de Euclides da Cunha, que ha de ficar nos nossos fastos literarios como um dos seus escriptores mais originaes e poderosos, teve ultimamente um duplo ensejo de

commemoração, a proposito da recepção na Academia Brasileira do terceiro occupador da cadeira Castro Alves, o sr. Afranio Peixoto, e da estada no Brasil do grande parlamentar francez Jean Jaurès.

O novo academico estudou o seu predecessor com penetração e com carinho, mau grado as criticas que provocou sua critica honesta, desassombrada e intelligente. O discurso

é dos melhores pronunciados «sous la coupole». O retrato traçado é fiel e executado com arte. Não é uma photographia retocada nem uma caricatura apressada. O homem ahí nos apparece com as suas qualidades peregrinas de espirito e de character: com sua altivez quasi doentia — se é que pode haver morbidez no seu genero de altivez, viril e respeitavel —, com seu orgulho silencioso, com seu sentimento profundamente social sobrepondo-se ás contingencias politicas, com o seu desapêgo ás posições e aos proventos, não por principio ou por intenção, mas quando em conflicto com o seu instincto genuinamente patriotico e a sua noção, segura no conjuncto se bem que por ventura incompleta nos detalhes da civilisação superior. As incoherencias da vida de Euclides são apenas apparentes, do que nos damos conta ao perceber seu temperamento e comprehender sua moral. Explica-as sua idiosyncrasia delineada com mão discreta, se bem que firme, pelo estudioso que combina a sciencia medica e a arte do romancista, chegando á descripção psychologica pelo caminho natural da physiologia.

O escriptor é alli apreciado sem malicia e com justeza, separando-se o joio do trigo, o gongorismo literario (para applicarmos uma velha denominação a uma nova modalidade) da imaginação scientifica, e indicando-se a correlação intima entre o meio e o artista, o qual o sr. José Verissimo foi o primeiro a judiciosamente qualificar de barbaro na sua estranha pujança.

Foi este precisamente o aspecto nacional por que o enxergou e louvou o senso critico do sr. Jaurès, nutrido da concisão e do bom gosto que fazem a seducção da literatura franceza. Euclides da Cunha pareceu ao antigo professor de rhetorica que a politica roubou ás letras sem lhe annullar o intellectualismo nem lhe amesquinhar a intellectualidade, o

mais brasileiro dos nossos escriptores. O sr. Jaurès viu bem, viu com a clareza, a lucidez mental do seu paiz aquillo que Afranio Peixoto apontou na sua phrase exacta, chamando Euclýdes o primeiro bandeirante dessa «entrada» nova pela alma da nacionalidade brasileira.

\*  
\* \*

Eu não conhecia Euclýdes da Cunha, nem pessoal nem literariamente, até que no Japão, em 1902, em occasião em que eu veraneava perto do vulcão fumegante do Asamayama, recebi da casa Laemmert o volume dos «Sertões». Li-o, não de um trago, mas de muitos tragos, por que não é muito facil a absorpção daquelle licor acre e enebriante. Não sei se influindo a suggestão do meio, achei o livro vulcanico, isto é, impetuoso e explosivo: interessante, porém, e suggestivo ao extremo. Pareceu-me uma verdadeira revelação literaria, a mais notavel que eu jamais presenciara em minha terra.

Quando cheguei ao Rio, em 1903, meu voto estava-lhe dado de ante-mão para a vaga na Academia a que elle se propunha. Tive com effeito o ensejo de concorrer para a sua entrada triumphante no nosso gremio. Datam dahi nossas relações, que foram para mim um encanto e são hoje uma saudade. Vimo-nos desde logo com frequencia, assim que elle veio ao Rio apresentar-se aos confrades e, por intermedio de José Verissimo, fui eu quem pouco depois o fez por seu desejo escolher para a commissão do Alto Purús. Aliás o sr. Barão do Rio Branco acolheu pressurosamente o offerecimento.

Pagou-me Euclýdes generosamente o pequeno serviço que o era antes ao paiz, pondo-me em relações com esta folha,

onde elle collaborava e onde quiz que eu collaborasse tambem. Encontrei-me por iniciativa delle no Guarujá com Julio de Mesquita e desse encontro nasceu esta para mim gratissima associação com o grande orgam paulista, que tão elevado papel civico e cultural desempenha no jornalismo brasileiro e ao qual sou devedor da mais franca e agasalhadora hospitalidade.

Em sua ida para o Alto Purús. Euclides desembarcou em Pernambuco e juntos visitamos Olinda, que elle tinha grande empenho em conhecer, no seu crescente apêgo ás tradições nacionaes desde que tão vivamente, tão impressivamente retratara no jagunço a nossa mais authentica e mais desamparada população nacional. Eu proprio parti logo depois para Venezuela, e entre nós se estabeleceu uma correspondencia regular, espelho de uma crescente amizade a que servia como que de traço permanente de união a ligação de cada um de nós com o «Estado». Euclides nunca deixou de considerar este como o «seu» jornal, sua redacção como a «sua» casa intellectual e politica, no sentido mais amplo da palavra: isto mesmo depois que passou a escrever frequentemente no «Jornal do Commercio», onde foi tido na mais alta estima.

Não tenho aqui commigo esta primeira parte do nosso intercurso epistolar: apenas a parte ulterior ao meu regresso á Europa em janeiro de 1908, após um novo anno de estada no Brasil, durante o qual nossa convivencia foi quotidiana. Euclides habitava então á rua Humaytá, e raro era o dia em que me não apparecia no Hotel dos Estrangeiros, sempre inquieto, muita vez apprehensivo, não raro agitado e febril como notavamos, nós, seus amigos que não lhe desconheciamos as crises de malaria e tambem as crises de orguiho em seguida a decepções que a sua imaginação intensava,

mas ignoravamos outras preocupações mais intimas e mais dilacerantes que elle guardava para si, num bem concebivel pudor dos seus soffrimentos.

Sinto não poder entregar ao publico todas as cartas que possuo de Euclýdes da Cunha de 1904 a 1906 e de 1908 a 1909, nas quaes se encontraria ainda melhor desenhada do que nos seus livros — mesmo porque elle possuia o talento, raro no Brasil, pela feita de ser exercido, da epistolographia — a sua personalidade curiosa e attraente, comquanto á primeira vista pouco expansiva. Euclýdes tinha mesmo um modo muito seu de fechar-se quando lhe desagradava a companhia.

Ha nas referidas cartas copia de observações sobre o nosso meio politico e principalmente sobre as nossas relações externas — reflexos todas do character nacional visto pelo prisma do seu talento e fixado nas imagens imprevistas que lhe eram familiares — que constituem paginas de alta e flagelladora ironia, as quaes porém não me julgo com o direito de divulgar na actualidade, mau grado o desaparecimento do meu saudoso amigo e o relativo esquecimento em que caiu sua memoria. Desta ultima asserção é prova a falta de execução da lembrança aventada de um monumento que lembre essa actividade intellectual que produziu algumas das nossas melhores paginas, quando destruida em plena florescencia. Limitar-me-ei por conseguinte a respigar daquella correspondencia, a titulo de recordações pessoases, aquillo que não implica com personalidades nem desafia as conveniencias do momento.

## II

São interessantes entre outras, as cartas relativas ao seu concurso de logica, concurso que ficou famoso pelo numero dos concorrentes e pelo azedume das discussões travadas, como sempre acontece em casos taes, quando apparecem personalidades de valor a disputarem o lugar.

A 22 de dezembro de 1908 escrevia-me Euclides: «Aggravando a sobrecarga das preocupações inscrevi-me para um concurso (de logica) no Gymnasio Nacional, que se realizará em abril proximo. Fiz bem? Não será um mal tão viva volta de leme: passar de golpe de engenheiro a professor? Assim procedo, porém, numa grande ancia de dar uma estabilidade à vida, por mim mesmo, sem precisar incommodar os amigos poderosos. Em carta anterior creio que lhe disse estar resolvido a exonerar-me da commissão na Secretaria...»

Nessa mesma carta dizia-me: «José Verissimo communicou-me o seu voto favoravel a Vicente de Carvalho. Assim ainda mais se justificará a entrada na Academia de tão bello talento que é tambem uma alma vigorosamente san e direita».

A cadeira a que aspirava não o tentava absolutamente pelo assumpto em si: apenas porque significaria para elle certa independencia material e a fixidade de recursos até então aleatorios e sujeitos à boa vontade dos governos, a qual aliás nunca lhe faltou, tanto se impunha o seu merito. Em carta anterior dizia-me elle haver-lhe o ministro Calmon offe-

recido uma boa commissão na Europa, a qual no entanto recusára para não se distanciar demasiado do pae, cujo estado de saude lhe inspirava cuidados e a quem muito queria. Doia-lhe porém não vêr no Brasil mesmo melhor aproveitado o seu luminoso espirito. Pungia-o a ambição, no sentido inglez da palavra, que é a sua mais nobre accepção.

Agradecendo-me uma pequena lembrança de anno bom — uma carteira dentro da qual ia uma goia de renda — considerava, melancolicamente no seu dizer, que só durante os breves dias da travessia, de Bruxellas até o Rio, aquella carteira se tivesse visto unida... a «rendas». E continuava: «Assim perpetrei o primeiro trocadilho desta vida, muito differente da sua, ahi, conforme verifiquei pelo invejavel horario que me mandou. Por elle vi — e com verdadeira satisfação — que o meu distincto amigo tem muito tempo para o exercicio da sua actividade predilecta, do espirito. Ao passo que eu, se tivesse tempo para pormenorizar os meus dias, teria de os repartir não em horas, mas em minutos, tão atrapalhados e scindidos de preocupações diversas elles correm. Por exemplo: no meio dos quefazeres do officio, tenho, agora, todos os quartos de hora forros entregues ao estudo da logica... Não tenho muita confiança num estudo feito sem methodo ou continuidade — mas não posso deixar de aproveitar a oportunidade que se me offerece de adquirir uma posição mais fixa independentemente da boa vontade de outrem».

Uma vez chegado o tempo do concurso, explodia a sua antinomia com o objecto delle. «Meu digno amigo, rezava sua carta de 5 de maio de 1909, o motivo essencial da falta de minhas cartas é este: andei perdido, dentro da caverna de Platão... Conhece com certeza a allegoria daquelle maximo sonhador — de sorte que bem póde avaliar os riscos

que passei. Volto á claridade embora ainda sinta a repercussão formidável das rixas intermináveis dos philosophos e os ultimos écos irritantes da algazarra das Theorias. Tudo isto quer dizer que me preparei para o concurso de logica. Mas surge um contra-tempo: a mesa examinadora demittiu-se a um mez, e até hoje não foi possível organizar-se outra! De sorte que o problema se complicou singularmente. Hon-tem: serei feliz no concurso? Hoje... e haverá concurso? Nesta situação de espirito, não ha alinhar-se idéas para uma conversa calma com um bom amigo ausente. Escrevo-lhe apenas para que o sr. e d. Fiora não nos incluam entre os ingratos».

Num post-scriptum maior do que a carta ajuntava com-tudo: «Muito agradecido pela sua lembrança a proposito das terras do Alto Paraná. Logo que me desembarce do Kant, do Comte, do Spencer, do Spinoza (o mais maravilhoso dos maucos) e não sei mais quantos sujeitos que vieram a este mundo apenas para tortura e desespero do espirito humano — logo que me veja livre desses felizes medalhões, irei dedicar-me de corpo e alma á tarefa.

Mas ao falar nos sujeitos precitados não tenho meios de conter uma expansão de sinceridade: que desapontamento, lendo-os detidamente! Até então eu rodeava-os de uma veneração religiosa. De perto, vi-lhes a inferioridade. Kant, sobretudo, assombra-me, não já pela incoherencia (porque é o exemplo mais escandaloso de um philosopho a destruir o seu proprio systema) senão pelos exaggeros aprioristicos que o reduzem. A minha opinião de bugre é esta: o famoso solitario de Königsberg, diante do qual ainda hoje se ajoelha a metade da Europa pensante, é apenas um Aristoteles estragado. Comte (que eu só conhecia e admirava através da mathematica) revelou-se-me, no agitar idéas preconcebidas

e prenoções, e principios, um ideologo capaz de emparceirar-se ao mais vesanico dos escolasticos, sem distincção de nuances, em toda a linha agitada que vae de Roscelino a S. Thomaz d'Aquino. E quanto a Spinoza surprehende-me que durante tanto tempo a humanidade tomasse ao sério um sujeito que arranjou artes de ser doido com regra e methodo, pondo a allucinação em syllogismos! Mas faço ponto. Não pararia mais se desse curso á onda de rancor que me abala diante destes nomes outróra tão queridos. Felizmente ahi estão Georges Dumas, Darkeim, Poincaré, e, na Austria, o lucido e genial Ernesto Mach — almas novas e claras, que nos reconciliam com a philosophia».

Não pararam aqui seus desabafos contra a logica official, que não podia deixar de ser antipathica ao seu espirito literariamente voltado para as realidades do mundo physico e, como muito bem disse Araripe Junior na resposta a Afranio Peixoto por occasião da recepção deste na Academia, procurando realisar em imagens, isto é, exteriorisar graphicamente as idéas que lhe borbulhavam no cerebro. A 18 de junho escrevia-me Euclydês :

«Soube por José Verissimo que estranhou a ausencia de cartas minhas. Pudéra! Imagine um modesto estudante de philosophia natural, enleado durante cinco mezes nas formulas embrulhadas do que se diz simplesmente philosophia . . . A verdade é que o concurso, como se annunciou, era de logica — e que esta consoante a direcção extremamente lucida que lhe traçou Stuart Mill, está de todo a cavalleiro das indecifraveis divagações metaphysicas. Succedeu, porém, que o unico discipulo do incomparavel logico, fui eu. O simples enunciado dos pontos que me tocaram (a «Verdade», na prova escripta; a «Idéa do Ser» (!) na prova oral) é bem eloquente no delatar quão aberrados andaram os homens da verdadei-

ra logica. Eu não sei que idéa formariam da nossa cultura os mais modestos normalistas da Belgica, se soubessem desse estranho caso de desvio philosophico.»

Concluia assim essa sua carta: «Neste momento consegui um exemplar do «Dom João VI», que vai ser a minha primeira leitura encantadora depois de tão longos mezes de syllogismos e abstractos devaneios. E se por acaso as atrapalhões desta vida me permittirem algumas horas tranquilas, direi sinceramente as minhas impressões. D'ora avante terei mais tempo para escrever, mas de pausa e tranquillamente;... Por ora ainda vacillo nos ultimos reflexos da agitada aventura em que andei.»

Mez e meio depois caia o pobre e grande escriptor sob uma bala assassina.

### III

Um dos traços de character de Euclydes da Cunha que mais sympathico me era — seja-me licito dizer, que de certo por lermos neste ponto pela mesma cartilha ideal — consistia no seu afan de dever a si proprio, ao prestigio que pudesse haver criado pelo seu esforço, á deferencia que pudesse impor pelo seu merito e conducta, sua elevação ás posições que justamente ambicionava. Não queria devel-as á pura benevolencia alheia, se bem que ninguem conheci mais grato ás finzas recebidas. Mesmo para ser, como foi, escolhido no concurso de logica, repugnava-lhe servir-se dos amigos altamente collocados. «Embora F., seja, de facto, o dono da situação — escrevia-me elle — isto constitue mais um motivo para que eu me não aproveite da sua influencia».

O seu orgulho — orgulho legitimo e respeitavel como o que mais o fôr — devia porém chegar fatalmente a gerar o pessimismo numa alma a qual a vida não sorria com seus consolos e seus encantos. E o pessimismo ia cavando fundo no espirito atormentado e soberbo de Euclýdes, que se via conhecido e festejado, mas não se sentia chamado a cooperar activamente, como lhe parecia merecer e de facto merecia, na evolução de seu paiz. «Felizmente — dizia-me sua carta de 18 de junho de 1909 — mudei-me para Copacabana, onde estou numa situação maravilhosa... para ver navios! A ver navios! Nem outra coisa faço nesta adoravel Republica, loureira de espirito curto que me deixa systematicamente de lado, preferindo abraçar.....»

Aliás dizia-me em outra carta, dez dias depois, alli sentirse admiravelmente ao lado de tres vizinhos, unicos cuja amizade desejava cultivar: o sol, o céu e o mar. A reflexão trae misanthropia, e essa satisfacção era toda apparente, voluntaria, e forçada — o optimismo do condemnado que faz á existencia um ultimo appello. A verdade é que nessa occasião soffria Euclýdes horrivel magoa, enxertando-se na sua habitual disposiçã meiancholica, em que o proprio «humour» era sombrio. «Nem faço outra coisa — rezava uma das suas cartas — senão entristecer-me nesta nossa pobre terra. Lamento até que a natureza ingrata me fizesse, insidiosamente barbiraro — impedindo-me de agitar apavorantemente, por ahi além, umas grandes barbas de Jeremias. Invejo-as em F... que chora todas as manhãs sobre a decadencia da Patria e dos costumes politicos! debruçado — um Mario de oculos escuros — sobre as ruinas do Bloco».

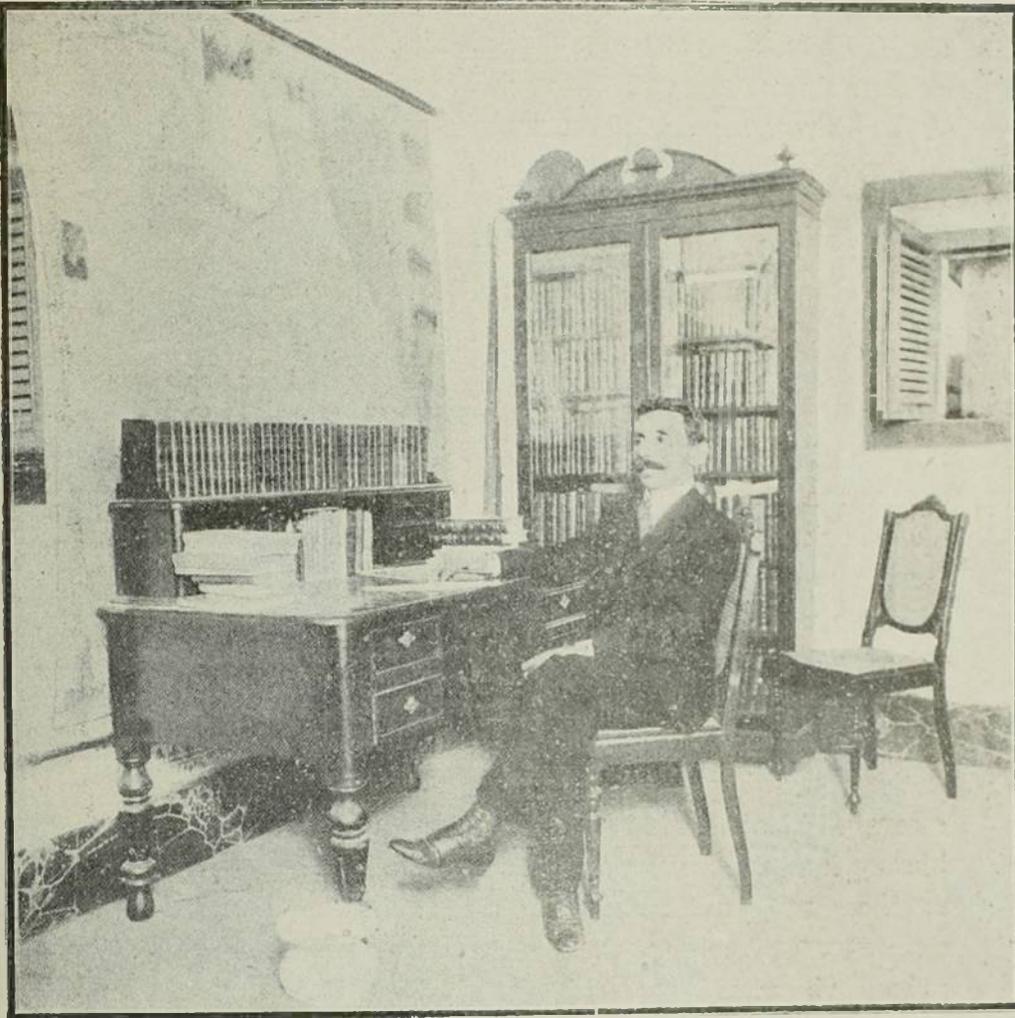
Mais adiante, nessa mesma carta ajuntava: «Não preciso dizer-lhe que continuo na angustiosa posição de commissario «in partibus», á espera de uma reforma, ou de uma commis-

são. Num paiz em que toda gente accomoda a sua vidinha num cantinho de secretaria, ou numa aposentadoria, eu estou, depois de haver trabalhado tanto, gallardamente sem posição definida! Reivindico, assim, o bello titulo de ultimo dos românticos, não já do Brasil apenas, mas do mundo todo, nestes tempos utilitarios! Julgo, entretanto, que hei de arrepende-me muito, mais tarde, desta vaidade... Em todo caso se no correr deste anno não se me abrir de novo a trilha do deserto, terei de dar outro rumo á vida, para que os filhos que vão crescendo, não paguem os juros de tanta imprevidencia».

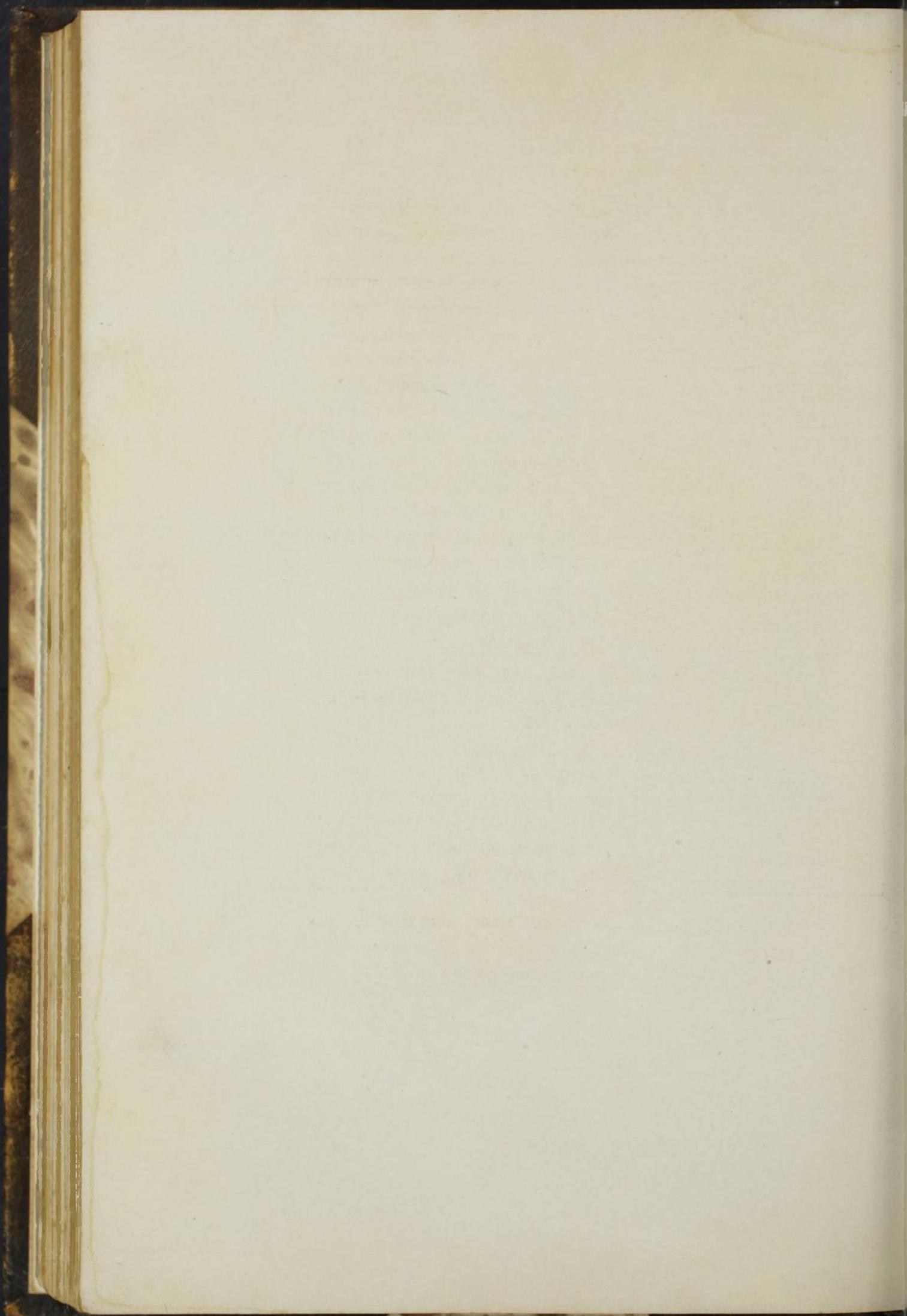
Não obsta que, ao reoccupar agora a attenção publica a figura de Euclýdes, evocada na Academia e celebrada por Jaurès, um critico de certo mal informado definisse como um «visionario rugidor e lugubre» esse taciturno a quem a consciencia do proprio valor tornava timido para o assalto aos despojos do poder, mas a quem não faltava nem a iniciativa para destruir os abusos, nem a coragem moral para denunciar os crimes. A sua maior obra literaria é uma accusação: uma defesa o seu maior acto civico. Por curta que fosse, não pode deixar de haver sido formosa uma vida que conta taes paginas.

A coragem moral cria inevitavelmente o personalismo — qualidade que Euclýdes procurou ter e revelar o mais possivel, nas idéas como nos actos e como no estylo. O personalismo não se me afigura absolutamente, como foi dito, o signal de uma cultura atrazada: tanto pode ser o indício de um requinte de civilisação, e mais me parece ter a ver com a mera idiosyncrasia individual e com as circumstancias de cada caso.

O seu personalismo era do melhor genero, da natureza activa. Doia-lhe a inactividade, o que elle chamava a prisão



Euclides no seu gabinete de trabalho em Copacabana



numa secretaria. «Lá se vão dois annos de expectativa — communicava-me a 13 de novembro de 1908 — e maravilha-me a paciencia com que os tenho supportado, embora ella se explique pela propria opposição manifestada ás minhas tentativas de seguir novo rumo. Não me arrependo disto...

Emquanto isto succede crescem e multiplicam-se os filhos... Como traçar-se a linha recta da vida com tantas mãozinhas a nos puxarem pelas abas do casaco? Julgo, porém — e digo-lhe isto reservadamente — que não poderei continuar a ser vencido pelas commodidades desta situação até além do fim deste anno. Felizmente é vasta a nossa terra, e julgo que não precisarei de acolher-me sob as azas de nenhum amigo poderoso (o Calmon e o Carlos Peixoto por exemplo) para amparar a familia e proseguir dignamente na vida. A minha resignação — é a de todos os que tendo adquirido uma reputação, ás vezes bem falsa, de impulsivos ou de inconstantes, não querem augmental-a com actos que pareçam precipitados. Mas ella não será illimitada.

Descambei com infinito mau gosto para este assumpto tão pessoal, porque os amigos como o senhor, elejo-os sempre incorruptiveis confessores desta vida.

Para ainda mais entristecer-me — partirá dentro de poucos dias para Asunción o Gastão da Cunha, que na enorme decrepitude desta gente, realisava ainda o grande milagre de ter espirito. Isto me faz o effeito de um despovoamento. Sinto-me cada vez mais solitario no meio de uns sujeitos, nos quaes pouco mais distingo do que os accidentes geometricos e mecanicos de formas em movimento...

Seu pessimismo fôra-se naturalmente accentuando, mas não era de indole egoista. A inveja não tinha presa sobre esse bello espirito. Soffrendo mesmo no seu coração ou no

seu orgulho, Euclydes não deixava de interessar-se pelos amigos, de louval-os quando havia ensejo, de estimulal-os ou consolal-os quando se offerecia motivo. Seja-me licito, para proval-o, transcrever estas duas paginas de uma das suas cartas, embora restrictamente pessoases.

«Recebi, sim, as «Cousas Diplomaticas», reli-as com o maior prazer e posso garantir-lhe que ellas causaram o melhor effeito entre os que nesta terra praticam o heroismo de leituras serias. Na verdade — para mim, o livro tem a valia de ser muito pouco diplomatico, e mais uma vez applaudo sinceramente a galhardia desassombrada de um espirito vivaz e energico a que não entibiam as artificiosas convenções de uma carreira que só se sabe exprimir-se, verbalmente, por meio de meias palavras traiçoeiras e, graphicamente, pelas cifras obscurecedoras.

Tambem comprehendo a sua diplomacia em Vienna. A resolução que o meu amigo alli fez que se firmasse, vale por um tratado, entre os mais presumptuosos que por ahi se citam. Num bello lance, saltando sobre as nossas fronteiras, foi tão grande o triumpho que nobilitou o proprio fragmento de superficie européa, onde nasceu a nossa historia.

Como já deve saber pelos jornaes, a Academia não foi indifferente aquella medida — o primeiro acto exterior de propagação da nossa lingua — e avaliou-lhe o alcance uma moção lucidamente redigida por José Verissimo (a qual, entre parenthesis, ainda não lhe foi remettida por indesculpavel desidia do secretario interino, eu).

Pouco importa que — officialmente — não se tenha dado o devido relevo a um acto que foi a expressão mais eloquente da nossa incorporação definitiva na civilisação. Bem sabe que a gratidão official não vae além da orbita apertada dos satel-

litesinhos, que giram submettidos inteiramente ás forças centraes dos grandes astros... Talvez por isto mesmo ando eu perdido numa parabola, perennemente indefinida, de cometa. Mas não prolonguemos este aspecto transcendental da psychologia astronomica e imaginosa...»

## IV

Os sentimentos em Euclydes eram tão vivos quantos as imagens. Afranio Peixoto delineou perfeitamente essa correlação entre o seu character e o seu estylo. As sympathias e antipathias eram nelle tão marcadas quanto as palavras e as phrases. Tinhamos disso o reflexo na Academia, no ardor que punha em promover e combater candidaturas. Eleição alguma lhe era indifferente e por certas se empenhava enthuasiasticamente, a de Vicente de Carvalho por exemplo.

«Volvendo a terra — escrevia-me a respeito — desejo saber se o sr. recebeu um bellissimo livro, «Poemas e Canções», do mais robusto poeta que hoje temos, Vicente de Carvalho. O Verissimo já lhe escreveu acerca da pretensão delle á cadeira vaga pela morte de Arthur Azevedo, e eu venho reforçar o pedido daquelle digno amigo...

... Julgo que o senhor não pode vacillar na escolha, Vicente de Carvalho, além de poeta que avaliará é um prosador magnifico; e liga a estes attributos a consciencia superior de um juiz entre os que mais elevam, hoje, a magistratura em S. Paulo. Já somos dez ao lado delle: Verissimo Araripe, Salvador, Lucio, Rodrigo, Mario, Filinto, Garcia

Redondo, Afonso Celso e eu. Espero poder incluir breve o seu nome nesta lista, a não ser que algum compromisso anterior nos prive dessa felicidade».

Seu nacionalismo, que era authenticico, e seu patriotismo, que era acendrado, não ostentavam porém esse verniz superficial e damnhinho de jacobinismo, vermelho ou azul — que o ha das duas côres, e até amarello, a côr do ouro — o qual é tantas vezes uma affectação e uma hypocrisia. Euçlydes via os defeitos, tinha dessassombro para apontal-os, ia mesmo até castigar o mal e tudo o fazia por bem. Não podia deixar de ser genuinamente nacional quem de instincto e apoz reflexão, combinando num grau desconhecido entre nós a imaginação physica e a cultura scientifica, escreveu os capitulos dos «Sertões»; não podia deixar de ser profundamente patriota quem escreveu, entre tantas outras, aquella pagina admiravel de vibração sobre a bandeira no Alto Purús.

Sómente o não cegava a megalomania e enxergava as imperfeições. «Não sei como lhe agradecer, escrevia-me a proposito do desejo manifestado pelo ministro da industria de que elle escrevesse um livro economico sobre o Brasil, commemorativo da Exposição, a remessa do livro de E. Prost, que vou ler attentamente, embora esteja ainda muito vacillante no acquiescer ao pedido do Calmon. Julgo-me sem competencia para o assumpto; sem competencia e, o que é peor, sem entusiasmo ante esta Exposição, com E grande, a contrastar com a exposição permanente do nosso desfallecimento nacional. Em todo o caso o livro não será perdido; é um bom livro, claro, pratico e sempre util».

O desassocego estava no seu espirito por motivos diversos. O famoso concurso de logica veio perturbal-o ainda mais, a meio de outras afflicções em que sossobrara sua felicidade.

Sua penultima carta ainda trata do assumpto e permittia-me a historia completa do caso. «E' o eterno conflicto de Ramus e dos escolasticos recalcitrantes. Se o sr. por acaso leu a dissertação acerca do singularissimo ponto que me coube para a prova de improviso (a «Idéa do Ser») e que o «Jornal» mandou tachygraphar, já deve ter um juizo claro da minha attitude e dos rancores que despertei. Não importa! Prefiro o ranger de dentes desses coitados aos seus apertos de mão. O sr. e mais alguns bem poucos amigos — são os meus unicos juizes.

De qualquer modo estou tranquillo. Sinto mesmo esse placido e magnifico bem estar soberano de uma alma inteiramente a cavalleiro da fortuna, para o qual os gregos criaram o vocabulo Ataraxia. Digo-lhe mais: sou absolutamente indifferente ao que acaso o governo resolva. Andam nesta terra tão ao nivel das maiores mediocridades as mais altas posições, que fôra, na verdade, ridiculo o entristecer-me com o não conseguir o modesto lugar de professor de logica... E deixemos de lado a desvaliosa «affaire».

Esta carta, uma das suas mais longas, reflecte alguns dos ultimos aspectos do espirito de Euclides, entre elies a fidelidade ás affeições, traço que aliás lhe foi invariavel, junto porém a um sentimento crescente das suas responsabilidades de familia, envolvendo um certo pavor diante da vida que elle imaginára menos ardua e dolorosa na sua intransigencia:

«Vae-se prolongando a carta, que planeei rapida. E neste momento ameaçando tornal-a interminavel, acodem-me numerosas considerações acerca da nossa instavel e problematica situação politica interna. Mas temendo menos a infidelidade do correio que a infidelidade dos meus proprios

juizos — inaptos a serem definitivos, ou rigorosos, neste largo balançamento de todas as opiniões — vencerei o desejo que me arrasta para o nebuloso assumpto. Além disto, vão-se-me alongando muito no passado os bellos dias de temeridade e franqueza romantica. Já titubeio, considerando as pequeninas vidas que me rodeiam, e vacillo cheio de assombro no definir-me, sobretudo quando o definir-se a gente contra a mais poderosa corrente dos factos, equivale a... Silencio, portanto...

... Entro nestas rapidas explicações porque o sr. muito naturalmente, ao receber cartas do Brasil, aguarda noticias sobre os factos capitaes que se desenrolam. Explico a minha abstenção. Noutra carta talvez consiga ser mais expressivo. Não posso, entretanto, deixar de dizer-lhe que mantenho intacta as minhas velhas relações de sincera amizade com dois vencidos — Calmon e Carlos Peixoto. Ou melhor, frequento-os hoje mais assiduamente do que nos tempos de felicidade. E considero, melancolicamente, que disso talvez me resulte algum mal. Felizmente esta terra não tem mais nenhum lugar, ou cargo, capaz de desafiar a ambição de qualquer espirito mesmo medianamente aparelhado. Consola-me a certeza de que nada perderei, porque não ha, por ahi, coisa alguma que eu deseje adquirir.»

As duas ultimas cartas de Euclides que eu possuo dizem em grande parte respeito a um trabalho meu cujo apparecimento foi quasi simultaneo com o seu desaparecimento. Refiro-me ao «Dom João VI», sobre o qual pretendia elle escrever segundo me communicava. Não atração portanto sua memoria dando publicidade ao seu juizo sobre um livro de historia patria que teve a boa fortuna de agradar-lhe.

«O meu fim principal — resa sua penultima carta — é dizer-lhe que terminei hontem a uma e meia da madrugada

o primeiro volume do «Dom João VI»; e que não resisto, absolutamente, á anciedade de mandar-lhe o meu primeiro applauso. O primeiro capitulo desagradou-me; todos os outros, porém, captivaram-me, surprehenderam-me, e alguns, sobretudo aquelles onde revivem apagados aspectos do velho Rio de Janeiro, revelaram-me inesperados tons de estylo descriptivo com que eu de todo em todo não contava. Deve comprehender que dou, nestes dizeres, uma impressão incompleta — capaz de ser rectificada mais tarde. Mesmo o primeiro capitulo, que a massa dos assumptos torna pouco attrahente, talvez se mostre sob uma outra forma com a segunda leitura. Penso, por ora, o seguinte: se todo o livro progredir no crescendo do primeiro volume será innegavelmente, um grande livro.

Infelizmente o Felix Pacheco, julgando-me tolhido pelo celebre concurso, encommendou a José Verissimo o juizo critico que apparecerá no «Jornal». Digo «infelizmente», para mim; porque o sr. realmente tem tudo a lucrar com a substituição. Direi o meu juizo pelo «Estado de S. Paulo». Por ora, os outros jornaes permanecem mudos; e não maravilha tal silencio. Estamos num periodo de estereis e exclusivas preocupações politicas. Só se lêem — verdadeiramente — os entrelinhados do «Jornal», onde se desenha com a maior fidelidade, neste momento historico, a physionomia real da nossa gente. Ninguem lê; ninguem escreve; ninguem pensa. A mofina literatura nacional iraduz-se, naturalmente, numa vasta polyanthéa, a 100 réis por linha, de mofinas. De todo absorvidos no presente, ás voltas com os seus interessiculos, estes homens, tão descuidados do futuro, ainda menos curam do passado; e de certo não escutarão a grande voz do historiador que nos revela uma das phases mais interessantes deste

ultimo. Entretanto, quero crer que ainda haverá meia dúzia de espiritos capazes do esforço heroico de um rompimento com tanta frivolidade. E entre estes me aiinharei.»

. . . . .

A 25 de julho de 1909, pouco antes de ser assassinado, assim voltava ao assumpto: «O meu «D. João VI» mandei-o encadernar na Imprensa Nacional. Lio-o; e o crescendo, a que me referi em carta anterior, manteve-se até ao fim. Vou relel-o; e penso que até farei as pazes com o primeiro capitulo, tão brilhantes e admiraveis se me afiguraram os demais. Não é minha esta opinião. Outros já lhe devem ter dito que o successo foi excepcional; e se o espirito nacional não estivesse tão escravizado a uma dolorosa e nefasta preocupação... — o effeito seria muito maior. A prova — e é uma prova massiça, tangivel — é que o Briguiet está encantado; e a alegria de um livreiro, diante de um livro de alto preço, vale dez artigos de critica encomiastica. Eu espero que se aplaque um pouco a hysteria politica para dizer o que penso a respeito. O mesmo esperam Coelho Netto e outros. Se o sr. aqui estivesse, e visse, como vemos, que só se lêem «interviews» ou intrigas de politicagem, comprehenderia a nossa attitude. Não é o tempo que nos falta — é a serenidade para pensar noutra coisa alem do alarmante assumpto de todos os dias. Os mais indifferentes, como eu, estão contagiados do mal. Porque é uma doença, isto que ahi está, nas ruas, na imprensa e nas camaras, a agitar a nossa fraqueza irritavel...»

Adalgiso Pereira

*Euclides da Cunha*  
(*Páginas esquecidas*)

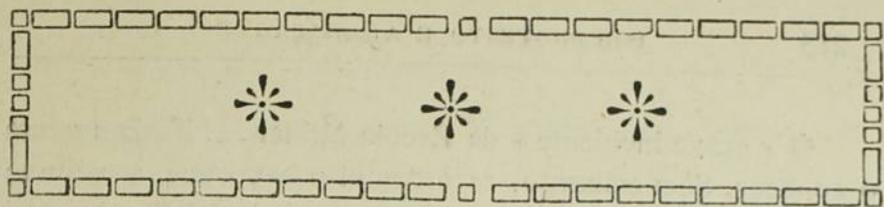
Artigos publicados n' *O*  
*Estado de S. Paulo*, em Mar-  
ço de 1918.

Historical Review

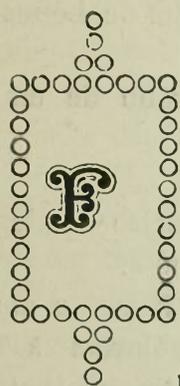
History of the Church

of the

of the



I



oi na antiga «Provincia de S. Paulo» que  
Euclýdes da Cunha fez o seu noviciado  
jornalístico.

Registrando-lhe a estréa, assim se ex-  
prime aquella folha—edição n. 4.124, de 29

de Novembro de 1888:

« *Questões sociaes.* — Nesta secção publicamos hoje o primeiro artigo de um novo collaborador da «Provincia». E' um moço de muito talento e de vasta illustração. Se quizessemos ser indiscretos, diríamos que o seu nome ainda ha pouco andou envolvido no grave incidente da Escola Militar do Rio de Janeiro, que se deu por occasião da visita que o ministro da Guerra fez áquelle estabelecimento. »

O « grave incidente » da Escola Militar . . . Toda a gente o conhece. Sem embargo, recordemol-o — porque a attitude nelle assumida por Euclides denuncia uma feição do seu temperamento.

Foi em 1888.

Activa e vigilante, alastrava-se por todo o paiz a propaganda republicana, trazendo os animos, de norte a sul, num rebate permanente.

O throno, já de si combalido, diariamente recebia, daqui, dalli, dacolá, tremendas camarteladas — rhetoricas, é certo, mas nem por isso de todo innocuas, porque muitas dellas. varando-lhe o madeiramento carunchado, iam por vezes apisoar, com desplante sem exemplo, os mais respeitaveis melindres dos proprios membros da familia imperante . . .

. . . Senão quando — annuncia-se a volta de Lopes Trovão á capital do Imperio.

O ardoroso tribuno repatriava-se, ao cabo de um exilio voluntario de seis annos.

Era um acontecimento esse regresso.

« De Pernambuco até o Rio de Janeiro — informa a « Provincia » — a sua viagem foi um triumpho ».

Comprehende-se que realmente assim fosse, a considerarmos não só as sympathias que lhe aureolavam a figura, mas ainda o incremento que, na sua ausencia, havia tomado o ideal de que, annos atrás, elle se fizera pregoeiro e paladino irreductivel.

Emfim a 3 de Novembro, entra a bahia de Guanabara o « Ville de Santos », a cujo bordo vinha o indefeso demagogo.

A Escola Militar — reducto da Idéa Nova — associa-se ás expansões de jubilo com que o povo o recebe. Do alto dos baluartes os alumnos o acclamam, acenando-lhe com lenços. Defensores jurados da Corôa a victoriar um adversario —

era espectáculo inconcebível. Tamanha indisciplina reclamava punição correspondente.

Com effeito, não se fez esperar o correctivo: para logo baixava da autoridade competente uma prohibição aos alumnos — de sahirem no dia seguinte.

Estava « impedida » a Escola.

Evidentemente, o alvitre visava a cohibir os estudantes de tomar parte nas manifestações ao destemido propagandista republicano. Entretanto, coroavam-no os seus propugnadores com um pretexto de ultima hora: o da visita, á Escola, do ministro da Guerra, conselheiro Thomaz Coelho.

Como era de prever, porém, os rapazes, não se conformaram com a determinação dos superiores, e desde logo se conchavaram para uma solemne demonstração de rebeldia.

Nesta disposição, chegado o ministro, ao envés de acudirem á voz de « apresentar armas » — zás: deixaram rolar por terra as carabinas.

Sensação!

Um delies, mais exaltado, foi mesmo um pouco além: « quebrou a baioneta — narra a « Provincia » — e atirou com ella para o lado do ministro, que teve de desviar-se para não receber nas pernas o choque da arma partida ».

Aqui ha um pequenino equívoco.

Rectifiquemol-o.

« *Quebrou* a baioneta... » — diz a « Provincia ». Relatando o mesmo facto tres dias depois, um jornalista da época — hoje com assentamento na Academia Brasileira — em chronica estampada na referida folha, sob o pseudonymo « Filindal » diz que « Euclides da Cunha « dobrou » a baioneta e rejeitou-a aos pés do sr. Thomaz Coelho... »

A verdade está neste ultimo depoimento.

De feito, annos volvidos sobre o caso, confessava Euclides a um amigo que a sua maior humilhação em toda aquella emburilhada de que fôra « pars magna », consistira em não ter elle tido forças para quebrar a arma que arremessara . . .

Como quer que seja, propalando pela « Gazeta de Noticias » e largamente commentado por todas as folhas coevas, o incidente teve a mais ampla repercussão no paiz.

Debalde o desmentiu no senado o conselheiro Silveira Martins, que acompanhára a Thomaz Coelho na sua maletreada visita ; em vão identico desmentido era levado á Camara em carta do ministro desacatado ao sr. Costa Pereira, titular da pasta do Imperio : — uma « ordem do dia » do general José Clarindo de Queiroz, commandante da Escola Militar, prescrevendo rigoroso castigo aos insubordinados, cabalmente confirmava os acontecimentos de já o publico se havia inteirado por miudo.

Resultado : Euclides, o « estudante da baioneta » — expressão por que o designa um dos editoriaes da « Provincia », folha onde o seu nome, no correr dos successos, apenas apparece na mencionada chronica de « Filindal » — a principio recolhido á enfermaria, por « super-excitado » ( « louco » chamou-lhe Silveira Martins, no Senado ), foi, em seguida, desligado da Escola, passando-se então para S. Paulo.

Dias depois, inseria a « Provincia », a seu respeito, a noticia que acima se transcreve.



A collaboração de Euclides na « Provincia » cifra-se em treze artigos. Avulsos os dois primeiros — « Revolucionaria

rios » e « 89 » — subordinam-se os oito immediatos á epigraphé geral — « Actos e palavras ». Publicado o ultimo desta série, noticia a « Provincia », n. 4.147, de 27 de Janeiro de 1889.

« *Euclides da Cunha.* — Segue amanha para o Rio este talentoso ex-alumno da Escola Militar. O sr. Euclides da Cunha, que vae concluir o curso de engenharia na Escola Polytechnica, prometteu enviar-nos com regularidade correspondencias politicas. As paginas da « Provincia » já por diversas vezes têm sido honradas com a brilhante collaboração do distincto moço. Pertencem-lhe todos os artigos que têm sahido com o pseudonymo « Proudhon » e que tanto têm agradado aos nossos leitores.

Desejamos boa viagem ao sr. Euclides da Cunha e cordialmente lhe agradecemos o poderoso auxilio que nos tem prestado. »

A promettida regularidade na remessa de correspondencias politicas reduziu-se a mais tres artigos, respectivamente dados a lume a 17 de Maio e a 22 e 28 de Junho de 1889.

O primeiro — « Da Côrte » — assignado por extenso. Os dois restantes — « Homens de hoje » — trazendo as iniciaes E. C.

Depois disto abre-se um largo parenthesis na actividade jornalística de Euclides — parenthesis apenas entre-fechado, por momentos, sob o governo do marechal Floriano, quando o escriptor se sentiu obrigado a protestar (o que fez pela « Gazeta de Noticias ») contra a iniqua proposta, apresentada por um dos mastins do governo, de se trucidarem os presos politicos, caso viesse a cidade a ser bombardeada pelos revoltosos de Setembro.

Euclides reaparece, finalmente, por occasião da campanha de Canudos, subscrevendo artigos datados do campo

das operações, para onde elle seguira, com o fim de acompanhai-as, por iniciativa do «Estado de S. Paulo» — jornal a que seu nome, como vimos, se vincuiára já nos ultimos dias do regimen transacto.

Dahi por diante. os seus livros — *Os Sertões*, *Contrastes e Confrontos*, *Perú versus Bolivia e A' margem da historia* — se succedem a pequenos intervallos, firmando o autor no elevadissimo posto que, nas letras indigenas, desde o inicio lhe consignava o seu valor excepcional.

## I I

Euclýdes da Cunha offerece-nos, em verdade, o exemplo raro, aqui como alhures, de um escriptor que desde os primeiros ensaios se apresenta ao publico — para dizer alguma coisa.

E' um escriptor que pensa.

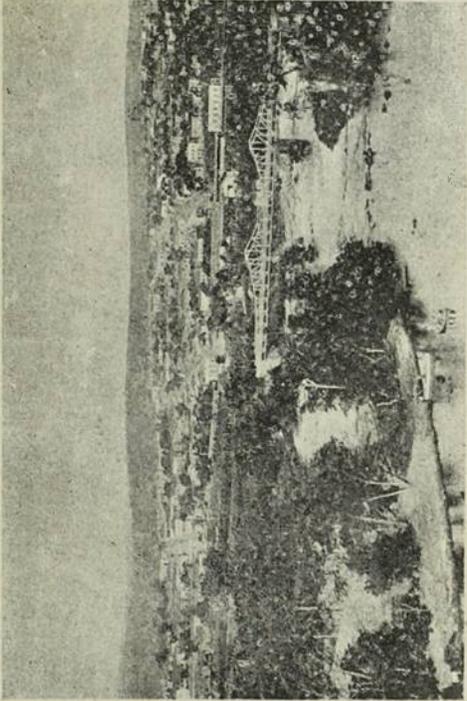
Acabo de reler os seus treze artigos da «Provincia de S. Paulo».

São artigos de combate ás instituições monarchicas — são artigos doutrinaes, em que se estadeia, irresistivel, o ardor e exuberancia de um temperamento pugnaz, no pleno dezabrochar da juventude.

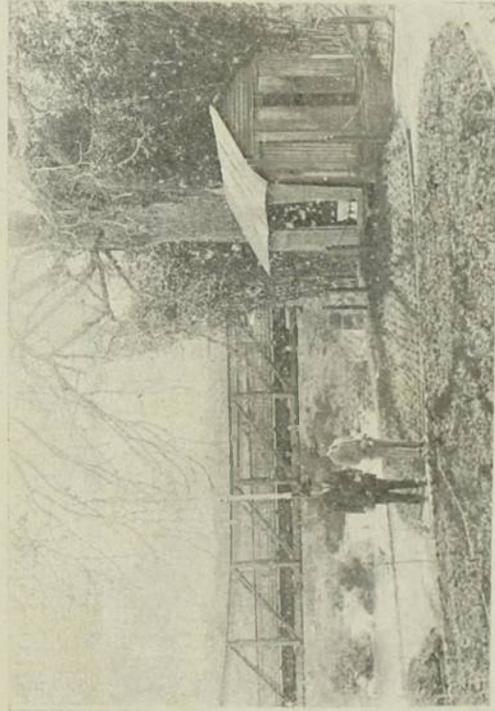
«La lingua é di chi la strapazza» — dizia Vittorio Imbriani. Euclýdes, nessa phase, é um grande «strapazzatore» da lingua.

Uma syntaxe claudicante — uma pontuação impossivel!

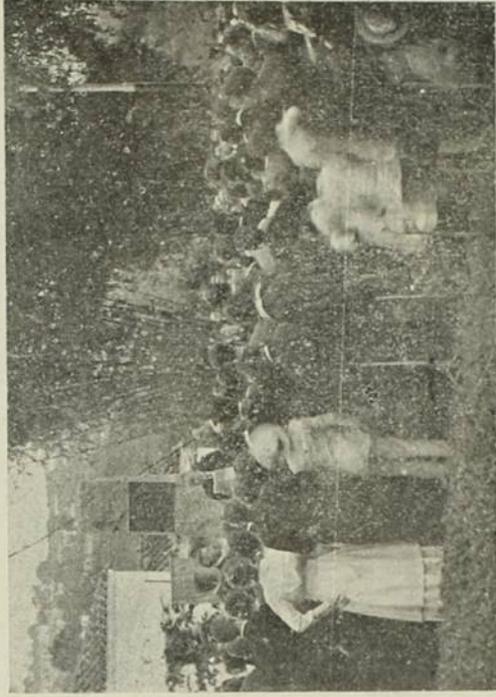
Através disto, entretanto, já se lobriga o futuro pamphletista-poeta e sociologo de «Os Sertões», com todos os



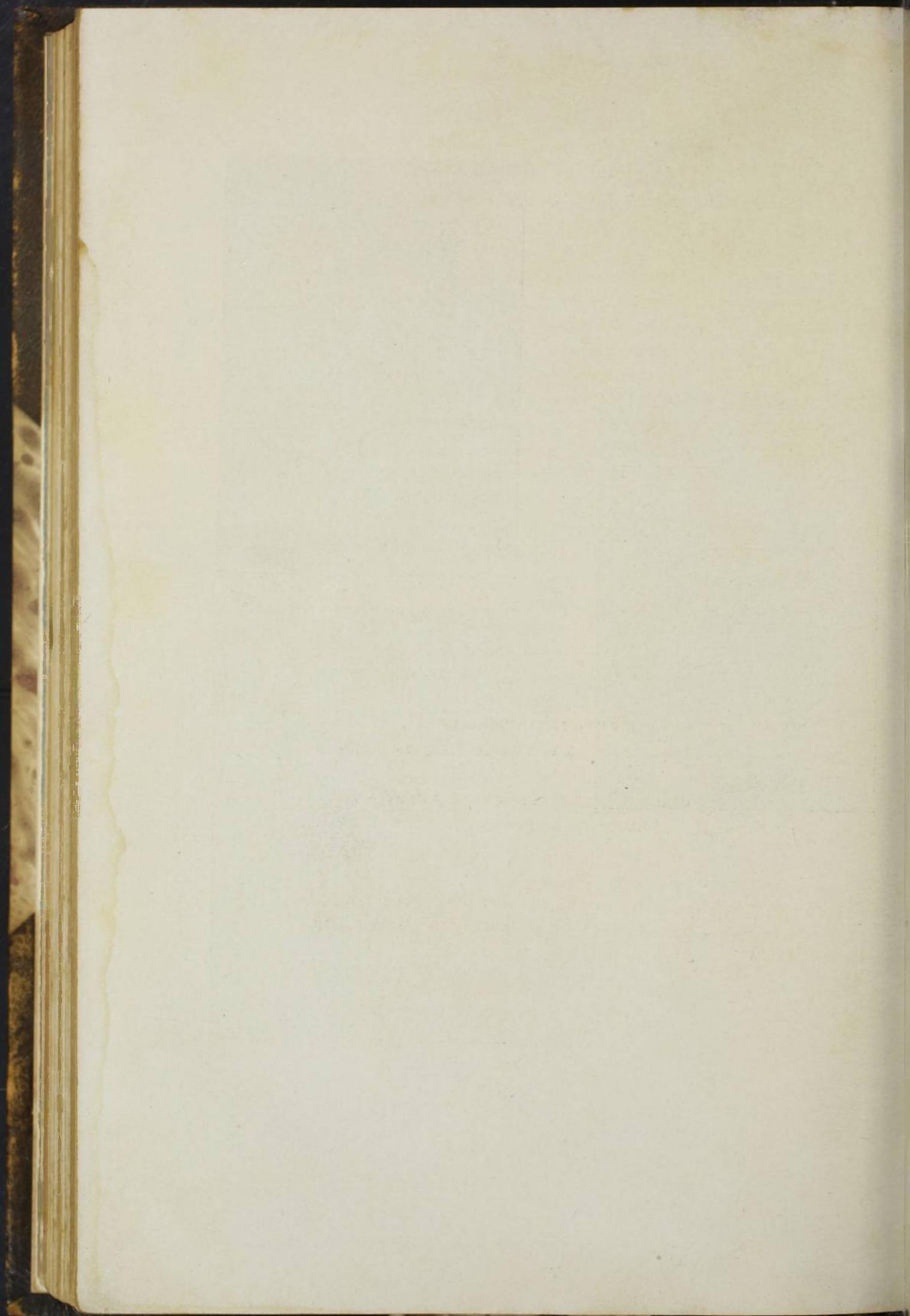
I). Vista Geral



II). Ranquinho d'Os Sertões



III). Vicente de Carvalho inaugurando o monumento



caracteristicos que o extremam do commum dos plunitivos coetaneos, recortando-lhe nitidamente uma personalidade á parte: rectidão no pensar, sinceridade no sentir, resolução no agir, segurança no ataque, promptidão e vigor na de-feza — e ataque poderosamente movimentados por um estylo de periodos curtos, não raro conceituosos, paradoxaes por vezes, sempre rutilos, incisivos, golpeantes.

Veja-se, por exemplo, o artigo com que se inaugura («Provincia» de 10 de Janeiro de 89) a secção :

« Como preambulo a esta secção — definamo-nos.

« Não nos destinamos á imprensa.

« Os artigos aqui escriptos exprimirão parenthesis abertos em nosso estudo e tornal-os-emos reflexos delle.

« Excluimos o estylo campanudo e arreatado.

« A idéa que nos orienta tem attributo caracteristico das grandes verdades — é simples.

« Estudal-a — é uma operação que requer mais que as fantasias da maginação — a frieza do raciocinio.

« Analysal-a, dia a dia, é uma coisa identica á analyse da luz, é preciso que se tenha no estylo a contextura unida, nitida, rigida e impolluta dos crystaes.

« Lutar por ella, desenvovel-a, fixal-a no seio da nossa nacionalidade é fazer a todo o instante, continuamente — appello á orientação segura do raciocinio.

« Nessa luta ideal, pois, apaixonar-se — é enfraquecer-se.

« Indignar-se — é tornar-se indigno.

\*

« A democracia, que é antes de tudo uma idéa altamente séria, começa a receber o ataque grotesco dos marotos assalariados.

« Não podendo feril-a num combate leal — frente a frente — a plutocracia mal disfarçada declara-lhe a campanha do descredito.

« A victoria consiste nisto — desmoralisar.

« Diante da palavra de Silva Jardim põe escandalosamente a navalha dos capangas.

« Ante a postura rectilinea de Quintino Bocayuva — as contorsões tristemente ridiculas do sr. Patrocínio.

« Em frente da Patria — a guarda-negra.

« Diante de tudo isto — o republicano, o revolucionario brasileiro, não só pelo antagonismo natural da posição, mas sobretudo pela propria essencia dos seus principios, deve-se conservar — austero e inflexivel.

« Precisa destruir e tendo espirito bastante para reconhecer que a verdade — é nas sociedades decadentes, elemento de destruição — adopta-a.

« De facto, para defender-se e offender — basta isto — dizer a verdade.

\*

« Dil-a-emos.

« Para sermos invencivels na posição que occupamos basta-nos registrar os actos e palavras dos partidos que se degiadiam.

« Fal-o-emos comtudo através do nosso temperamento.

« Escreveremos — um depoimento-libello.

« Seremos — testemunha e juiz » — *Proudhon*.

\*

De parte as allusões pessoaes que ahi se encontram e que, até certo ponto, a agitação da lide justifica — tal é a totalidade geral dos restantes artigos de Euclides.

Essa pagina define-o. Define-o intellectual e moralmente.

Moralmente — ahi o temos na sinceridade das suas convicções, na coragem das suas affirmativas, na lealdade da sua attitude e, acima de tudo, na inquebrantavel austeridade, de que, aliás, a sua vida foi um exemplo permanente.

O qualificativo « rectilíneo », applicado á postura de Quintino Bocayuva, frequentemente lhe volta á penna, como um reflexo da attitude por elle sempre mantida perante a propria consciencia.

Intellectualmente — ahi está o « sonhador » ( elle mesmo assim se qualifica, num dos artigos subsequentes ) reduzindo quasi que á condição de idéa pura uma concepção social e enfrentando-a pouco mais ou menos como uma simples abstracção.

Percebem-se-lhe em tudo isso os vinte e dois annos de idade. Moço, avido de cultura, cheio de aspirações humanitarias, entusiasta do ideal democratico ( a cuja chamma, alimenta no diuturno convívio dos seus autores predilectos, lhe crepita o cerebro poderoso ), afastado das realidades circumdantes, e, por isso mesmo, ainda não polluido pelo contacto dos luctadores mais « praticos » — Euclides theorisa com a serena segurança de quem circula num mundo onde prevalecem as idéas e os principios.

Encerebrado de Positivismo — a « coqueluche » da época — para elle a politica emana de uma sciencia tão positiva como a mathematica e a chimica, e, como qualquer dellas, repelle objectivações que a desvirtuem. Conceitual-a, pois, ou desconceitual-a, como o fez Francisco Octaviano, chamando-lhe « messalina hysterica » é, ao seu parecer, « monstruosidade » idêntica á que commetteria quem alcunhasse a chimica de « mysteriosa hetaira » ou a mathematica de « volúvel cortesán ».

Já então, achava elle que no Brasil não havia politica. O que havia era um «partidarismo infrene». Aquella é — «a applicação de conhecimentos que os nossos pseudo-politicos não têm nem podem ter». Este ultimo — «reunda, afinal, numa tristissima conspiração contra os caracteres».

«Conspiração contra os caracteres!»

E' isso mesmo. Nem ha refutal-o. Pelo contrario — transcorridos trinta annos sobre essas linhas, a verdade por ellas expressa ainda se mantém integralmente, porventura aggravada, para maior vexame nosso, pelas circumstancias ambientes.

Politica . . . partidarismo . . . *Conspiração contra os caracteres!*

\*

Está visto que o feitio intellectual e moral de Euclides o inhibia de adherir a semelhante «conspiração».

Comtudo, nessa época, a politica o seduzia. Seduzia-o, porém, como cultor da sociologia, como doutrinador, como homem de gabinete, a quem escapam, por deficiencia de observação directa, as materialidades rasteiras em que descambam as mais puras idéas — uma vez cahidas no dominio de toda gente . . . Assim, imagine-se a que decepções não estaria fadado, se se houvesse resolvido a militar na politica, quem, commentando a opinião de adversarios que affirmavam a não existencia do *partido* republicano — se exprimia por esta fórma:

«Não constituimos uma aggremação de individuos, que impellem violentamente uma opinião para esmagar um throno — afastamo-nos deste pelo impulso de uma Idèa. Certos, profundamente convictos de que o regimen actual é em sua

essencia estacionario, para destruil-o, para livrarmo-nos delle, nos basta uma coisa simplissima — fazer caminhar a patria!...»

« A propaganda republicana, theoreticamente, tem antes de tudo o character doutrinario de um apostolado; forte e racional, cingida do systema geral de seus principios, tem para impellil-a, a força que se deriva da inteira adopção destes ás necessidades actuaes; empiricamente, longe de exprimir a actividade de uma facção partidaria é o reflexo, no mundo politico, de um movimento social ou antes — de uma transformação; como tudo na natureza as nacionalidades se transformam e ella representa o estado intermedio, de transição— entre uma decomposição e uma recomposição. »

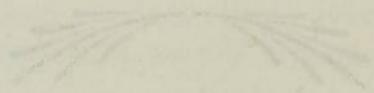
Não se pôde ser mais idealista. Emfim - aos vinte e dois annos... Felizmente para Euclides, e para os que lhe cultuamos a memoria, as letras o desviaram da politica militante. Salvaram-no! Graças a essa auspiciosa circumstancia pudemos ter, ao revés de mais um irremediavel desilludido dos homens e das coisas patrias — um exemplar de altissima intellectualidade, cuja gloria, indisputada e indisputavel, sobrepaira a todas as pequenezas circumjacentes...



existem categorias, tal qual a realidade, para serem nomeadas.

... a linguagem científica, portanto, tem como de-  
todo o caráter de um instrumento de trabalho; e todo  
seu conteúdo de expressão está de algum modo, em sua  
essência, a ser definido pela própria atividade de  
investigação científica; e, portanto, a linguagem de  
investigação científica é o reflexo do mundo po-  
tencial de um movimento social em curso - de um transi-  
ção; como tal, ela não se trata de um instrumento de  
trabalho e da expressão e da atividade de trabalho -

... não se trata de uma linguagem idealizada, mas sim de  
uma linguagem que se desenvolve e que se transforma  
em função da atividade de trabalho e da atividade de  
investigação científica. Portanto, a linguagem de  
investigação científica é o reflexo do mundo potencial  
de um movimento social em curso - de um transi-  
ção; como tal, ela não se trata de um instrumento de  
trabalho e da expressão e da atividade de trabalho -



... a linguagem científica, portanto, tem como de-  
todo o caráter de um instrumento de trabalho; e todo  
seu conteúdo de expressão está de algum modo, em sua  
essência, a ser definido pela própria atividade de  
investigação científica; e, portanto, a linguagem de  
investigação científica é o reflexo do mundo potencial  
de um movimento social em curso - de um transi-  
ção; como tal, ela não se trata de um instrumento de  
trabalho e da expressão e da atividade de trabalho -

---

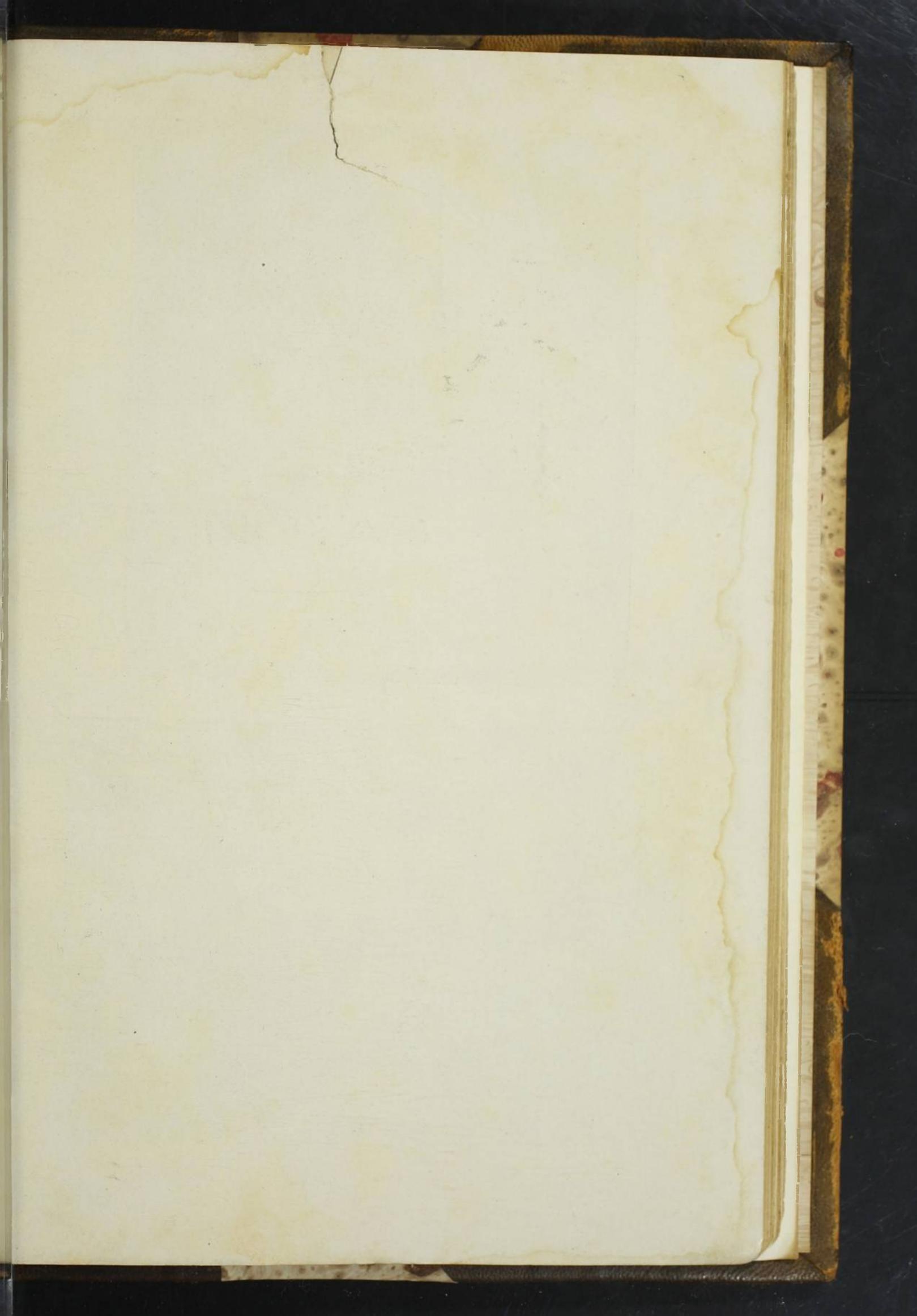
NOTAS

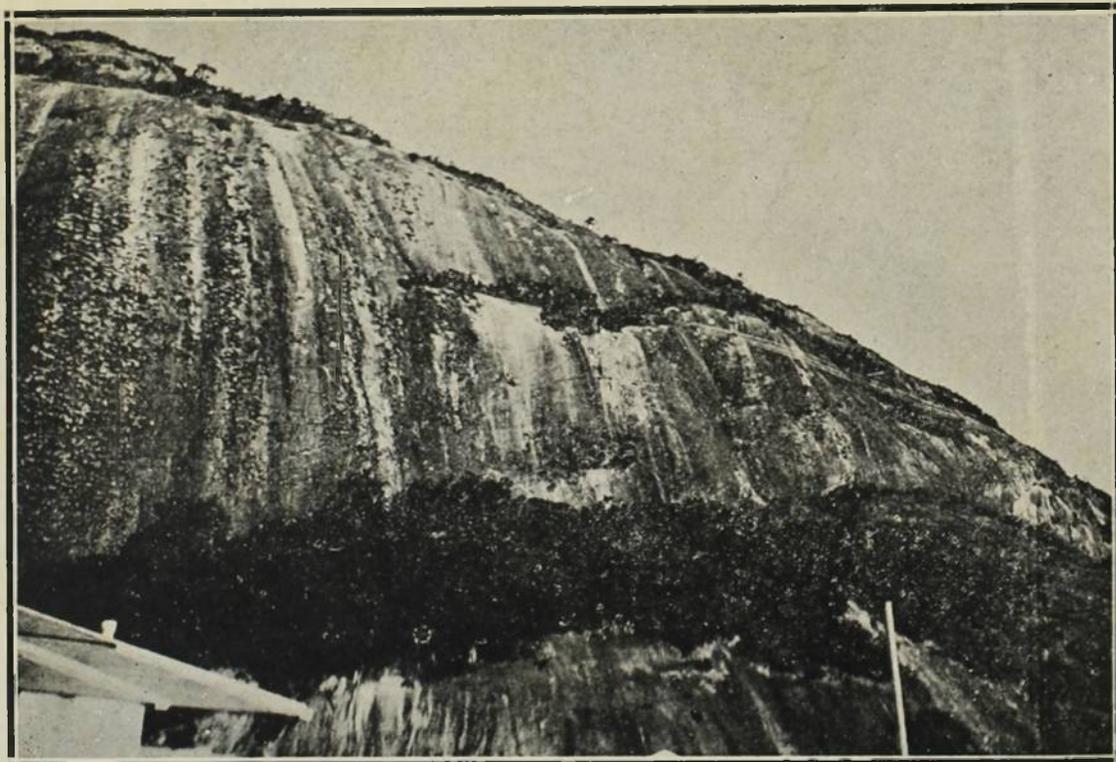
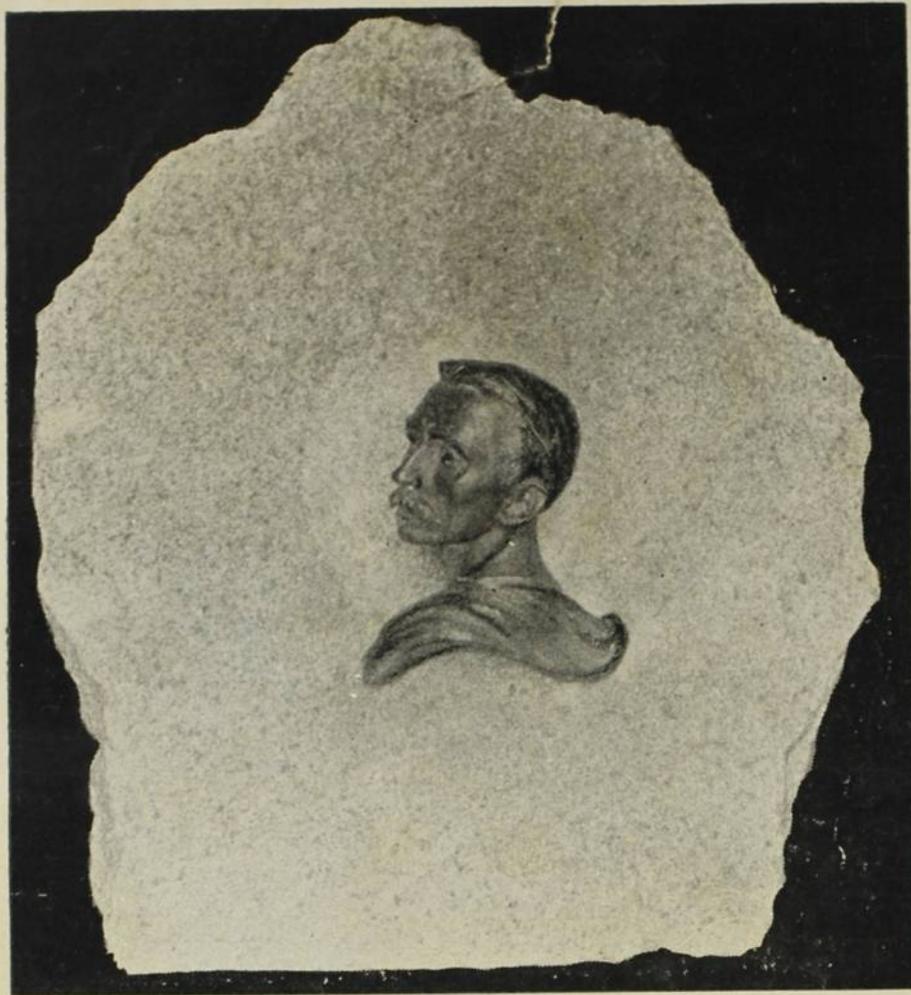
---

---

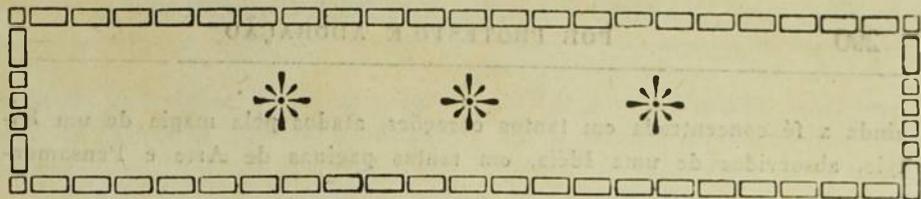
NOTAS

---





Esboço de Corrêa Lima e local do monumento, na Babilônia.



## Commemorações Euclýdeanas

"Quizestes acreditar nas forças eternas do Bem, da Razão e da Justiça. Afogados no tranquiernio de uma nação espasmada no Vicio, na Mediocridade e no Esquecimento, a vossa juventude e a vossa crença reclamavam um consolo e um punhado de protestos. Na vossa adoração não afianças sómente uma supervivencia. Approximaste-vos deste tumulto com a cega piedade de peregrinos de Méca e a sêde ardente de reclamantes por uma reparação necessaria e infallivel. Nem tudo está perdido. Os horizontes não estão vasio. A saudade falla e egoismos ha que se torcem na indiferença ou no remorso.

Bemditos os passos que déstes a este canto do paiz da morte, quando mais facil, mais commodo e mais proveitoso seria a comparencia ao anniversario de um paredro ou uma despedida para a Europa do machucho politico do dia. Junto a este comoro ha um banquete de pavorosa soledade; a terra que pisamos é um cães de embarque desagradavel e forçado. A vossa dedicação cultural approxima-se, com resolução e enthusiasmo, de um santo e de uma victima. Tendes um sonho religioso. Grande foi o que dorme aqui. Tem elle a força de apurar estas saudades, despertando

ainda a fé concentrada em tantos corações, atados pela magia de um Estylo, absorvidos de uma Idéia, em tantas paginas de Arte e Pensamento puros.

Euclides da Cunha! Nas quatro parêdes em que esperaes a radiação da Luz Eterna, a que ha de resplender para reflectir-se na consciencia vasta de um pobre povo, perdido e soffredor na lucta pelo Pão e pela Verdade, recebe, dôce mestre, alma diamantina e sem jaça, Coração de amor perdido, as homenagens de um pequeno grupo de amigos e admiradores, designados em commissão por mandato do que a humanidade, entre nós, ainda goza de honesto e de devoto, de sensível e de desinteressado, num triste meio de infausto olvido e covardias applaudidas e perdoadas.

Boa noite, Mestre, dorme socegado, Amigo!... Coração de amor perdido."

Esta, a oração inicial de nossa campanha, disse-a Alberto Rangel, á beira da sepultura 3026, de S. João Baptista, em 15 de Agosto de 1913, quatro annos decorridos sobre a morte de Euclides da Cunha.

Estes quatro annos passaram sobre a sua memoria, não como de esquecimento, mas da mais triste lembrança, pejados de infamias, pronunciadas e impressas, em que a sociedade brasileira, pusilanime, nas reacções da dignidade, encontra resalvas ao crime impune e inulto applaudido porque silencia, a audacia de um rabula repugnante e amoral, cujos recursos de defeza só têm limite a preço fixo.

Durante este periodo, raro se ouviu uma voz, que bradasse a pról de um homem que viveu sempre no sacrificio dos sentimentos mais puros, que nobilitam e aformoseam a vida.

A tentativa para responder de alguma sorte a estas recordações tristes e amargas, erguendo-lhe uma lembrança perpetua, teve a presidência o Barão Homem de Mello, mas mallogrou sem nada conseguir.

S. Paulo, justamente o eterno bandeirante dos nossos ideaes, acompanhou a iniciativa do Rio, proseguindo sob o patrocínio prestigioso d' "O Estado de S. Paulo", tendo mais tarde contribuido para o monumento de S. José do Rio Pardo, o resultado obtido.

O Gremio Euclides da Cunha, fundado no Collegio Pedro II, que lhe vio os ultimos dias de actividade, logo após a morte do seu Patrono, com

a ficção costumeira destas associações, sem proposito firmado, senão colher os primeiros ensaios e tentamens, no aconchego das primeiras afecções.

Quando em 1913 recebeu a direcção de Alberto Rangel já tinha esboços imprecisos da campanha futura, cujas bases se iam então firmando, na comprehensão, cada vez maior, da obra e da vida euclýdeana. Deu então Alberto Rangel fórma crystallina a este desejo vago ainda de glorificar Euclýdes da Cunha.

Mostrou, ante a sua sepultura, o homem moral que elle fôra, maior que o outro, de intelligencia que o Brasil consagra sem restricção, e neste mesmo dia, 15 de Agosto de 1913, pronunciou as paginas magicas da sua conferencia "Um pouco do coração e do character".

A pervicacia do seu culto á memoria do companheiro e amigo dilecto, deu formula nitida ao nosso, resumindo-a nas duas palavras sagradas: "*protesto e adoração*".

*Protesto* que temos realizado, a toda a hora, seja na defesa incessante da sua memoria, seja neste mesmo endereço, na colheita de dados da sua vida publica e privada, na reunião de seus papeis intimos, que tudo isto brada bem alto contra as accusações que lhe atiram, anonymas e acobertadas de irresponsabilidade.

*Adoração* na construcção, dia a dia, a pouco e pouco, do seu antemontamento, que se constitue de larga disseminação da sua gloria, realizada pelas conferencias, em que solicitamos o esclarecimento dos intuitos e valor da sua obra, brasileira e humana, patriotica e social, que lhe daria e dará talvez preeminencia no mundo do pensamento, quando preeminente fôr o Brasil no mundo politico. *Adoração* publicando-lhe a obra esquecida, reunindo a que estiver dispersa, documentando de todas as maneiras os seus 43 annos de trabalhos, luctas, magoas e padecimentos, supportados na dignidade do recato do seu orgulho.

Quando pois se erguer na encosta da Babylonia o busto magnifico do Mestre dilecto, teremos já feito um pedestal maior "por protesto e adoração."

S. José do Rio Pardo, Cantagallo e o Museu Nacional do Rio de Janeiro, são os pontos maiores do resgate da grandes divida do Brasil com Euclýdes da Cunha.

## Mecca de Euclideanismo

S. José do Rio Pardo foi a primeira pausa espiritual, de relativo repouso, que permittiu a Euclides da Cunha a sua grande revelação. Os esboços que déra, até então informes e esparços, exigiam-lhe o perfil definido e destacado que surgiu mais tarde; mas só uma empreza do vulto agigantado d'“Os Sertões”, seria capaz de abrir-lhe ambito bastante á sua cultura e á sua arte.

Vindo da scena horrída da campanha, onde presenciára o grande crime, assumira de si para si, o compromisso nobre de reter o testemunho honesto do heroismo obscuro da gente sertaneja, na correspondencia que de lá enviava ao “O Estado de S. Paulo”, 24 artigos admiraveis.

A sua vida de labutar sem descanso forçava-o a peregrinação continua, com que se suster. Uma ponte em S. José do Rio Pardo ruiu, um mez após armada e entre os engenheiros do estado que foram a examinal-a, estava Euclides da Cunha, a quem foi confiada depois a reconstrucção.

O trabalho technico seria somenos, não fôram as condições em que o realizou: o aproveitamento de todo o material, que se achava completamente deformado, isso sem os recursos de installações providas, mas no improvisado de uma rude officina e de uma tenacidade invencivel.

Durante 3 annos ahi trabalhou sem pausa, dirigindo e providenciando tudo, da tosca barraquinha de madeira e zinco, que construiu sob uma paineira encantadora.

A leitura de depoimentos menos rigorosos sobre Canudos despertou-lhe o desejo de escrever-lhe a historia honesta e proba.

Começou a reunir a sua correspondencia para o Estado, que não conservara, obtida com o Dr. Lafayette de Toledo, a ordenar as notas de seus cadernos, que continham os instantaneos das suas impressões testemunhaes. “Escripto nos raros intervallos de folga de uma carreira fatigante”, perdendo a oportunidade de uma simples narrativa da campanha, deu-lhe a feição maior que o immortalisou. O estudo da terra, dos homens que ella formou á sua inagem e semelhança, do homem que estes

outros homens focalisaram, era tarefa de coordenação para a sua cultura e para o seu genio. Longe do conforto de mobiliado gabinete, de opulenta bibliotheca, foram-se compondo aquelles capituls estupendos. A exegese destas paginas, pelas notas miudas e dispersas dos seus cadernos intimos, onde copiava trechos inteiros de auctores predilectos, informes de toda sorte, é um trabalho delicioso. Em Casa Branca um dos seus melhores amigos, Francisco Escobar, foi buscar "A Flora", de Martius e traduzir o latim, que lhe era extranho. E assim, aqui e alli, ora no ranchinho, á beira da ponte que se refazia, ora em casa, foram-se architectando aquellas peças monumentaes. A' noite costumava lêr á roda destes amigos os capitulos escriptos. Eram Francisco Escobar, Adalgizo Pereira, José Honorio de Sylos, Waldomiro Silveira, Humberto de Queiroz e poucos mais. E' conhecido o episodio do "estouro da boiada".

A' medida que a ponte se reconstruia tambem caminhavam "Os Sertões". Em 1901 ultimada aquella, tambem estava concluido o livro monumental.

Voltando á sua "engenharia andante", mudou-se para S. Carlos do Pinhal.

Começa, em S. José do Rio Pardo, dahi por deante, o culto ao seu nome, desde a ponte que o tem em duas placas commemorativas, até a barraquinha carinhosamente conservada, como elle a deixou. Este culto augmentou á sua memoria. A pequenina villa do outro lado da cidade tem hoje o seu nome, um collegio tambem o conserva e a 18 de Maio de 1918, data da inauguração da ponte, a palavra carinhosa e amiga de Vicente de Carvalho, inaugurou-lhe o monumento, com que S. José do Rio Pardo perpetuou a sua gratidão por Euclides da Cunha.

Junto á ponte e á barraquinha, que conserva a propria meza tosca em que escreveu muitas paginas d'"Os Sertões", num recanto lindamente ajardinado, sobre uma pedra rosea, acha-se gravada a placa de bronze, com a sua imagem votiva.

A gloria de Euclides da Cunha, por ser brasileira, deve ser paga pelo Brasil inteiro, que elle amou e a que serviu; mas antes que assim se faça, todos os recantos, onde pulsaram os sentimentos de seu coração generoso e as vibrações de fulgor de sua intelligencia, far-lhe-ão estas homenagens affectivas e tocantes, que lhe consolarão meigamente a memoria, bemdizendo-a e bemquerendo-a...

## Sala Euclides da Cunha

"Euclides da Cunha foi o novo bandeirante de uma nova entrada pela alma da nacionalidade brasileira" — eis uma phrase feliz do Prof Afranio Peixoto.

E bandeirante nos nossos dias, seguiu, com o mesmo destemor e bravura indomita, mas com a cultura de hoje, para levar longe nossas fronteiras e trazer perto nossas riquezas, moraes e intellectuaes.

Só depois d'elle, intensamente ao menos, foi que se começou de um modo integral, na variedade complexa de todos os seus aspectos, a comprehender a necessidade desse nacionalismo sadio, que exige a base solida da moral commum...

Esta obra de apostolo da nossa nacionalidade, elle a começou trazendo, no carinho immortalizador da sua penna, rudes patricios, esquecidos e abandonados, cujas qualidades sublimadas desappareciam e cuja formação estudou como ninguem.

Pretendendo recolher documentos dessa nossa gente ao Museu Nacional, casa onde se vae abreviando um summario das characteristics do Brasil, a secção de Ethnographia resolveu, por proposta do nosso prezado Mestre e Socio Honorario, Dr. Roquette Pinto, dar o nome de Euclides da Cunha á sala dessas collecções, "prestando uma homenagem á raça, integrada no genial fundador da ethnographia sertaneja". Raça a extinguir-se ou raça capaz de impôr-se um dia como senhora dos destinos do Brasil, essa homenagem que se lhe presta é uma affirmação de consciencia collectiva, e não sabemos quem melhor a saberia pronunciar do que o Dr. Roquette Pinto, benemerito professor daquela Casa e fóra della, até além de nossas fronteiras, glorificador da intellectualidade brasileira.

Quanto á memoria que cultuamos, essa consagração scientifica, de um estabelecimento de tal responsabilidade e criterio, vale pelo accrescer a obra euclidea de novas benemerencias.

Além disso, o carinho com que alli cercaram o nome do nosso Patrono merece ser referido como valorosa coparticipação do nosso culto. No armario, onde se guardam os objectos de Canudos, foi collocado o re-

trato do seu grande Historiador, o mesmo retrato com que nós concorriamos, quasi ao mesmo tempo á outra sagração de Euclides em S. José do Rio Pardo. Como se tudo isso não bastasse, o Dr. Roquette Pinto, de accordo com o Dr. Afranio Peixoto, que piedosamente o guardára, fez recolher á mesma sala o cerebro de Euclides, que se achava no Gabinete Medico-Legal. Referindo-nos a esses factos exprimimos o nosso commovido agradecimento.

De accordo com o programma da sua campanha brasileira de glorificação ao seu Patrono, o Gremio resolveu, desde 1916, concorrer com os seus esforços para colher material sertanejo, com que enriquecer as collecções do Museu. Neste sentido offereceu a 6 de Junho daquelle anno, dia em que se inaugurou a sala Euclides da Cunha, um cinto de jagunço, trazido, pelo proprio Euclides, de Canudos, presente do Dr. Octaviano Vieira, e dois objectos offerecidos pelo Dr. Pacheco Leão: um cornimboque e uma faca sertaneja.

E, assim, daqui por deante, agradecendo a homenagem que lhe consagrou o Museu Nacional, iremos, com a ajuda dos socios correspondentes que contamos nas mais variadas regiões do Brail, concorrer para que se perpetuem como eloquentes documentos, estas lembranças dos sertões brasileiros, de que Euclides da Cunha foi o inexcédível historiador.

---

## Cantagallo

Se, por toda a parte em que Euclides da Cunha passou, no exercicio de sua actividade laboriosa e patriótica, deixou o brilho de sua memoria querida, não poderia ficar sem lembrança a terra de seu berço.

Cantagallo, perto de que, em esquecido recanto da Santa Rita do Rio Negro, na Fazenda da Saudade, nasceu Euclides, ergue-lhe, em sua praça principal, uma herma votiva, para fixar a todos o filho querido que de lá se fôra, para a desventura e para a gloria.

Confiada á dedicação de euclideanos de boa tempera, a execução a bom termo desse empreendimento, vem cada vez mais nacionalizar a campanha pró-Euclides da Cunha, justo sendo que a vóz de seus conterraneos

dêsse um dos primeiros brados. Seu organ foi dos melhores possiveis, confiado ao dr. Cortes Junior, em magnifica oraçãõ, menos um discurso banal de inauguraçãõ, que programma e esboço de um trabalho excellente sobre Euclides como centro cyclico do mais sério movimento nacionalista do Brasil.

Quando será que se possa dizer desta herma, como elle proprio disse da outra, de Castro Alves, que "alevantada ao mais intrepido dos nossos pioneiros do ideal, germinará estatuas?"

Neste dia, de um Brasil gratidão e memoria, em cada recanto, desde Cantagallo, sua terra natal, até os rincões da Amazonia, terra á prova do seu heroismo, ou ao Rio, terra da sua morte dolorosa, haverá uma lembrança symbolica e votiva ao mais nobre, ao mais digno, ao maior de todos os fluminenses.

---

## Archivo Euclideano

Enquanto que prepara o monumento da Babylonia, o Gremio Euclides da Cunha vem reunindo, em archivo que é um relicario, o precioso legado de cadernos, livros annotados, versos e photographias do seu Patrono, nos quaes se gravaram traços imperdiveis da sua personalidade, transbordante ainda da obra que a immortalizou.

Quem conhecer, porém, a vida errante do trabalhador infatigavel, que nem lhe teve, a minorar as vicissitudes da profissão instavel, um lar que o cercasse de serenidade e soubesse respeitar o seu espolio para transmiti-lo ao paiz, seu legitimo herdeiro — este avaliará o que de difficuldades vencidas representa a somma de papeis euclideanos, que o Gremio pôde actualmente expôr.

Reuniu-os em beneficio do Coraçãõ que nelles bate immaculado e do Genio que, para os olhos da boa critica, tem nelles confirmação de excepcionalidade, nos detalhes apropriados a reconstituirem o ambiente de trabalho e de martyrio em que foi capaz de triumphar.

Junto a elles, com devoção que julga ser respeito pelo patrimonio intellectual da nossa terra, o Gremio monta guarda, certo de que os disputou duma dispersão irremediavel para liga-los, commovidamente, á gloria do escriptor.

## Versos

Euclides da Cunha não foi um grande poeta.

Os seus versos, si bem que lhe contenham já, embryonarios, muitos dos traços que fariam depois a personalidade agigantada do maior escriptor da nossa terra, não lhe merecem, senão por curiosidade de exegeta, ou carinho de devoto, a incorporação á sua obra.

Como a Machado de Assis, a poesia foi-lhe, apenas, a chrysalida da sua individualidade litteraria, só lhes voltando, depois, á gloria de homens feitos, para fantasiar a rudeza de certas realidades, a que a prosa daria um colorido muito áspero.

Porque o poeta dos ultimos annos já é muito diverso do primeiro: os seus versos de então, intervallados de annos, perdem a naturalidade com que fizera os outros, quasi diarios, e o que lhe fôra, outr'ora, a preocupação absorvente, senão unica da vida, passa a lhes ser, apenas, um accidente, cada vez mais raro no tumulto dos seus dias, á medida que a prosa lhe permite a expressão definitiva e o lar lhe diminue o seu carinho inspirador.

A sua verdadeira eclosão poética abrange sómente o periodo de dois a trez annos, quando, creança ainda, cursava as aulas do Collegio Aquino. No "Democrata", publicação mensal dos seus alumnos, é que apparece o seu primeiro verso.

Annos depois, o que já lhe publica a "Familia Academica", da Escola Militar, são producções antigas, que o moço livra das infantilidades do collegial, como se verifica, por exemplo, do confronto entre o "Fazendo versos" (*Familia Academica*, de 1887) e o "Ultimo Canto" (*Ondas*, 1883).

Mas a não ser nessas revistas, quasi clandestinas, e hoje de todo desaparecidas da publicidade, o que se lhe conhece, de poesia, são apenas os trabalhos mais perfeitos e menos pessoases do homem adulto, divulgados pelo Gremio, pela *Revista Brasileira*, pela da Academia de Lettras, pelos "Dois egressos da farda", do sr. Felix Pacheco, onde muito se lhe desfigura, porque refreada, a espontaneidade das primeiras creações.

Estas, elle as guardou sempre consigo, em um pequeno caderno, que antes servira para notas de aula, e que o Gremio hoje possúe em seu Archivo.

Datam de 1883 e não chegam á Janeiro de 1886, quando completaria vinte annos.

Muito antes de Murat, deu-lhes, ahi, o nome de "Ondas".

De todas, montando a cerca de duzentas, salvar-se-á, talvez, uma dezena, realmente valiosa, mas o seu maior merito, senão unico mesmo, está em serem o reflexo nitido, que são, da sua personalidade, desde esse tempo mascula e incisiva, marcada em preferencias definidas e em pro-pensões accentuadas.

Não sendo perfeitos, sobretudo no sentido technico da perfeição poetica, estão comtudo muito longe da vulgaridade, porque as anima, a todas, uma preocupação mais alta que a do simples desabafo de um sentimentalismo piegas, que se servisse das rimas tão sómente para a traducção exagerada das primeiras emoções.

Numa idade, em que o maior arroubo não consegue mais do que a impessoalidade de alguns versos do amor, a mais das vezes futeis e mediocres, elle se inclina, sobretudo, para os themas sociaes, que, já por esse tempo povoavam-lhe a mente.

Certo, não fugio á fatalidade amorosa. Nem devia fugir. Mas o proprio amor consegue delle certa originalidade em suas manifestações. Quer nas suas *serenadas*, quer nas suas *despedidas*, no *Parallelo* como na *Fatalidade* ou no *Verso e Reverso* — as suas amadas são mulheres ibsenianas, que, com um beijo, são "capazes de esmagar a voz do vento", e, com um riso, fazem calar "as cascatas, que quebram a solidão". Seu coração é um "jaguar". E o seu amor uma "nevrose", que o faz

*a delirar na febre dos desejos*

*Subir, subir, subir...*

até que um dia, enfim,

*sem um arrimo sequer*

*rolou descrente, tropeçando em beijos*

*de um collo de mulher...*"

Mas a grande inspiração de todos os seus versos — são os themas sociaes. E os unicos sentimentos que o agitam verdadeiramente são os grandes sentimentos patrioticos e humanos — o seu canto deixa, á parte, os madrigaes, e vae cuidar do escravo, do opprimido ou do povo, "o

grande soffredor anonymo" — e o seu cerebro, dantes tão sensível ás menores impressões, obseca-se, agora, no cuidado exclusivo das suas grandes crenças liberaes.

Ora é a Democracia, que lhe surge, entre duas confissões de amor, divinizada pela força transfiguradora dos seus crédos — e elle escreve "A Canalha", o "Rebate", a "Clava", a "Aurora". Ora é a Revolução sorprendida ainda em flagrante, com as vestes rôtas e o peito a sangrar, e que lhe vem, a cada instante, no verso de Danton, no riso de Marat ou na "cólera divina", de Robespierre.. Ora é a Republica, que o seduz como a realização brasileira de todos os seus senhos — e que lhe apothéosa Tiradentes e lhe escreve as estrophes vermelhas do "Eu sou republicano" e o arrasta, atravez das quadras rijas das "Senzalas", num arrojado desmedido, que já lhe evidencia toda a força das suas convicções, desde então inquebrantaveis

*porque a moeda do futuro — é a ideia.*

*E um rei é... um rei, — o democrata — um homem!*

\*

O que faz, entretanto, inestimavel o valor deste caderno, não são apenas os seus versos — tanto ou mais do que elles, é a collocação de notas, que lhes accrescentou Euclides e que proporcionam subsidio precioso para o conhecimento do seu modo de os fazer, o qual já lhe esboçava, no menino, as feições singularissimas do homem.

Muitos, escreveu-os elle, ali, directamente, porque o nervosismo, de que se possuia ao escreve-los, nunca lhe permittio o intermedio enervante do rascunho.

Quando uma ideia lhe accudia, estivesse onde estivesse, raramente esperava para exprimi-la em casa ou em lugar mais proprio — escrevia-a logo, fosse como fosse, para lhe não roubar o sabor instantaneo da sinceridade.

E' assim que, como já disse algures Escragnolle Doria, os seus perfis dos revolucionarios de Noventa e Trez, traçava-os elle logo após ás aulas em que os conhecia.

E é elle mesmo quem, em nota apposta a uma poesia — "Os grandes engeitados", conta como a escreveu, em plena rua, quando assistia a um baile imperial, "quasi á luz do crachat de Sua Magestade", enquanto lhe fervia, no cérebro, "o alexandrino férreo de Hugo — "O' jongleurs! noirs par l'ame et par la servitude..."

O seu cuidado, em todos os seus versos, não era o de lhes dar a técnica correcta, mas a ideia, ainda quente da forjação inacabada.

Nem se conceberia nunca nos moldes especialísimos de um temperamento insubmisso, como o seu, a sujeição passiva ás exigências de uma praxe.

Mais de uma vez, manifestou o horror de vêr sacrificado um pensamento aos caprichos de uma rima ou de aleija-lo pela falta de uma syllaba

Detesto francamente esses mestres crueis  
 Que atropelam a rima entre quebrados pés,  
 E vestem, com um soneto esplendido e sem erro,  
 Um pensamento torto, encarquilhado e perro,  
 Como um correcto *frack* ás costas de um corcunda.  
 Porque quando a paixão o nosso ser inunda  
 E vibra-nos na arteria, e canta-nos no peito,  
 (Como dos ribeirões no acachoante leito  
     Parar — é sublevar)  
     Medir — é deformar.

E o seu caderno está cheio desses testemunhos.

A sua óde ao Tiradentes, por exemplo, onde as mais bellas imagens se reúnem para a consagração exagerada do primeiro martyr da liberdade brasileira, é um desrespeito flagrante ás regras mais vulgares da composição poetica.

Mas pouco se lhe dava de assim ser — valia-lhe sómente o te-la escripto "em um momento de febre extraordinaria". "Não a pude cingir á rima", dizia elle depois. "Era célere demais a minha inspiração. Tracei-a, ao accaso, repentinamente, no primero papel que encontrei." E por coincidência espantosa conclui-a sobre os "Vôos Icaros", uma poesia calorosamente apologetica ao Sr. Pedro II...

Foi o que me forçou a conserva-la — pois pareceu-me que o mais tosco verso de um livre á memoria de um heróe esmaga a mais brilhante poesia que se atire aos pés de um rei..."

Outras vezes, assaltava-lhe o receio de que lhe duvidassem da sinceridade, quando affirmava as suas convicções. E ei-lo, incontinenti, a repeti-las, desrimadas, na simpleza desapaixonada de uma observação... Assim, depois de ter escripto o "Eu sou republicano", acrescenta-lhe — "E eu o sou!" Esta declaração é valida para todos os tempos... Porque

é desgraçadamente commum, na nossa terra, vender-se á consciencia, — mas eu terei asco de mim mesmo si um dia calcar as mais sagradas illuções da minha mocidade para satisfazer as exigencias do estomago...”

Noutras, reconhecendo o excesso, a que frequentemente o impellia a sua embriaguez pelas figuras ideais dos revolucionarios estrangeiros, na qual andava a ve-los repetidos em cada canto, em cada typo e em cada feito do Brasil — costumava de se reconciliar com a verdade, prometendo para o futuro “um estudo mais cuidado” do que romanticára.

Tomava de um acontecimento qualquer, de significação muitas vezes secundaria, como fez, por exemplo, com a guerra dos Farrapos, e tanto o ampliava pela transfiguração da sua fantasia, que, depois, era o primeiro a se escandalizar do desageito dos motivos na grandeza desproporcionada da composição.

\*

Todas essas feições desappareciam com as “Ondas”.

O poeta da segunda phase desconheceu-as por completo.

Logo que a vida, de que tanto esperava, começou a lhe oppôr a reacção dos seus primeiros desencantos, abandonou a poesia para só retoma-la, accidentalmente, em momentos de calma, quando já lhe não pulsava mais a febre antiga.

Já não os escrevia sobre a perna, no primeiro papel que encontrasse, mas burilando-os, mortificadamente, atravez de correcções seguidas, como no-lo revela o rascunho de uma dedicatória a Coelho Netto, que lhes ficou entre os cadernos intimos.

Os seus assumptos perdem o interesse da sua personalidade, ganhando temas vagos e imprecisos que pouco testemunham do seu estado emotivo.

A sua poesia toda fez-se uma poesia muito mais perfeita, é certo, porém muito menos expressiva e valiosa para nós, para todos os que lhe desejamos conhecer o homem pela obra.

E é este o valor do caderno que o Gremio tem no seu archivo.

## Cartas

Aos que admirarem Euclides da Cunha de travez a sua obra, de pensamento e de patriotismo, escapam-lhes, por certo, senão as feições do seu character, que nella toda palpita e vive, as de sua affectividade. Para

estes, a completar-lhes o culto, que permite a maior das incondicionalidades no Brasil, as cartas que foram santificadas por seu coração, constituem a parcella mais preciosa de nosso archivo.

“São linhas intimas. Na sua intimidade, porém, nada ha que lhe diminua espirito fulgurante e a dolorida sentimentalidade que as dictaram, dellas nos disse o carinho de Alberto Rangel.

A sensibilidade delicada e enternecida, seja pelas cousas da Natureza, seja pelas affeições que foi conquistando através a vida, molduradas de admiração e enthusiasmo, só podia permittir a Euclides a poesia maravilhosa deste seu aspecto intimo.

Em Canudos, defrontando mandante de morticinios, antepoz ao crucifixo sobre o peito o próprio coração; em Lorena, certa vez, recusára-se, nervoso e protestatorio, á immolação de uma linda arvore, necessaria a uma construcção, que lhe confiaram; já em seus primeiros annos escreve palavras de ternura ao approximar-se do pequenino recanto, que lhe foi berço.

A collecção de cartas, de hoje somos depositarios, é a documentação incontrastavel e incontestavel dessa sua feição. Iniciada por Alberto Rangel, que nos offertou, as que possui, vem sendo augmentada, seja pelos originaes, seja por cópia, das dos outros seus amigos: Francisco Escobar, Coelho Netto, Vicente de Carvalho, Henrique Coelho, Lucio de Mendonça, Reynaldo Porchat, Octaviano Vieira, seu cunhado, suas e de seu sogro Manuel Rodrigues Pimenta da Cunha, Nestor da Cunha, Machado de Assis.

Serão outro tanto, senão muito mais, as que ainda poderemos recolher.

Em todas ellas vibra a mesma nota sonora, cujos accordes vêm da mesma pureza que lhe foi dominante.

Escrevendo para Therezopolis, a Lucio de Mendonça, referindo-se aos primeiros dias de infancia ahi passados, dizia: “a encantadora villa, o scenario mais longinquo das minhas recordações e saudades”; a Machado de Assis, então em Friburgo: “a primeira cidade que vi, com a imagem desmesurada de uma quasi Babylonia”, “perto do pequenino logarejo em que nasci.”

Todos os seus amigos recolheram expressões da mesma ternura. A Coelho Netto, em resposta e agradecimento a uma carta, “quando fôra ao correio, com a preocupação absorvente de receber cartas de casa”, que lhe não vieram, diz que a delle “perecera uma janella que se abrisse

de repente no quarto de um doente"; a Reynaldo Porchat escreve "nas aperturas de um cartásinho, com medo da saudade"; a Alberto Rangel, juncto ao carinho materno "toda a sua saudade se extingue numa grande e nobilitadora inveja — tão grande que só este peccado de invejar a tua felicidade de filho, bastaria para que se me abrissem todos os ceus (se os ceus existissem) com toda a minha incorrigivel impiedade"; a Francisco Escobar, seu velho e querido amigo: "às vezes imagino-te chegar nesta minha vivenda de philosopho, em que entrarás como um irmão."

Além destas expressões de affectividade, ha nas cartas, dos seus intimos "um protesto violento e comprovado", que primeira vez levantou a voz de Alberto Rangel. "As minhas quatro enormes saudades", vêm a miude nestas confissões.

O cuidado e a preocupação da familia, que lhe negava carinho e até conforto, eram constantes, entre seus trabalhos e occupaões — é o testemunho unisono dos seus amigos, que as cartas confirmam.

Pela physionomia moral, que nellas todas se traça inconfundivel, nítida e destacada, pôde-se ver o bom e carinhoso que elle foi, "coração de amor perdido", por que lhe faltou o affecto, que é, senão a só, a mais encantadora das razões da vida. Ademais, nestas paginas, ha ainda apreciações de toda a sorte, sobre homens e cousas brasileiras, como as que se encontram em cartas publicadas por Oliveira Lima.

Tudo isso é o que se hade ver, quando as reunirmos, para breve, em volume, juntas aos seus versos, repetindo-se ainda uma vez e sempre Alberto Rangel:

"Não podia ser de outro modo. Homens, como este não têm altos nem baixos, conservando tambem no obscuro bastidor das relações communs, a integridade de suas nobres qualidade reaes."

## Cadernos de notas

Euclides da Cunha, forçado continuamente a viver distante dum gabinete imperturbavel de trabalho e duma bibliotheca imprescindivel, — no seio dos quaes, com certeza que o collocarão aquelles que se fizerem do escriptor imagem suscitada pela sua obra destacada da sua vida—, sempre transportou comsigo cadernos de notas de leitura, para companhia do seu pensamento incessantemente preocupado. Tomadas como foram as suas notas, prodigio de apprehensão rapida e definitiva dispensando

consultas posteriores, poudo o engenheiro de estradas, o testemunha de combates, o demarcador de fronteiras, satisfazer as suas nobres necessidades de pensador.

Leitura de livros e observações de scenas e scenarios constituem a materia fragmentada dos cadernos de Euclides, em que a uniça intenção de consulta própria dispensou ordem chronologica a eriação de assumptos; dá-lhes, todavia, unidade a constancia com que foram escriptos.

No archivo gremial ha cadernos de cada uma dessas fontes e de varios periodos da vida de Euclides, mas que guardam de um para outro os lugares vazios de quantos ainda estão ausentes delle: acompanhando os traços conservados naquelles que possuimos, pelo conhecimento das phases capitaes daquella grande vida, sentimos varias vezes a evidencia de faltas de continuidade quando não de lacunas impreenchiveis; é assim que, pelos cadernos mais antigos, chegamos ás vespervas do seu gesto de revolta consciente na antiga Escola Militar, que lhe valeu desligamento das fileiras do Exercito; por trechos de discursos pronunciados em agremiação de moços da Escola agitada pelas reivindicações sociaes e inflamados de brio (palavra por elle então repetida com insistencia impressionante), presente-se a estatura do republicano que se havia de definir d'ahi a pouco na explosão do revoltado, solitario como deveria ser quem sempre se destacou dos outros pelo imperturbavel culto da integridade absoluta, arredio na Escola e excepcionalmente glorioso no meio nacional. Compreendido e como que exigido aquelle gesto, pelas informações desses cadernos velhos de 30 annos, nada nos chegou daquillo que foi naturalmente registrado nos momentos, que se lhe seguiram, de intimo recolhimento... Por outro lado, á vista dos rascunhos de alguns de seus escriptos, como o da sua dedicatoria a Coelho Netto, onde se segue, passo a passo, a evolução do seu pensamento creador, não se toléra a dispersão dos muitos manuscriptos em que, de emenda em emenda, se foram edificando as melhores paginas da nossa litteratura sobre um amontoado magnifico, que bem deveria represntar o trabalho persistente do historiador escrupuloso e do artista incontentavel.

Esperemos, em virtude do appello aqui pronunciado para ser ouvido pelos possuidores de papeis euclideanos, que a nossa collecção fragmentada se transforme no archivo completo, para que, legando-o a escolhida instituição publica do Rio de Janeiro, possibilitemos o juizo integral que a significação da personalidade do nosso patrono está a exigir da cultura nacional.

Por óra, facilitando desde já consulta a quem quizer observa-los para melhores interpretações, enumeremos rapidamente algumas paginas desses cadernos preciosos.

Na Escola Militar, é um intercorrer de versos, de notas de aula e de discursos; estes, sobretudo, retratam o Euclides da adolescencia com traços energicos dum caracter a definir-se sempre na paixão pelo dever, e mostram-no-lo na tribuna, que teme e que occupa com o cuidado de preparações escriptas anteriores, mas com enthusiasmo que se liga bem á sua maneira de mais tarde, não se conformando com a oratoria, escrever verdades dirigidas á dominação desse grande publico — a Patria inteira, em livros que encerram a solemnidade dos grandes pregadores de campanhas collectivas.

Nas caminhadas do engenheiro, enquanto que escrupulosamente regista observações profissionaes, o mundo circumdante faz com que anote tambem a sua palavra de naturalista e sociologo. Ei-lo a escrever o que vê em seguida do que leu: as gentes singulares com que tópa, em suas viagens frequentes pelos districtos de engenheiro, elle as colleciona para exemplos das suas theorias predilectas ou para commentarios a classicas doutrinas, que ellas vêm ferir como excepções geradas no meio-novo que as contem; Gumplowicz e Buckle estão ahi presentes junto ao historiador dos sertanejos, que, a todo instante, está empenhado em ler. atravez das gentes novas dos mestiços, o novo capitulo accrescentado ás normas do evolucionismo social, que o possuia. Cunha Mattos lhe fornece, em livro a miúde transcripto em seus cadernos, ligações de costumes que só se explicam na inalterabilidade, durante tantos annos, das condições mesologicas daquellas terras segregadas, só ellas capazes de approximar os aspectos das nossas regiões septentrionaes, ha seculo descriptos pelo Brigadeiro, daquelles observados por Euclides nos "patricios retardatarios" dos sertões bahianos; toma-lhes nota, tambem, das expressões familiares, dos usos de cada dia, ao mesmo tempo em que, scientista impressionado pelos sós aspectos significativos, retrata as paisagens de em torno mudando-as, para o seu caderno de notas, em desenhos *schematicos*...; de repente, no canto duma pagina da "carteira de engenheiro" (é verdade que varias vezes visitada por espiritos que, Heine ou Saint-Victor, ahi fallam desimpedidamente da Morte e da Belleza!), inscrevem-se, rapidas phrases que deveram trazer atraz de si um cortejo de reflexões e que, no caderno, se resguardam, solitarias, das vicissitudes da vida attribulada do pensador sem tenda serena de trabalho, algumas para surgirem integradas no texto das suas obras, outras desligadas para sempre das futuras creações impedidas pelo crime.

Transorevamos algumas dessas phrases:

“Arrancaram das choupanas miserrimas contra as forças regulares, arremettendo contra todos os perigos — Atroando os ermos, as chapadas desertas, com o fragor dos combates — Um farçante buffoneando — Derreando-se ao choque das armas republicanas, a horda... — E' uma diathese — Ermendo povoações, por ellas andava, estudeando a influencia innegavel — Avocando ao seu partido tanta gente — Era preciso uma diversão assombrosa que balanceasse nesse momento as agonias fundas — Fôrma evanescente de um passado que a pouco e pouco se extingue — Não recusemos uma pagina da Historia a esta individualidade singular. Será uma pagina sombria, talvez, mas expressiva... — A propria superstição afoitou-o á empreza temeraria — Lutando como demonios nasilhargas dos montes — Eternamente de lucto pelo seu tempo — E' homem que dispara á tóa como uma espingarda velha — Eu fui um espião da Historia — Sujeitos que vivem sempre sobre um pedestal — A gloria ás recuadas — Não se aclimam á atmospherá moral do seculo.

Ao lado dessas phrases soltas, resultantes talvez de associação de impressões antigas, apparecem, apressadamente registradas, impressões actuaes que Euclides denomina “observações necessarias”; seria longo considerar as destinadas a “Os Sertões”, comparando a redacção com que foram guardadas no caderno com aquella que receberam por occasião de serem integradas no encadeiamento cerrado do livro: — todo um estudo de embryologia litteraria, embora “Os Sertões”, pelos cadernos que possuímos e factos conhecidos da sua elaboração, mais pareça haver sido feito por uma preocupação de varios annos que afinal, em poucos dias, seguindo o desdobramento incessante duma série ininterrupta de conceitos, produziu as paginas já da obra, apenas, de edição em edição, approximadas da perfeição de que andavam muito perto, por emendas nos detalhes da fôrma litteraria. Em todo caso, houve sempre algumas paginas escriptas separadamente e, nos cadernos do nosso archivo, que não é o maior depositario dessas paginas preparatorias d’“Os Sertões” (\*) já se delinea o plano geral do livro, sujeito depois a ampliações re-

---

(\*) O Instituto Historico e Geographico possui um caderno repleto de observações de Cannudos, precioso donativo do Dr. José Carlos Rodrigues.

petidas que chegaram a tornar "variante do assumpto geral o thema. a principio dominante, que o suggeriu."

Transcreveremos poucas dessas paginas, notando-se que quasi sempre se escreveram ricas em vocabulos raros e em phrases accidentaes, embora fossem méras notas de observações pessoas e de leituras.

Esta primeira nos mostra o aproveitamento de algumas das phrases destacadas, que acima transcrevemos:

"E' um sujeito que por ahi se anda estadeando a prosapia incorrigivel, afoitando-se a todas as empresas, avocando ao seu partido toda a gente e que sem a attitude dos que abnegando-se a si proprios, attentem para um ideal politico despeados de odios deprimentes, — comparte o destino pouco invejavel dos exploradores perigosos para os quaes a politica é em summula — o trabalho dos que não trabalham. Como tantos outros é uma dyathese, manifestação expressiva de um caso de enfermidade social. O organismo complexo das collectividades tem tambem, a par da sua physiologia, a sua pathologia especial."

Em seguida, reunamos trechos espalhados pelos seus cadernos, alguns sob a denominação commum "O HOMEM", a reflectir-lhe o germen do grande plano d'ahi a annos executado; vêm esses trechos de permeio com incolleccionaveis notas de sciencia, que trazem claramente o seu destino de preparar uma obra de longas observações estudiosas:

"Os jagunços são innegavelmente uma sub-raça formada, definida, completa, mas fugaz, destinada a desaparecer em breve, atravessando instantaneamente pela Historia, como que para unicamente mostrar qual seria o nosso typo ethnico, se condições imperiosissimas actualmente creadas pelo ambiente geral do mundo civilisado, não viessem em breve, irresistivelmente, annullar em poucos annos uma lenda fueño feita em tres seculos. — No estado actual das sociedades humanas as emigrações desdobram-se irresistivelmente como uma quéda de potencial. A comparação é precisa.... A politica colonial, sem a feição quasi cavalheiresca que a revestiu ao esboçar-se no seculo XVI, obedece a estímulos mais vigorosos e sobretudo mais practicos, espelhando ainda o successo de uma lei sociologica indiscutivel e brilhante. Esboçou-a Gumplowicz. O embate das raças é a força motriz da historia..."

Eis algumas descrições da terra, dos sertões bahianos:

"...As serranias que que tombam em talhados ou apontam em cerros agudos e de encostas a prumo são de facto a ruinaría imponente de immensa barragem rôta aos embates das enchentes. Surgem la-

deadas de varzeas, com um recorte vivo nos plainos ondulados e, em que pése aos contornos duros, permitem que se lhes reconstrúa dos elementos que longamente a saltaram. Porque a propria catinga facies primitivo..... a serraia apparece espelhando ainda no embaralhado das linhas hypsometricas a violencia e a confusão revolta resistente evita-a e os seus flancos..... mal vestidos de uma vegetação escassa de cactos e bromelias, contrastam na dureza das linhas, no alcantilado dos fragedos que sobre elles se alteiam, accumulando-se nos altos em grimpas ponteagudas, os terrenos quasi achanados que sobranceiam..... O desfiladeiro parece desaparecer na compressão de duas linhas de cumiadas altas arqueadas em amphitheatro ao lado das ribanceiras do rio.... Sobre uma e outra se alteiam de uma banda os taludes dos outeiros centraes e da outra, maiores, erriçadas de penhascos, repartidas em patamares caprichosos como galerias de um colyseu monstruoso, as vertentes das serranias lateraes.... A força, avançando na direcção certa de oeste, fez alto a quinhentos metros dessa barreira temerosa. (a lapis): Ia em meio o dia."

A nota final a lapis, a repetição (aqui omittida) de trechos, que assumem aos poucos a fórma procurada, ainda distante da definitiva do livro, (\*), fazem suppôr que taes linhas foram escriptas no decorrer da campanha; observemos, portanto, nellas, o modo de olhar de Euclides para o scenario que o circumda, descripto das eminencias proprias do artista-geologo, em ponto de vista privilegiado...

Depois volta ao homem dessas terras e é sob o titulo "APRENDIZAGEM DE TORTURAS" que escreve essa scena, povoada por tal titulo dos patricios que o empolgavam e commoviam:

"Passava soprando rijamente o nordéste e sacudia-lhe as faulhas sobre as caatingas seccas. Em breve, crescendo vertiginosamente ao latego dos ventos, enovelada em rolos de fumo scindidos (zebrados) de labaredas, cahindo pelas quebradas, saltando-as, vingando as encostas, transpondo o alto dos morros repentinamente aclarados por um relampaguear de crateras subitas, alastrava-se a queimada pelos taboleiros."

E, finalmente, dois trechos de lucta, narrados por Euclides sob a impressão proxima della.

---

(\*) Pgn. 408 — 2ª ed.

Quedavam-se expectantes, como caçadores numa espera — pontarias immoveis, olhos prescrutadores na sombra—largo tempo; largo tempo até que divisassem, deslisando, de bruços, pela barranca opposta

“Subito silencio descerra então sobre as linhas. Os soldados das trincheiras adjacentes ao rio, porém, não se illudiam. Sabiam que tornariam em breve ao mesmo ponto os infelizes coagidos pela sêde. abaixo, indistinctamente, como grandes suarios esquivos, os adverarios, volvendo á tarefa. Deixaram-nos se approximarem.

Nove batalhões — cerca de tres mil homens — haviam-se apasado nos ultimos tres dias de cerca de duas mil casas, arrojando os sertanejos, comprimidos de encontro á encosta do alto da Fazenda Velha ao sul e contra as bayonettas, a leste, da primitiva linha de assedio, defendida pelos... batalhões da... brigada. Toda a população de Canudos acolhia-se agora sob os muros protectores da igreja nova, em menos de quinhentos casebres.”

São episodios dos ultimos tempos da campanha, presencados por Euclýdes; mas o caderno, em que se inscrevem, tê-lo-ia elle levado consigo até Canudos? A resposta affirmativa viria esclarecer certos dados incertos e contravertidos acerca da gestação do nosso Livro. De qualquer modo Euclýdes possuia-o já durante a Revolta de 93, pois que nelle fixou, em trecho interrompido, um episodio das trincheiras da Gambôa, aproveitado no “Contrastes e Confrontos” para o seu artigo sobre a “Esphyngé”, e, no começo deste caderno, em seguida a estudos sobre a flóra das immediações de Canudos, lêem-se essas conclusões conhecidissimas: “Porque o que estas traduzem com admiravel eloquencia no alcantilado dos cerros descalvados em recorte pelas planuras cobertas de vegetação decidua, — é o martyrio secular da terra”; a affirmativa assim imposta é, porém, enfraquecida pelas ultimas paginas do caderno, que contém longo vocabulario, menos uma collecção de simples termos raros do que um cuidadoso estudo da expressão atravez de autores preferidos, cujas phrases inteiras se transladam com o emprego notavel de cada vocabulo mencionado, tudo a exigir livros inexistentes na campanha. Tal caderno deve ter sido um companheiro de Euclýdes durante os varios annos de que “Os Sertões” são mais moços que a campanha de Canudos; esses rascunhos são, pois, pouco prestadios para nos declarar a data da elaboração de varios trechos do livro, conservando o quando das varias notas de Euclýdes, que nelles, além do mais, se encontram em folhas salteadas que não permitem a seriação chronologica, mas são preciosos no

fornecer termos de comparação com as paginas definitivas, onde — ao par de accrescimos successivos que vieram realizando o consorcio raro da melhor expressão com a maior sonoridade—, vemos essas notas do caderno soffrerem a integração no organismo uno da obra permanecendo intactos os dados que continham e que vieram dar ao livro a autoridade das observações pessoais e das informações colhidas, escrupulosa e immo-dificavelmente. Assim, para um exemplo entre varios, nas muitas paginas da critica irresponsivel ás operações militares de Canudos, inscrevem-se conceitos que se poderiam deduzir das seguintes rapidas palavras do caderno, as quaes, tomadas “in locu”, trazem o significativo titulo de “MOBILIDADE”:

“A munição pesando 83.000 kilos e sendo a lotação de cada carreta de 700, tornavam-se precisas 121 carretas e só tinhamos em Queimadas, em principios de Abril, 8!”

A consideração desses numeros, que terminam num “ponto de exclamação” de Euclides, devia de ter dado ao Marechal Bittencourt o plano da “nova phase da lucta”. . . Algumas vezes, porém, em lugar das longas conclusões do livro sobre os dados do caderno, o proprio registro de momento se intercala, quasi o mesmo, nas paginas immortaes, e talvez mais impressionando porque conservam, na majestade da obra definitiva, o laconismo da verdade núamente contemplada pelo autor: é a nota a lapis dum degollamento:

“Num dos combates de meados de Setembro, é preso um jagunço, curiboca, moço. Responde a tudo “não sei”. Conduzido a . . . . perguntaram-lhe como queria morrer. — “De tiro!” — Pois ha de ser a facão!” E foi.”

. . . . .

Não caberia aqui nem o lembrar de dados para a futura critica necessaria da genesis do nosso maior livro; tão sómente nos basta declarar que, depositarios provisorios do archivo euclideano, guardamos, catalogadas fielmente, as notas de Euclides da Cunha, á espera da autoridade competente que venha enfim devidamente interpretal-a, ajuizando d’“Os Sertões” com a dedicação exigida por esse monumento tão ao molde de absorver os esforços da melhor critica. Conscienciosamente colleccionamos detalhes para que se inaugure, no estudo do creador da verdadeira litteratura brasileira, o processo critico imprescindivel que o nosso meio ainda desconhece.

Fechando, no entanto, os cadernos de notas de Euclides da Cunha, depois da enumeração summaria de algumas de suas paginas, enquanto

que não forem lidos por quem possa, por elles, acompanhar a evolução do pensamento genial a que serviram e ainda serviriam, — evoquemos os momentos em que taes notas foram escriptas, momentos attribulados e presentes constantemente na vida do grande trabalhador, que, mesmo nelles, em pleno desempenho dos encargos profissionaes que lhe impediram estadias commodas em gabinetes imperturbaveis, deixou gravado, nas suas "carteiras de engenheiro", o traço agitado duma mentalidade incessantemente activa e animada sempre pelas mais elevadas preocupações de pensador e patriota.

## Iconographia

Euclides — aos 9 annos de idade.

— aos 20 annos de idade.

— quando official do Exercito,

— em 1903, Lorena.

— em 1907, d' "Os Contrastos e Confrontos".

— em 1909, d' "A' Margem da Historia".

— em 1909, (photogr. Guimarães).

— em 1909, (photogr. Bastos Dias).

— em fórma na Escola Miiitar, Rio, 1888.

— na ponte de S. José do Rio Pardo, 1901.

— na partida para o Alto-Purús, Manãos, 1905.

— na Avenida Rio Branco, Rio, 1907 (inst. de "Fon-Fon").

— no enterro de Machado de Assis, 1908.

— no seu gabinete de trabalho, Rio, 1909.

— na camara mortuaria, 1909.

— com a Commissão de Reconhec. do Alto-Purús.

— idem.

— com o Barão do Rio Branco e outros.

— com Domicio da Gama e Tte. Argollo.

— com a Familia Filinto de Almeida.

— com Alberto de Oliveira (inst. de "Fon-Fon").

- com Coelho Netto e Goulart de Andr. (inst. da "Tribuna").
- com Nestor e Arnaldo Pimenta da Cunha.
- com Machado de Assis e José Verissimo (inst. de "Fon-Fon").

## Aspectos Euclidianos:

- casa em que nasceu Euclides da Cunha — Cantagallo.
- S. José do Rio Pardo, S. Paulo.
- Ponte sobre o rio Pardo.
- Ponte desabada, que foi reconstruída por Euclides.
- Avenida Dr. Euclides da Cunha, S. J. R. P.
- "Barraquinha dos Sertões" em 1901.
- Idem em 1909.
- Idem em 1918.
- Margens do Purús, Amazonia.
- Casa em que foi assassinado.

- herma de S. José do Rio Pardo.
- herma em Cantagallo.
- sala Euclides da Cunha no Museu Nacional.
- local do monumento na encosta da Babylonia, Rio.

Correia Lima: — esboço para o monumento da Babylonia,

Belmiro de Almeida: — quadro a óleo do Itamaraty.

Cunha Mello: — busto em gesso.

Wash Rodrigues: — desenho em "Revista do Brasil".

Carlos Oswald: — desenho em "Por protesto e adoração".

*Quadro das Ephemérides euclidianas, organizado com dados fornecidos*

### Ephemérides euclidianas

- |           |   |
|-----------|---|
| 1866 — 20 | de janeiro — nascimento em Santa Rita do Rio Negro (fazenda da Saudade), município de Cantagallo — Província do Rio de Janeiro. |
| 1869      | — Therezopolis, em companhia da Família do Dr. Urbano de Gouvêa.  |
| 1871      | — S. Fidelis; primeiros estudos com o Professor Caldeira.   |
| 1876      | — Rio de Janeiro.   |

*pela família e componentes do "Grêmio Euclides da Cunha" do Rio, fase "por protesto e adoração"*

- 1881 — Collegio Victorio da Costa e preparatorios.
- 1883 — 1884 — Collegio Aquino, e primeiros artigos no "O Democrata".
- 1886 — 20 de Fevereiro — praça na Escola Militar.
- 1888 — 4 de Novembro — incidente da Escola Militar e chegada de Lopes Trovão da Europa.
- 22 de Dezembro — primeiro artigo da "Provincia de São Paulo".
- 1889 — 28 de Janeiro — Ida para o Rio — Escola Polytechnica.
- 1889 — 22 de Maio — ultimo artigo da "Provincia de S. Paulo".
- 19 de Novembro — reintegração no Exercito.
- 21 de Novembro — Alferes alumno.
- 1890 — 14 de Abril — Segundo-Tenente.
- 1892 — 9 de Janeiro — Primeiro-Tenente e praticante na Estrada de Ferro Central, na residencia de S. Paulo a Caçapava.
- 1893 — — Revolta — nas trincheiras da Saude — no morro da Conceição.
- 1894 — 18 e 20 de Fevereiro — protesto pela "Gazeta de Noticias".
- 1895 — — Campanha — revolução separatista.
- 1896 — 13 de Julho — sahida do Exercito.
- 18 de Setembro — Engenheiro ajudante de 1ª classe da Superintendencia de Obras de S. Paulo.
- 1897 — — Julho — partida para Canudos.
- 18 de Julho — primeiro artigo para "O Estado de S. Paulo".
- 16 de Setembro — chegada a Canudos.
- 17 de Outubro — partida da Bahia.
- 26 de Outubro — ultimo artigo da correspondencia.
- 1898 — — Engenheiro das Obras Publicas em S. Paulo.
- 1899 — 1901 — Ponte de S. José do Rio Pardo e elaboração d' "Os Sertões".
- 1901 — 15 de Janeiro — Promovido á chefe de Districto.
- 18 de Maio — Inauguração da ponte. Em Descalvado. Engenheiro do districto de S. Carlos do Pinhal — Engenheiro do districto de Guaratinguetá, residindo em Lorena.
- 1 de Dezembro — carta de Garcia Redondo a Lucio de Mendonça, apresentando "Os Sertões".

- 1902 — Dezembro — publicação dos "Os Sertões"; chegada do Barão do Rio Branco.
- 1903 — 9 de Julho — 2ª edição d'"Os Sertões".
- 21 de Setembro — eleição para a Academia de Letras.
- 20 de Novembro — posse no Instituto Historico.
- 1904 — 15 de Janeiro — Nomeado Engenheiro fiscal das Obras do Saneamento de Santos.
- 22 de Abril — Exoneração a pedido.
- Agosto — nomeação para a comissão do Alto-Purús.
- 13 de Dezembro — partida para o Amazonas.
- 30 de Dezembro — chegada a Manáos.
- 1905 — 5 de Abril — partida de Manáos.
- 14 de Agosto — chegada ás nascentes do Purús.
- 16 de Dezembro — conclusão dos trabalhos em Manáos.
- 1906 — 20 de Fevereiro — Relatorio da Commissão Mixta Brasileira-Peruana de Reconhecimento do Alto-Purús. No Ministerio do Exterior.
- 24 de Dezembro — posse na Academia de Letras.
- 1907 — — publicação dos "Contrastes e Confrontos".
- Setembro — publicação do "Perú-versus Bolivia".
- 2 de Dezembro — conferencia sobre Castro Alves e seu tempo.
- 1908 — — Trabalhos no Ministerio do Exterior.
- 1909 — 17 de Maio — prova escripta do concurso de Logica, no Collegio Pedro II.
- 25 de Maio — prova oral de Logica.
- 14 de Julho — sua nomeação. *para o "Colégio Nacional", atual Lido I*
- 1909 — 15 de Agosto — assassinio.
- \*  
\*  
\*
- 1909 — Apparecimento d'"A Margem da Historia"
- 1916 — 4 de Julho — Assassinio de Euclides da Cunha Filho.
- 1918 — 18 de Maio — Inauguração da herma riograndense.

*estudo de  
Chardron  
1918*

## Bibliographia Euclyleana

- OS SERTÕES — 1ª edição, Dezembro de 1902 (Laemmert); 2ª — Junho de 1903 (Laem.); 3ª — 1905 (Laem.); 4ª — 1911 (Alves & Cª); 5ª — 1914 (Alves) (exgottada).
- CONTRASTES E CONFRONTOS: 1ª edição, 1907. (Empresa Editora do Porto); 2ª, 1907 (Emp. E. P.); 3ª, 1912 (Emp. E. P.); 4ª, 1918 (Emp. E. P.).
- PERU, VERSOS BOLIVIA: 1ª edição — 1907 (Alves) (exgottada).
- TRADUÇÃO CASTELHANA: La Question de limites entre Bolivia y el Perú — 1908.
- RELATORIO DA COMMISSÃO MIXTA BRASILEIRA-PERUANA DE RECONHECIMENTO DO ALTO-PURUS — 1ª edição — 1906 (Imprensa Nacional) (exgottada).
- CASTRO ALVES E SEU TEMPO — 1ª edição — 1907 (Imprensa Nacional); 2ª, 1917 (Gremio Euclides da Cunha).
- A' MARGEM DA HISTORIA — 1ª edição, 1909 — (Chardron). 2ª edic., 1913.

### PREFACIOS:

- Preambulo do Inferno Verde, de Alberto Rangel — 1908.
- Antes dos versos dos Poemas e Canções, de Vicente de Carvalho — 1908.

### EM JORNAES E REVISTAS:

- Familia Academica: Homens de hontem; Criticos.
- Provincia de S. Paulo:
- A patria e a dynastia — 22 Dezembro 1888; Questões sociaes: Revolucionarios — 29 Dezembro 1888;
- Questões sociaes: "89" — 4 Janeiro 1889; Actos e palavras (Artigos): 10, 11, 12, 15, 16, 11, 23 e 24 de Janeiro de 1889; Da Côte — 17 — V. — 1889, Homens de hoje (2 artigos). 22, 28 de Maio de 1889.
- "Gazeta de Noticias":
- A Dynamite (2 cartas) — a 18 e 20 de Fevereiro de 1894.
- "O Estado de S. Paulo":
- Canudos (Diario de uma expedição) — 23 artigos: — 18, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29 de Agosto de 1897; 1, 3, 9, 12, 14, 21, 26, 27 de Setembro de 1897; 11, 12, 13, 20, 25 de Outubro de 1897.
- Batalhão de S. aPulo — 26 de Outubro de 1897.

- Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro:  
Discurso de posse: 10 de Novembro de 1903.
- Kosmos:  
Entre os seringaes — 1906.  
Numa volta do passado — 1908.
- “Jornal do Commercio”:  
Ultima visita — 30 de Setembro de 1908.  
Prova oral de Logica — 26 de Maio de 1909.  
Prova escripta de Logica — 1 de Junho de 1909.  
Atlas do Barão Homem de Mello — Agosto de 1909.
- Em preparação:  
“Fragmentos e Reliquias” — prefacio do Dr. Afranio Peixoto.  
Versos e Cartas — prefacio do Dr. Alberto Rangel.  
Relatorios — prefacio do Dr. Roquette Pinto.

*TRABALHOS SOBRE EUCLYDES DA CUNHA:*

- 1902 — MEDEIROS E ALBUQUERQUE — “Chronica litteraria” (J. Santos), na “A Noticia” de 12 de Dezembro.  
J. DA PENHA — “Um livro!” na “Gazeta de Noticias”, 14 de Dezembro. — 18 de Dezembro.  
LEOPOLDO DE FREITAS — “Os Sertões”, no “Diario Popular” de 16-12.  
JORNAL DO COMMERCIO — “Os Sertões” em 24 de Dezembro.
- 1903 — JOSE’ VERISSIMO — “Um historiador dos Sertões e da Campanha de Canudos” no “Correio da Manhã”.  
MUCIO TEIXEIRA — “Os Sertões” no “Jornal do Brasil”.  
ARARIPE JUNIOR — “Os Sertões” no “Jornal do Commercio” de Fevereiro.  
MOREIRA GUIMARÃES — “O Livro de Euclides da Cunha” no “Correio da Manhã”.  
COELHO NETTO — “Os Sertões”.  
CAMPOS DE NOVAES — Artigo na Revista do Centro de Sciencias e Letras de Campinas”.
- 1905 — VICENTE DE CARVALHO — “Euclides da Cunha” nas Pagineas Soltas.
- 1906 — SYLVIO ROMÉRO — “Discurso de recepção” — em “Provoações e Debates”.
- 1907 — ARARIPE JUNIOR — “Dois grandes estylos” nos Contrastes e Confrontos”.

- 1909 — VIRIATO CORREIA — Artigo na "Ilustração Brasileira", 15 de Agosto.  
GURGEL DO AMARAL — Euclides da Cunha, 1 vol.  
WALDOMIRO SILVEIRA — Artigos na "Tribuna de Santos".  
ARARIPE JUNIOR — "Dous vulcões extintos", no Jornal do Commercio".  
MANOEL BERNARDES — Artigo.  
COELHO NETTO — "Discursos", Revista do Gremio Euclides da Cunha de 1915.  
JOÃO LUSO (*ARMANDO ERSE*) — "Dominicaes" do "Jornal do Commercio" — nos "Contrastes e Confrontos — nos "Elogios".  
AFFONSO CELSO — Discurso na "Revista do Gremio Euclides da Cunha" de 1903 e no "Almanack Garnier", de 1910.  
BASÍLIO DE MAGALHÃES — "Discurso" na "Revista do Centro de Sciencias e Lettras de Campinas".  
EURICO GÓES — Artigo nas "Horas de Lazer".  
HUMBERTO DE QUEIROZ — Discurso do Instituto Historico de S. Paulo.  
1910 — SYLVIO ROMÉRO — Artigos na "Revista da Academia Brasileira de Lettras".  
MIGUEL MELLO — "Prestigio Subito" no Jornal do Commercio".  
CANDIDO JUNQUEIRA — Conferencia na "Revista Americana".  
FELIX PACHECO — "Dois egressos da Farda", 1 vol., Euclides da Cunha e Alberto Rangel.  
1911 — AFRANIO PEIXOTO — "Discurso de recepção na Academia de Lettras, na "Revista da Academia", e na "Poeira da Estrada".  
1912 — OLIVEIRA LIMA — "Impressões pessoaes", no "Estado de S. Paulo".  
DYONYSIO CERQUEIRA — no "Jornal do Commercio".  
1913 — ESCRAGNOLLE DORIA — "Artigo" em "Jornal do Commercio".  
ALBERTO RANGEL — "Um pouco do coração e do caracter" -- conferencia em 15 de Agosto — 1 vol.  
ALBERTO RANGEL — Discurso "Revista do Gremio Euclides Cunha".  
F. V. F. — "A data do nascimento de Euclides da Cunha" no "Jornal do Commercio".

- 1914 — AFFONSO TAUNAY — Artigo na "Revista do Gremio" de 1914.  
 OCTAVIANO VIEIRA — Artigo na "Revista do Gremio de 1914."  
 F. V. F. — "A data do nascimento de Euclides da Cunha" no "Jornal do Commercio" 20 de Janeiro.
- 1915 — ESCRAGNOLLE DORIA — "Euclides da Cunha. Sua vida". Conferencia — no "Jornal do Commercio".  
 F. V. F. — Euclides da Cunha "Notas biographicas. 1 vol."  
 COELHO NETTO — "Discurso" na "Revista do Gremio Euclides da Cunha".
- 1916 — IGNACIO AMARAL — "Euclides da Cunha", artigo no "O Imparcial".  
 ARAUJO JORGE — Artigo sobre "A' Margem da Historia". nos "Ensaio da Historia e Critica".
- 1917 — JOSE' MARIA BELO — "Relendo "Os Sertões" nos "Estudos Criticos".  
 SOUZA BANDEIRA — Estudo critico nas "Paginas litterarias".  
 PEREIRA DA SILVA — Euclides da Cunha, na "Epoca".
- 1918 — ROQUETTE PINTO — "Euclides naturalista", 1 vol. Edição do Gremio Euclides da Cunha.  
 JOÃO PINTO DA SILVA — "Euclides da Cunha" nos "Vultos do meu caminho".  
 ADALGISO PEREIRA — Artigos no "Estado de S. Paulo".  
 MIGUEL MELLO — "Euclides da Cunha", na "Gazeta de Noticias", de Julho.
- 1919 — THEODORO SAMPAIO — Conferencia no Instituto Geographico e Historico da Bahia.  
 ARNALDO DA CUNHA — Exposição da viagem de Euclides da Cunha ao Purús.

## Monumento da Babylonia

Marcámos para hoje, repetidamente, a inauguração do monumento que se define como termo desta campanha, em pròl da memoria de Euclides da Cunha. Fizemol-o, conscientes do que queriamos. senhores dos empeços a vencer e a dominar. Mas quando o fizemos não adquirira o

monumento da Babylonia proporções, em que o imaginamos agora, e se o quizessemos como então era, a 15 de Agosto de 1919, o Brasil contemplaria a effigie symbolica de Euclýdes, fixada em arte e bronze, na encosta da mesma montanha, a menor altura e menor dimensão. E como elle só pôde e só deve apparecer á admiração e á glorificação do Brasil, á altura magnifica em que hoje o vemos, preferimos lutar mais, lutar muito, até que o consigamos, dentro das linhas rigorosas, em que transcorreu a sua vida.

Seria mais facil, mais commodo e mais rapido, seja recorrer ás assignaturas graciosas, expontaneas da admiração e da amizade, provocadas da delicadeza e da conveniencia, seja aos favores do Thesouro Nacional.

Se bem que raros tenham tanto direito á que se lhe pague, em glorificação, o que lhe não deram, senão mal, em vida, temos o dever de tentar o culto perpetuo da sua memoria por outros meios e só após o desanimo definitivo, provado que não deixa esperanças de outro caminho, então poderemos exigir do Brasil, que se lembre de quem lhe deu tanta gloria e tanta fama e tão pouco foi retribuido.

Por isso organisamos o nosso largo plano desenvolvido pelas duas directrizes principaes: a) — publicações de trabalhos ineditos ou não de Euclýdes, ou que a elle refiram; b) — a realização de conferencias, sobre aspectos euclýdeanos.

Como as dimensões de 6 metros proximos, a altitude de 120, são as em que a arte magnifica de Corrêa Lima planeou o nosso monumento, certo o custo a que o elevou correspodeu á necessidade de maiores recursos.

Para a realização deste programma, o Gremio Euclýdes da Cunha, conta hoje como socios effectivos, companheiros de toda a hora, um professor da Escola Naval, outro da Escola Polytechnica, dos mais distinctos ambos e tem o auxilio e prestigio de Mestres, que seriam seus fundadores: Alberto Rangel, Roquette Pinto, Afranio Peixoto, Bazilio de Magalhães, Vicente de Carvalho, Pacheco Leão, Ignacio Amaral, Octaviano Vieira, Escragnolle Doria, Affonso Taunay, Coelho Netto, entre outros.

Não pareça arroubos apenas de mocidade, empreza de tamanho porte. Menos ainda nos attribuem visualidade estonteizada de fanaticos ou culto exaggerado de fetichistas, embora fetichismo ou fanatismo, nos tenham permittido, pelo carinho de um e pelo ardor de outro, ir buscando, aqui e alli, traços de documentos de sua vida, que mais nos augmentam e consolidam esta grande adoração.

Sem o symbolo de patriotismo que Euclides da Cunha, como nenhum outro pôde representar, ha na contemplação do Homem, na apreciação da obra, os motivos causaes determinantes de "protesto e adoração".

Não é elle apenas dono de vocabulario rico, que seja merito a esconder hypocrisias de idéas, como a reflectir hypocrisias da vida; probou só usava da palavra "para fins da expressão", que lhe correspondesse á idéa nitida e acabada que tinha sempre justa e precisa: artista e cientista, não o foi apenas pelo dom de favorecido; se o teve, mereceu-o porque o apurou pelo estudo, pelo esforço, pelo trabalho; cercado das vicissitudes mais pesadas e amargas, manteve a linha recta indeformavel de uma conducta só, sem inveja, sem maledicencia, generoso e bom, integro até a ultima hora, que foi de horror e de honra.

E' por tudo isso, embevecidamente contemplado, conscientemente apreciado, que se indeforma a todas as acções de um meio, quiçá adverso, o nosso culto por Euclides da Cunha.

Vejamos agora o nosso caminho percorrido e fíxemos os marcos que teremos de seguir até o monumento da Babylonia.

As primeiras contribuições que nos chegaram, como da Camara Municipal de Cantagallo, da conferencia de Alberto Rangel, apenas deram para cobrir de um marmore modesto a sepultura 3026 do São João Baptista.

Só em 1916 o nosso programma foi riscado com linhas definidas, que se devem a Alberto Rangel, como a elle se deveram, desde 15 de Agosto de 1913, as primeiras palavras á memoria de Euclides, com a nossa assistencia.

Até 1917 o Gremio limitou a sua acção a organização do seu plano de campanha e ás commemorações annuaes, feitas, como até agora, da só contribuição dos seus socios, constantes da publicação da "Revista", e romaria ao tumulo-altar. Em 1917, começamos a preparar a edição do "Castro Alves e seu tempo", conferencia feita em 1907 por Euclides, em S. Paulo, cuja edição se achava esgottada. Fizemol-a, com o mais carinhoso cuidado. Imaginamos a possibilidade de uma larga venda, attentas as condições de papel, impressão e preço, com que apparecera o volume.

Infelizmente até agora nada confirmou a nossa esperanza.

Realizamos a 15 de Agosto de 1917 a conferencia, em que Roquette Pinto, com o gosto fino de artista e a visão culta de sabio trouxe a sua

contribuição valorosa para a nossa causa. O nome do auctor da "Rondonia", o interesse pelo assumpto, "Euclides da Cunha naturalista", augmentaram essa contribuição, já de si bastante, dando um rendimento animador. Repetida em S. Paulo, pela generosidade deste querido Mestre, que é sem medida, conquistou uma unanimidade de applausos, seja de uma imprensa, que tudo facilita e ajuda, seja de uma assistencia que não teve restricções ao grande entusiasmo que sua palavra despertou e deu-nos a confiança de realizar opportunamente uma série de conferencias lá; apenas o augmento de despesas que esta realização acarretou fez com que, além da exiguidade de tempo de que dispuzemos, não houvesse lucro material. De Abril a Agosto fomos proseguindo na colheita de dados euclydeanos, na expedição do "Castro Alves e seu tempo" para os Estados e preparando a commemoração de 15 de Agosto de 1918.

Apezar de alguma difficuldade, realizamos neste dia a conferencia magnifica de Coelho Netto, sobre "Feições do Homem"; por exiguo o prazo de que dispuzemos, o lucro desta conferencia não foi o que poderia ter sido, em maior lapso de tempo.

Contractando com a "Revista do Brasil", de S. Paulo, tiramos uma separata da conferencia do Dr. Roquette Pinto, accrescida de alguns *clichés* e de um prefacio do Dr. Vicente de Carvalho.

Recebeu o Gremio entre outros donativos, os direitos de auctor sobre a 4ª edição dos "Poemas e Canções", que Vicente de Carvalho generosamente doou ao nosso monumento, conforme carta que nos enviou.

Vejamos avora como chegar ao monumento da Babylonia, até 1922.

E' nosso proposito conseguirmol-o exclusivamente com conferencias e publicações, acceitando agradecidamente donativos generosos, mas não recorrendo a subscrições graciosas. Sendo assim, as conferencias em que serão estudados aspectos da vida e da obra euclydeanas, não se podem prevêr nem determinar, sujeitas como são a sem nuemro de variaveis, sendo proposito proseguir a série de S. Paulo, iniciada pelo Dr. Roquette Pinto, e amparada pela palavra carinhosa e amiga de Vicente de Carvalho.

Quanto as publicações que se pretende fazer, são as seguintes: *Fragmentos e Reliquias* (ineditos e trabalhos de Euclides, ainda não reunidos em livro), com prefacio de Afranio Peixoto.

*Versos e Cartas* (collecção de cartas, trechos de cartas e versos de varias phases de Euclides), com um prefacio de Alberto Rangel;

*Relatórios* (Relatório do Purús e alguns mais), com um prefácio de Roquette Pinto;

e finalmente uma *Edição escolar*, que foi confiada a carinhosa e dedicada escolha e que já se acha organizada, contendo trechos da obra de Euclides, que se prestem á educação nas escolas, com gravuras e um vocabulário dos termos regionaes, edição que, então, mandaremos a todos os Estados do Brasil, para que, concorrendo cada um com a sua contribuição, seja o monumento de Euclides da Cunha, como deve ser, um monumento nacional.

Os outros volumes tambem se acham organizados, dependendo a sua publicação dos meios que vae o Gremio adquirindo.

Comportará o Brasil, uma campanha de tal porte? A' pergunta, que já nos fizemos e que já nos fizeram, só responderíamos *a posteriori*.

Sabemos bem os empecos a vencer. Ha os que só tem desanimo, criticos de tudo e de todos, que só dizem de si todo o bem que sabem e dos outros todo o mal que podem, para os quaes seremos visionarios ou fanaticos; ha os que sempre nos applaudem, nos largos circumloquios de elogios demasiados e desnecessarios, mas que se esquecem, a toda hora, que é da contribuição pequenina, em dinheiro, de cada um, para publicação, conferencias, que ha de se fazer o monumento, em que se fundirão todas estas pequeninas parcelas necessarias; ha, por fim, depois dos grandes Mestres, generosos e amigos, cujos nomes já repetimos e repetiremos sempre, os que, de coração inteiro, comparecem com o seu prestadio auxilio pecuniario, sempre promptos, sempre acolhedores, sempre generosos e clarividentes, desarmando o nosso vexame, que sempre existe, quando se trata de questões de dinheiro.

Se depois desta campanha, em que nos empenhemos com amor e dedicação não nos fôr possível perpetuar a memoria de Euclides da Cunha em bronze, teremos colhido de sua vida documentos de toda a especie, em toda a parte — cousa talvez unica no Brasil; teremos publicado pelo menos 4 volumes inéditos ou exgottados de um pensador brasileiro, desaparecido, sem que sejamos casa ou empreza editora; teremos esclarecido, por capacidade escolhidas, a sua obra meritoria e defendido a todo o extremo, a sua vida nobre e pura, mas miseravel e covardemente atacada:

Será pouco talvez e não a finalidade, em que nos empenharamos...

Então Euclides da Cunha, que sempre foi modestamente remunerado dos serviços prestados ao Brasil, que não teve herança para montepio ou

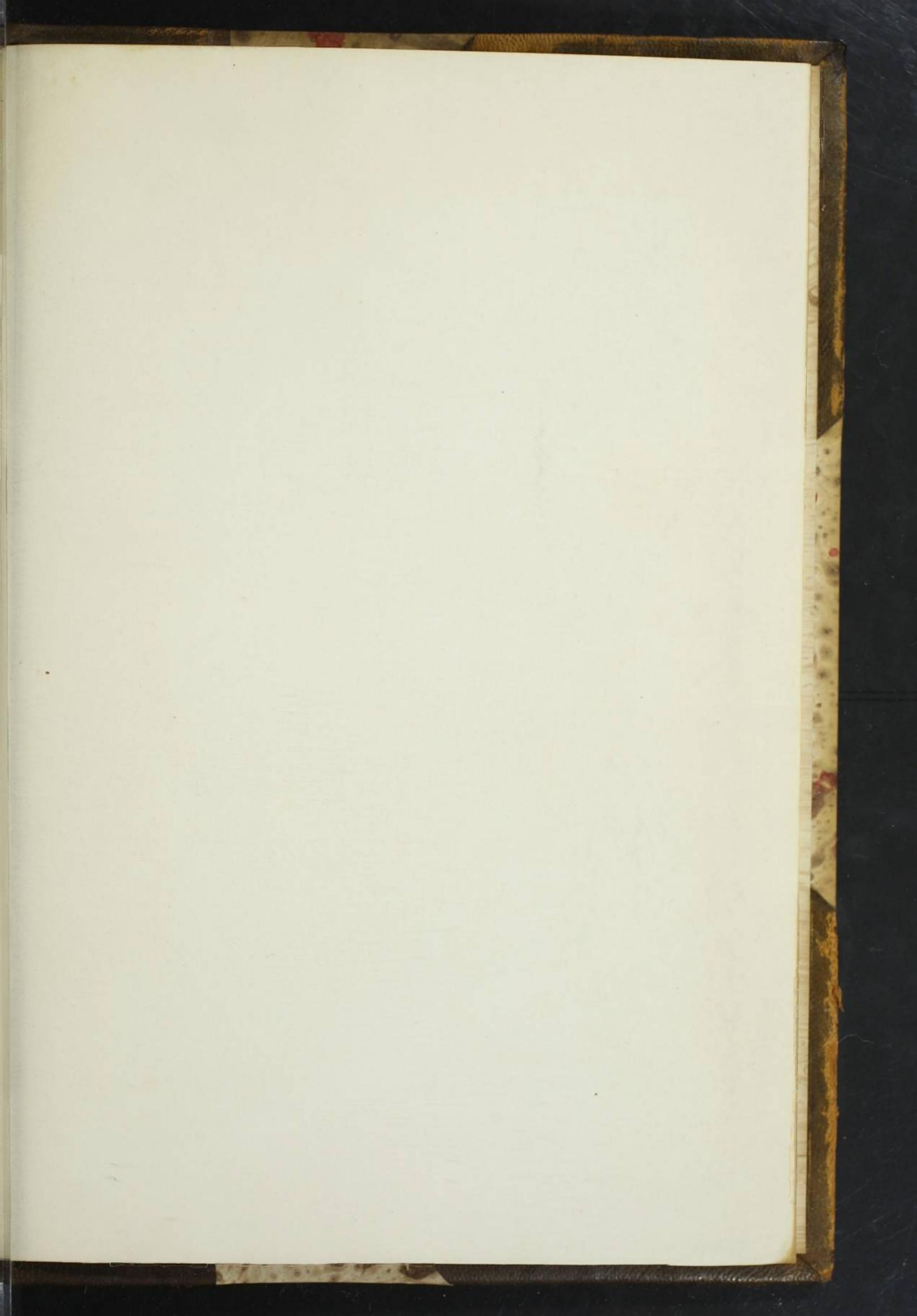
pensão, poderá reclamar a este Brasil, que o quiz esquecer, ingrato e máo, que lembre aos que viverem amanhã, que elle viveu, trabalhou, sofreu e morreu com dignidade e com honra, amando sempre, até á dedicação mais temeraria, a terra em que nasceu, no mais vivo e palpitante exemplo.

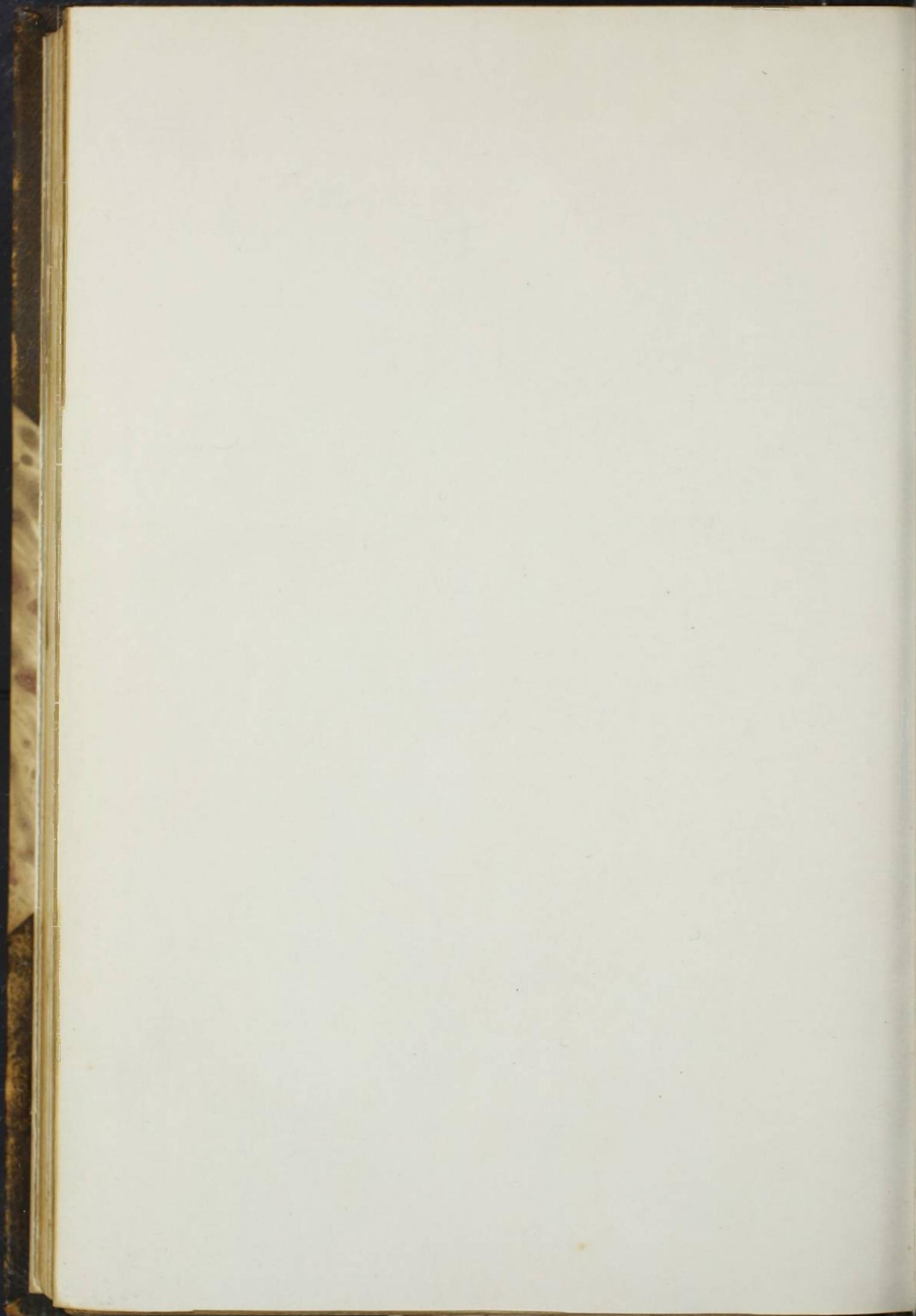
Se ainda ahí falhar, não falhará o monumento da Babylonia, grande e majestoso, como o queremos. Nós, os que vivemos a nossa mocidade, no contacto mais intimo com a sua vida pura, que lhe pedimos vigor e esperanças na maravilha de seus livros, que nos consolamos na tristeza de suas paginas intimas, que lhe vimos de perto a grandeza enorme e omnimoda, trabalharemos, todos e cada um, para a sua gloria e então, numa amplitude mais vasta, que repercuta no Brasil inteiro, que hade ouvir, teremos completado integralmente o nosso culto, traçado nas palavras magicas de Alberto Rangel:

“ POR PROTESTO E ADORAÇÃO... ”









18015

